



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL COMO DESVELAMENTO  
DO ETHOS EMBRIONÁRIO**

Éser Técio Pacheco

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Interdisciplinares em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Hilton P. Silva.

Rio de Janeiro  
Agosto, 2009

## PERCEPÇÃO AMBIENTAL COMO DESVELAMENTO DO ETHOS EMBRIONÁRIO

Éser Técio Pacheco

Orientador: Prof. Dr. Hilton P. Silva

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Estudos Interdisciplinares em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

---

Presidente, Prof. Dr. Hilton Pereira Silva (UFRJ)

---

Prof. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho (PUC-RS)

---

Profa. Dra. Ariane Patrícia Ewald (UERJ)

---

Prof. Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira (UFRJ)

---

Profa. Dra. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro (UFRJ)

Rio de Janeiro

Agosto, 2009

A meus pais, por me emprestarem seus sentidos.

O primeiro agradecimento é, naturalmente, para minha esposa Cynthia e meus filhos Igor e Artur, por serem os que mais de perto acompanharam o desafio que este trabalho representou.

Não posso deixar de reconhecer a generosidade e a solicitude do Prof. Hilton, que me acolheu num momento de orfandade. Também fui amparado, no EICOS, pela simpatia e eficiência da Profa. Rosa Pedro.

Agradeço muito à Joice e ao Paulo, pela hospitalidade com que me receberam em minhas estadas no Rio de Janeiro.

Um agradecimento também aos alunos e alunas que participaram das atividades que tornaram possível esse trabalho. Em particular, destaco aqueles que colaboraram no trabalho de campo que sustenta essa tese: Adriana Aparecida Carvalho Costa, Bruna Kelly Perillo, Carina Ferreira de Souza, Cristiano Valadares Werneck, Edésio de Oliveira, Fabiana de Cássia Reis Marques, Fabrício Oliveira Reis, Patrícia Kelly Lopes de Paula, Rachel Ramos Ibañes, Ricardo Lúcio da Costa e Roberta Drummond Oliveira.

*“Toda hermenêutica é, explícita ou implicitamente,  
compreensão de si mesmo  
mediante a compreensão do outro.”*

Paul Ricoeur.

## RESUMO

### PERCEPÇÃO AMBIENTAL COMO DESVELAMENTO DO ETHOS EMBRIONÁRIO

Éser Técio Pacheco

O conceito de percepção ambiental é apresentado com base em estudos brasileiros. Discutem-se as noções epistemológicas subjacentes a esses estudos e propõe-se que um esclarecimento dessas perspectivas é necessário para um debate mais consciente sobre as relações entre ciência e ética ambiental. Uma hermenêutica crítica do conceito de percepção ambiental seria um instrumento para a revelação dos pressupostos ideológicos subjacentes aos diferentes modos de tratar a questão ambiental. A perspectiva hermenêutica é apresentada por um recorte histórico, onde se traçam suas relações com a fenomenologia, com as ciências humanas e com o meio ambiente. Propõe-se o conceito de *ethos* embrionário como a revelação de formas de ser-no-mundo expressas nos relatos de percepção ambiental. Propõe-se a reflexão dos dados a partir de uma metodologia hermenêutica inspirada nas contribuições de Paul Ricoeur, de modo a revelar o *ethos* ambiental embrionário captado nos estudos de percepção ambiental. A hermenêutica da percepção ambiental desdobra esta em ética ambiental reflexiva. Apresenta-se o método fenomenológico, adaptado a uma avaliação hermenêutica dos relatos. É apresentado um estudo de percepção ambiental realizado em Cordisburgo (MG), com base no método fenomenológico. As unidades de sentido do estudo de percepção ambiental são analisadas hermeneuticamente, servindo de suporte para a proposição de que a percepção ambiental revela sentidos muitas vezes irrefletidos da experiência com o meio ambiente.

**Palavras-chaves:** Percepção ambiental. Ecologia. Hermenêutica. Psicologia ambiental.

## ABSTRACT

### ENVIRONMENTAL PERCEPTION AS UNVEILMENT OF THE EMBRIONARY ETHOS

Eser Técio Pacheco

The concept of environmental perception presented herewith is based on Brazilian studies. Subjacent epistemological notions to those studies are discussed and an elucidation of such perspectives is proposed to enable a more conscious debate about the relations between science and environmental ethics. An accurate hermeneutics of the environmental perception concept would be an instrument for the revelation of ideological presuppositions subjacent to the different ways of treating the environmental issue. The hermeneutic perspective is presented under a historic approach in which it is possible to delineate its relations with phenomenology, with human sciences and with the environment. The concept of embrionary ethos is proposed like the revelation of being-in-the-world ways expressed in environmental perception reports. It is proposed herewith a reflection of the data starting with a hermeneutics methodology inspired in the contributions by Paul Ricoeur, aiming to reveal the environmental embrionary ethos captured in the studies of environmental perception. The hermeneutics of environmental perception unfolds itself into reflexive environmental ethics. The phenomenological method is presented, adapted to the hermeneutic evaluation of the reports. Based on this method, an environmental perception study performed in Cordisburgo (MG) is presented herewith. The sense units of such environmental perception study are hermeneutically analyzed functioning as a basis for the proposition that environmental perception reveals senses sometimes non-reflected of the experiment with the environment. The environmental perception reveals ways of being-in-the-world with the environment.

**Key words:** Environmental perception. Ecology. Hermeneutics. Environmental psychology

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Percepção e significação	59
Figura 2: Ilustração do princípio da proximidade	61
Figura 3: Ilustração do princípio da semelhança	61
Figura 4: Ilustração do princípio do preenchimento	62
Figura 5: Ilustração da dinâmica figura-fundo	62
Figura 6: A cidade de Cordisburgo	88
Figura 7: Museu Casa de Guimarães Rosa	90
Figura 8: Entrada da Gruta do Maquiné	91
Figura 9: Formação no interior da Gruta do Maquiné	92
Figura 10: Altar da Igreja do Sagrado Coração de Jesus	93
Figura 11: Estação ferroviária de Cordisburgo	100
Figura 12: Tatu gigante do Zoológico de Pedra Peter Lund	109

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1: Relação de entrevistados por ocupação	97
Tabela 2: Distribuição dos entrevistados por faixas etárias	97
Quadro 1: Unidades de sentido da pesquisa de percepção ambiental em Cordisburgo	98

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL E EPISTEMOLOGIA</b>	19
2.1 O que é percepção ambiental	20
2.2 Percepção ambiental e psicologia ambiental	21
2.3 Epistemologias e métodos em estudos de percepção ambiental	26
2.4 Os diversos sentidos de “ambiental”	28
2.5 Uma ecologia de saberes	30
2.6 Epistemologia e hermenêutica	33
<b>3 O PONTO DE VISTA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO</b>	36
3.1 Origens da hermenêutica	36
3.2 Hermenêutica e fenomenologia	39
3.3 Hermenêutica e ciências humanas	42
3.4 Filosofia hermenêutica	44
3.5 A hermenêutica de Ricoeur	47
3.6 Hermenêutica e meio ambiente	53
<b>4 PERCEPÇÃO AMBIENTAL E ETHOS EMBRIONÁRIO</b>	58
4.1 Fenomenologia da percepção	59
4.2 O sentido do sentido	63
4.4 A provisoriedade das representações	67
4.5 Uma dialética hermenêutica	69
4.6 O conceito de ethos embrionário	72
<b>5 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL</b>	75

5.1 A investigação fenomenológica	75
5.2 Sobre a entrevista	81
5.3 Análise fenomenológica e ethos embrionário	83
<b>6 PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM CORDISBURGO</b>	<b>86</b>
6.1 A cidade de Cordisburgo	88
6.2 O Projeto Maquiné	94
6.3 A execução da pesquisa	95
6.4 Nostalgia: quase uma unanimidade	99
6.5 Desenvolvimento: expectativa e controvérsia	102
6.6 A gruta como algo fora da cidade	106
6.7 Zoológico de pedra: apenas um complemento	108
6.8 O museu: identificação e promoção social	109
6.9 As festas: elementos da identidade cultural	112
6.10 O ethos embrionário de Cordisburgo	118
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que o século XX assistiu à dispersão dos referenciais éticos, a questão ecológica ganhou uma evidência tão generalizada que se tornou lugar comum nas plataformas de partidos políticos, movimentos sociais e mesmo credos religiosos. Essa ecumenicidade do discurso ecológico foi alavancada pelo reconhecimento cada vez mais unânime da gravidade dos problemas ambientais, ainda que possam ser observadas significativas divergências em torno dos diagnósticos e das soluções. O fato é que a consciência de que todos habitamos uma mesma nave planetária nos obriga a uma reflexão coletiva sobre nossos modos de vida.

Como adverte Leff (2002), o problema ambiental contemporâneo deve nos levar a um questionamento de nossa forma de produzir conhecimento, da maneira como concebemos o ser humano e da maneira como nos relacionamos com os outros seres. O caminho para a superação do cativeiro ecológico da espécie humana deve passar por uma contemplação da complexidade das manifestações da vida.

Na perspectiva de uma ecologia humanista, Ceruti (1999) advoga que a transformação atual das implicações do agir humano coloca o problema de delinear uma epistemologia da complexidade humana e, nesse contexto, rearticular a relação entre ciência e ética. Para o autor citado, hoje, mais do que nunca, seria necessário pôr as mãos na elaboração de uma ecologia da civilização planetária. A questão ética hoje ultrapassaria a dimensão intersubjetiva tradicional para assumir os contornos de uma transformação dos modos de pensar a identidade humana e seu futuro. A educação para a complexidade, superando as barreiras das especializações disciplinares, apresentar-se-ia agora como uma tarefa planetária.

Nessa tarefa urgente, questiona-se qual seria a contribuição da Psicologia, como um ramo das ciências humanas. Às vezes se tem a impressão de que a ciência psicológica, talvez ainda muito centrada no modelo ambulatorial, tem

chegado tarde ao debate acadêmico sobre os problemas ecológicos do mundo contemporâneo.

Esse debate, entretanto, não pode ser entregue apenas à autoridade dos *experts* do mundo acadêmico. A ecologia da vida reclama uma ecologia de saberes, onde os valores e referenciais éticos das comunidades sejam levados em conta no momento das decisões. O mundo científico não pode voltar as costas ao mundo-da-vida. Por isso, o desenvolvimento de ferramentas para que o saber ecológico signifique também um “retorno ao vivido” pode ser uma contribuição significativa das ciências humanas e, em particular, da Psicologia.

Ao tentar penetrar nessa discussão, não apenas em vista da produção teórica, mas voltado para a participação em projetos de transformação social, deparei-me logo com uma porta de entrada oferecida à Psicologia: o estudo da percepção ambiental. Geógrafos humanistas ou biológicos sensíveis às questões antrópicas reconhecem nesse conceito um ponto de ligação entre os impactos ambientais que investigam e as formas de vida humana. Não poucas vezes, aventuram-se por si mesmos a investigar a percepção ambiental, sem recorrer à ajuda de psicólogos.

Na gestão de unidades de conservação, por exemplo, os estudos de percepção ambiental têm sido utilizados como forma de garantir a escuta das comunidades e atores sociais, previstos na legislação (FERNANDES et al., 2006). Em torno desses estudos está uma sensibilidade ética que quer dar voz à população, mas também a esperança de que os instrumentos científicos de que dispomos sejam eficientes para fazê-lo. Percepção ambiental tem sido um conceito a abrir espaço para que os valores do cidadão comum sejam ouvidos nos fóruns e comitês ambientais.

Não vejo nenhum conceito como propriedade exclusiva de uma ciência, mas escutar aqueles que têm se dedicado mais ao estudo de algum aspecto da existência pode alargar nossa perspectiva e enriquecer os resultados de nossos projetos. Assim, parece que todos só temos a ganhar se a Psicologia se dispuser a entrar com mais vigor na questão ambiental e as ciências já tradicionais nesse meio se dispuserem a acolher a sua contribuição.

Pode-se evitar, assim, o perigo de se tomar a noção de percepção como algo unívoco, sem se ater aos detalhes que marcam as diferenças epistemológicas em torno desse conceito. Tais detalhes não passariam de filigranas acadêmicas e motivariam apenas um enfadonho debate teórico se em torno deles não estivessem aglutinadas diferentes perspectivas éticas. É preciso esclarecer para que concepção de ser humano e de sociedade os instrumentos de leitura da percepção ambiental apontam.

Ao tomar alguns estudos de percepção ambiental, sempre me inquietava uma dúvida sobre o que realmente as análises captavam. Por vezes, tem-se a impressão de que os estudos captam um discurso elaborado entre noções de educação ambiental, clichês de programas de televisão e opiniões acerca dos elementos da paisagem. É claro que ouvir tudo isso é importante e suspender nosso julgamento sobre o discurso ecológico de nossos entrevistados é uma atitude fundamental.

Mas a dúvida que sempre me inquietava era se esses discursos equivalem a uma postura originária, isto é, se são realmente expressão da forma mais básica com a qual a pessoa se coloca na relação com o ambiente ou se são elaborações posteriores para satisfazer à expectativa daqueles que fazem perguntas do tipo “O que você entende por meio ambiente?” Podemos falar em uma percepção “pura” ou devemos considerá-la articulada às representações de mundo?

Minha suspeita era de que a percepção precisasse ser “garimpada” em meio aos discursos sobre meio ambiente. Assim, talvez a percepção ambiental não fosse exatamente observada ou identificada, mas *interpretada*. Investigar essa suspeita implicaria em propor uma discussão do que é percepção ambiental por meio de uma epistemologia compreensiva ou interpretativa, ou seja, a partir de um ponto de vista hermenêutico.

Este estudo não tem, dessa forma, o propósito de apresentar uma metodologia definitiva para a utilização eficaz do conceito de percepção ambiental, mas visa explorar a contribuição que a tradição fenomenológico-hermenêutica pode trazer para sua discussão. Dessa forma, o problema central desse trabalho diz respeito a que contornos teria o conceito de percepção ambiental, tratado por uma epistemologia fenomenológico-hermenêutica.

Diversos estudos de percepção ambiental têm sido publicados no Brasil, mas a maioria deles passa ao largo de uma discussão epistemológica. Por vezes, até parece que os autores tomam o conceito de percepção como algo unívoco nas ciências humanas.

É ainda interessante notar que a maior coletânea de trabalhos em percepção ambiental publicada no país (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996) não possui um único artigo de psicólogos. Em 2002, Del Rio publicou, com outros autores (DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002), um livro sobre a colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo em que aparecem alguns psicólogos como autores. Mas, ao que tudo indica, ainda é pequena a presença de psicólogos na investigação sobre percepção ambiental no Brasil. Esse trabalho tem a pretensão de estabelecer uma discussão epistemológica sobre o conceito de percepção ambiental, ao mesmo tempo em que o movimenta através de uma metodologia de pesquisa já bastante desenvolvida – a pesquisa fenomenológica – para chegar a uma discussão hermenêutica das posturas éticas imbricadas na percepção.

Nossa aposta é que a discussão epistemológica sobre o conceito de percepção ambiental nos permite passar a uma discussão ética. O conceito de percepção ambiental introduz a pesquisa psicológica na discussão dos graves problemas ecológicos que caracterizam a sociedade contemporânea.

O trabalho tem início com um capítulo conceitual que define percepção ambiental, sua relação com as ciências do meio ambiente e introduz a discussão epistemológica em torno da formulação desse conceito. Nesse primeiro momento aparecem os contornos de um campo da Psicologia ainda em definição: a Psicologia Socioambiental. Embora se reconheça que esse título nem sempre é assumido por quem articula Psicologia e meio ambiente, atrevo-me a abrir espaço aí para uma orientação que preserva suas raízes fenomenológico-existenciais ao mesmo tempo em que se deixa questionar pelos desafios sociais e ambientais.

O capítulo seguinte introduz a base epistemológica fenomenológico-hermenêutica, sobre a qual trabalhará a proposta de investigação em percepção ambiental aqui apresentada. Minha experiência lecionando, há alguns anos, disciplinas relacionadas à Psicologia Fenomenológico-existencial permite-me intuir

que as contribuições dessa orientação não se limitam aos consultórios ou grupos de encontro, mas podem subsidiar trabalhos atentos aos graves desafios sócio-ambientais contemporâneos. Não tenho encontrado muita gente tentando fazer isso, mas as poucas vozes solidárias que encontrei, no desenrolar dos projetos acadêmicos que tenho empreendido e na confecção dessa tese, convenceram-me de que vale a pena insistir.

Uma discussão sobre como a fenomenologia concebe a noção de percepção pode ser encontrada no capítulo 4. O capítulo expõe ainda como o conceito de percepção ambiental encontra uma fecundidade maior quando sobre ele opera uma dialética hermenêutica que revelará seu caráter de afirmação de uma forma de ser-no-mundo. A essa primeira forma de engajamento existencial, descortinada por uma perspectiva hermenêutica, chamaremos *ethos* embrionário. A questão de fundo se evidencia aqui: passamos da epistemologia à ética. Mais importante do que praticar boa ciência é fazer do mundo um lugar melhor.

O capítulo 5 expõe nossa proposta de apropriação do método fenomenológico adaptado a uma reflexão hermenêutica que discuta as formas de ser-no-mundo com o ambiente. São expostas as diretrizes do método fenomenológico, como tem sido utilizado tradicionalmente, segundo uma versão que deve a Amedeo Giorgi sua formulação básica. Este é um momento de utilizar uma velha ferramenta para propósitos relativamente novos. O que lança a pergunta sobre até que ponto essa velha ferramenta atende às necessidades em foco. Para adiantar, posso dizer que acredito na fecundidade da metodologia fenomenológica para tratar percepção ambiental, mas advogo a constituição de um outro momento: o momento hermenêutico da percepção. No final desse capítulo, encontra-se um esquema da proposta de investigação que fazemos.

Para dar concretude à discussão, é exposto, no capítulo 6, um estudo sobre percepção ambiental em Cordisburgo (MG), realizado por mim, com a colaboração dos alunos do curso de Psicologia do Unicentro Newton Paiva, em Belo Horizonte. Esse estudo visa não apenas a exemplificação do método fenomenológico, mas sua análise indicará as evidências que tornam necessária a constituição de um momento hermenêutico de tratamento dos dados. Esse capítulo é embalado por minha imensa

graditão a todos que apoiaram a realização de experiências com Psicologia Socioambiental pelas bandas de Belo Horizonte, incluindo-se aí professores, funcionários e, principalmente, alunos e alunas de graduação em Psicologia.

Esse último capítulo expõe como as proposições identificadas como representativas da percepção ambiental, de uma determinada comunidade, veiculam também uma ideia de como deve ser o relacionamento dos seres humanos com o meio ambiente. Esse projeto de mundo esboçado nas proposições de percepção ambiental e descortinado pela reflexão hermenêutica constitui o que chamaremos de ethos embrionário.

Ainda uma vez vale repetir: o que se espera desse trabalho não é afirmar que o ponto de vista fenomenológico-hermenêutico é o mais apropriado para se trabalhar com percepção ambiental, mas demonstrar que, por esse caminho, é possível pensar o sentido dos engajamentos do ser humano em sua relação com o meio ambiente, de uma forma em que o pesquisador não pretenda ser um juiz neutro do que é veiculado no discurso de seus entrevistados, mas, coloque-se de maneira responsável e criativa no debate sobre a sustentabilidade<sup>1</sup> de nossas formas de vida no planeta.

Fundamentalmente, a perspectiva fenomenológico-hermenêutica é tomada aqui por nossa convicção de que compreender é interpretar. De uma forma ou de outra, a nosso ver, a ciência está sempre girando em torno daquilo que é tematizado nessa vertente epistemológica desde sempre: a constituição do sentido. E, com Ricoeur, podemos dizer ainda mais: compreender é compreender a si mesmo diante das obras de cultura. Contra as perspectivas que insistem numa polarização entre sujeito e objeto, Ricoeur insiste numa reflexão que surpreenda o ser humano já engajado aí na vida e cujo saber de si não se produz de maneira direta, mas mediada pelas instâncias dos discursos em que o mundo-da-vida ao mesmo tempo se revela e se esconde.

---

<sup>1</sup> Não se encontrará aqui uma discussão sobre as diferentes perspectivas ideológicas em torno do conceito de “desenvolvimento sustentável”. Embora reconheçamos que essa é uma discussão importante, ela foge ao escopo de nosso trabalho. Tal conceito será tomado aqui em sua forma mais difundida pelo chamado “Relatório Brundtland”, isto é, aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades (CMMAD, 1991).

Espera-se que esse trabalho possa enriquecer a discussão sobre percepção ambiental num momento em que as relações do ser humano com o meio ambiente se mostram desafiadoras e problemáticas. Mais ainda, espera-se que a discussão sobre percepção ambiental se ligue a uma pergunta fundamental que, a nosso ver, deve ser feita sempre que nos colocamos à mesa de discussão sobre nossos impasses: que mundo queremos habitar?

Como o modo de habitar está numa das raízes da noção de ética, de ethos, esperamos que o desvelamento do ethos embrionário revele nossos projetos de mundo e os coloque na perspectiva de um diálogo respeitoso e franco.

## 2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL E EPISTEMOLOGIA

A ecologia é, por definição, um estudo complexo e muito se tem falado sobre a importância de se constituir um diálogo entre as diversas disciplinas científicas para a superação dos dilemas a que nos tem levado o progresso tecnológico. Está ainda em processo de construção, entretanto, o lugar exato de onde a psicologia pode contribuir nesta investigação. A psicologia social tem largado na frente nessa caminhada, ao propor a discussão sobre as especificidades das comunidades humanas envolvidas em questões ecológicas, sejam elas relativas a projetos de proteção ambiental, ocupação urbana, ou qualquer outro contexto onde a relação do homem com o ambiente é problema que demanda uma reflexão da academia.

Existem, entretanto, certos pontos nessa discussão interdisciplinar onde há uma disputa entre ciências biológicas, geográficas ou humanas. Num dos pontos de interseção entre a psicologia e a geografia encontra-se o conceito de percepção ambiental.

É interessante notar como esse conceito tem estabelecido conexões entre um estudo sobre o meio físico, afeito aos métodos da geografia ou da arquitetura, e uma reflexão sobre as relações desse meio com a subjetividade, própria do instrumental psicológico. Parece ser exatamente por se colocar no meio do terreno que esse conceito tem sido definido de maneira ora mais próxima às ciências naturais, ora mais próxima aos saberes que, no passado, foram chamados “ciências do espírito”.

Percepção ambiental é uma representação científica e, como tal, tem sua utilidade definida pelos propósitos que embalam os projetos do pesquisador. Como adverte Becker, as representações científicas são como mapas que “fornecem um retrato parcial que é, todavia, adequado a alguma proposta. Todos eles surgem em ambientes organizacionais, que restringem o que pode ser feito e definem os objetivos a serem alcançados pelo trabalho” (BECKER, 1999, p. 136).

Discutir o conceito de percepção ambiental não é, portanto, uma questão de dizer quais das representações parecem corresponder melhor à realidade, mas

elucidar as perspectivas científicas, sociais ou políticas veiculadas através da utilização desse conceito.

Neste capítulo, propõe-se que o conceito de percepção ambiental possui aberturas que demonstram tanto o seu inacabamento como sua fecundidade, o que dá oportunidade para sua reconstrução por via de uma epistemologia fenomenológico-hermenêutica. Discute-se também como a emergente Psicologia Ambiental (ou Psicologia Socioambiental) pode ser um campo propício para o desenvolvimento de pesquisas que auxiliem, por essa e por outras ferramentas, a constituir um modo de vida mais sustentável diante da grave crise ambiental de nosso tempo.

## **2.1 O que é percepção ambiental**

A noção de percepção, aplicada às relações de indivíduos e comunidades com o meio ambiente, define o que podemos chamar de percepção ambiental. Embora o conceito de percepção possua longa história na Psicologia, foi na Geografia Humana que o conceito de percepção ambiental encontrou uma utilização mais difundida e uma maior preocupação em se determinar sua validade teórica.

No Brasil, a pesquisa em percepção ambiental deve muito à professora Livia de Oliveira, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP de Rio Claro, autora de diversos trabalhos e tradutora do clássico “Topofilia”, de Yi-Fu Tuan (1980). Em 1996, juntamente com o arquiteto Vicente Del Rio, Oliveira publicou um levantamento do estado da arte nas pesquisas brasileiras de percepção ambiental. Na introdução dessa obra, a percepção é assim definida:

*Processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996, p. X).*

Na obra seminal de Tuan (1980), entende-se que a percepção é o produto da ativação dos sentidos (somáticos), cuja exploração é dirigida por valores culturais. Neste livro, em que prevalece uma análise da diversidade de formas de ativação dos

sentidos, mediadas pelas atitudes e visões de mundo de diversos grupos culturais, a percepção é assim definida:

*Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980, p. 4).*

Mais adiante serão discutidas as variações na consideração desse conceito e trabalhada de modo mais aprofundado a noção de percepção ambiental por um ponto de vista fenomenológico-hermenêutico.

Por ora, apenas notamos que a relevância do estudo da percepção ambiental se evidencia num momento de crise das relações do ser humano com o meio ambiente, na medida em que esse conceito tem se mostrado útil para “compreendermos melhor as inter-relações entre o homem e o meio ambiente, suas expectativas, julgamentos e condutas” (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996, p.IX).

## **2.2 Percepção ambiental e psicologia ambiental**

Em estudo recentemente apresentado no IV Encontro de Pesquisas em Educação Ambiental, realizado em Rio Claro, em julho de 2007, a Profa. Dra. Andreia Marin, da UFPR, lamenta uma certa pobreza teórico-metodológica observada em diversos trabalhos sobre percepção ambiental no Brasil e espera que, entre outras disciplinas, a Psicologia Ambiental traga maior fundamentação teórica ao campo (MARIN, 2007, p. 1). Okamoto (2002) também busca nessa disciplina uma maior fundamentação para os estudos de percepção ambiental e lamenta sua ausência nos currículos das faculdades de arquitetura.

De fato, nos últimos anos temos assistido a uma consolidação cada vez maior do que pode se constituir como um campo de investigação específica na psicologia sobre as relações do ser humano com o meio ambiente. Esse campo tem sido chamado de Psicologia Ambiental e, a despeito de alguma instabilidade de

definições, já pode ser apontado como uma porta de entrada definitiva da psicologia nas grandes questões ecológicas desse início de século.

Starling (2002) questiona a constituição de campos recentes em psicologia. Ao avaliar a constituição de campos como a psicologia hospitalar, psicologia jurídica e outros, o autor entende que devemos buscar “um conjunto de critérios que possa oferecer-nos um fundo comum” sobre o qual examinar os diferentes campos e buscar uma medida de integração. Para esse autor, um exame mais acurado indicaria que os diversos campos carecem “de uma articulação teórica mais abrangente que pudesse lhes dar solidez epistemológica e um caráter distintivo próprio” (STARLING, 2002, p. 81). A academia e as instituições profissionais deveriam se empenhar na tarefa de estabelecer os limites, tarefa essa que, embora não isenta de ambigüidades, não deveria ser negligenciada.

Assim, o reconhecimento da Psicologia Ambiental como um campo emergente implicaria numa resposta de seus proponentes a tais questões. Entretanto, para Hartmut Günther, um dos principais pesquisadores desse campo no Brasil, “já está claro que a psicologia ambiental é uma subdisciplina independente, mesmo que os mais pessimistas discutam sobre sua identidade” (GÜNTHER, 2004, p. 123).

Quando nos voltamos para a história da constituição desse campo, é preciso observar uma diversidade de contribuições que consideravam sob perspectivas distintas a relação do ser humano com o ambiente.

Na busca de constituir-se como verdadeira ciência, a Psicologia Comportamental, por sua ênfase nas relações funcionais entre o comportamento e o meio, praticamente “colonizou” o termo “ambiente” e, muitas vezes, se associa a Psicologia Ambiental com o referencial epistemológico behaviorista. Essa associação imediata não é, entretanto, verdadeira, nem histórica, nem sistematicamente. Segundo o relato histórico de Soczka (2005), o comportamentalismo clássico teve sua influência na constituição inicial da Psicologia Ambiental, mas uma matriz igualmente relevante deve ser encontrada na Psicologia da Gestalt, cujos principais representantes foram Wertheimer, Koffka e Köhler. Estes últimos produziram uma série de experimentos e investigações sobre a percepção humana e concluíram que

nossa experiência perceptiva não é um agregado de sensações fisiológicas, mas de formas.

Um passo decisivo para o aparecimento de uma Psicologia Ambiental pode ser atribuído a Kurt Lewin, figura monumental no campo da Psicologia Social, que soube aliar tanto a tradição experimental quanto a consideração da subjetividade na investigação das relações entre o ser humano e o ambiente. Sua famosa fórmula [ $B = f(P \cdot E)$ ], que estabelece relações dinâmicas e recíprocas entre o comportamento (B), a pessoa (P) e o ambiente (E), tem sido lembrada como uma das principais chaves que abriram a porta à consideração do ambiente não apenas como estímulos exteriores ao organismo. Com a noção de “campo psicológico”, Lewin integra tanto a consideração do ambiente em sua materialidade quanto os compromissos subjetivos da percepção.

*O campo psicológico é, portanto, o conjunto das forças (vetorialmente concebidas) que influem no comportamento do indivíduo um dado tempo t (...), englobando o subsistema pessoal (P) e o subsistema ambiental (E), e a zona fronteira que separa as forças psicológicas das não-psicológicas. O campo psicológico é assim definido pela parcela do real que existe para o sujeito (SOCZKA, 2005, p. 49).*

Em sua última fase, Kurt Lewin chegou às margens do que propunha ser uma ecologia psicológica, mas, infelizmente, não teve tempo de desenvolver tal proposta antes de sua morte, em 1947 (SOCZKA, 2005).

Parece que foi Egon Brunswik o primeiro a utilizar o termo “psicologia ambiental”, em 1943 (SOCZA, 2005). Austríaco refugiado nos Estados Unidos, à semelhança de Lewin, Brunswik propugnava o tratamento probabilístico para “estudar as condições das respostas funcionais e ambíguas da pessoa imersa num ambiente caótico, isto é: irregular e imprevisível” (SOCZKA, 2005, p. 56). Para Brunswik, a multiplicidade de variáveis que configuram o ambiente torna-o marcado pela incerteza, o que obriga o ser humano a permanentes movimentos de equilibração adaptativa. À tarefa de investigar os movimentos de cada sujeito, como também os caminhos trilhados, Brunswik denominaria Psicologia Ambiental (SOCZKA, 2005).

Outro trabalho que marcaria a constituição da Psicologia Ambiental seria um estudo de Wright e Barker, onde procuravam descrever os comportamentos baseados num modelo de circuito ambiental, em uma comunidade codinominada Midwest. A maioria dos autores, entretanto, identifica como “pais fundadores” da Psicologia Ambiental os psicólogos Proshansky, Ittelson e Rivlin, que constituíram um grupo de estudos na City University, de Nova Iorque, e que foram convidados a colaborar com um projeto de instalações psiquiátricas, no final da década de 50. Ao buscarem noções teóricas que permitissem o alcance dos resultados esperados, os autores formularam os princípios fundamentais que marcariam a constituição da Psicologia Ambiental:

*Ao tomar-se como objeto da Psicologia Ambiental o estudo das relações homem-ambiente, expressa-se não uma dicotomia (homem versus ambiente) mas antes um sistema aberto global que integra necessariamente as componentes físicas do contexto (arquitetura, acústica, iluminação, decoração, mobiliário, etc), não deixando de as enquadrar numa dimensão social, nas suas dependências recíprocas com as componentes não físicas (culturais, organizacionais, interpessoais, intergrupais, etc) do sistema, nasce a Psicologia Ambiental (SOCZKA, 2005, p. 64).*

No Brasil, professores que são referência na disciplina, como José Queiroz Pinheiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Hartmut Günther, da Universidade de Brasília, afirmavam que ela ainda engatinhava, seja num artigo de 1997 (PINHEIRO, 1997), seja em livro publicado em 2004 (GÜNTHER, PINHEIRO, GUZZO, 2004).

A ampliação da consciência mundial quanto à gravidade de nossa crise ambiental, evidenciada especialmente após a Conferência de Estocolmo, em 1972, despertou um interesse cada vez maior pela Psicologia Ambiental, na medida em que esta é também chamada a fazer parte do esforço de se compreender o ser humano frente ao ambiente (PINHEIRO, 1997).

Para Pinheiro (1997), a Psicologia Ambiental possuiria as seguintes especificidades:

- a) Consideração da percepção ambiental como distinta da percepção de objeto;

- b) consideração dos aspectos simbólicos do ambiente, ao lado de seus aspectos funcionais;
- c) preferência por teorias transacionalistas na análise das inter-relações entre ser humano e ambiente;
- d) flexibilidade no emprego de níveis variados de análise: do indivíduo, do relacionamento ou das regras sociais e culturais;
- e) variedade na escala espacial, realizando estudos que vão desde o comportamento em banheiros a relações entre países;
- f) Utilização de uma escala temporal que permita uma avaliação além do horizonte imediato;
- g) tendência a buscar modelos explicativos integrados;
- h) esforço para realizar trabalhos multidisciplinares e em equipe.

Em maio de 2001, Pinheiro (2004) contava 39 grupos de pesquisa brasileiros diretamente associados à Psicologia Ambiental no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, mas os estudos que correlacionam psicologia e meio ambiente nem sempre se valem do mesmo título. Na Universidade de São Paulo (USP), a Profa. Eda Tassara coordena o Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção (Lapsi), que tem desenvolvido projetos e estudos sobre a relação pessoa-ambiente, desde 1999. Na UFRJ, as relações entre psicologia e meio ambiente se inserem na busca de constituição do campo psicossocial e na investigação de suas relações com a temática do desenvolvimento sustentável, através do EICOS (Estudos Interdisciplinares em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social)<sup>2</sup>.

Em 2005, Gabriel Moser saudava a consolidação da Psicologia Ambiental no Brasil, mas chamava a atenção para os seguintes desafios:

---

<sup>2</sup>Minha própria experiência tem me levado a adotar o título de Psicologia Socioambiental, uma vez que considero importante tanto vincular os estudos à caminhada significativa e original da Psicologia Sócio-histórica latino-americana, quanto aproveitar as picadas que a Psicologia Ambiental abriu em direção ao grande debate ecológico de nosso tempo. Mas essas vinculações não se fazem sem uma implícita adjetivação que faz menção da contribuição de uma perspectiva fenomenológica, existencial e hermenêutica. Produzir uma Psicologia Socioambiental que articule essas contribuições tem sido o projeto geral de minha atuação acadêmica nos últimos anos.

- a) O desenvolvimento de uma prática interdisciplinar em que os diferentes campos sejam considerados em pé de igualdade;
- b) a constituição da Psicologia Ambiental como uma disciplina acadêmica, com um corpo de conhecimentos consequente e teorias específicas;
- c) a necessidade de dar visibilidade ao campo, inclusive sabendo ocupar espaço nas esferas de poder político;
- d) Um maior conhecimento e assimilação das metodologias disponíveis, tanto no campo das ciências humanas, quanto no campo de ciências como a geografia e o urbanismo;
- e) Uma integração maior entre os profissionais que trabalham com pesquisa acadêmica, aqueles que ocupam o papel de peritos ou consultores e aqueles que se dedicam à engenharia sócio-ambiental.

Enfim, a Psicologia Ambiental tem se constituído num campo cada vez mais consolidado, o qual estabelece zonas de interface com as diferentes disciplinas engajadas na busca de uma melhor equação para as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Equação essa que tem como uma de suas principais variáveis o conceito de percepção ambiental.

### **2.3 Epistemologias e métodos em estudos de percepção ambiental**

Não se trata de fazer, neste trabalho, um levantamento exaustivo dos diferentes aportes metodológicos utilizados nos estudos brasileiros de percepção ambiental, mas os casos aqui tomados visam ilustrar a diversidade epistemológica que o conceito acolhe, o que reflete as diferentes perspectivas de formulação de respostas ante a crise ambiental.

Num olhar panorâmico, podemos observar que o conceito de percepção ambiental vai da fisiologia à semiótica, passando pelas representações sociais ou pelo funcionalismo. No trabalho de consolidação do que até à época representava uma visão geral das pesquisas em percepção ambiental no Brasil, Del Rio e Oliveira (1996) distinguem duas vertentes principais de orientação epistemológica: estruturalismo e fenomenologia. A vertente estruturalista receberia influências de

trabalhos pioneiros anglo-saxões, notadamente de Lynch e Cullen, mas também comportaria visões próprias de pesquisadores brasileiros inspirados na semiótica de Peirce ou de Saussure. Já a vertente fenomenológica teria em Tuan e a geografia humanística a sua inspiração mais forte.

Oliveira (2002) trabalha o conceito a partir do construtivismo piagetiano, propondo que a percepção ambiental é um processo de atribuição de significados subordinado às estruturas cognitivas, detentor de uma função adaptativa.

Para Ferrara (1993), a percepção ambiental é definida como a operação que expõe a lógica da linguagem que organiza os signos expressivos dos usos e hábitos de um lugar. É uma explicitação da imagem de um lugar, veiculada nos signos que uma comunidade constrói em torno de si. Nesta acepção, a percepção ambiental é revelada mediante uma leitura semiótica da produção discursiva, artística, arquitetônica etc. de uma comunidade.

Numa pesquisa na periferia de São Paulo, Ianni (1999) utiliza o conceito de percepção ambiental como significando, em primeiro lugar, a representação que uma população tem sobre o seu meio ambiente. A esse sentido se agregam termos como valores, identidades, interpretações sobre as relações e conhecimentos acumulados dos processos vitais.

Resta saber, então, até que ponto a adoção dessas perspectivas epistemológicas representa também uma forma típica de se entrar no debate sobre as relações do ser humano com o ambiente. Uma vez que Del Rio e Oliveira (1996) propõem um agrupamento em torno de posturas estruturalistas e fenomenológicas, poderíamos, a título de exemplo, indagar sobre as visões de ser humano presentes em cada uma dessas correntes.

Figueiredo (1991, p. 153), comentando de modo amplo as matrizes do pensamento psicológico, afirma que “a neutralização do sujeito caracteriza o ideal científico dos estruturalismos e os coloca como uma espécie de positivismo das ciências humanas”. Já para a perspectiva fenomenológica, segundo o mesmo autor, “conhecer o homem torna-se necessário porque é o sujeito a fonte constitutiva não só de todo conhecimento como de todo objeto possível de experiência e reflexão” (FIGUEIREDO, 1991, p. 174).

Se Figueiredo estiver certo, teríamos aí um argumento para pensar uma oposição entre vertentes que concedem maior ou menor importância ao papel do sujeito na definição de percepção ambiental, o que implicaria em consequências evidentes quanto aos aspectos ideológicos e éticos envolvidos.

Este trabalho não tem como objetivo fazer o julgamento das diversas abordagens, mas, uma vez evidenciada a relação entre epistemologia e ética, analisar as consequências éticas de uma abordagem fenomenológico-hermenêutica.

#### **2.4 Os diversos sentidos de “ambiental”**

A definição sobre o que se entende por “ambiental” é dependente da visão de mundo que norteia o investigador e denuncia o caráter contextualizado e parcial da investigação científica. Assim, o sentido que se dá a esse termo expressa uma postura ética pressuposta numa determinada abordagem, face aos debates e conflitos que marcam a cultura contemporânea.

No campo das ciências do meio ambiente, Diegues (1994) registrou diferentes orientações de grupos e pesquisadores em ecologia, a começar pela distinção histórica entre conservacionistas e preservacionistas.

Os conservacionistas estariam ligados ao estabelecimento do conceito de “desenvolvimento sustentável” e advogariam o bem da maioria, incluindo as gerações futuras, “através da redução dos dejetos e da ineficiência na exploração e consumo dos recursos naturais não-renováveis, assegurando a produção máxima sustentável” (DIEGUES, 1994, p. 24). Já os grupos preservacionistas seriam marcados por uma devoção estética e espiritual à vida selvagem, que justificaria uma radical proteção da natureza contra o desenvolvimento industrial e urbano. Essa perspectiva pode também ser chamada de biocêntrica, na medida em que afirma que “o homem não poderia ter direitos superiores aos animais” (DIEGUES, 1994, p. 26).

Essas duas tendências básicas em ecologia teriam dado origem, segundo Diegues, às três principais correntes contemporâneas de investigação científica da relação homem-natureza: ecologia profunda (deep ecology), ecologia social e eco-socialismo.

A ecologia profunda, representada por nomes como Naess, Devall, Sessions e Fox, seria orientada pelos seguintes princípios:

*A vida humana e não humana tem valores intrínsecos independentes do utilitarismo; os humanos não têm o direito de reduzir a biodiversidade, exceto para satisfazer necessidades vitais; o florescimento da vida humana e das culturas é compatível com um decréscimo substancial da população humana. (DIEGUES, 1994, p. 37).*

Tal enfoque possuiria um caráter profundamente biocêntrico e acreditaria que a interferência humana na natureza é demasiada. Segundo Diegues, sua inspiração sofreria a influência de concepções religiosas, promovendo quase uma adoração do mundo natural.

A ecologia social teria em Bookchin, professor e ativista norte-americano, o seu principal fundador. Essa corrente considera a degradação ambiental como consequência direta do capitalismo, dá ênfase às questões sociais, critica a noção de Estado e propõe uma sociedade democrática. Ainda caracteriza a ecologia social:

*Considera o equilíbrio e a integridade da biosfera como um fim em si mesmo, insistindo que o homem deve mostrar um respeito consciente pela espontaneidade do mundo natural. Critica as hierarquias existentes nas sociedades modernas e seus sistemas de poder, contrapondo-as com as denominadas primitivas. (DIEGUES, 1994, p. 39).*

O eco-socialismo, nascido da crítica ao marxismo clássico, seria representado por nomes como Gutelman, Skibberg e Moscovici. Este último advogaria um novo naturalismo que não é simplesmente uma negação do culturalismo, mas uma posição ativa de afirmação de uma nova relação homem-natureza.

*Esse novo naturalismo propõe uma sociedade para a qual a natureza é um lugar onde o homem pode desabrochar; uma realidade aberta que ele pode ajudar a se desenvolver. Nessa perspectiva, a sociedade pode descobrir que a natureza não é uma realidade plácida, uniforme, em perfeito equilíbrio. Ao contrário, ela é diversidade, a criação constante de diversidades, de existência complementar de cada força e de cada espécie. A regra é a divergência e a evolução se faz sob o signo da divergência. (DIEGUES, 1994, p. 43).*

Uma outra forma de entrar no debate é proposta por Bruno Latour (2004). Para este autor francês, a discussão permanece com os vícios do projeto naufragado da modernidade quando é colocada em termos de separação entre natureza e

sociedade. Os movimentos ecológicos não farão mais que produzir algumas cenas de impacto se não praticarem verdadeira Ecologia Política.

No sentido de Latour (2004), praticar Ecologia Política implica em reconhecer que os fatos são constituídos por redes de interações, onde não têm lugar as noções de interno e externo. É preciso assumir um hibridismo que faz com que humanos e não-humanos estejam no mesmo palco de acontecimentos. Latour advoga uma consideração simétrica entre humanos e não-humanos no jogo da ciência e da política. A Ecologia Política propõe o fim das dicotomias e a discussão no panorama verdadeiramente democrático de um Coletivo, termo que substitui a distinção entre natureza e sociedade.

É preciso, então, que as diferentes visões de mundo, amalgamadas em torno do discurso ecológico sejam explicitadas para que não se prestem ao papel dominador e opressivo das ideologias totalizadoras. Uma hermenêutica do discurso ecológico mostra-se, assim, uma tarefa necessária como forma de garantir a fecundidade de uma produção embasada numa preocupação legítima e indispensável para a sociedade contemporânea. A hermenêutica do discurso ecológico é uma tentativa de não permitir que a ecologia se torne uma idolatria da natureza e das atitudes ambientalmente corretas, pois “o ídolo é a reificação do horizonte em coisa, a queda do signo num objeto sobrenatural e supracultural” (RICOEUR, 1977, p. 423).

Somente explicitando seus compromissos e parcialidades, o discurso ecológico será algo mais que uma *griffe* pós-moderna e os diversos sentidos de “ambiental” poderão trazer verdadeiras luzes à solução dos impasses diante dos quais se encontra essa civilização tecnológica predatória da natureza.

É preciso, assim, estabelecer uma crítica epistemológica que revele os compromissos implícitos nas diferentes abordagens.

## **2.5 Uma ecologia de saberes**

As discussões epistemológicas do século XIX foram acompanhadas de uma consciência cada vez maior do caráter contextual da produção científica. No início do

século XX, após críticas como as de Freud ou Marx, já sabíamos que o cientista, ao definir o escopo de uma pesquisa, carrega consigo as marcas de sua subjetividade, de seu momento histórico, de sua classe social, das ideologias às quais serve. A não ser em remanescentes guetos positivistas, a imagem do cientista neutro não existia mais no início da segunda metade do século passado.

Ao mesmo tempo, o ser humano ocidental tem experimentado uma crítica cada vez maior ao modo de vida que atraiu multidões à sociedade industrial com a promessa de uma vida feliz, na medida em que as necessidades fundamentais dos humanos fossem atendidas pelo progresso técnico-científico.

O ceticismo em relação à ciência se tornou ainda mais agudo quando se percebeu que o modelo hegemônico de transformação da natureza estava levando o planeta à exaustão e ameaçando colocar fim à trajetória humana no cosmos. A crise ambiental agravou a crise da própria ciência e levou os cientistas a repensarem os fundamentos de sua prática.

*A crise ambiental leva-nos a interrogar o conhecimento do mundo, a questionar este projeto epistemológico que tem buscado a unidade, a uniformidade e a homogeneidade; este projeto que anuncia um futuro comum, negando o limite, o tempo, a história; a diferença, a diversidade, a outridade (LEFF, 2002, p. 194).*

A revisão epistemológica mostrou-se necessária tanto no âmbito interno quanto externo à própria ciência. Por um lado, se questionava a predominância daqueles paradigmas que, nos diferentes contextos acadêmicos e institucionais, relegavam os concorrentes ao ostracismo e, muitas vezes, à ridicularização. Se a crítica maior nas ciências humanas foi dirigida contra a pretensão de hegemonia do paradigma naturalista, aquelas, entretanto, não deixaram de construir suas próprias formas de exclusão.

Por outro lado, cada vez se prestaram mais ouvidos aos clamores dos saberes tradicionais por um lugar ao sol no debate sobre as grandes questões mundiais. A ciência, tal como as comunidades acadêmicas a concebiam, foi desafiada a encarar uma pluralidade externa, a admitir assento à mesa para outras formas de conhecimento.

A democratização do saber, tanto na ordem interna quanto externa à ciência, levou a crítica epistemológica a propor o que pode ser definido como uma “ecologia de saberes”.

*[A ecologia de saberes] consiste em garantir ‘igualdade de oportunidades’ aos diferentes conhecimentos em disputas epistemológicas cada vez mais amplas com o objetivo de maximizar o contributo de cada um deles na construção de uma sociedade mais democrática e justa e também mais equilibrada na sua relação com a natureza (SANTOS; MENESES; NUNES, 2005, p. 100).*

Tal perspectiva pretende constituir-se numa alternativa ao relativismo ético, pois se trata de buscar “um universalismo que não se limite à imposição de um particularismo qualquer” (2005, p. 24), mas que afirme um multiculturalismo progressista, construído segundo um modo democrático de estabelecer hierarquias.

O processo de construção da ecologia de saberes passa, segundo os autores, por uma globalidade do saber, isto é, uma escuta de outras formas de conhecimento, além das formas hegemônicas da ciência ocidental. A pluralidade epistemológica passa por duas vertentes, uma interna e outra externa. No campo interno, interroga-se o caráter monolítico do saber científico e aponta-se para a diversidade das próprias práticas científicas. Historicamente, a ciência não tem sido tão uniforme quanto o discurso ideológico, às vezes, faz parecer. De outro lado, interroga-se a relação da ciência com outras formas de conhecimento, muitas vezes remetidas à posição subalterna de conhecimento local exótico.

Santos e seus colaboradores insistem na necessidade de se conhecer o contexto em que é produzido o conhecimento, para que seja possível um diálogo em que nenhum saber se arrogue a pretensão de estar acima de todo interesse.

*Tratou-se, no fundo, de questionar a neutralidade da ciência, tornando explícita a dependência da atividade de investigação científica de escolhas de temas, problemas, modelos teóricos, metodologias, linguagens e imagens e formas de argumentação; de caracterizar, por via da investigação histórica e etnográfica, as culturas materiais das ciências; de reconstruir os diferentes modos de relacionamento dos cientistas com contextos institucionais, com os seus pares, o Estado, as entidades financiadoras, os interesses econômicos ou o interesse público; e, finalmente, de interrogar as condições e os limites da autonomia das atividades científicas, tornando explícita sua relação com o contexto social e cultural em que ocorrem. (SANTOS; MENESES; NUNES, 2005, p. 37).*

Os autores afirmam que enquanto, na era moderna, tentou-se estabelecer um debate epistemológico em que se procurava distinguir qual discurso científico constituiria uma melhor representação da realidade, na ecologia de saberes pós-moderna, a questão é distinguir entre os discursos bem construídos e os mal construídos. À primeira classe pertenceriam os saberes que resistem às situações em que sua consistência, solidez e robustez são postas à prova, enquanto a segunda seria formada por aqueles discursos vulneráveis à crítica e à corrosão.

## **2.6 Epistemologia e hermenêutica**

Por via de uma discussão hermenêutica, Richard Rorty (1988) estabeleceu críticas à pretensão de legitimação e arbítrio da investigação epistemológica. Ao atacar a pretensão de refinamento da representação com a qual a epistemologia trabalha, Rorty afirma que nossas investigações em filosofia da ciência tendem sempre a tratar a mente como um espelho da natureza. Nossas disputas vão na direção de saber qual dos reflexos equivale melhor à realidade. A essa mentalidade, que se assenta na noção de verdade como equivalência, Rorty contrapõe a perspectiva hermenêutica.

O termo hermenêutica refere-se tanto à arte e à técnica de interpretação de textos, quanto a uma perspectiva mais geral de consideração filosófica. Heidegger considerava que toda a filosofia deveria ser hermenêutica (cf. PALMER, 1999). Em Weber, Ricoeur ou Geertz a hermenêutica assume o papel de uma epistemologia, na medida em que se torna um modo de conceber as ciências humanas que se assenta basicamente na interpretação das formas como o ser se exprime na cultura.

No pragmatismo de Rorty, todavia, a hermenêutica é contraposta à epistemologia, pois, enquanto a última desempenharia o papel de fiscal, à primeira caberia meramente o papel de um “diletante informado”. A hermenêutica se contentaria em estabelecer uma conversação frutífera entre vários discursos, conservando a esperança de um entendimento, mas desobrigando as partes de se colocarem num terreno comum. Já a epistemologia esperaria o acordo pela busca de uma racionalidade que colocasse todos os discursos numa comensuralidade.

*Para a hermenêutica, ser racional é querer abster-se da epistemologia – de pensar que existe um conjunto especial de termos em que devessem ser colocadas todas as contribuições para a conversação – e querer recolher o calão do interlocutor em vez de o querer traduzir para o seu (RORTY, 1988, p. 249).*

A hermenêutica se colocaria como uma alternativa à judicatura epistemológica na medida em que a racionalidade se abrisse da ânsia pelo uno à fruição do múltiplo. Tratar-se-ia não de hierarquizar os discursos, mas de circular por entre eles, recolhendo suas verdades.

A circulação diletante por essa nova modalidade de círculo hermenêutico pareceria um passeio relaxante se as circunstâncias da existência não nos colocassem diante da necessidade de decidir, aqui e acolá, entre interpretações rivais. Seja nas decisões políticas ou nas intervenções sociais, a necessidade de tomar posição obriga uma hierarquização entre as interpretações. Se não há um fundamento epistemológico que garanta uma decisão segura, corre-se o risco da arbitrariedade a menos que, minimamente, se construa uma hierarquização democrática, como propõe Santos e colaboradores (2005). Entre o “absolutismo do particular” e o universalismo autoritário, Santos propõe um “multiculturalismo progressista que saiba reconhecer as diferenças culturais e de conhecimento, e construa de modo democrático as hierarquias entre elas” (SANTOS; MENESES; NUNES, 2005, p. 24).

A explicitação dos discursos sem a pretensão epistemológica da legislação, mas com a responsabilidade da decisão, leva Santos (2003) a propor uma hermenêutica crítica cujos contornos podem ser assim definidos:

1. É capaz de comunicar as valências e os limites de uma ciência, seus objetivos e o que realiza além deles.
2. Revela a ciência como prática social de conhecimento, contextualizada temporal e espacialmente.
3. Desconstrói os diferentes objetos teóricos, a fim de tornar compreensível por que razão foram construídos.
4. Torna-se, para o cientista, a autocompreensão de seu estar no mundo técnico-científico contemporâneo.

5. Rompe o círculo vicioso do objeto-sujeito-objeto em direção a uma situação dialógica em que se afirma a intersubjetividade.

A hermenêutica crítica não pretende ocupar a função de juíza da atividade científica, nem como crítica epistemológica, nem como crítica da crítica. Também não se contenta com um passeio contemplativo pela *ágora* onde as verdades estão em disputa, mas ao reconhecer a necessidade de escolhas, não se coloca fora do mundo, com as “mãos limpas”. Antes, no embate suado e roto das lutas sociais, procura manter o caráter democrático das aspirações, na medida em que explicita os engajamentos existenciais das práticas científicas.

Afinal, desvelamento não é necessariamente julgamento. Interpretar é desvelar as múltiplas formas pelas quais o ser se diz. A função da hermenêutica é revelar nossa humanidade de uma vez por todas imbricada no discurso científico.

Passemos, então, a uma descrição mais detalhada do desenvolvimento histórico e dos principais postulados do ponto de vista fenomenológico-hermenêutico.

### 3 O PONTO DE VISTA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO

Guimarães Rosa dizia que “a vida também é para ser *lida*” (1985, p. 8). Nesse axioma estão presentes, ao menos, dois sentidos do termo “lida”. Numa primeira interpretação, percebemos o escritor mineiro voltado para a dimensão de sentido que permeia a existência. O sentido de viver precisa ser o tempo todo garimpado nas águas da linguagem, como uma leitura cotidiana do mistério da vida à nossa volta. Numa outra acepção do termo, lida é o trabalho, o esforço, também cotidiano, de modificar o mundo para conquistar a sobrevivência.

Para que a hermenêutica seja útil aos propósitos desse trabalho, ela será apresentada aqui tanto como uma reflexão geral sobre o sentido e sua presença como o *logos* que confere inteligibilidade ao mundo, quanto na qualidade de um método, de um instrumental epistemológico que permite, no labor científico, extrair sentidos que orientem a transformação da sociedade.

#### 3.1 Origens da hermenêutica

Originalmente, o termo *hermeneuein* (ἡρμηνεύειν) significava declarar, anunciar, interpretar, esclarecer ou traduzir. Uma antiga tradição relaciona o termo a Hermes, o deus escolhido por Zeus para levar mensagens aos Infernos e a seus deuses, Hades e Perséfone (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991). Entretanto, essa origem etimológica é discutível (CORETH, 1973).

É importante observar, entretanto, que, antes que fosse utilizado, na era moderna, para designar um determinado elenco de preocupações em filosofia, ou quase uma escola de pensamento, o termo hermenêutica foi usado no seu sentido mais comum relacionado aos critérios e às técnicas de bem interpretar um texto. Na medida em que a cultura humana foi se constituindo cada vez mais assentada na

palavra escrita - logocêntrica, como preferem alguns -, o problema da correta interpretação do discurso foi se tornando mais evidente.

Aristóteles dedica uma obra à interpretação que é, na verdade, um tratado de lógica (DOMINGUES, 2004). Embora a atividade interpretativa seja tão antiga quanto a filosofia, é no campo da religião que o desenvolvimento de uma ciência hermenêutica vai se fazendo mais necessária. Uma vez que tanto o judaísmo, como o cristianismo e o islamismo são “religiões do livro”, isto é, práticas religiosas baseadas numa revelação escrita, a determinação do verdadeiro sentido do texto torna-se uma tarefa importante para teólogos e sacerdotes.

Assim, a hermenêutica encontrou no discurso religioso um terreno fértil para o seu desenvolvimento e não será por acaso que os principais nomes relacionados ao seu desenvolvimento na era moderna tenham sido oriundos do campo teológico. Um dos primeiros teólogos a tentarem dar a essa ciência uma sistematização maior foi Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834).

O projeto de Schleiermacher objetivava a identificação de princípios fundamentais que norteariam a interpretação de um modo geral e que pudessem servir de apoio às hermenêuticas particulares, como a bíblica ou a jurídica. Tais princípios se definiriam em dois níveis diferentes e interrelacionados do processo interpretativo: o gramatical e o psicológico. Por um lado, era preciso respeitar e investigar as leis e a natureza própria do meio de expressão do sentido que é a linguagem. Por outro, era preciso ir além da materialidade da língua e penetrar na estrutura espiritual do autor, apreendendo o pensamento que lhe ocorrera no momento de fixar o texto.

A interpretação gramatical foi definida por Schleiermacher mediante cânones - a maioria deles anotados por seus alunos - tais como a necessidade de autor e público partilharem um mesmo universo lingüístico e o princípio de que uma palavra possui um sentido mediante sua relação com as outras presentes no texto. Este último teria ligação direta com a definição de círculo hermenêutico, uma vez que colocava em questão a relação entre a parte (uma palavra, uma frase) e o todo (um texto). Para encontrar o sentido de uma palavra seria preciso ter em vista o conjunto do texto, mas, ao mesmo tempo, não se poderia compreender o conjunto do texto

sem uma compreensão prévia da palavra. Esta estrutura circular do processo de compreensão demonstraria a necessidade de a interpretação aliar-se a um salto intuitivo que permitiria a compreensão simultânea do todo e das partes.

*Consideremos (...) a inteira operação da interpretação: então, nós deveríamos dizer que, progredindo pouco a pouco desde o início de uma obra, a compreensão gradual, de cada particular e das partes do todo que se organiza a partir delas, sempre é apenas provisória; um pouco mais completa, se nós podemos abarcar com a vista uma parte mais extensa, mas também começando com novas incertezas [e como no crepúsculo], quando nós passamos a uma outra parte, [porque então] temos diante de nós um novo começo, embora subordinado; no entanto, quanto mais nós avançamos, tanto mais tudo o que precede é esclarecido pelo que segue, até que no final então cada particular como que recebe de um golpe sua plena luz e se apresenta com contornos puros e determinados. (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 49-50).*

A intuição que nos leva à intenção original do autor, recebida como “de um golpe”, é o elemento fundador da compreensão psicológica. Não se trata de uma investigação das motivações inconscientes de um autor ao construir um texto, mas de buscar reviver, no instante da leitura, os processos mentais experimentados pelo autor. A convicção de que tal comunhão era possível fundamentava-se na fé na natureza comum de todo ser humano. Haveria algo de comum no entendimento humano que transporia todas as gerações; uma congenialidade entre todos os que falam e pensam, mesmo distantes no tempo ou no espaço. Tal faculdade permitiria uma adivinhação do significado de um determinado texto e possibilitaria uma reconstrução às avessas da intenção do autor: parte-se da palavra escrita para se chegar ao pensamento original. Este método, chamado “divinatório”, fundamentaria a interpretação psicológica, também chamada de técnica.

Schleiermacher chega a dizer que podemos, ao ler uma obra, compreender melhor o autor do que ele se compreendeu. Isso não impede que ele reconheça problemas no relacionamento entre a intenção de dizer e os limites da linguagem. Entretanto, uma compreensão do ser como essencialmente determinado pela linguagem - concepção aparentada de tendências modernas - presente na primeira fase de sua hermenêutica, daria lugar a uma ênfase psicologizante, insistindo na hipótese de que a finalidade da hermenêutica era a reconstrução dos processos mentais do autor.

Schleiermacher seria, a despeito de sua tendência romântica, o primeiro a empreender um grande trabalho no sentido de precisar princípios hermenêuticos objetivos e por isso pode ser chamado o pai da hermenêutica moderna, como ciência da interpretação.

### **3.2 Hermenêutica e fenomenologia**

As preocupações da hermenêutica e da fenomenologia se avizinham desde a própria constituição dessa última como uma disciplina também voltada para a constituição do sentido. Embora um pensamento verdadeiramente fecundo não se limite àquilo que responde ao seu tempo, é útil abordar a história da fenomenologia a partir do contexto no qual surgiu.

É sintomático que um pensamento inquieto e existencial como o de Sören Kierkegaard (1813-1855) não tenha redundado em êxito literário lá pelos meados do século XIX. Inconformado com as abstrações do idealismo alemão, particularmente crítico da obra de Hegel, Kierkegaard buscava uma forma de considerar o ser humano que não se desviasse nem para uma metafísica estéril, nem para o objetivismo tecnicista das ciências naturais. Ao considerar o ser humano como uma existência singular, Kierkegaard se deparara com a realidade da angústia e do desespero, os quais só seriam remediáveis mediante uma aposta no sentido, um verdadeiro ato de fé na vida.

Tais reflexões existenciais, entretanto, não encontraram eco suficiente na modernidade de seu tempo e a obra do filósofo dinamarquês não transporia as fronteiras de sua terra natal antes que o próximo século trouxesse consigo a destruição causada por duas grandes guerras. Somente quando a Europa se deu conta da destruição que seu modo de vida era capaz de produzir, o pensamento kierkegaardiano tornou-se revisitado por uma série de autores que seriam agrupados sob o título de existencialistas.

Antes que uma escola de pensamento tomasse o nome de existencialista, entretanto, a preocupação com uma ciência voltada à existência concreta já despertava o interesse de diversos pensadores. Era preciso constituir um método de

investigação que não sacrificasse, a título de busca da objetividade, a vivência concreta da existência humana e suas constituições de sentido.

A neurologia, por exemplo, poderia construir uma explicação razoável para a forma como os neurônios produzem o sonho, mas não poderia dizer muita coisa sobre o que é mesmo a experiência de sonhar. A geografia poderia descrever uma paisagem, mas não poderia dizer exatamente o que é a experiência de contemplar o pôr-do-sol diante de uma serra.

Certamente que tais preocupações foram, muitas vezes, classificadas como românticas e não chegaram a despertar muito a atenção da maior parte da comunidade científica, formada segundo os cânones de uma epistemologia positivista.

Foi necessário que aparecesse, então, alguém que fosse, ao mesmo tempo, tanto herdeiro do rigor de uma ciência exata, quanto sensível às realidades que só o mundo subjetivo pode tocar. Edmund Husserl (1859-1938) passaria, assim, da matemática para a filosofia com o intuito de constituir uma ciência rigorosa sobre a constituição subjetiva do sentido.

Husserl percebeu que os fatos do mundo empírico não são apreensíveis simplesmente como uma colagem de sensações. Ao contrário, as sensações só ganham o poder de constituir um mundo percebido na medida em que são organizadas e definidas com um sentido, isto é, com um significado que lhes confere uma essência. Interessa à fenomenologia investigar como se constituem essas essências no universo subjetivo daquele que conhece.

O que torna possível a atividade de conhecimento é que exista uma consciência doadora de sentido, que se estenda de modo necessário entre sujeito e objeto, constituindo-se como um nexos revelador das significações tanto do sujeito quanto do mundo no qual se encontra mergulhado. Do ponto de vista da fenomenologia, “há tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir” (ZILLES, 1996, p. 22).

A fenomenologia seria, assim, uma disciplina voltada à captação da essência dos fenômenos, como aquilo que aparece à consciência, e cujas significações seria

preciso revelar como a explicitação uma certa forma de experiência em que emergem tanto um sujeito cognoscente quanto um mundo conhecido.

O rigor a ser buscado na investigação fenomenológica seria dado pela aplicação das noções de redução fenomenológica e redução eidética.

*Para chegar ao fenômeno puro, Husserl suspende o juízo em relação à existência do mundo exterior (transcendente). Descreve apenas o mundo como se apresenta na consciência, ou seja, reduzido à consciência. Tal suspensão ou colocação entre parênteses chamou epoqué. Portanto, não duvida da existência do mundo exterior, mas simplesmente o põe “entre parênteses” ou o idealiza ou o reduz ao fenômeno: a redução fenomenológica. No fenômeno, por sua vez, procede a sucessivas reduções em busca da essência: a redução eidética. Assim entende a fenomenologia como análise descritiva das vivências da consciência depuradas de seus elementos empíricos para descobrir e apreender as essências diretamente na intuição (ZILLES, 1996, p. 24).*

Nos primeiros anos de seu trabalho, Husserl priorizava o projeto de se chegar a uma fenomenologia transcendental que investigaria como o mundo natural se converte em fenômeno mediante a intencionalidade da consciência. Chegar-se-ia, assim, a uma análise transcendental em que “o eu, a consciência e o que ela visa são dados numa unidade indissolúvel” (CAPALBO, 2002, p. 17). A partir do momento em que o interesse de Husserl voltou-se mais à consideração do Lebenswelt (mundo-da-vida), interesse esse contemporâneo de sua afirmação da “crise da humanidade européia”, por volta de 1935, sua investigação passou a considerar mais seriamente a opacidade da consciência e a necessidade da reflexão como modo de revelar os sentidos da vida pré-reflexiva. Nessa fase, Husserl dá uma ênfase crescente ao caráter histórico da consciência, na condição de engajada no mundo-da-vida.

Se em Husserl o projeto de uma fenomenologia sofre transformações de ênfase, o mesmo se pode dizer dos desenvolvimentos posteriores levados a cabo por seus discípulos<sup>3</sup>. Embora se deva observar que as apropriações de princípios da fenomenologia demarquem abordagens diferentes, o fundamental do projeto

---

<sup>3</sup> Entre Husserl e seu mais direto discípulo, Martin Heidegger, por exemplo, há uma diferença de projeto que opõe uma motivação transcendental a outra de fundo existencial-ontológico. Em Heidegger, não se trata de investigar a vida transcendental da consciência, mas de “partindo-se da percepção do ente, em qualquer modo que ele seja determinado, reconduzir o olhar fenomenológico à compreensão do ser deste ente” (TAMINIAUX *apud* JOSGRILBERG, 2002, p. 46).

fenomenológico é, de uma maneira resumida, afirmar que o processo de conhecimento está indissociavelmente estendido entre dois pólos: o da facticidade do mundo e o da intencionalidade da consciência. “Há um mundo”, dizia Merleau-Ponty (2006). Ao mesmo tempo, podemos dizer: “há um sentido”. Entre essas duas existências simultâneas, a fenomenologia se coloca como uma tentativa de revelar como o conhecimento se dá numa subjetividade concreta.

### **3.3 Hermenêutica e ciências humanas**

A hermenêutica como fundamento para as ciências humanas foi uma perspectiva defendida por Willhelm Dilthey (1833-1911). Tornou-se divisa do projeto diltheyniano a afirmação de que “explicamos a natureza; há que compreender o homem” (cf. PALMER, 1999, p. 120-121). Assim, as ciências da natureza seriam fundamentadas sobre uma disciplina explicativa, enquanto as ciências humanas, entendidas como “ciências do espírito”, trabalhariam numa perspectiva compreensiva.

Em “Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica” (1951, p. 192-282), escrito em 1894, ao discutir sobre que tipo de ciência constituiria a psicologia, Dilthey critica as tendências que buscariam submeter a análise do comportamento humano a um tipo de racionalidade que fez grandes descobertas nas ciências da natureza. Este tipo de racionalidade é aquele que estabelece subordinações de um campo de fenômenos a uma conexão causal, por meio de elementos limitados e determinados univocamente. A ciência que assim procede é aquela que Dilthey chama de “ciência explicativa”.

Contudo, Dilthey afirma que quando tentamos determinar explicações precisas no que se refere aos processos psíquicos, achamo-nos imersos numa névoa de hipóteses cuja comprovação se torna impossível. Isso porque, segundo Dilthey, qualquer hipótese auferida segundo o método das ciências naturais, em psicologia, não tem suficiente força para excluir outras possíveis.

Daí resulta que as ciências do espírito deveriam partir de métodos e conceitos gerais para formular sua própria maneira de lidar com os objetos específicos de seu

campo. As ciências do espírito se diferenciariam das ciências da natureza pelo fato de que, enquanto estas têm como objeto fenômenos “procedentes de fora”, aquelas visam fenômenos que ocorrem “desde dentro”, como uma “conexão viva”.

*Assim resulta que nas ciências da natureza se nos oferece a conexão natural só através de conclusões suplementares, por meio de uma gama de hipóteses. Pelo contrário, nas ciências do espírito temos como base a conexão da vida anímica como algo originalmente dado. A natureza a ‘explicamos’, a vida anímica a ‘compreendemos’. (DILTHEY, 1951, p. 197).*

Dilthey buscava uma forma de abordar o ser humano que evitasse tanto uma atitude por demais naturalizante, que reduzisse o homem a uma máquina, quanto as armadilhas do pensamento metafísico. Era preciso voltar o pensamento para o “mundo da vida” (Lebenswelt), para a experiência concreta do ser histórico. “O pensamento não pode ir além da vida”, dizia ele (apud PALMER, 1999, p. 109). A hermenêutica se configuraria, pois, como a ciência que visa a compreensão do modo como a vida se exprime.

Uma vez que a história é a mais fundamental expressão da vida, a questão histórica torna-se, para Dilthey, a questão hermenêutica mais importante. Seria preciso entender em que medida a vida se exterioriza de uma maneira compreensível no encadeamento histórico.

Para Dilthey a possibilidade da compreensão se dá pela partilha, por toda a humanidade, de um mundo da vida em comum. As objetivações da vida construídas em determinado tempo e lugar podem ser compreendidas por outro agente histórico em contexto diferente porque a mente pode apreender e reconstruir o sentido de uma vivência. O termo *Erlebnis*, como significando “vivência” ou “experiência vivida”, torna-se, assim, um conceito chave na investigação do ato interpretativo.

*Aquilo que na cadeia do tempo forma uma unidade no presente porque tem um significado unitário, é a mais pequena entidade a que podemos chamar experiência. Indo mais longe, podemos considerar ‘experiência’ cada unidade determinada das partes da vida ligadas por um sentido comum - mesmo quando as várias partes se separam umas das outras por eventos que as interrompem. (PALMER, 1999, p. 113-114).*

A objetivação destas experiências em formas históricas é o que busca a compreensão hermenêutica. A interpretação possibilita a reconstrução das objetivações da vida para um agente intérprete. A vida é experiência, torna-se

expressão e oferece-se à compreensão. A categoria de “sentido” é o que deve nortear a investigação dos fenômenos humanos.

A mente mesma do autor de uma determinada forma de expressão da vida (um texto, por exemplo) não pode ser alcançada, mas o intérprete vivencia a intencionalidade do autor. O psiquismo do autor mesmo não é atingido, mas o que ele visa. Este acento sobre a intencionalidade, que preserva Dilthey de um mentalismo ingênuo, é proporcionado, segundo Ricoeur, por um apoio solicitado ao pensamento de Husserl após 1900 (RICOEUR, 1988, p. 26).

A preocupação em fugir do discurso metafísico pela via da experiência vivida expôs as influências românticas do pensamento diltheyniano. A pretensão a captar o sentido da experiência de maneira imediata não foi poupada de severas críticas. Ao mesmo tempo, Dilthey não conseguiu escapar do comprometimento com um objetivismo que pretendia evitar ao resgatar as ciências do humano das garras do modelo das ciências naturais.

### **3.4 Filosofia hermenêutica**

Uma “virada ontológica” ao problema hermenêutico foi possibilitada a partir do pensamento de Martin Heidegger (1889-1976). Como herdeiro da mesma tradição que nutria o pensamento filosófico a partir do conceito de “vida” (*Leben*), Heidegger buscava pensar o ser não em sua essência abstrata, mas em sua existência concreta e histórica, no mundo. O ser-no-mundo, para ele, possuiria como modalidade de sua existência a compreensão. O sentido do ser só poderia ser interpretado a partir da compreensão, já característica do “Ser-aí” (*Dasein*). Assim sendo, o esforço interpretativo seria o caminho para se chegar ao sentido do ser. Toda a teoria hermenêutica, como explicitação das condições da interpretação, não passaria, portanto, de um derivado da hermenêutica fundamental do Ser-aí. Na perspectiva de Heidegger, “só se pode chegar ao sentido-de-ser através de um esforço interpretativo: por conseguinte, a ‘hermenêutica’ é um conceito fundamental da ontologia e constitui a base de investigação transcendental.” (BLEICHER, 1992, p. 139).

O projeto de “Ser e Tempo”, de Heidegger, assume a direção de uma hermenêutica do Ser-aí. A ontologia heideggeriana se volta para os processos de compreensão e de interpretação pelos quais as coisas aparecem. Mas não se trata de uma busca de fundamento, à maneira, por exemplo, do projeto cartesiano. Trata-se de surpreender a totalidade do ser já colocado em sua relação com o mundo. Caracteriza-se como uma fenomenologia do ser e, como trata-se do Ser-aí existente, a ontologia remete, em última análise, a uma hermenêutica da existência.

A compreensão da existência, no entanto, não se dá no vazio, sobre uma *tabula rasa*, mas é sempre precedida por uma pré-compreensão. Com isso Heidegger formula, sob nova visada, o conceito de “círculo hermenêutico”, já presente na discussão desde Schleiermacher. Aqui ele aparece mais uma vez como uma contestação do projeto de uma filosofia objetiva, sem pressupostos, pois entende-se que “toda interpretação que se coloca no movimento de compreender já deve ter compreendido o que se quer interpretar” (HEIDEGGER, 1988, p. 209).

A interpretação, como hermenêutica do Ser-aí, é um meio pelo qual procuramos explicar e clarificar uma pré-compreensão já existente e que constitui nosso modo de ser-no-mundo. Evidentemente que esta afirmação provocaria arrepios de horror em meios obstinadamente objetivistas, mas Heidegger como que se adiantaria às críticas ao afirmar, no inquietante parágrafo 32 de “Ser e Tempo”, que o fundamental não é buscar sair do círculo hermenêutico, mas sim nele entrar “de modo adequado” (HEIDEGGER, 1988, p. 210).

Heidegger quer garantir que a reflexão filosófica não deixe de lado a questão que verdadeiramente interessa, a saber, o sentido do ser-no-mundo. Uma pretensão objetivista de encontrar um fundamento sem pressupostos só deslocaria o homem de seu lugar ontológico primordial: a relação com o mundo. O pensamento que, à guisa de cientificidade, ignora toda pré-compreensão nada mais é que uma “degeneração” do pensamento que “perdeu-se na incompreensão de sua essência”. Para Heidegger “a matemática não é mais rigorosa do que a história. É apenas mais restrita, no tocante ao âmbito dos fundamentos existenciais que lhe são relevantes” (1988, p. 210).

Esta afirmação permite a Bleicher (1992, p. 145) sugerir que quanto mais puramente objetiva é uma ciência, menos ela possui relevância existencial. Ora, Heidegger quer chegar justamente a um pensamento com densidade existencial. Assim sendo, a acusação de círculo vicioso que um objetivista poderia impetrar pode ser vista como um “mal-entendido” sobre o que é compreensão. Não se trata de uma dedução a partir de uma proposição fundamental, mas de um descobrir revelador do ser no interior da compreensão.

Hans Georg Gadamer (1900-2002) buscava no pensamento de Heidegger, de quem foi assistente entre 1923 e 1928, elementos para questionar a concepção diltheyniana da hermenêutica como fundamento das ciências humanas. Seguindo os passos de seu mestre, Gadamer não se preocuparia com a interpretação como uma das qualidades humanas, mas como aquilo que define o próprio ser do homem. O homem é compreensão e esta se dá de modo histórico, lingüístico e dialético.

Gadamer (1997) critica a fé de Dilthey na consciência individual como fundamento da compreensão e da hermenêutica. Ao subjetivismo de Dilthey, Gadamer contrapõe uma ênfase não na intenção do autor ou na obra isolada, mas naquilo que aparece nos encontros históricos. Tais encontros operam uma dialética entre o contexto de cada pessoa e o contexto da tradição. É mediante um encontro entre a tradição e o horizonte do intérprete que se dá a experiência hermenêutica.

O encontro entre tradição e intérprete só é possível porque ambos habitam o mesmo mundo: a linguagem. A ideia de uma pertença do homem à linguagem, pertença essa que possui contornos realmente ontológicos, assume em Gadamer (como em Heidegger) um papel decisivo. É porque o homem e o texto pertencem à linguagem que se torna possível, no ato interpretativo, o que Gadamer chama “fusão de horizontes”, ou seja, um encontro entre o sentido como herança e aquele que se dá na novidade histórica.

O ato interpretativo se fundamenta, pois, numa dialética em que o ser do homem se revela em sua natureza lingüística. A compreensão não é um ato da subjetividade, mas o próprio modo do Ser-aí estar no mundo. A compreensão não se dá “fora do mundo”, sem pressupostos, mas é afeita à experiência, ao encontro histórico.

Em Gadamer, o conceito de experiência assume o caráter de oposição ao mito de um conhecimento puramente conceitual e verificável. Experiência é acumulação de compreensão de modo não objetivável. É vivenciada como finitude. É experiência de nossa historicidade. Dessa forma, a hermenêutica é meio universal do ser da filosofia. A hermenêutica é tanto uma ontologia como uma fenomenologia da compreensão como ato constitutivo do homem.

### 3.5 A hermenêutica de Paul Ricoeur

O pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) pode ser classificado em três fases, segundo Franco (1995, p. 39): 1) a fase *fenomenológica estrutural*, composta principalmente por “O Voluntário e o Involuntário” (1950), “História e Verdade” (1955) e a primeira parte de “Finitude e Culpabilidade” (1960), sob o título de “L’Homme Failible”; 2) a fase da *hermenêutica dos símbolos*, onde se sobressaem “A Simbólica do Mal” (segunda parte de “Finitude e Culpabilidade”), “Da Interpretação” (1965) e “O Conflito das Interpretações” (1969); 3) e a fase da *hermenêutica lingüística*, composta pelos trabalhos mais recentes, como “A Metáfora Viva” (1975), “Tempo e Narrativa” (1983-1985), “Do Texto à Ação” (1986) e “O Si Mesmo como um Outro” (1990).

A periodização de Franco não deixa de suscitar questões, como o fato de dividir uma obra ao meio (“Finitude e Culpabilidade”) e os títulos que adota, onde se pode questionar o uso do termo “estrutural” para a primeira fase, uma vez que dá a impressão de uma aproximação de Ricoeur ao pensamento estruturalista neste período, enquanto uma referência existencialista talvez seja mais apropriada. Também o uso do termo “lingüística” para a terceira fase pode dar a impressão que somente neste período Ricoeur se utiliza de contribuições da lingüística, mas o que é observado neste momento é um distanciamento da lingüística estruturalista em favor da lingüística anglo-saxônica.

Na biografia escrita por Olivier Mongin (1994, p. 39-40), o pensamento de Ricoeur é apresentado em três fases temáticas que se entrecruzam. A primeira delas seria aquela em que predomina o tema da vontade tratado de uma maneira

duplamente marcada pela filosofia reflexiva e pela hermenêutica dos símbolos. A segunda seria identificada como uma longa fase hermenêutica, marcada pela publicação de “O Conflito das Interpretações”, onde predominaria o debate com o estruturalismo e o projeto de uma “via longa”, em oposição ao que é chamado a “via curta” de Heidegger. Uma última fase seria caracterizada por uma aproximação com a filosofia analítica anglo-saxônica e uma nova abordagem da questão ética sob o prisma da *práxis*.

Não consta que Ricoeur tivesse aprovado tais classificações, mas o que se nota com muita facilidade é que este filósofo parece mudar seu objeto de interesse a cada trabalho. Tem-se a impressão de que cada abordagem permaneceu incompleta e que suas reflexões ficaram abandonadas, sobrepostas por outras que tomaram lugar na preocupação do filósofo. Para Ricoeur, entretanto, é “nos restos do tema precedente” que em sua obra se vê “a urgência de outro tema” (1997, p. 110).

*Cada um de meus livros quis responder a uma questão que se me havia imposto com contornos muito precisos. E as obras que se seguiram surgiram de questões não resolvidas pela precedente e a miúdo rechaçadas por ela como um resíduo repellido pelo muro de sua cerca. (RICOEUR, 1991, p. 28).*

Assim, de “O Voluntário e O Involuntário”, surgiu o problema filosófico da vontade má, que deu lugar à reflexão de “Finitude e Culpabilidade”, onde a simbólica do mal é estudada. Ao se deparar com a questão da culpa, Ricoeur acha necessário conhecer de perto a obra de Freud. Daí nasce “Da Interpretação”. Os problemas em torno da interpretação fazem nascer os vários artigos de Ricoeur que tratam de questões ligadas ao campo da Hermenêutica e que foram reunidos, sobretudo, em “O Conflito das Interpretações” e “Do Texto à Ação”. Em todas essas preocupações a questão do sentido permanece um tema chave e é a partir da pergunta “como criamos sentido ao falar” que Ricoeur vê o nexo entre “A Metáfora Viva” e “Tempo e Narrativa”: criamos sentido agregando campos semânticos incongruentes, pela metáfora, ou construindo uma intriga, na narrativa. Do problema da identidade narrativa surge “O Si Mesmo como um Outro”. De tudo isso, Ricoeur sentiu que permaneceu-lhe em aberto a questão da memória e desde o tempo de *A Crítica e a*

*Convicção* (entrevista concedida em 1995) até o final de sua vida, era ela que permeava suas preocupações.

Por conta de tantas excursões por vastos campos da filosofia fica difícil responder à questão da pertença de Ricoeur a uma escola. Passou pelo personalismo, pela fenomenologia, pela psicanálise, pela hermenêutica, pela pragmática... Mas será que se pode dizer que ele foi um fiel seguidor de uma destas escolas? Todas essas aproximações podem ser mais bem entendidas antes como constituição de objetos de estudos do que como filiação doutrinária. Ricoeur mesmo se define como um “pós-kantiano” ou mesmo como um “kantiano pós-hegeliano” que nunca se debruçou sobre questões maciças, do tipo “o que é a filosofia?”, mas, antes, procurou tratar de temas fragmentários, explorando os limites das ferramentas de que dispunha. Assim, contrapôs fenomenologia e psicanálise, hermenêutica e estruturalismo, idealismo e pragmática etc.

Desde suas primeiras influências tanto existencialistas quanto fenomenológicas, Ricoeur veria nas polaridades legítimas uma força propulsora de sua obra. De Gabriel Marcel e Emmanuel Mounier, Ricoeur herdara a preocupação com temas como encarnação e compromisso, ao passo que da leitura de Husserl ficaram as marcas de uma preocupação de exigência intelectual, análises rigorosas e articulações complexas, à luz de uma racionalidade cartesiana e kantiana. Estas duas atitudes seguiriam motivando leituras diversas, ou até mesmo divergentes. Ele mesmo acreditava encontrar-se “sempre combatendo em duas frentes ou reconciliando adversários recalcitrantes ao diálogo” (RICOEUR, 1991, p. 27).

Se a obra de Ricoeur constituiu sempre uma filosofia nos limites, foi também sempre uma filosofia reflexiva, onde o labor se volta para o próprio sujeito do pensar. Talvez se possa dizer, com o risco de um *slogan* reducionista, que Paul Ricoeur tenha sido sempre um filósofo em busca do “si-mesmo”. Nessa busca, Ricoeur partiu de uma tradição cartesiana para chegar à formulação de um desvio hermenêutico, constituindo assim “uma filosofia do *cogito ferido*”. Como afirma Jeanne Marie Gagnebin (1997, p. 261), “a questão central da obra, pois, poderia ser tematizada como tentativa de uma *hermenêutica do si pelo desvio necessário dos signos da cultura*”.

A apropriação de Ricoeur, no contexto desse trabalho, centra-se nos textos de sua segunda fase, em que a proposta era fazer da hermenêutica das produções culturais um caminho para a compreensão do ser que aí se diz. Buscamos nesses trabalhos uma forma de compreender o que é a tarefa da hermenêutica e aplicar as reflexões que daí surgem à análise dos discursos de percepção ambiental.

Nessa fase, Ricoeur identificava dois movimentos distintos no panorama da hermenêutica moderna. Por um lado, um movimento de “desregionalização”, isto é, uma tentativa de passar de hermenêuticas regionais a uma hermenêutica geral. Isto se manifestaria em Schleiermacher como um projeto de recuperar os contributos da filologia, da interpretação jurídica ou da exegese bíblica num cânon universal de interpretação. Tal perspectiva estaria, de certa forma, também presente em Dilthey, em seu esforço por fazer da hermenêutica uma base epistemológica geral para as ciências humanas.

Numa outra direção, Ricoeur via as contribuições de Gadamer e Heidegger como uma “radicalização” da questão hermenêutica, na medida em que estes cavariam sob o terreno do debate epistemológico para encontrar a pergunta fundamental sobre o ser e, assim, passar ao plano da ontologia.

A constituição destes dois movimentos como alternativas excludentes seria conseqüência de um certo vício de origem da hermenêutica desde as distinções diltheynianas entre explicar e compreender. Ricoeur via a presença do confronto entre estas perspectivas no próprio título da obra magna de Gadamer, “Verdade e Método” (1997). Entre o *tecnicismo* de uma discussão epistemológica e o mergulho nas águas profundas do oceano do ser, o título de Gadamer sugeriria que ou se pratica uma atitude metodológica, sob o custo de perder-se a densidade ontológica da realidade estudada, ou pratica-se a atitude de verdade, sob o preço de renunciar-se à objetividade das ciências humanas. O Ricoeur da “hermenêutica dos símbolos” pretenderia exatamente dar uma contribuição à superação dessa dicotomia.

Mantendo-se fiel à perspectiva de situar a hermenêutica como “a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos” (RICOEUR, 1988, p. 17), o filósofo queria partir da positividade do texto para chegar, por meio de operações metodológicas, mas também reflexivas, à compreensão de si.

Sem deixar de lado a vocação hermenêutica para a interpretação de textos, Ricoeur pretenderia chegar a uma compreensão mais ampla daquele que se compreende “diante do texto” que compreende. O movimento de Ricoeur ia, portanto, da metodologia de tratamento do texto à consideração do sujeito que interpreta, segundo a inspiração da filosofia reflexiva. Neste percurso, a Psicanálise se inseriu, como possibilidade de passar do texto ao sujeito, como uma arqueologia do desejo que produz cultura, do que tratamos em outro trabalho (PACHECO, 2004).

Como proposta metodológica, Ricoeur desenvolveu a noção de texto como algo onde se pode vislumbrar, paradigmaticamente, a historicidade do ser humano, dado que promove um distanciamento em relação ao autor e seu contexto de produção. Ao mesmo tempo, o texto é projeção de um mundo, é expressão de uma modalidade de ser-no-mundo. Partindo da consideração da frase como unidade básica do discurso, Ricoeur pretendia uma interpretação que se daria como uma dialética do evento e do sentido.

Apreender o sentido da obra implicaria em sua consideração como evento histórico, mas não se confundiria com uma tentativa de remontar à psicologia do autor. Como obra de cultura, um texto já não é mais cativo do pensamento do autor, mas traz em si algo como uma “coisa própria do texto”, ou, melhor, um “mundo do texto”. Esta proposição de mundo operada pelo texto se manifestaria como modalidade de ser-no-mundo constituída pelo sentido que o ato interpretativo constrói.

*Se não podemos definir hermenêutica pela procura de um outro e de suas intenções psicológicas que se dissimulam por detrás do texto; e se não pretendemos reduzir a interpretação à desmontagem das estruturas, o que permanece para ser interpretado? Responderei: interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto. (RICOEUR, 1988, p. 56).*

Note-se que a hermenêutica de Ricoeur chega a Heidegger sem deixar de lado a tarefa *textual* e, por assim dizer, “tecnológica” da interpretação. Ricoeur entendia a interpretação como a explicitação de uma modalidade de ser-no-mundo, mas queria saber o que me diz *um texto* em particular como proposição de mundo, “um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios” (RICOEUR, 1988, p. 56). Assim, Ricoeur concluiria que compreender é

compreender-se diante da obra. É aí que o filósofo veria na hermenêutica uma possibilidade de desbancar a pretensão a um *cogito* imediato. A hermenêutica é possibilidade de uma apropriação do si de uma maneira mediada pelas obras de cultura.

A chegada a uma reflexão sobre o “ser cujo ser consiste em compreender” de uma maneira mediada e não diretamente por uma ontologia foi denominada por Ricoeur a “via longa”, em oposição à “via curta” do caminho de Heidegger (RICOEUR, 1978, p. 9). A via longa é possibilitada pela hermenêutica das expressões da vida na cultura. Ricoeur levou a sério a ideia diltheyniana de que é preciso voltar o pensamento para as objetivações da vida manifestas na cultura.

Como garantia de manter a reflexão num plano existencial, o símbolo tomou um lugar privilegiado no pensamento de Ricoeur. A reflexão sobre o símbolo é uma alternativa às armadilhas do pensamento especulativo. Ou, como ele diria no trabalho sobre a simbólica do mal, a reflexão sobre o símbolo contém uma aposta:

*Aposto que compreendo melhor o homem e os laços que unem o ser do homem com o ser de todos os demais seres, seguindo as indicações do pensamento simbólico. Esta aposta se converte então na tarefa de comprová-la e de saturá-la em certo modo de inteligibilidade; esta tarefa transforma, por sua vez, minha aposta: ao apostar sobre a significação do mundo simbólico, aposto ao mesmo tempo que recuperarei minha aposta em poder de reflexão, dentro do plano do raciocínio coerente (RICOEUR, 1982, p. 710).*

No panorama do debate moderno, a hermenêutica se dividiria em duas tendências de interpretação: aquelas que se apresentam como redutoras, como desmascaramento das ilusões, e aquelas restauradoras, que buscam recuperar um sentido anunciado no texto.

*De um lado, a hermenêutica é concebida como a manifestação e a restauração de um sentido que me é dirigido sob a forma de uma mensagem, de uma proclamação ou, como por vezes se diz, de um querigma; do outro, ela é concebida como uma desmistificação, como uma redução de ilusões (RICOEUR, 1977, p. 32-33).*

Entendendo as duas vertentes como igualmente importantes e como um legado da era das ciências que desmontam e reconstróem a linguagem, Ricoeur queria integrar seus contributos numa seqüência de abordagem do símbolo constituída de três etapas: fenomenológica, hermenêutica e reflexiva. Parte-se de

uma escuta “ingênua” do símbolo, à maneira de uma fenomenologia da religião, por exemplo, passa-se a uma interpretação aplicada a um texto singular, onde a compreensão ultrapassa a dimensão crítica da exegese, para se chegar a um nível propriamente reflexivo.

A postura de que a hermenêutica precisa passar de uma interpretação de um discurso em particular para compreensão de uma proposição de ser aponta, neste trabalho, para a necessidade de uma passagem da técnica à ontologia. Em outras palavras, a leitura de Ricoeur nos convida a fazer do trabalho interpretativo dos discursos de percepção ambiental a oportunidade para uma investigação dos sentidos de ser humano que aí se articulam. Do ponto de vista de uma postura hermenêutica, a percepção ambiental revela uma forma de relacionamento com o meio ambiente que precisa ser explicitada em seu caráter de constituição de mundo.

### **3.6 Hermenêutica e meio ambiente**

Em uma avaliação recente da contribuição da hermenêutica às ciências humanas, Domingues (2004) conclui que o projeto de constituir o cânon de uma hermenêutica geral talvez tenha naufragado, mas permanece como contribuição perene dessa tradição de pensamento, em primeiro lugar, o desenvolvimento da arte ou da *techné* da interpretação e, de outra parte, o projeto sempre renovado de “instalar uma nova ciência ou *episthème*” (DOMINGUES, 2004, p. 374). O autor estranha que essa perspectiva epistemológica não tenha ainda gozado de maior prestígio nas ciências humanas e atribui o seu relativo eclipse ao império de outras vertentes, como no caso da psicologia, ainda muito dominada pela psicanálise, de um lado, e pelo behaviorismo, de outro. Sua análise, entretanto, salienta a contribuição clássica de Max Weber e o emprego paradigmático dos “tipos ideais”.

Na antropologia, Domingues destaca a contribuição de Clifford Geertz, mas Rabinow e Sullivan (1979) já haviam ido mais longe e defendido a configuração de uma verdadeira perspectiva interpretativista em ciências sociais, onde incluíam, além do próprio Ricoeur, o trabalho de Charles Taylor. Para Rabinow e Sullivan, a

perspectiva interpretativista representaria uma alternativa à tentativa de assimilação das ciências sociais às ciências naturais e teria como características:

1. Focaliza sua atenção nas concretas variações de significação cultural, em sua particularidade e complexidade, sem cair nas armadilhas do historicismo ou relativismo.
2. Refuta e intenta superar a oposição entre subjetividade e objetividade.
3. Refuta a redução do complexo mundo de significações aos produtos de uma auto-consciência, no sentido filosófico tradicional.
4. Postula que a rede de significações humana não pode ser reduzida aos atos prévios da fala.
5. Afirma que a intencionalidade e a empatia são dependentes da existência prévia do mundo compartilhado de significações entre as quais os sujeitos do discurso humano constituem a si mesmos.
6. Representa uma “volta ao mundo objetivo”, no sentido da comunidade de significações entre as quais nos encontramos e que não pode ser ultrapassada.

Leff (2002) e Carvalho (2001; 2003a) veem na hermenêutica um caminho viável para a consideração da complexidade de saberes que o enfrentamento dos problemas ambientais requer. Considerando a crise ambiental como conseqüência de um projeto epistemológico reinante que busca a unidade, a uniformidade e a homogeneidade, Leff advoga uma *hermenêutica ambiental*, identificada como “um olhar que assume a perspectiva da complexidade ambiental” (2002, p. 192) e revela os múltiplos sentidos da relação do ser humano com o ambiente. Inspirado em Heidegger, o autor afirma que:

*Aprender a aprender a complexidade ambiental implica uma nova compreensão do mundo que problematiza os conhecimentos e saberes arraigados em cosmologias, mitologias, ideologias, teorias e saberes práticos que se encontram nos alicerces da civilização moderna, no sangue de cada cultura, no rosto de cada pessoa (LEFF, 2002, p. 196).*

A interpretação das formas de existência seria o ponto de ancoragem de um saber que contemple a multiplicidade de percepções de mundo e a constituição diversa de identidades.

*Percebemos e vivemos no mundo a partir das condições mesmas de nossas 'formas de ser', a partir de identidades próprias que se configuram no quadro das limitações e condições colocadas ao entendimento do nosso mundo no encontro com os fenômenos reais que buscamos compreender (LEFF, 2002, p 197).*

Na mesma direção de colocar a investigação hermenêutica como base para uma pedagogia da complexidade vai a argumentação de Carvalho (2003a). Para ela, a educação ambiental lida com os diversos sentidos da relação sociedade-natureza, plasmados nas tradições e identidades, cuja elucidação implicaria num desvelamento de processos históricos e condições sociais. A hermenêutica estaria a favor de uma luta ambiental progressista na medida em que mobilizasse “a percepção das diferenças ideológicas e os conflitos de interesses que se confrontam no ideário ambiental” (CARVALHO, 2003a, p. 108).

O trabalho do educador ambiental, como, de resto, de todo aquele que lida com as questões ecológicas, implicaria em colocar-se no centro onde os sentidos do ambiente estão em disputa, evidenciando seus compromissos e interpretando suas práticas.

*A busca dos sentidos da ação humana que estiveram na origem dos processos sócio-ambientais parece sintetizar bem o núcleo do fazer interpretativo na educação ambiental. Ao evidenciar os sentidos culturais e políticos na ação dos processos de interação sociedade-natureza, o educador seria um intérprete das percepções – que também são, por sua vez, interpretações – sociais e históricas mobilizadoras dos diversos interesses e intervenções humanas no meio ambiente (CARVALHO, 2003a, p. 107).*

Embora Domingues afirme que, para afirmação da hermenêutica como paradigma epistemológico, falta-lhe um “princípio unificador universal” (2004, p. 373), tudo indica que a elucidação dos diversos sentidos do discurso é uma contribuição científica considerável e, certamente, percorre os diversos campos onde a hermenêutica se apresenta com suas ferramentas.

Dessa forma, a hermenêutica, por um lado, permite-nos concluir que o exame crítico da produção científica sobre meio ambiente, em particular dos estudos sobre percepção ambiental, revela o fato de que nem todos estamos falando das mesmas coisas quando utilizamos os mais citados conceitos do jargão ecológico. Parece que, especialmente quando o movimento do cientista se dá das ciências biológicas para

as ciências humanas, os conceitos são apropriados sem distinção de matriz epistemológica.

Por outro lado, a perspectiva hermenêutica, neste trabalho, permite-nos experimentar uma postura diferenciada ante os dados que nos interessam pesquisar. Será como explicitação de um sentido de ser-no-mundo que os relatos de percepção ambiental serão analisados. Pretende-se pensar uma metodologia de interpretação que revele as projeções do mundo da vida veiculadas nos relatos individuais e comunitários.

Uma ética ambiental orientada hermeneuticamente aponta para a necessidade de uma escuta aberta às diversas construções de mundo. Não parte de uma hierarquização de saberes, onde o cientista, o político, ou qualquer outro ator social tenha a primazia sobre as definições da melhor forma de se viver, mas aponta para a necessidade de um constante diálogo entre os saberes. Como afirma Pelizzoli, "a verdade dialético-hermenêutica é plural, aberta ao outro (mesmo o passado), não reducionista, revelando sempre aquilo que fica fora dos limites da razão instrumental do 'progresso'." (PELIZZOLI, 2003, p. 163).

Pelo estudo da percepção ambiental, a perspectiva hermenêutica convida-nos a reconhecer a consciência como tarefa, como propõe Ricoeur (1979). A consciência se amplia na medida em que se passa do irrefletido de uma percepção imediata a uma reflexão que se desdobra na explicitação de seus compromissos. Não se trata de buscar os fundamentos de um metadiscurso, mas de acolher a diversidade dos sentidos e propugnar uma ética da pluralidade.

Dessa forma, as investigações sobre percepção ambiental representam um ganho para a própria comunidade pesquisada, na medida em que esta volta-se sobre seus próprios sentidos para modificá-los ou reafirmá-los. Ganha-se, assim, em autenticidade, uma vez que os discursos deixam de pertencer a um "nós" anônimo (o Das Man, como diria Heidegger), para serem assumidos por seus locutores nas tensões dialógicas.

A ética hermenêutica não visa, portanto, a uma mitológica harmonia universal, mas supõe, no conflito das interpretações, a superação dialética dos impasses. É, pois, uma ética da liberdade, na medida em que não prescreve um sentido único do

que é ser humano, mas retorna essa responsabilidade aos atores em disputa. A postura hermenêutica não é a da neutralidade; é a da afirmação do primado ético da alteridade, em que se buscam maneiras dos discursos não se fecharem numa aspiração solipsista, mas se abrirem à solicitude dos sentidos do outro.

Cuidar do ser, sermos “pastores do ser”, é manter em aberto as suas possibilidades, é liberarmos os sentidos das clausuras fundamentalistas e objetivantes. A perspectiva hermenêutica encontra na percepção ambiental as múltiplas formas com as quais o ser se insinua na clareira da linguagem.

A hermenêutica de Ricoeur, utilizada neste trabalho, permitirá partir dos relatos de percepção ambiental para se chegar a uma reflexão sobre o ser que se diz nas entrevistas, com suas proposições de mundo. Assim, a percepção ambiental irá abrir, segundo a reflexão hermenêutica, a proposição de uma forma de ser-no-mundo, à qual chamaremos *ethos embrionário*.

Os relatos de percepção ambiental serão tomados não apenas como reações ao meio ambiente, mas como discursos nos quais se articulam sentidos constituídos por comunidades e pessoas, na tentativa de responder aos desafios colocados pela existência. Em particular, os conflitos ambientais são colocados, pela hermenêutica, no contexto de uma reflexão ampla sobre as formas humanas de produção da cultura, com seus símbolos e discursos que dão à vida uma perspectiva de transcendência. O recurso à hermenêutica de Ricoeur se justifica exatamente por proporcionar a passagem de uma fenomenologia das percepções ambientais a uma reflexão sobre as proposições de formas de ser-no-mundo-com-o-ambiente. Tal passagem é o que será tentado nos próximos capítulos.

#### 4 PERCEPÇÃO AMBIENTAL E ETHOS EMBRIONÁRIO

O conceito de percepção não é apenas um bom pretexto para que psicólogos adentrem o debate sobre a crise ambiental que vivemos. O conceito de percepção está no cruzamento de várias disciplinas: da filosofia, da psicologia, da lingüística, da geografia, da arquitetura. Talvez isso se dê porque a percepção é o momento mais originário de nossa humanidade, o primeiro passo em direção a nos tornamos humanos.

Se o aspecto mais singular da espécie humana é sua capacidade de representar a realidade e com ela operar consciente e racionalmente, o primeiro passo em direção a isso é proporcionado pela percepção. Esse é o momento em que o mundo à nossa volta torna-se não apenas uma coleção de estímulos, mas o sentido em sua forma mais original. Na percepção se cruzam o sensorial e a representação, o estímulo e o transcendental. Não é à toa que esse conceito pertence a um terreno indiviso entre a filosofia e a psicologia. Ele se encontra na passagem do animal reativo ao ser de transcendência.

Merleau-Ponty (2006) afirmava que a ciência pode ser entendida como uma continuação ou amplificação do movimento constitutivo das coisas percebidas. É como se um “silencioso industrioso” fosse o começo de toda ciência. Essa atividade primeira já é o que constitui o mundo de onde nossas descobertas são tiradas e para onde nos voltamos no afã de produzir intervenções.

Este capítulo pretende discutir como esse contato originário se dá. Busca-se demonstrar como a fenomenologia concebe a percepção no princípio de toda constituição de sentido. Chega-se, ao fim, a propor como a percepção ambiental se abre ao desvelamento dialético da proposição de uma forma de ser-no-mundo, a que chamaremos ethos embrionário.

#### 4.1 Fenomenologia da percepção

Nossa percepção do mundo é possível, em primeiro lugar, porque estamos mergulhados nele através de nosso corpo. A vivência corpórea é que garante uma aderência necessária entre a consciência e o mundo e faz com que o conhecimento mantenha seu enraizamento imprescindível na existência. Por meio das sensações somáticas, a consciência se estende na direção dos objetos a serem percebidos.

Assim, “a percepção é compreendida como a imitação ou o desdobramento das coisas sensíveis em nós, ou como a atualização na alma de alguma coisa que estava em potência num sensível exterior” (GILES, 1979, p. 142). Nos seres humanos, entretanto, a sensibilidade que torna possível a apreensão do mundo exterior não se encerra numa colagem de sensações e informações cenestésicas. Na atividade cognoscente propriamente humana, a percepção se dá imbricada no processo de constituir significações. Para Husserl, “a percepção é um ato que determina a significação” (apud TURATO, 2003, p. 205).

Para a fenomenologia, se é verdade que um objeto seja percebido através dos sentidos (como sensações somáticas), ele é percebido, entretanto, como dotado de um sentido (como significação ou essência). Para utilizar um exemplo husserliano, consideremos as figuras geométricas abaixo:

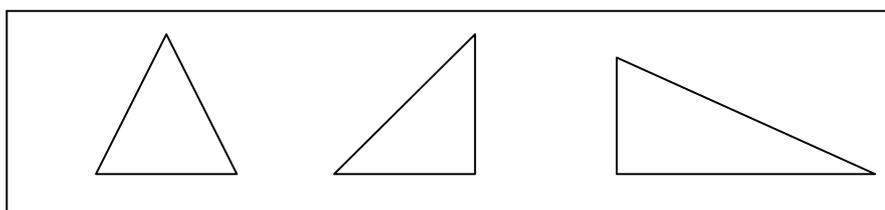


Figura 1: Percepção e significação

Embora cada uma delas imprima uma sensação diferenciada aos nossos olhos, a maioria dos seres humanos que passaram por alguma educação formal diria que se tratam de três triângulos. Em algum momento, a impressão sensível que

resulta da experiência com tal figura geométrica foi organizada sob o nome de “triângulo”. Ainda que em outras culturas as noções de geometria sejam diferentes ou que os triângulos sejam vistos com outros significados, o que importa é que, na consciência humana, o conhecimento dos objetos se dá mediante os sentidos que se constituem diante deles. Mesmo diante do completamente estranho, a consciência se esforça por assimilá-lo a estruturas de significação já existentes, operando, geralmente, por analogias, tornando o objeto cognoscível na medida em que lhe dá sentido.

No estudo da percepção é preciso considerar a valiosa contribuição histórica da chamada “Psicologia da Gestalt”, uma escola de psicologia desenvolvida na Alemanha das décadas de 20 e 30 do século passado.

A Psicologia da Gestalt está entre as abordagens que receberam influência da Fenomenologia. Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1962), que constituíam um grupo conhecido como “a Escola de Berlim”, rejeitavam o atomismo wundtiano e enfatizavam o papel da configuração, da forma (Gestalt, em alemão) que as sensações tomavam na consciência. As sensações percebidas se organizavam numa certa configuração, cujo resultado final não era igual à soma das partes.

Ao se dedicar ao estudo de como a consciência organiza os dados sensoriais, a Psicologia da Gestalt chegou a determinados princípios de organização perceptual (cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2007, p. 328-329):

- a) Proximidade: As partes bem próximas umas das outras no tempo e no espaço parecem unidas e tendem a ser percebidas juntas. Na figura 2, tendemos a perceber duas figuras distintas formadas por pequenos círculos e na figura da esquerda tendemos a perceber filas de círculos e não círculos separados.

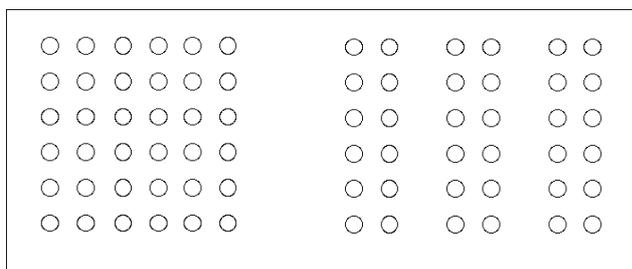


Figura 2: Ilustração do princípio da proximidade

- b) Continuidade: Tendemos a organizar os dados de maneira que eles se conectem e pareçam contínuos ou fluam em determinada direção. Na figura 2, no agrupamento da direita, tendemos a seguir os círculos de cima para baixo.
- c) Semelhança: Tendemos a agrupar as partes semelhantes. Na figura 3, tendemos a ver filas de círculos e filas de pontos.

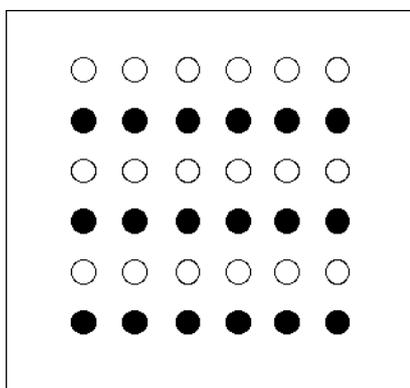


Figura 3: Ilustração do princípio da semelhança.

- d) Preenchimento: Nossa percepção tende a completar figuras que parecem incompletas. Na figura 4, tendemos a ver três retângulos.

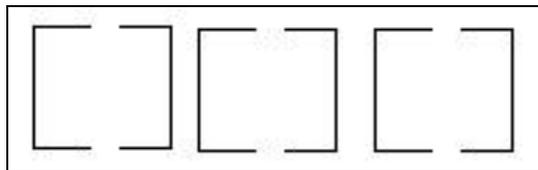


Figura 4: Ilustração do princípio do preenchimento.

- e) Simplicidade: Tendemos a organizar os dados em figuras simples e estáveis, formando uma “boa forma” ou “boa Gestalt”. Para isso, preferimos as simetrias e a estabilidade de estímulos. As imagens da figura 4 constituem uma boa Gestalt, porque há organização e estabilidade de estímulos.
- f) Oposição entre figura e fundo: A percepção tende a organizar determinadas informações como constituindo uma figura que se destaca de um fundo. Esse processo é reversível e na figura 5 podemos num momento perceber dois rostos e em outro perceber um cálice.

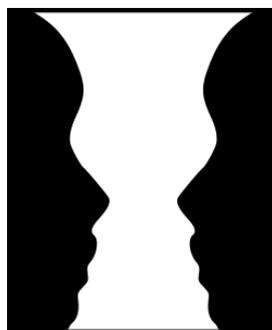


Figura 5: Ilustração da dinâmica figura-fundo.

O que de melhor tais princípios nos levam a concluir, de forma evidente, é que a percepção não se resume a uma colagem de estímulos ou a um feixe de sensações. Há um processo ativo do sujeito na organização dos dados. Passamos do universo das sensações ao universo do sentido.

*As experiências perceptivas surgem como configurações molares ou holísticas; não como mera conglomeração de sensações isoladas, mas como totalidades significativas que transcendem as propriedades singulares dos seus componentes. Interessa pois estudar os campos de significação,*

*imediatos para o sujeito, o todo dominando as partes e assumindo significações globais irreduzíveis. (SOCZKA, 2005, p. 44).*

Na perspectiva fenomenológica, a investigação das apropriações subjetivas do mundo inicia-se pela análise de como se dão as percepções. A constituição de uma percepção com essa ou aquela característica específica pode ser entendida como o embrião do sentido originário da experiência. É sobre o fundo arqueológico da percepção que se erige o edifício complexo das construções de sentido. Como afirma Ricoeur, a primeira verdade do mundo é a da percepção, pois “toda consciência atual se descobre envolvida por um horizonte de perceptibilidade que confere ao mundo a sua estranheza e sua abundância” (RICOEUR, 2009, p. 12).

Em outras palavras, a percepção é nossa mais primitiva forma de constituição do sentido:

*Para alcançar uma essência é preciso começar por uma percepção. A percepção serve de base, de ponto de partida para o eidos. Ela alimenta o eidos. Apenas não é fonte de validade para si mesma. Entre a percepção e o eidos, existe uma relação em que a percepção fornece o fundamento sobre o qual se constrói a visão da essência, que é uma retomada intelectual, uma elucidação ou explicitação daquilo que foi concretamente experimentado (GILES, 1979, p. 54).*

## 4.2 O sentido do sentido

Nota-se, pelo que já foi dito até aqui, que a noção de sentido será sempre fundamental para o ponto de vista fenomenológico-hermenêutico. Definir exatamente o que é o sentido, entretanto, não é uma tarefa simples.

Tradicionalmente, hermeneutas e materialistas não se colocam inteiramente de acordo sobre questões epistemológicas. Mas uma tentativa de reflexão sobre o sentido teria muito a ganhar se nos dispuséssemos a ouvir tanto um lado quanto o outro, numa espécie de dialética rudimentar.

A própria tensão que pode se estabelecer entre materialistas e hermeneutas já revela uma primeira dimensão do sentido. Ele é *conflito*. Se o materialista Comte-Sponville sugere que “é por haver demasiados sentidos que devemos procurar o melhor” (2000, p. 184), isso se dá porque reconhece que o mundo das

representações é essencialmente polissêmico. Estamos imersos num mundo de signos cuja tradução se abre em múltiplos lados. À variedade equivale a disputa. Estamos sempre em luta pela posse e pela afirmação do “melhor sentido”. Uma luta análoga àquela pela posse dos meios de produção de bens materiais: disputamos o controle das formas de produção do sentido, seja na ciência, nos meios de comunicação, nos partidos políticos ou na religião.

Mais acima, entretanto, afirmávamos que a primeira forma de compreender o sentido é como um *engajamento do próprio corpo*. O sentido é, antes de mais nada, o contato corporal do homem com o mundo, esse domínio intransponível a que chamamos o mundo-da-vida. Como afirma o hermeneuta Ricoeur, “todo sentido agido é um sentido assumido no corpo; toda práxis votada ao sentido é uma significação, uma intenção encarnada” (RICOEUR, 1977, p. 308).

Mas, talvez, a maneira mais comum de nos referirmos ao sentido seja na acepção de *significado*. Ao indagarmos pelo sentido de uma palavra ou expressão, estamos geralmente perguntando pelo seu significado, o que equivale a investigar qual é a relação que se estabelece entre aquele signo e seu referente no mundo da experiência. A semiótica saussuriana demonstrou que a relação entre significante e significado não tem consistência própria, mas é derivada da oposição que se estabelece com outros signos. Assim, o significado é, no fim das contas, uma forma de relação. “O sentido não é uma coisa, nem um ser, mas uma relação” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 191). Quando nos damos conta dessa dimensão de relação do sentido percebemos então que, fundamentalmente, o sentido é derivado de nossas formas de engajamentos existenciais.

Uma outra maneira também comum de utilizarmos a palavra sentido é na acepção de *rumo*. Perguntamos em que sentido nos deslocamos para ir de Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, qual é o sentido de uma rua, em que sentido a Marginal Pinheiros está interditada, etc. Nessa acepção, sentido equivale a uma direção do movimento, significa uma compreensão da mobilidade do ser. Assim também, se nos perguntamos pelo sentido da vida, fazemos questão sobre o rumo que toma nossa existência. “O sentido é um rumo que se apela, uma solicitação que se faz ouvir, um apelo obstinado que se insinua e persegue” (CRITELLI, 1996, p. 135).

Só é possível perguntar sobre o rumo da existência humana porque ele é fundado sobre a liberdade. Portanto, o sentido tem também o caráter de expressão de um *feixe de escolhas*. Na multiplicidade das possibilidades, o sentido se afirma como um conjunto de escolhas sobre o qual se funda o ser. “Coloco-me como já colocado em meu desejo de ser”, dizia Ricoeur (1977, p. 370). A existência é também “apetição” e dar sentido é colocar o desejo de ser sob a perspectiva das escolhas.

Qualquer indivíduo com um pouco de autoconsciência já deve ter experimentado a sensação de bem-estar quando se dá sentido a alguma experiência. Quando, por exemplo, se recebe um diagnóstico de uma doença, mesmo que não nos seja dada a cura imediata, já nos sentimos mais tranquilizados ao darmos nome ao nosso sofrimento. Os diagnósticos, os exorcismos, as propagandas, todos esses procedimentos devem ao menos metade de sua eficácia ao fato de que o sentido é também *satisfação afetiva*. Na infinidade dos sentidos possíveis, me tranquilizo, me satisfaço, ao encontrar razões para me deter sobre um determinado sentido da experiência. Esse aspecto de investimento afetivo do sentido deve ser bastante destacado ante certas tendências que exacerbam o caráter cognitivo do sentido. O sentido se constitui lá onde afeto e representação se fundem.

Sobre os nossos vazios construímos redes de palavras. Quando a morte nos assalta, sobre o seu imenso vazio erigimos edifícios de sentido que nos abriguem. “O sentido não ressuscita os mortos, mas tranquiliza os vivos” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 189). Às vezes afirmamos que esses sentidos pré-existem a nós mesmos. Uma atitude que Sartre diria ser de má-fé. Adivinhado ou inventado, o sentido nos defende contra o absurdo da existência. O sentido é também *defesa*. Uma tela de significados que cerca os horizontes da vida, ante a possibilidade de um desterro, de um imenso deserto onde nada nos abriga.

Dar sentido é uma forma de cuidar do ser. O sentido é também *cuidado*, na acepção heideggeriana do termo. “Aquilo que se cuida e os modos de cuidar estão concretizados, objetivados nas montagens do mundo e falas a respeito do mundo, de sua produção” (CRITELLI, 1996, p. 127). Em Heidegger, o cuidado possui um caráter ontológico, está na própria constituição do ser humano. Essa dimensão ontológica se

revela, entretanto, de modo ôntico, nas diversas estruturações do sentido: as visões de mundo, as ideologias políticas, os recortes epistemológicos, etc. Somos “pastores do ser”, na medida em que nos humanizamos em formas provisórias do sentido. O que é real é inventado, diria Guimarães Rosa. Nessas ficções necessárias, contudo, se constitui o esboço do que pode vir a ser nossa melhor humanidade.

Todos esses rebentos do sentido na existência seriam eles mesmos epifenômenos de um Sentido final? O sentido é também *manifestação do Sentido*? Para Sartre, a afirmação de um Sentido ao qual todos os outros estariam submetidos significaria a aniquilação da liberdade humana. “Dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido *a priori*” (SARTRE, 1987, p. 21). Identificar os sentidos particulares que se produzem numa existência singular com a expressão de um Sentido último é a ilusão idólatra. “A religião é isso mesmo: a crença num sentido do sentido, além dos signos, das palavras e legitimando-os com sua verdade”, afirma Comte-Sponville (2000, p. 218). Para Ricoeur, entretanto, a religião é celebração de um sentido Todo-outro, que se dá como uma implosão dos sentidos que reificam o horizonte histórico e se apropriam de forma hegemônica dos caminhos da liberdade. A polissemia deliberada do símbolo, cultivada nas celebrações religiosas, ao mesmo tempo que liberta o sentido, corre o risco de se aprisionar nos discursos proselitistas. “A fé é essa região da simbólica onde a função de horizonte não cessa de decair à função de objeto, dando origem aos ídolos” (RICOEUR, 1977, p. 423).

Nossa relação com o sentido é, portanto, ambígua. O mesmo sentido que nos protege, nos aprisiona; se nos guia, também nos ilude; ao nos humanizar, pode também nos coisificar. A fenomenologia hermenêutica deve ser, assim, um reconhecimento dessa ambigüidade. Uma maneira de descortinar os sentidos que os seres humanos constituem nos mais diferentes contextos para fazer frente à dureza da existência, libertando o seu poder humanizador, ao mesmo tempo em que revela o seu potencial de alienação.

### 4.3 A provisoriedade das representações

Em torno do conceito de percepção se abre um expressivo debate: há uma humanidade anterior à representação? A ideia de que a linguagem funda o homem está presente de diversas formas na ciência moderna constituída na chamada “viragem linguística”, o *linguistic turn*. Nos meios fenomenológicos é mais ou menos consenso a ideia de que a vivência imediata tem a primazia sobre o sentido. Mas não parece inteiramente resolvida a questão de saber se essa vivência se funda *na* linguagem ou *antes* da linguagem.

Para Heidegger, todo o debate epistemológico posterior a Kant ficou preso à noção de que a possibilidade de se descortinar uma verdade sobre o ser humano se estanca na representação. Com o veto kantiano, a discussão não ultrapassaria a antinomia sujeito-objeto. O pensamento existencial de Heidegger pretendia ser uma ultrapassagem dessa barreira, uma tentativa de voltar-se sobre a questão do ser do homem, para além de nossas representações. O conceito de *Dasein* será, assim, a porta de entrada para uma ontologia fenomenológica, que se volta sobre o ser humano já aí, engajado na vida, para descobrir-lhe sua humanidade.

Há, entretanto, toda uma psicologia fundada em torno do problema da consciência de si como fruto da representação. Por esse caminho, chega-se à centralidade da noção de *self* e o problema fundamental do ser humano consistirá em estabelecer relações mais congruentes entre a representação e sua vivência imediata.

A psicoterapia pode ser compreendida como a criação de uma situação de ausência de ameaça à representação de si, para que as experiências em desacordo com ela possam ser “percebidas e organizadas, fazendo com que a auto-imagem seja revisada sem medo de perda de identidade” (ERTHAL, 1990, p. 66). A psicoterapia existencial deve levar à falência das representações, para que daí o ser possa emergir em toda a sua liberdade.

*Na medida em que nos vemos em aberto e percebemos a ilusão e provisoriedade de nossas identificações, podemos nos apropriar de outras possibilidades e construir novas identidades, estabelecendo outras formas de lidar com o mundo e com os outros. (SÁ; RODRIGUES, 2008, p. 44).*

Temos que pressupor uma constante tensão entre o ser e suas representações. A vida insiste nos limites de sua expressão. Desde o debate entre Parmênides e Heráclito, nosso problema continua sendo o de buscar alguma inteligência nessa vida que desaba sobre nossas construções de sentido e humilha nosso conhecimento e nossa arte. Para Ricoeur, a noção fundamental de redução fenomenológica deve significar exatamente uma atitude de desapossamento das representações conscientes. Para ele, “é, pois, por uma humilhação, uma ofensa a esse saber da consciência imediata, que a fenomenologia começa” (RICOEUR, 1977, p. 305).

A representação não deve ser entendida como o nosso adversário, já que, de uma forma ou outra voltamos a ela. Não conseguimos viver sem nos representarmos. A bandeira do time de futebol, o nome na carteira de identidade, a imagem do santo dependurada na parede, são formas de nos constituirmos no mundo e delas não abrimos mão com facilidade.

O que é problemático é o apego defensivo às representações como se elas fossem a garantia de uma sobrevivência do ser. No final desse processo defensivo se constitui um Eu inflado de certezas e arrogâncias. O ser flui, o eu tende a ser estático. Mas o eu é apenas uma ficção necessária, como outras que de que a vida humana necessita para se constituir.

*Representações e relatos sobre si estão sempre atrasados. Anúncios de um produto perecido de ofício. Comunicação do que não é mais. Depoimentos e perfis, tão ávidos pelo flagrante ao vivo e condenados a descrever cadáveres. Morbidez. Olhar travestido de um mutante para um eu que, passo a passo, vai-lhe fugindo ao viver. Ritmo de uma melodia eterna sem refrão. Processo inesgotável do fracasso. Perseguição frustrante de um distanciamento progressivo. Mundo fugaz. Espelho da fugacidade do eu. (BARROS FILHO; LOPES; ISSLER, 2005, p. 17).*

O problema, então, não é representar, mas querer aprisionar o vivido na representação. Como afirma Ricoeur, “a dinâmica do sentido operado (em exercício ou em ação) é mais originária que a estática do sentido proferido ou representado” (RICOEUR, 1979, p. 307). Investigar a percepção é deslocar o sentido na direção em que ele resiste à ação domesticadora das formas instituídas de representação. É apontar a existência de um sentido em seu estado xucro. Esse é o momento em que

o sentido é primeiramente uma certa forma de contato com o mundo, uma apropriação corporal do vivido.

*Sempre um sentido em ato precede o movimento reflexivo, sem que este possa jamais alcançá-lo. A impossibilidade da reflexão total, portanto, a impossibilidade do saber absoluto hegeliano, portanto, a finitude da reflexão, como deduziram Fink e Waelhens, estão inscritas nesse primado do irrefletido sobre o refletido, do operado sobre o proferido, do efetivo sobre o temático. (RICOEUR, 1977, p. 306).*

O que é anterior ao discurso nele se mostra apenas entre as suas trincas, nos “apelos do ontológico” que se insinuam na vida cotidiana. Ao tentarmos falar dessa dimensão anterior da percepção, voltamos, contudo, ao domínio das representações. Estamos novamente no círculo hermenêutico. O que nos resta é permanecer no interior de uma abertura, no inacabamento de todo sentido, na provisoriedade de toda representação.

Nossa conclusão é, pois, que só chegamos à percepção por seu desdobramento numa interpretação. Precisamos de uma hermenêutica que, ao mesmo tempo, recolha nos discursos suas pepitas de sentido e guarde espaço para um excesso, um fundo afetivo ainda não representado. Uma hermenêutica que se volte sobre as narrativas e exponha ali a vida em tensão com suas expressões.

Por outro lado, a percepção já é uma proposta de sentido e, como tal, uma forma embrionária de visão de mundo, de uma maneira de se colocar frente ao ambiente. Na percepção já se acha o proto-sentido com o qual a ética ambiental estará em tensão de validação ou retificação.

#### **4.4 Uma dialética hermenêutica**

A noção de percepção ambiental precisa ser contraposta a uma interpretação ambiental que, dialeticamente, aponte a reflexão na direção dos engajamentos existenciais mais originários e antecipe as formas de humanidade presentes nas narrativas. Vamos buscar essa dialética na proposta de Ricoeur de uma hermenêutica que se apresente como uma reflexão entre a arqueologia e teleologia do discurso.

Em “Da interpretação, ensaio sobre Freud” (1979), escrito originalmente em 1965 e analisado por nós em outro contexto (PACHECO, 2004), Ricoeur está mobilizado em encontrar um “lugar filosófico” para a Psicanálise e a entende como uma investigação sobre a anterioridade do sentido em relação às representações conscientes. A Psicanálise constitui, para Ricoeur, uma arqueologia do discurso e denuncia o “inultrapassável do desejo” em toda produção humana. Esse deslocamento do sentido em direção à anterioridade não é, contudo, o único que deve ser empreendido na reflexão. É preciso um outro deslocamento que aponte na direção daquilo que o discurso representa como uma explicitação do espírito, isto é, aquilo que representa nossa mais elaborada humanidade. Em todo discurso, e mais efetivamente no discurso simbólico, há esse duplo movimento: em direção ao engajamento mais primário na vida e em direção ao projeto mais elaborado de existir. “Pela reminiscência, a antecipação; pelo arcaísmo, a profecia” (RICOEUR, 1979, p. 401).

A dialética hermenêutica consistiria em revelar, no discurso, a dupla orientação do sentido:

*As duas hermenêuticas voltadas, uma para o ressurgimento de significações arcaicas pertencentes à infância da humanidade e do indivíduo, a outra para a emergência de figuras antecipadoras de nossa aventura espiritual, outra coisa não fazem que desdobrar em direções opostas os esboços de sentido contidos na linguagem rica e cheia de enigmas que os homens, ao mesmo tempo, inventaram e receberam para dizer sua angústia e sua esperança. (RICOEUR, 1979, p. 401).*

Dessa perspectiva, poderíamos encontrar também nos discursos que os seres humanos expressam sobre sua relação com o meio ambiente essa dupla orientação. A percepção ambiental revela tanto aquilo que se constitui no engajamento mais primitivo dos seres humanos com o ambiente, quanto aquilo que está em potência de se constituir numa maneira esperada de existir ecologicamente.

No momento arqueológico de uma hermenêutica do discurso de percepção ambiental, vamos em direção ao pré-reflexivo, ao não objetivado da percepção. Esse é o momento em que identificamos no discurso o seu caráter de envolvimento corporal e afetivo. A percepção aqui já é sentido. O sentido de uma certa forma de estar-no-mundo com o ambiente. E, no entanto, ainda não é todo o sentido.

Vamos encontrar o sentido se estendendo na direção do devir, em que as verdades são retro-significadas, em que se produzem constantemente as ressignificações da existência.

Desse outro momento, na direção da qual se abre o sentido, nos ocupamos no momento teleológico da reflexão. *Telos*, em grego, quer dizer fim, e o adjetivo teleológico aqui traduz a ideia de um sentido que vai do fim para o começo, em que “a verdade de um momento reside no momento seguinte” (RICOEUR, 1979, p. 376).

Investigar uma percepção ambiental, debruçados sobre o discurso de um indivíduo ou de uma comunidade, equivale a fazer uma exegese de como os investigados constituem a consciência de si mesmos. Mesmo na opacidade, o sentido de uma percepção emerge como uma construção de mundo. O momento teleológico da hermenêutica da percepção ambiental revela o que os discursos representam como forma de viver.

*Uma exegese da consciência consistiria numa progressão através de todas as esferas de sentido que uma consciência deve encontrar e de que deve se apropriar, para se refletir a si mesma como um si, um si humano, adulto, consciente. (RICOEUR, 1979, p. 376).*

Chegamos, então, ao momento em que a percepção se abre a uma hermenêutica das formas de ser-no-mundo. Já no capítulo 3 dizíamos que, em Ricoeur, “interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto” (1988, p. 56). Esse *diante* quer dizer tanto que o sentido não está *atrás* do discurso, quanto que o sentido é também proposição de mundo, “um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios” (RICOEUR, 1988, p. 56).

Ao citar a noção de ser-no-mundo, Ricoeur se apropria de uma terminologia heideggeriana, mas não adere inteiramente à perspectiva do filósofo alemão, autor de “Ser e Tempo” (HEIDEGGER, 1988). Como mencionado no capítulo 3, para Ricoeur, a proposta heideggeriana é uma “via curta” para se chegar a uma reflexão sobre o ser, a uma ontologia. A proposta de Ricoeur passa por uma “via longa”, onde o sentido do ser não se apresenta de modo direto, mas pela interpretação das objetivações do ser nas obras de cultura.

Se considerarmos os discursos em torno da percepção ambiental como imersos numa diversidade de sentidos, onde a singularidade das interações sociais e históricas afirma e reinventa uma tradição cultural (CARVALHO, 2003b), podemos encontrar aí o ser em sua tentativa de se constituir como uma identidade, ao mesmo tempo em que é projeto de transformação histórica.

O discurso de percepção ambiental tem, então, os mesmos efeitos daquilo que Carvalho (2001; 2003) postulou como efeito da narrativa nos relatos autobiográficos. Todo discurso, ao revelar uma forma do estar-no-mundo, é também narrativa de si e como tal porta um caráter ético<sup>4</sup>.

#### 4.5 O conceito de *ethos* embrionário

Chegamos, assim, à tese fundamental de nosso estudo: percepção ambiental é *ethos embrionário*. Antes de traduzirmos melhor essa afirmação, remontemos à noção de *ethos*.

A palavra ética provém da fusão de duas noções distintas da palavra *ethos* na língua grega. Com *eta* inicial (ητος), *ethos* designa a morada do homem, isto é, um espaço que não é simplesmente dado ao homem, mas por ele é construído e reconstruído segundo um *logos*. “É, pois, no espaço do *ethos* que o *logos* torna-se compreensão e expressão do ser do homem como exigência radical do dever-ser ou do bem” (VAZ, 1993, p. 13).

Com *épsilon* inicial (ετος), *ethos* se refere a um comportamento que resulta de uma repetição, do hábito que constitui um costume e que dá uma certa noção da maneira correta de exercer determinada ação.

*Ethos* se refere, portanto, tanto a uma forma de habitar o mundo segundo um sentido do que é o melhor, quanto a uma forma instituída de agir. Dessa dupla noção deriva o uso da palavra ética, cujos desdobramentos se espraiam na história da filosofia. Sem nos prolongarmos na semântica do termo, podemos dizer que ética

---

<sup>4</sup> O caráter ético da narrativa de si foi investigado por Ricoeur em “Tempo e Narrativa” (1994) e culminou com a obra mais significativa de sua última fase “O si-mesmo como um outro” (1991).

traduz “a intenção de uma vida realizada sob o signo de ações estimadas boas” (RICOUER, 1995, p. 161).

A questão ética diz respeito a uma proposição de mundo e, como tal, a um sentido do agir, da construção do espaço vital, do rumo que se dá à existência, enfim, de uma concepção de como deve ser a vida em sua forma mais plena.

Vimos que todo sentido emerge, em primeiro lugar, de uma certa forma de contato com o mundo, mas não se detém aí, pois acresce sua inteligibilidade nos contornos que vai ganhando na produção dos discursos. Essa produção se dá no encontro do sentido próprio com a alteridade. A dimensão ética é essa instância que instaura uma abertura do sentido na direção do outro. A interrogação sobre a percepção é, fundamentalmente, uma interpelação pelo sentido dos atos de um sujeito, que lhe é dirigida pelo outro. Falarmos em ética ambiental “é abordar *diretamente* a questão do sentido das relações *humanas*, com o Outro em vários e interconectados sentidos” (PELIZZOLI, 2002, p. 181).

A estima de si que a aspiração ética supõe só encontra sua consistência numa posição dialogal em que o sentido da ação se configura. A estima de si precisa encontrar o outro pólo em que a ação ética se estende, aquilo que Ricoeur denomina “solicitude”.

*É só por abstração que se pode falar da estima de si sem pô-la em dupla com uma demanda de reciprocidade, segundo um esquema de estima cruzado, que resume a exclamação tu também: tu também és um ser de iniciativa e de escolha, capaz de agir segundo razões, hierarquizar teus fins; e, estimando bons objetos da tua busca, és capaz de estimar a ti mesmo. (RICOEUR, 1995, p. 163).*

Inspirado em Gadamer, Grün (2007) nos convida a abrir nossa sensibilidade à outridade da própria natureza. Por via de uma postura hermenêutica, podemos desenvolver uma verdadeira escuta da Natureza, antes de adiantar a ela os sentidos do nosso desejo de dominar.

*Na verdade, qualquer tentativa de interpretar a Natureza por meio da vontade de dominar não é de modo algum interpretação, uma vez que, para a interpretação ser possível, é necessário que a unidade de significado do Outro permaneça como auto-apresentação. (GRÜN, 2007, p. 154).*

A ética hermenêutica é, fundamentalmente, uma tentativa de nos desprendermos do narcisismo mais infantil que se imiscui em nossas decisões e deixar o espaço aberto à novidade do outro, seja ele a Natureza, o próximo, ou o devir do próprio ser.

Por *ethos embrionário*, então, referimo-nos a esse primeiro sentido que se revela na percepção ambiental e cuja fecundidade não se encerra nele, posto que se abre para a constituição de uma visão de mundo mais ampla, a qual significa dialeticamente nosso agir particular. Trata-se do embrião de sentido de uma postura ética. Esse *ethos embrionário* não está lá, como que pronto no discurso a ser capturado numa metodologia direta, mas é descortinado na interpretação das percepções, segundo uma hermenêutica de orientação arqueológica e teleológica. Nessa perspectiva, a relevância do conceito de percepção ambiental é devedora de sua interpretação no contexto amplo da reflexão ética que se desdobra dos sentidos do agir humano frente ao ambiente.

O momento fenomenológico da investigação sobre percepção ambiental está desde sempre implicado no seu momento hermenêutico. Aquelas unidades de sentido investigadas só nos interessaram, na verdade, porque delas já antevíamos os contornos de uma ética ambiental em sua expressão mais arcaica. Importa à inteligência hermenêutica oferecer esses contornos a uma compreensão sempre aberta, sempre provisória, mas nem por isso menos útil na superação dos impasses da relação entre o ser humano e o meio ambiente.

## 5 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Neste capítulo, pretendemos demonstrar como podemos utilizar o método fenomenológico tradicional, de modo a chegar a uma reflexão hermenêutica que propicie o desvelamento do ethos embrionário contido nos discursos que revelam uma percepção ambiental.

Reconhecendo a existência de uma variedade de propostas fenomenológicas nas ciências humanas, nosso estudo faz uso de uma fórmula bastante conhecida, mas a modifica na direção incorporar a perspectiva fenomenológico-hermenêutica de inspiração ricœuriana que nos dirige.

### 5.1 A investigação fenomenológica

As perspectivas de utilização dos princípios da fenomenologia não vão numa direção única, mas, de um modo geral, pode-se dizer que o objetivo do método fenomenológico consistirá, fundamentalmente, “em analisar e descrever com o maior rigor possível o universo dos fenômenos, esforçando-se, ao mesmo tempo, por apreender as relações que os ligam entre si, o que equivale a ultrapassar a pura descrição e captar o sentido originário” (GOTO, 2004, p. 26).

A investigação fenomenológica visa o conteúdo eidético de um determinado fenômeno, seja no plano individual ou social.

*Ao adotar um modo fenomenológico de conduzir a pesquisa, o psicólogo e o educador procuram reavivar, tematizar, e compreender eideticamente os fenômenos da vida cotidiana à medida que são, tais fenômenos, vividos, experienciados e conscientemente percebidos (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 76).*

O conteúdo eidético é aquilo que faz com que um fenômeno seja ele mesmo, é sua essência. Assim, ao visar uma caneta, apresenta-se à consciência uma essência que lhe dá o sentido e lhe permite ser reconhecida como tal. Para Husserl,

existiriam tantas essências quantos fossem os significados que poderíamos dar aos fenômenos.

Evidentemente, uma pessoa de uma cultura muito diferente poderia ter diante de si uma caneta e atribuir-lhe um sentido completamente distinto daquele do ocidental escolarizado. O que demonstra que o sentido do fenômeno é dado numa certa forma de relação com o mesmo. A análise dos sentidos é, fundamentalmente, a análise de uma relação que se estabelece entre sujeito e objeto. É essa forma de relação que podemos conceber naquilo que Husserl chamava de *intencionalidade da consciência*. A consciência não é um arquivo onde se guardam os atributos de um objeto percebido, mas uma visada que une sujeito e objeto num todo relacional<sup>5</sup>.

A pesquisa fenomenológica deve partir de uma atitude básica: a suspensão do juízo. Para a apropriação do sentido que uma experiência ganha para os sujeitos pesquisados, o pesquisador precisa suspender provisoriamente seus próprios significados. Esta atitude fundamental foi chamada de *epoché* e exprime uma postura de acolhimento empático do mundo referencial do indivíduo ou da comunidade pesquisados.

Do ponto de vista da fenomenologia, o mundo aparece à consciência como um fenômeno, isto é, como algo dotado de significação, o que equivale a dizer, como algo dotado de uma essência. Interessa ao fenomenólogo investigar como se constituem as essências, através de uma análise eidética (*eidōs* = essência, ideia). Essa análise se abre em duas direções igualmente úteis.

Por um lado, ao se fazer a fenomenologia de uma experiência específica, é preciso investigar as variações possíveis, para se chegar ao seu núcleo invariante. Fazer uma fenomenologia do amor, por exemplo, equivale a analisar as diversas experiências percebidas como tal, para se chegar ao seu significado comum.

Como afirma Ricoeur, “toda fenomenologia se faz no plano de uma intuição do *eidōs*; ela não se detém no vivido individual incomunicável, mas atinge no vivido a sua articulação interna inteligível, sua estrutura universal” (RICOEUR, 2009, p. 10).

---

<sup>5</sup> No projeto final de Husserl, a polarização sujeito-objeto vai, cada vez mais, cedendo espaço para o reconhecimento de uma conaturalidade expressa no conceito de *Lebenswelt*. A contestação mais profunda dessa polarização será dada por Heidegger, através da noção de ser-no-mundo.

Por outro lado, numa perspectiva que também interessa ao psicólogo, fazer uma análise eidética equivale a investigar como se produziram as significações das experiências de um sujeito em particular, significações essas que podem, muitas vezes, serem até aberrantes em relação àquelas da maioria. Ao psicólogo fenomenólogo interessa exatamente investigar as constituições subjetivas de significações que emanam das existências concretas e particulares.

A fenomenologia foi constituída, desde seu início, como uma tentativa de dar rigor à análise das apreensões subjetivas de sentido. Esse rigor não seria buscado fora do mundo da subjetividade, numa tentativa de objetivismo ilusório, mas exatamente no plano da racionalidade que emerge na intersubjetividade. Como observa Merleau-Ponty (2006), o projeto mais importante da fenomenologia é unir o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo, na medida em que o método aí constituído pretende ser um instrumento rigoroso de apreensão do mundo subjetivo.

*O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minhas experiências, e na interseção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que forma sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas e minhas experiências presentes, das experiências do outro na minha (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 18).*

A pesquisa fenomenológica visa à explicitação de significados que constituem uma determinada forma de estar em relação com o próximo, com o ambiente, enfim, com a existência, ou ainda, como será visto mais adiante, a explicitação de uma forma de ser-no-mundo.

*A pesquisa fenomenológica está dirigida para significados, ou seja, para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe. Ao se concentrar nos significados, o pesquisador não está preocupado com fatos, mas com o que os eventos significam para os sujeitos da pesquisa (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 93).*

Nem todos os significados da experiência estão, todavia, claramente explícitos para aquele que a vivencia e dela dá testemunho. Como esclarece Giorgi (2005, p. 82), a relação com o objeto é vivida diretamente e seu significado apresenta-se, de início, anexado a ele, sendo discernível pelo ato de reflexão.

A dimensão do irrefletido permanece como uma inarredável zona de opacidade na comunicação de uma experiência. Martins e Bicudo advertem que “os significados que o pesquisador pode detectar nas descrições têm como referência a totalidade das experiências vividas pelo sujeito; essa totalidade vai além da consciência explícita do sujeito” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 94). Por isso, a fenomenologia hermenêutica almeja “descobrir sentidos que não são imediatamente manifestos ao nosso intuir, analisar e descrever, devendo-se ir além do que é simples e diretamente dado” (MOREIRA, 2002, p. 101).

Isso não quer dizer que o pesquisador possa dizer melhor que o sujeito pesquisado quais são os sentidos ocultos de sua experiência, mas que a postura do pesquisador é a de supor sempre que os sentidos das experiências não se encontram já prontos e evidentes nos relatos, mas a interpretação deve “guardar espaço” para um excedente de sentido, que é dinâmico e que pode reorganizar o conjunto das significações.

A própria entrevista é uma oportunidade para que o irrefletido emerja imediatamente no relato e provoque, *a posteriori*, uma reorganização da experiência. O que ressalta ainda mais a responsabilidade do pesquisador como um agente de transformação, na medida em que não se exime de participar do processo de construção de significados da comunidade que pesquisa.

O trabalho de interpretação não é uma atividade simplesmente passiva do pesquisador, mas é um processo ativo de construção de relatos e descrição de mundos. “O pesquisador ao mesmo tempo em que descobre, atribui significado àquilo que está descobrindo e vendo. O *insight* psicológico é tanto uma descoberta, quanto uma criação” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 101).

Impõe-se aqui, dessa forma, a discussão sobre até que ponto o que se levanta numa pesquisa de percepção ambiental é, do ponto de vista da fenomenologia, uma verdadeira percepção, ou já é uma elaboração mais complexa a que se poderia chamar de reflexão.

Entendendo-se por reflexão “o esforço de um sujeito que apreende a significação de sua experiência” (GILES, 1979, p. 49), pode-se dizer que uma entrevista de percepção ambiental revela uma percepção originária que foi assumida

num maior ou menor nível de reflexão da experiência. A própria entrevista é um acontecimento singular que provoca um esforço reflexivo sobre a percepção originária. Cabe ao investigador, portanto, na construção da análise, avaliar em que medida o relato revela uma elaboração reflexiva mais aprofundada sobre a experiência do entrevistado.

Isso nos leva a discutir até que ponto a pesquisa fenomenológica traduz aquilo que Merleau-Ponty esperava da reflexão filosófica:

*Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização. (...) A redução eidética (...) é a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos, é a ambição de igualar a reflexão à vida irrefletida da consciência (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 13).*

Se esse projeto é factível como reflexão própria, o seria também como análise da percepção de outrem? Como chegar à “experiência ainda muda”, se o que temos para analisar são discursos?

O professor de antropologia na Universidade da Califórnia, Thomas Csordas, tenta ser fiel à proposta de Merleau-Ponty através da proposta de um “paradigma da corporeidade”. Para ultrapassar o limite de uma ciência da representação, que se detém na antinomia sujeito-objeto, Csordas (2008) pretende ir à experiência pré-objetiva e pré-reflexiva do corpo. A experiência corporal seria essa instância em que a percepção não é representação de objeto, mas pura vivência.

Na tentativa de descrever uma experiência pré-objetiva do corpo, Csordas se dedica à análise de comportamentos religiosos de grupos carismáticos norte-americanos. Ao descrever, por exemplo, o caso de Martin - um homem que se dizia atormentado por possessões demoníacas - Csordas conclui que “o paradigma da corporeidade é útil para comparar diferentes relatos culturais da experiência fazendo uma descrição da base comum de onde esses relatos são abstraídos” (2008, p.219). Em outras palavras, a análise fenomenológica *do relato* de um católico carismático aponta para uma experiência corporal comum a outras manifestações religiosas.

Ora, o que se evidencia aqui é que não temos outro meio de surpreender uma experiência pré-objetiva, a não ser pela análise de suas objetivações no discurso.

Assim, parece mais razoável (e mais modesto) dizer que a fenomenologia se *esforça* por extrair o sentido imediato de uma vivência a partir da análise. Nessa direção, AmatuZZi admite que o vivido não se manifesta de modo puro:

*Se “vejo” o vivido, aquilo que vejo não é mais o puro vivido, mas o vivido “visto”, e portanto de determinado modo formulado. Se digo o vivido, aquilo que digo já é o vivido dito, e portanto composto com palavras. Meu acesso de pesquisador ao vivido se dá portanto como através de versões dele. (AMATUZZI, 2005, p. 19).*

O que distingue o método fenomenológico dos outros métodos qualitativos é, assim, o esforço por descrever uma experiência imediata em que o sentido emerge como uma vivência que engaja corporalmente o ser humano, num limite em que o sentido da percepção não é aquisição de um sujeito frente ao objeto, mas expressão do ser-no-mundo.

Como esclarece Giorgi (2001, 2005), o método fenomenológico rejeita a absolutização de uma perspectiva empirista herdeira de uma epistemologia positivista. Assim, a validade das descobertas oriundas do método fenomenológico não deve ser buscada mediante a constituição de juízes que avaliariam a correta correspondência entre as proposições e algo empírico, observável e concreto. A abordagem fenomenológica não é uma negação da realidade empírica, mas coloca entre parênteses sua facticidade para concentrar-se nos significados produzidos na experiência humana. O método fenomenológico “concentra-se, então, no sentido do empírico ao invés de concentrar-se no empírico em sua facticidade” (GIORGI, 2001, p. 148).

Não existe uma garantia de que as apropriações de sentido obtidas pela abordagem fenomenológica sejam expressão exata da experiência dos sujeitos investigados. Uma arbitrariedade das formulações é dirimida através de, pelo menos, dois cuidados: o rigor em se produzir a redução fenomenológica e a compreensão de que toda interpretação é provisória e, portanto, sujeita a confrontações e reformulações.

## 5.2 Sobre a entrevista

Além das observações comumente encontradas nos manuais de metodologia ou nos livros de antropologia, sobre a entrevista como instrumento de coleta de dados (RUBIN e RUBIN, 1995; SPRADLEY, 1979), seria conveniente, para explicitar o ponto de vista aqui adotado, fazer referência a alguns procedimentos adotados pela abordagem não-diretiva em Psicologia.

Numa abordagem não-diretiva, ainda que se utilizem roteiros semi-estruturados, o importante é seguir o *campo de referência* do entrevistado. Mesmo que isso muitas vezes pareça nos levar para longe do foco pesquisado, é importante observar em que direções se abrem as teias de sentido implicadas nas percepções. Especialmente, é preciso notar os comprometimentos afetivos implicados nelas.

Assim, pode ser muitas vezes conveniente um treinamento da equipe de entrevistadores segundo os fundamentos da abordagem não-diretiva. Esse treinamento passa pelo desenvolvimento de determinadas habilidades, como as sugeridas por Benjamin (1998). Embora esse autor se refira mais de perto a um enquadramento clínico, suas observações são úteis também em pesquisas de campo. Para ele, é preciso evitar:

- a) Perguntas fechadas: aquelas que restringem a direção a ser tomada pelo entrevistado. “Você se sentia bem naquela festa?” é uma pergunta mais fechada em relação a “Como você se sentia naquela festa?”.
- b) Perguntas que incluem ou induzem uma determinada resposta.
- c) Perguntas duplas: podem causar dificuldade tanto para o entrevistado, no momento de responder, quanto para o entrevistador, no momento de analisar, pois pode haver uma indecisão quanto a qual pergunta se refere a resposta.
- d) Bombardeio de perguntas: constantemente a ansiedade pode levar o pesquisador a proteger-se de um silêncio constrangedor ou de uma proximidade que lhe é difícil fazendo muitas perguntas.
- e) O “por que” como forma de reprovação ou a exigência de uma clareza que o entrevistado não tem condições de expressar no momento.

De um modo geral, os autores não-diretivos terminam por questionar o próprio uso de perguntas na entrevista. Isso não quer dizer que esse tipo de estímulo deva ser abolido, mas que devemos sempre pensar se temos outras alternativas para ajudar o entrevistado a explorar mais o material que traz. A alternativa que o método não-diretivo propõe é a resposta empático-reflexiva, ou resposta-reflexo, como a definiu Rogers (ROGERS; KINGET, 1977).

A resposta empático-reflexiva é um tipo de estímulo que favorece a exploração de uma determinada vivência narrada pelo entrevistado. Trata-se da comunicação pelo entrevistador da compreensão que está obtendo da experiência do entrevistado em pelo menos três níveis: de conteúdo, de comportamento, de vivência emocional. O entrevistador simplesmente devolve ao entrevistado aquilo que capta de sua experiência, sob a forma de uma síntese, uma paráfrase ou mesmo uma metáfora, fornecendo um reflexo verbal no qual o entrevistado se vê, e criando uma atmosfera não-repressiva. Esse procedimento, que à primeira vista pode parecer simples e até redundante, não é tão fácil de se efetuar quanto parece e seus resultados podem ser mais frutíferos do que a insistência em perguntas que muitas vezes descambam para um modelo de interrogatório caracterizado pela passividade do entrevistado.

Evidentemente que, dados os objetivos e as limitações de uma entrevista de campo, nem sempre a resposta empático-reflexiva será utilizada. Mas o seu uso em determinados “pontos-chaves” da narrativa do entrevistado poderá ser bastante útil para aclarar vivências e percepções.

Na definição da população a ser entrevistada, o importante “é considerar que quanto maior for o número de sujeitos, maior será a variabilidade ou variações e, portanto, uma melhor capacidade para ver o que é essencial” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 100). Turato (2003) afirma que o importante é que o número de entrevistas não seja muito grande, a ponto de não permitir uma análise aprofundada, nem muito pequeno, a ponto de não trazer uma rica compreensão da experiência.

### 5.3 Análise fenomenológica e ethos embrionário

Após a coleta de entrevistas e sua transcrição, alguns autores (MARTINS e BICUDO, 1989; MOREIRA, 2002; GIORGI, 2001, 2005) propõem que o pesquisador tome o texto e, após sucessivas leituras, identifique, em primeiro lugar, o sentido total da experiência, apreendendo relações, apropriando-se da linguagem, conhecendo o contexto, reunindo informações. Para Geertz (2006, p. 105), a análise deve ser “um bordejar dialético contínuo, entre o menor detalhe nos locais menores, e a mais global das estruturas globais”.

Após esse primeiro momento em que o sentido do todo é compreendido, o pesquisador deve identificar “unidades de sentido” que permitam uma análise dos diversos aspectos da experiência. Essas unidades equivalem a temas e conteúdos recorrentes que constituem uma maneira típica de se expressar o vivido. Por fim, o pesquisador pode descrever a estrutura da experiência, isto é, produzir uma interpretação que “expresse a rede essencial das relações entre as partes de modo que o significado psicológico total possa sobressair” (GIORGI, 2001, p. 136). No caso de uma investigação com diversos indivíduos, a descrição geral da estrutura da experiência deve ser “a resultante da compreensão das *convergências* e das *divergências* que se mostram nos casos individuais” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 106).

Do ponto de vista de uma abordagem fenomenológico-hermenêutica, inspirada pelas considerações ricoeurianas, uma fenomenologia que seja de fato relevante não deve se deter na descrição do aparecer, mas deve levar a uma investigação sobre o ser que aí se manifesta. Considerando a dissociação entre o ser e o aparecer, Ricoeur afirma que “há fenomenologia rigorosa toda vez que essa dissociação é refletida por si mesma, seja qual for a sua sorte definitiva” (2009, p. 150).

Ao analisarmos um conjunto de entrevistas, precisamos, pois, partir de uma descrição de como as percepções se dão para uma reflexão sobre o ser que se diz nesse discurso. O método fenomenológico-hermenêutico, tal como o concebemos, ultrapassa a descrição proporcionada pela formulação tradicional do método

fenomenológico para propor uma reflexão sobre a constituição do ser-no-mundo, segundo a experiência investigada.

Já fizemos menção ao fato de que Ricoeur (1988) rejeita a “via curta” de Heidegger para se chegar a uma ontologia e propõe uma “via longa”, que passa pelas expressões do ser nas obras de cultura, ou, mais especificamente pela mediação do que Ricoeur chama de “o mundo do texto”. Essa ênfase desloca a primazia de um sujeito auto-centrado na produção do sentido e propõe que a interpretação do discurso descortine um ser já aí engajado no mundo.

Seguimos, pois, o método fenomenológico até o ponto de produzirmos uma reflexão hermenêutica sobre as formas de ser-no-mundo propostas nos discursos analisados. Dizemos que essas formas equivalem a uma proposição sobre como a vida deve ser, isto é, são constituições de horizontes de significação que engajam o sentido das percepções e estabelecem, dialeticamente, seu sentido. Ao conjunto de proposições desvelado na análise das entrevistas chamaremos *ethos embrionário*.

Podemos, então, resumir nossa proposta de abordagem fenomenológico-hermenêutica da percepção ambiental segundo o seguinte esquema:

- a) Aproximação à comunidade:** esse é o momento do primeiro contato com a população a ser entrevistada, levantamento de suas características e perfis dos participantes.
- b) Exercício da suspensão do juízo (epoché) e prática da escuta ativa:** há um esforço na direção de ouvir a comunidade sem o juízo de valor; a escuta ativa consiste em explorar o campo de percepção da comunidade investigada.
- c) Entrevista não diretiva, segundo um roteiro semi-estruturado:** a escuta ativa se materializa na forma de entrevistas, cujo roteiro permite uma focalização dos aspectos da experiência a serem investigados, mas não impede que a escuta se abra em diferentes direções, segundo a rede de significações.
- d) Transcrição das entrevistas como constituição de um texto:** ao final das transcrições estamos diante de um texto a ser compreendido, o qual expressa as significações constituídas pela comunidade em sua relação com os elementos do meio ambiente.

**e) Leitura do texto e compreensão do sentido geral da experiência:** há uma apropriação inicial do sentido total da experiência, que será sempre re-elaborada segundo um círculo hermenêutico.

**f) Interpretação de unidades de sentido:** a experiência é analisada em diversos aspectos que a caracterizam; visa-se a apropriação mais originária da experiência, na medida em que as percepções apontam para uma experiência tanto afetiva quanto significativa.

**g) Interpretação do ethos embrionário implicado nas percepções ambientais:** as proposições sobre a percepção são interpretadas segundo o que elas significam como proposições éticas para o relacionamento do ser humano com o ambiente.

Assim, o que chamamos de desvelamento é um exercício investigativo que vai da identificação de unidades básicas de sentido contidas na percepção ambiental até a interpretação de uma forma ainda embrionária, por não ter sido desenvolvida reflexivamente, de ética ambiental.

No próximo capítulo veremos como esse esquema foi aplicado ao estudo de percepção ambiental em uma comunidade, de modo a não só ilustrarmos, como também permitirmos uma avaliação de nossa proposta.

## 6 PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM CORDISBURGO

Fazer pesquisa em instituições privadas de ensino superior nem sempre é uma tarefa fácil. Menos ainda quando se trata de um campo ainda pouco explorado na psicologia brasileira, isto é, aquele das relações entre o ser humano e o meio ambiente. Na verdade, a Psicologia Social já tem marcado alguma presença nesse campo, mas quando se trata de uma investigação específica nas questões ambientais não raro a gente encontra alguém que pergunta: “Vocês vão conversar com as árvores?”.

A fartura de demandas num país como o nosso, aliada a um pouco de criatividade, é o que torna possível construir oportunidades de pesquisa em contextos de orçamento restrito. Dessa forma, é possível “pegar carona” nos projetos de extensão de outros cursos, na infra-estrutura de outros departamentos, e por aí se faz uma ciência mambembe que não deixa de ter sua relevância para a academia e, principalmente, para as comunidades envolvidas.

Ao final do ano de 2004, os cursos de Geografia e Turismo do Unicentro Newton Paiva, em Belo Horizonte, estavam às voltas com um projeto de desenvolvimento sustentável do turismo na cidade de Cordisburgo, na zona central de Minas Gerais. Quem conhece um pouco dessas terras já ouviu falar ao menos duas coisas sobre Cordisburgo: que lá tem a Gruta do Maquiné e que é a cidade natal do grande escritor João Guimarães Rosa. À beira da rodovia que liga Belo Horizonte a Brasília, Cordisburgo é a “porta de entrada do sertão”; a cidade de onde o “Seu Rosa” partiu, às vezes em companhia de Manuelzão, para as comitivas que deram ao escritor o material necessário para compor “Grande sertão, veredas”, entre outras obras.

As extensões são sempre carregadas de boas intenções. Mas estudantes e professores reclamavam uma certa apatia do povo do lugar. Que nos projetos de trazer mais visitantes para a Gruta a comunidade não se envolvia. Queriam saber

dessas motivações, de como encontrar a trilha que leva a seduzir os esforços e a simpatia da população.

Ao mesmo tempo, havia no curso de Psicologia gente que queria sair do claustro dos consultórios: uma turma sensível às questões ecológicas e que entendia que meio ambiente não é só o que a natureza nos lega, mas todo contexto onde o engenho civilizador está em tensão com o não-humano, na disputa por um quinhão da vida. Ecopsicologia, Psicologia Ecológica, Psicologia Ambiental, Ecologia Social, Psicologia Socioambiental... Os nomes para essa preocupação foram se sucedendo, na tentativa de encontrar um lugar acadêmico que abrigasse psicólogos ambientalistas.

No cruzamento dos interesses, o Professor Marcelino de Moraes, à época coordenador do curso de Geografia e Meio Ambiente, encomendou: “Queremos saber da percepção dessa gente”. Arranjou-se transporte, reuniu-se a turma: uma *van* nos levaria a Cordisburgo, numa manhã de sábado, dia 19 de março de 2005. Depois de 110 km de estrada, chegamos à pequena cidade de onde se poderia dizer o que Guimarães Rosa disse de outro lugar: “Aldeiazinha indiscreta, mal saída paisagem. Ali qualquer certeza seria imprudência” (ROSA, 1985, p. 86).



Figura 6: A cidade de Cordisburgo.

## 6.1 A cidade de Cordisburgo

Um certo padre, de nome João de Santo Antônio, fincou projeto de construir um povoado em homenagem a São José na “Sesmaria Empoeiras”, no final do século XVIII. Para isso, contou com a providencial ajuda de uma mulher chamada Dona Policena Mascarenhas, senhora de posses, que fez o filho arrematar as terras e entregá-las ao cuidado do padre. Assim, em 21 de agosto de 1883, fundou-se o povoado de Vista Alegre, com o início da construção da capela de São José.

Mais tarde, Padre João fez vir da França uma imagem do Sagrado Coração de Jesus e foi necessário construir um templo maior para acolhê-la. O lugar passou, então, a ser conhecido como Coração de Jesus da Vista Alegre, o qual, por decreto do Governador João Pinheiro, tornou-se distrito de Cordisburgo da Vista Alegre, em 9 de junho de 1890.

Cordisburgo é palavra originada de um hibridismo que une *cordis*, do latim, que significa coração, e *burgo*, do alemão, que significa vila ou cidade. Assim, os habitantes do lugar têm orgulho em dizer que Cordisburgo é a Cidade do Coração.

O município foi emancipado em 17 de dezembro de 1938 e o censo do IBGE aponta que a cidade possuía, em 2004, um total de 8.558 habitantes, distribuídos em um território de 823,22 km<sup>2</sup> (cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CORDISBURGO, 2005). Cordisburgo está a 44 km de Sete Lagoas, cidade que mantém empregada pequena parte da população cordisburguense. Os acessos à cidade são através da BR 040 e MG 231.

Cordisburgo tem como principais atividades econômicas a agricultura (é o maior produtor de abóboras do estado), a pecuária e o turismo. A produção artesanal tem também uma presença significativa.

A cidade possui atrativos turísticos tanto naturais quanto culturais, como as inúmeras festividades. Dentre os festejos, destacam-se: a Festa do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário, Festa de Santa Cruz, Festa dos Santos Reis, Festa de Nossa Senhora Aparecida, Festa do Padroeiro do Sagrado Coração de Jesus, Festa do Cavalo das Lages, Festa Municipal da Abóbora Moranga Híbrida, e a Semana Roseana, ocasião em que acontece uma Caminhada Eco-literária.

À época da realização da pesquisa, alguns dos eventos tradicionais da cidade, segundo relatos da população, não vinham sendo realizados, outros se tornaram restritos para uma parte dos moradores, porém, ainda eram lembrados e destacados como marcas da cidade.

Dos pontos turísticos existentes, destacam-se a Capela do Patriarca São José, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o Zoológico de Pedras, o Museu Casa Guimarães Rosa e a Gruta de Maquiné, bem como outras grutas e cachoeiras, algumas de acessos localizados em propriedades privadas.

O Museu Casa de Guimarães Rosa traz consigo a história do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967), natural e antigo morador de Cordisburgo, que, para muitos da população, é motivo de orgulho e prestígio. Integrado ao Museu, existe o “Grupo de Contadores de Estórias Miguilim”, que é formado por adolescentes, jovens e adultos moradores da cidade. Os trabalhos do Miguilim são apresentados aos

turistas no próprio Museu, nas festas, como na Semana Roseana, entre outros eventos pelo país.

Da primeira visita ao Museu, é interessante reproduzir aqui trechos dos Diários de Campo de dois alunos:

*Seguimos até o museu de Guimarães Rosa, no centro da cidade. O museu é a casa onde moravam os pais do escritor e onde foi sua residência até a adolescência. É cobrado o valor de R\$1,00 para entrada. Diz-se taxa simbólica para manutenção e preservação do museu. Ali estão expostos alguns objetos utilizados por Guimarães em seu dia-a-dia e de sua família, assim como alguns de seus objetos pessoais e prêmios recebidos. Um exemplo é a espada da Academia Brasileira de Letras. Tem também todas as suas obras, algumas cópias, outras originais, até mesmo alguns rascunhos. Todo o museu é muito bem zelado. Dentre os responsáveis pelo museu há membros de sua família. (COSTA, 2005, p. 1).*

*No final da visita, o guia-mirim nos leva até o quintal da casa, onde existe um lindo jardim e alguns bancos. Neste local, os contadores de histórias recebem os visitantes e contam, de forma bastante atraente, os contos de Guimarães Rosa. M. foi a contadora de histórias que se apresentou ao nosso grupo. Depois das histórias, foi mostrada a “venda” – que faz parte da casa -, que pertenceu ao pai de Guimarães Rosa e que ainda funciona. O lugar, que mantém o estilo da época, possui objetos como celas, fumos de rolo, rapé, dentre outros que eram comercializados antigamente. (PERILLO, 2005, p. 2)*



Figura 7: Museu Casa de Guimarães Rosa

A Gruta de Maquiné, considerada patrimônio natural mundial pela Unesco, foi descoberta em 1825, pelo fazendeiro português Joaquim Maria do Maquiné, e pesquisada cientificamente pelo naturalista dinamarquês Peter Lund, em 1834. Abriga sete grandes salões abertos à visitação pública e chama a atenção de turistas e pesquisadores por sua formação bela e peculiar.

À entrada da Gruta, junto ao estacionamento dos ônibus de turismo e dos automóveis, ficam barracas para venda de produtos artesanais: fotos e recordações da Gruta, pedras, camisetas, bebidas e outros produtos menos artesanais, como cd's e livros. Ao pé de uma rocha, uma escada leva ao átrio de entrada da Gruta. Já nesse primeiro ambiente vê-se, ao alto, uma pintura rupestre deixada ali há milhares de anos. Passarelas e corre-mãos levam aos diferentes salões onde uma iluminação especial permite contemplar os contornos produzidos por estalagmites e estalactites e cujas formas lembram figuras como o “mamute”, o “cogumelo atômico”, a “cortina”, dentre outras. Em alguns salões há água corrente, o que torna o clima úmido e frio.

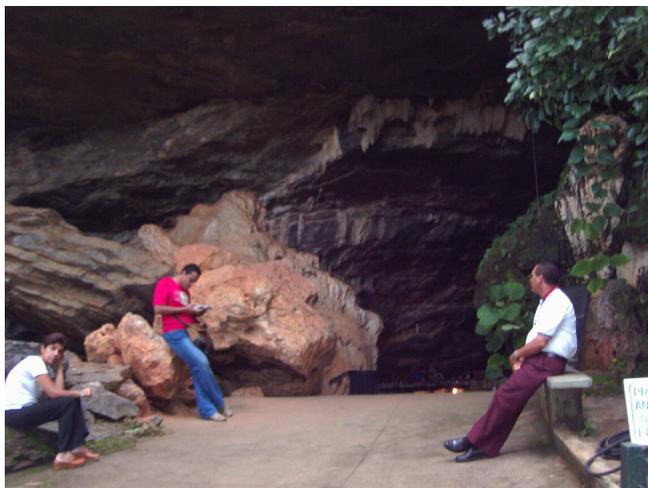


Figura 8: Entrada da Gruta do Maquiné

Num certo momento, o guia desliga a luz e convida os visitantes a se imaginarem “na idade das cavernas” ou a pensarem nas primeiras impressões de Peter Lund. Os escassos recursos de iluminação disponíveis no final do século XIX,

entretanto, não impediram que Lund descobrisse uma beleza rara no interior dessas cavernas:

*A mais rica imaginação poética não saberia engendrar uma tão esplêndida morada para os seres maravilhosos; diante desta notável gruta, ela seria forçada a confessar sua impotência (...) quanto a mim, confesso que, seja quanto à natureza, seja quanto à arte, jamais contemplei algo tão maravilhoso (apud SENAC MINAS GERAIS, 2008).*

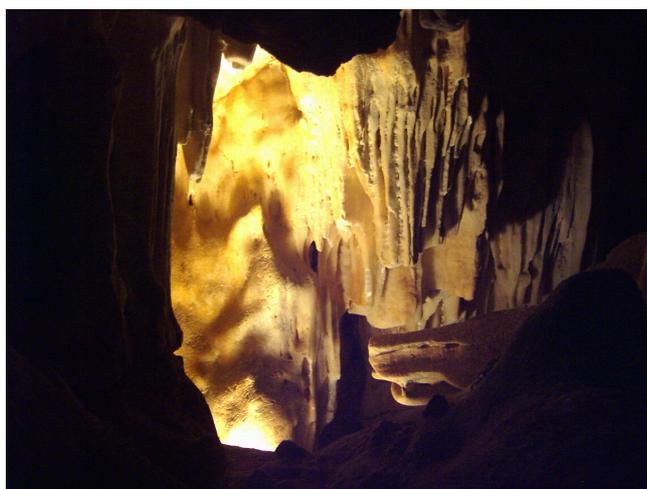


Figura 9: Formação no interior da Gruta do Maquiné.

A vastidão dos salões provoca a imaginação dos estudantes e expõe o conflito entre preservacionistas e conservacionistas. Há quem proponha fazer concertos e outros eventos nos salões, há até quem fale em baile... O que é imediatamente enfrentado por aqueles que são da opinião de que, na verdade, a gruta deveria ser fechada à visitação pública e tornar-se um santuário aberto apenas à pesquisa.

A divergência de opiniões se mostra mais aguda, entretanto, é no momento em que valores ambientais se cruzam com valores religiosos. No centro de Cordisburgo está a Matriz do Sagrado Coração de Jesus. Uma rápida leitura semiótica sobre a cidade permitiria ver a Igreja Católica no centro da vida comunitária e no centro desse lugar o altar eucarístico. Pode-se dizer, sem medo de

errar, que o altar eucarístico está no coração dos valores de uma cidade cujo nome se relaciona desde sempre à fé no Sagrado Coração de Jesus.

Pois bem, um detalhe chama a atenção dos que visitam a matriz: a tradicional mesa eucarística não é feita de madeira ou vidro, mas de rocha. Na verdade, os pés da mesa eucarística são feitos de espeleotemas da Gruta de Maquiné.

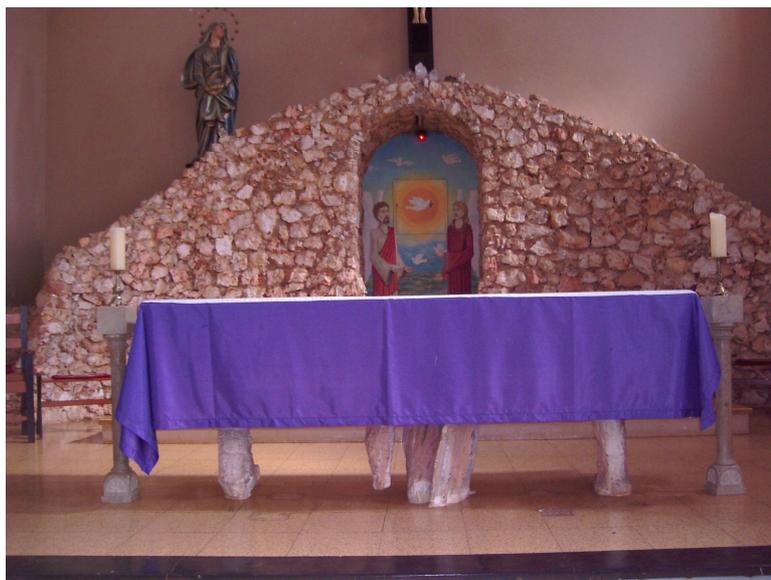


Figura 10: Altar da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Em nossa primeira visita a Cordisburgo, um estudante de Geografia se recusou a entrar na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em protesto contra a utilização de material da gruta no altar. Não é difícil imaginar a comunidade que o construiu a se justificar com a ideia de que na Casa de Deus deve-se colocar o que Ele criou de mais belo. Dentro de uma concepção religiosa do mundo, a Gruta é criação de Deus e, assim, seria possível não ver qualquer sacrilégio em utilizar, num altar, algo que o mundo da ciência e os sacerdotes do ambientalismo reverenciam<sup>6</sup>.

Quer sejamos preservacionistas ou conservacionistas, devotos de Gaia ou de Jesus Cristo, sacerdotes dos templos ou dos laboratórios, o que torna-se evidente ao

---

<sup>6</sup> Segundo informações de membros da comunidade, o altar foi construído entre 1975 e 1977.

se contemplar o altar da Igreja do Sagrado Coração é que um projeto ambiental naquela cidade precisaria passar pela escuta dos valores e das percepções da gente daquele lugar.

## **6.2 O Projeto Maquiné**

Para desenvolver o Projeto Maquiné, foi feita uma parceria entre o Unicentro Newton Paiva, a Fundação Maquinetur e a Prefeitura Municipal de Cordisburgo. O projeto se propunha a atuar no desenvolvimento do turismo histórico-científico-cultural do município, respeitando suas especificidades e restrições.

Conforme o texto do projeto original (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO TURÍSTICA – CEDITUR; CENTRO DE ESTUDOS DO MEIO AMBIENTE – CEMA, s.d., p. 5, 6), os objetivos específicos do projeto incluíam:

- a) Transformar a região de Cordisburgo em um pólo receptor de turismo científico, cultural, natural e pedagógico, promovendo a Gruta do Maquiné, a vida e obra de Guimarães Rosa e o potencial natural e histórico;
- b) através do turismo, possibilitar a criação de novas alternativas econômicas para a região, sem comprometer a preservação ambiental, cultural e arqueológica, e valorizando o seu passado histórico;
- c) avaliar a situação da atividade turística local e a realidade sócio-econômica municipal e da população do entorno dos atrativos;
- d) subsidiar com informações e dados obtidos a confecção de relatórios que fariam partes integrantes do Plano de Manejo da Gruta do Maquiné;
- e) sensibilizar visitantes e comunidade para a importância do turismo e da preservação do meio ambiente, bem como formar, capacitar e qualificar pessoal para a prestação e melhoria dos serviços turísticos;
- f) promover a integração com a comunidade através de diagnósticos participativos e outras ações.

O curso de Psicologia foi convidado a colaborar com a pesquisa de percepção ambiental entre os moradores da cidade. Para isso, foram reunidos os alunos do 7º período, do turno da noite, no primeiro e no segundo semestres de 2005. Foram

estagiários nessa pesquisa: Adriana Aparecida Carvalho Costa, Bruna Kelly Perillo, Carina Ferreira de Souza, Cristiano Valadares Werneck, Edésio de Oliveira, Fabiana de Cássia Reis Marques, Fabrício Oliveira Reis, Patrícia Kelly Lopes de Paula, Rachel Ramos Ibañes, Ricardo Lúcio da Costa e Roberta Drummond Oliveira.

### **6.3 A execução da pesquisa**

Nos dias 28 de março e 04 de abril de 2005 foram feitos treinamentos de entrevistas com os alunos. Os treinamentos se constituíram de orientações, simulações e discussão sobre as simulações. Enfatizou-se a habilidade empático-reflexiva e a necessidade de se explorar as vivências subjetivas dos entrevistados, segundo um roteiro de entrevista semi-estruturada. O desempenho dos estudantes não foi uniforme na condução das entrevistas. Enquanto alguns manifestaram uma capacidade empática fluente, outros não conseguiram explorar todas as oportunidades para uma investigação mais detalhada das vivências dos entrevistados. O resultado final, entretanto, pode ser considerado satisfatório, uma vez que conseguiu, no conjunto dos depoimentos, investigar os aspectos pretendidos. Ao final do processo de entrevistas, tínhamos um texto com o qual trabalhar.

O roteiro de entrevistas (ver anexo I) partia do estabelecimento de um contato inicial, com a criação do *rapport*. A seguir, passava a um momento de identificação do entrevistado e de compreensão da sua inserção na comunidade, isto é, sua procedência e seus papéis sociais. Depois se tentava explorar um pouco da memória do entrevistado em relação à cidade, buscando fundamentalmente identificar por onde passava sua relação afetiva com o lugar. Este momento da entrevista explorava por onde passavam os valores e investimentos dos entrevistados, e, obviamente, foi planejado num momento em que quase nada ainda sabíamos sobre a relação das pessoas com a vida comunitária da cidade. Por fim, chegava-se à investigação sobre a percepção do entrevistado quanto aos pontos turísticos da cidade. Embora essa percepção estivesse na “encomenda” de nossa pesquisa, entendíamos que não se tratava apenas de investigar opiniões sobre os pontos

turísticos, mas de localizá-los no contexto dos valores e sentidos da vida comunitária<sup>7</sup>.

É preciso se enfatizar que um roteiro não é um questionário. Numa entrevista fenomenológica as perguntas devem auxiliar a exploração da vivência do entrevistado, mas não devem ser tomadas de forma rígida, estabelecendo um tipo de relação que se aproxima mais de um interrogatório. Na verdade, como já afirmávamos no capítulo anterior, a própria pergunta seria dispensável, na medida em que o entrevistador conseguisse manter-se empaticamente guiado pelo campo de referência do entrevistado. Se, em algum momento, as entrevistas desviaram-se para a forma de interrogatório, isso se deve mais à inabilidade e à inexperiência dos entrevistadores que à proposta original.

Na escolha dos entrevistados, tentou-se contemplar uma diversidade de perfis: líderes comunitários, estudantes, professores, líderes de ong's, trabalhadores da gruta e entorno, empresários, população rural, trabalhadores do comércio, do setor agropecuário e do setor público. Entre os meses de abril e maio de 2005, foram entrevistados 34 moradores da cidade de Cordisburgo, sendo 19 do sexo masculino e 15 de sexo feminino (ver anexo III). Tais entrevistados foram contatados por diferentes modos. Os primeiros foram indicados pelo Prof. Marcelino, que já tinha uma maior convivência na cidade, depois vieram os indicados pelos próprios entrevistados, outros foram escolhidos segundo os perfis e houve também quem fosse abordado na rua, aleatoriamente. A tabela a seguir traz uma relação de entrevistados por ocupação.

---

<sup>7</sup> Uma avaliação posterior do roteiro indicaria que, talvez, algumas questões poderiam ter sido mais bem elaboradas, como a questão IVd, que estabelecia uma necessidade de hierarquização das relações que mais confundia que esclarecia.

Professor	6
Comerciante	5
Estudante	5
Liderança política	3
Produtor rural	3
Trabalhador do turismo	3
Liderança religiosa	2
Motorista	2
Funcionário público	2
Liderança comunitária	1
Dona de casa	1
Enfermeira	1
Dentista	1
Artista plástico	1
Ajudante	1
Doméstica	1
Aux. Serviços Gerais	1
Locutor de rádio	1
Ativista cultural	1
Pequeno empresário	1

Tabela 1: Relação de entrevistados por ocupação<sup>8</sup>.

Procurou-se também contemplar faixas etárias diversificadas. A tabela a seguir informa a distribuição dos entrevistados por faixas etárias.

20 - 29	7
30 - 39	3
40 - 49	14
50 - 59	5
60 - 69	4
70 - 79	1

Tabela 2: Distribuição dos entrevistados por faixas etárias.

Os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver anexo II), quando consentiram na gravação dos depoimentos. Tais depoimentos

---

<sup>8</sup> A soma ultrapassa o número total de entrevistados porque alguns informaram mais de uma ocupação.

foram transcritos durante os meses de maio e junho de 2005. A transcrição das entrevistas constitui o anexo IV.

Foram feitas reuniões com a equipe, nas quais o material foi analisado e, em 11 de outubro, foi elaborada uma síntese final da estrutura da experiência. A análise inicial produzida pela equipe foi revisada para a confecção do presente trabalho. Nessa análise procurou-se registrar as expressões que traduziam a experiência perceptiva, numa dimensão tanto afetiva quanto significativa. À medida que lia as entrevistas, anotava nas margens das folhas o que minha escuta alcançava em termos de compreensão da vivência própria do entrevistado. Nessa leitura, sempre tentava guiar-me por algumas perguntas: de que modalidade de vivência essa pessoa está falando? Qual é o colorido afetivo de sua percepção? Que sentidos percorrem sua apropriação do ambiente?

Os trechos mais representativos das unidades de sentido compreendidas foram reproduzidos e acompanhados de comentários. Aqui e ali fazemos referências não só às percepções, mas já adiantamos algo que percebemos em termos de ethos embrionário. Uma declaração mais completa sobre esse ethos, que metodologicamente equivale a um salto hermenêutico, virá formulada no final do capítulo.

Quadro 1: Unidades de sentido da pesquisa de percepção ambiental em Cordisburgo.

<b>Unidades de sentido extraídas</b>
Nostalgia como uma forte característica da população
Controvérsia na expectativa de desenvolvimento
Gruta do Maquiné como algo fora da cidade
Zoológico de Pedra como apenas um complemento
Museu Casa de Guimarães Rosa como elemento de identificação e promoção social
Festas como elementos importantes da identidade cultural

#### 6.4 Nostalgia: quase uma unanimidade

As falas sobre a cidade eram quase sempre nostálgicas e faziam referência a um momento em que a Gruta do Maquiné contou com mais turistas, as festas eram mais animadas, as crianças brincavam na rua e havia mais proximidade entre os habitantes.

Cilda<sup>9</sup>, uma professora primária de 42 anos, traduzia essa nostalgia:

*Você sabe que eu tenho saudade... Era uma Cordisburgo mais feliz. Não sei o que, se eram as pessoas mesmo... Mas eu acho que é a mudança, não tem como continuar a mesma coisa.*

Para Rosa, outra professora, já aposentada, de 62 anos, a vida comunitária foi sendo prejudicada à medida que a cidade progrediu materialmente.

*Parece que havia mais amizade, mais respeito, sabe? Mais preocupação com o outro. Porque à medida que a cidade vai crescendo, vai desenvolvendo, também vai crescendo a ambição, um quer ser mais que o outro, ter mais que o outro. Então teve esse avanço aí para as coisas materiais, eu acho que traz um certo prejuízo para o ser humano. Antigamente parece que as famílias eram mais unidas.*

Essa nostalgia de tempos melhores ganha um contorno bem mineiro nas recordações sobre a vida comunitária em torno da estação de trem. Algo que lembra a nostalgia de “Ponta de Areia”, de Milton Nascimento e Fernando Brant: “Maria-fumaça não canta mais, para moças, flores, janelas e quintais...”.

Lindalice, uma pequena empresária de 67 anos, recordava esse tempo:

*Tinha trem de passageiros. Hoje não tem mais, hoje acabou. Aqui na frente, aqui, tinha um curral grande que... é... transportava gado, cavalo, era muito movimentado. (...) Vinham de Corinto... Diamantina... iam para Belo Horizonte. Agora, aonde terminava eu não sei, mas que ele passava aqui. Eu mesma já cheguei a ir a Curvelo, fui a Belo Horizonte. (...) Todo mundo gostava de estar aí nessa hora [quando o trem parava na estação], né? De vez em quando o trem tinha algum problema, né? Descarregava, por exemplo, então ficava parado aí. Então dava aquele movimento, o povo ficava esperando... até consertar.*

---

<sup>9</sup> A fim de preservar a identidade dos entrevistados, os nomes originais foram substituídos por codinomes extraídos das obras de Guimarães Rosa.

Sinhalice, uma dona de casa de 48 anos, relacionava os tempos áureos do trem a uma melhor condição econômica da cidade. Para ela, as oportunidades de trabalho diminuíram na mesma proporção que diminuiu o movimento na estação.

*A rede ferroviária trazia muito benefício para Cordisburgo, entendeu? Aí, né, acabou, né. O povo foi embora, foi trabalhar fora, né. Ele saiu daqui para ir trabalhar no Espírito Santo. Tem cabimento uma coisa dessa?*



Figura 11: Estação ferroviária de Cordisburgo.

A identificação dessa afetividade nostálgica com a qual a população percebe a cidade é, do ponto de vista fenomenológico, importante para se compreender as significações expressas nos relatos. Ela indica que os elementos sensoriais eram tomados sobre o pano de fundo de uma vivência compreendida como marcada pela perda, pela decadência.

O relato de Riobaldo, comerciante e líder político, de 57 anos, traduzia essa percepção de perda e decadência:

*Já teve até decadência, porque já funcionava uma siderúrgica aqui, tinha rede ferroviária que era um grande emprego aqui em Cordisburgo também que foi abaixo. (...) O emprego que tinha aqui parou, porque acabou o transporte de passageiro, parou 50% do transporte ferroviário, então o emprego diminuiu. As fazendas em si também, que é uma renda mais forte em Cordisburgo, a agropecuária também paralisou muito devido à situação de consumo e etc. O fazendeiro, ele caiu bem, quer dizer, diminuiu também a área empregatícia.*

D. Joaquina, uma comerciante de 77 anos, descrevia um quadro de decadência econômica com vários elementos de sua percepção:

*Acho que a cidade já foi bem mais desenvolvida. A contar que logo que eu vim pra cá havia três estabelecimentos bancários. Eu até trabalhei num deles, que foi o Banco Mercantil. E hoje temos simplesmente, não é bem uma agência, do Banco do Brasil. Como é que fala, é um tipo escritório? Não. É entre escritório e uma agência. Porque não é bem uma agência, tem pouco funcionário e já foi agência. Já foi uma agência com muitos funcionários, um atendimento muito bom. Tinha a Minascaixa, fechou. Teve também o Bradesco, fechou aqui. Agora tem o Banco do Brasil, tem o Bradesco postal e um banquinho da cooperativa. São os três estabelecimentos bancários que tem na região. (...) Eu acho que financeiramente até já foi melhor, porque a criação de gado aqui era em grande escala. Aqui tinha embarque e desembarque. Eles vendiam boi pro Rio de Janeiro, né?! Tinha até uma festa no dia de embarcar boi. Isso eu ainda não peguei. Mas tinha fazendeiros, assim, que criavam muito e vendiam pro Rio. E nessa época também tinha charqueada. Eles faziam o charque e vendiam também. Isso, no decorrer desses 50 anos, né?! Já teve uma siderúrgica, também fechou; fábrica de tecidos, também fechou; fábrica de manteiga e laticínios, duas que fecharam. Eu acho que, assim, financeiramente, economicamente, a cidade eu não vejo melhora. Já teve também, isso mais recente, uma grande plantação de soja que é aqui pra frente. É a soja de semente, plantaram muito. Não sei por que já não plantam mais.*

A decadência da atividade econômica não era afirmada apenas por quem lidava com o comércio, mas também por aqueles que eram afetados em suas oportunidades de emprego, como Eugenia, empregada doméstica, de 64 anos:

*Aqui é uma cidade pequena, você sabe, não tem muitas indústrias, então não tem como crescer. Aqui já teve siderúrgicas, acabou. Teve fábrica de tecidos, acabou. Tinha de produzir, fazer telha... Como chama? Faz telha, cerâmica, né... hoje não tem mais.*

A reminiscência de um momento de esplendor contrastava com a afirmação, quase unânime, de que a cidade se modificara muito pouco em seu espaço urbano. Afora um pouco mais de asfalto, os testemunhos eram de que a cidade permanecia a mesma. Reclamava-se da falta de melhorias na aparência das ruas, como a colocação de meios-fios. Aliás, a falta de meios-fios aparecia, no conjunto das entrevistas, como um verdadeiro ícone da falta de cuidado com o ambiente urbano. Para o funcionário público Dismundo, 47 anos, a população estaria disposta a colaborar com a melhoria da cidade se houvesse a contrapartida do meio-fio:

*O pessoal fala: "se fizer um meio-fio, nós fazemos a calçada". Mas, enquanto o meio-fio não aparecer, o resto não faz a calçada, entendeu?*

Na mesma direção iam outros depoimentos:

*A cidade deveria ser mais embelezada no sentido de construída mesmo, porque tem ruas aqui que não têm nem meio-fio, sabe? (Hetério, artista plástico, 46 anos).*

*A gente encontra muito meio-fio quebrado, as coisas quebradas, mas eu acho assim, em questão de espaço físico, não mudou muito não, né? (Maria Andreza, professora, 35 anos),*

*Agora, tem que melhorar mais a cidade, que ela está muito suja. Eles estão querendo dar mais assistência aqui. Esse prefeito... Vamos ver! Eu espero que melhore! Porque as ruas estão feias! (Lindalice, comerciante, 67 anos).*

Senhozório, funcionário público, 48 anos, acreditava que providências para a melhoria do aspecto urbano esbarrariam em dificuldades financeiras do município:

*Até a população Cordisburguense está disposta a ajudar, disseram até que se for colocado meio-fio nas ruas, os moradores se comprometem a fazer os passeios, para que os turistas tenham uma imagem bonita da cidade, mas tudo isso precisa de dinheiro, e a prefeitura não tem verba para investir no momento.*

Assim, nossas primeiras pistas para compreender a percepção ambiental da população cordisburguense apontavam para uma vivência de perda de esplendor, declínio da riqueza e restrição de oportunidades. Os elementos da paisagem urbana eram figurados paradigmaticamente no meio-fio quebrado: testemunho de que o espaço fora um dia ocupado com mais cuidado e investimento.

## **6.5 Desenvolvimento: expectativa e controvérsia**

A aspiração por mais desenvolvimento em Cordisburgo aparecia aliada à percepção de que um dos principais problemas locais era a falta de emprego, que, além de significar o empobrecimento das famílias, resultaria no êxodo da população mais jovem.

*Aqui não tem nada, aqui não tem emprego. Aqui é bom, mas tem uma coisa, não tem trabalho pra todo mundo (Sinhalice, 48 anos, dona de casa).*

*A gente está sentindo que Cordisburgo está acabando, se não houver um jeito de levantar, a gente sente que Cordisburgo está acabando... Precisamos de indústria para gerar emprego para as pessoas, porque sem emprego ninguém vive, né? (Siantônia, 48 anos, enfermeira).*

*A cidade não tem empresa, meios de sobrevivência, trabalho é muito pouco... (Izdra, professora, 40 anos).*

A professora Maria Andreza arriscava-se a apontar os impactos afetivos da falta de emprego na população:

*Porque no fundo, no fundo, eles [os cordisburgueses] ainda têm uma amargura. Cordisburgo ainda não deu pra eles o retorno que eles queriam em termos de emprego. E a maioria pensa que tem que sair e, por enquanto, ainda tem que sair, né? Eu acho que eles sentem muito frustrados assim... quando... dessa questão de ter que sair, né, para crescer.*

Os mais jovens lamentavam não só a exigência de terem que sair de sua cidade para trabalhar, mas também a dispersão dos relacionamentos que isso causava. O que pode ser compreendido na fala de Mira, condutora de turismo e estudante, de 20 anos:

*Aqui na cidade não tem muitas condições de emprego, por isso muita gente aqui vai embora, inclusive nós tínhamos 30 condutores, só tem eu e o... aqui, porque muitos foram embora trabalhar, porque aqui não dá condições de trabalho.*

Essa fala nos dá uma boa mostra de como a percepção já engaja uma concepção de mundo, uma esperança de como a vida poderia ser melhor. A lamentação com a qual Mira percebe seus companheiros indo embora é gestante de uma proposição ética em que a cidade fortalece os laços afetivos, ao invés de deixá-los se partirem. É nesse sentido que afirmamos que a compreensão da percepção desvela um *ethos* embrionário.

Diversos depoimentos apontavam para a expectativa de que a vinda de indústrias para a cidade melhoraria o quadro de declínio econômico. A instalação de uma siderúrgica no município, anunciada pelo governo local, infundia em muita gente a esperança de ver resolvido o problema da falta de emprego para a população local.

Riobaldo, no seu papel de líder político, acreditava que “teve um período de decadência, mas agora a cidade está na expectativa da siderúrgica e da fábrica de tecido”. Para ele, a cidade tinha uma fábrica “sem chaminé, que é a Gruta de Maquiné, e a agora nós vamos ter uma com chaminé, que é a siderúrgica”.

Dona Joaquina também apostava em um futuro melhor com a siderúrgica:

*Agora fala-se na instalação de uma siderúrgica, né? Isso é o assunto mais novo na cidade que está trazendo muita satisfação para a população. Eles tá fazendo inscrição de pessoas para trabalhar, né. Se realmente for implantado a siderúrgica, aí vai dar um pulo.*

A professora Rosa, sensível às necessidades dos jovens que educara, também via na siderúrgica a oportunidade de desenvolver potenciais adormecidos:

*A gente está recebendo aí a siderúrgica, é um fato já comprovado, parece que já vai voltar a funcionar. Fala-se na abertura, na reabertura de uma fábrica de tecidos que já houve aqui e na reabertura da cerâmica, porque nós temos a matéria-prima, telhas, tijolo, gasta isso muito, o pessoal constrói hoje bastante, então eu acho que o potencial é grande.*

A condutora de turismo Mira, que reclamara da partida de seus colegas, torcia para que a indústria segurasse a população em sua terra:

*A siderúrgica já está indo abrir. Então, tá bom, tomara que aos poucos vá crescendo Cordisburgo e dando mais oportunidade pra população, porque senão daqui a pouco não tem mais ninguém em Cordisburgo, não, o povo foi todo pra fora trabalhar.*

Por outro lado, um produtor rural não quis que fosse gravada a entrevista quando discorreu sobre os equívocos que acreditava haver numa expectativa exagerada quanto ao benefício que poderia trazer a esperada siderúrgica.

Desse modo, enquanto havia quem considerasse a vinda de uma siderúrgica a retomada de um progresso estagnado há muitos anos, havia quem afirmasse tratar-se de uma ilusão, pois, além do mercado de ferro gusa ser muito instável, o que poderia determinar o fechamento da indústria em pouco tempo, uma siderúrgica moderna demandaria mão-de-obra especializada que seria buscada fora do município.

A professora Maria Andreza, engajada em projetos ambientais e defensora de um desenvolvimento autóctone, estava entre os que percebiam a expectativa da siderúrgica com certo ceticismo:

*Eu não vejo como Cordisburgo crescer industrialmente do ponto que o pessoal fala. A não ser que seja como se diz, uma indústria, a mini-indústria, voltada pro artesanato, né? Voltada, como se diz, para a própria vida dentro da cidade! Porque o que eles estão querendo... E outra coisa: também eu sou contra! Vai acabar com a beleza! (...) Vai dar quantos empregos para Cordisburgo, né? Porque você pode abrir indústria, mas não quer dizer que ela vai empregar os cordisburguenses. Eu falei isso para os meus alunos: "Vocês têm algum curso de especialização técnica, por exemplo, aí um..."*

*um... técnico de segurança do trabalho, técnico em eletricista. Porque lá vai precisar. Vocês têm carteira de motorista? O quê que vocês têm?”.*

Gedeão, liderança religiosa, 31 anos, também vê a questão da qualificação da mão de obra como um empecilho para que a população de Cordisburgo desfrute de oportunidades de emprego. Para ele, “a realidade ali é a plantação de abóbora”.

Quirinéia, agente de viagem e trabalhadora no turismo local, 40 anos, prefere enaltecer os recursos da cidade para o desenvolvimento de uma economia baseada no turismo:

*O pessoal às vezes reclama aqui que não tem fábrica... Nós temos uma grande fábrica aqui de ganhar dinheiro que é o turismo, nós não precisamos de fábrica com chaminés para poluir nosso ar. Ninguém tem o ar mais gostoso que o nosso, um céu mais azul que o nosso.*

O funcionário público Dismundo tem elementos da conjuntura regional para alicerçar sua percepção cética:

*A gente fica meio pensativo, porque em Sete Lagoas já fecharam me parece que quatro ou cinco siderúrgicas. (...) Com a siderúrgica funcionando, vai resolver muitos problemas nossos. Financeiramente eu acho que, no aspecto do executivo, vai ter mais investimento, mas a gente tem que preparar a parte social. A gente tem um plano diretor aqui, um plano de postura, porque senão vai chegando pessoas de tudo quanto é lugar, vai construindo em qualquer local, aí a cidade descamba é para virar uma cidade favelada, aí. A gente tem que preocupar muito é com esse lado. A siderúrgica é bom, mas a gente tem que olhar é este aspecto, o aspecto social.*

Quando a percepção da comunidade necessita, então, de um projeto de desenvolvimento para se desdobrar, o discurso encontra as ambivalências dos modelos difundidos pelo interior do Brasil. Tais modelos são, na maioria das vezes, resultado da apreensão popular de um discurso que vê na industrialização o melhor caminho para a produção de riquezas, em qualquer canto do país. Mas, influenciada também por outros discursos que defendem um modelo centrado nas potencialidades locais, a comunidade de Cordisburgo significa de modos diferentes seus anseios, constituindo uma percepção marcada pela controvérsia quando se trata do modelo de desenvolvimento.

## 6.6 A gruta como algo fora da cidade

Observou-se a tendência da população entrevistada a identificar a Gruta do Maquiné como um ponto turístico que permanecia “fora da cidade”. Este caráter de algo externo ao ambiente familiar comunitário estabelecia uma relação que, por vezes, era tão distante que nem motivava uma visita. Por outra parte, falou-se do turista que “passa direto” e não tem um envolvimento mínimo com a comunidade. Em algumas falas essa observação beirava um ressentimento para com o turista, visto como alguém desinteressado quanto ao povo e aos valores do lugar, a não ser pelas belezas naturais da Gruta.

A estudante Lúcia, de 20 anos, resume assim a relação entre o turista da Gruta e a cidade:

*Para ir para a Gruta não precisa, necessariamente, passar pela cidade. Então os turistas vão à Gruta e nem sabem que passaram pela cidade.*

Jerevo e Jelásio, também estudantes, ambos com 20 anos, ilustram a relação entre o turista e a cidade de Cordisburgo com um diálogo imaginário:

*Geralmente a pessoa vai e volta num instantinho. Vai, visita e tchau. O pessoal conhece, mas, como se diz, a gruta está no território de Cordisburgo e ninguém sabe. ‘ Ah... eu fui na gruta’. Aí pergunta: ‘ Então você foi em Cordisburgo?’ ‘ Não’.*

Um diálogo assim talvez seja algo freqüente na experiência dos moradores de Cordisburgo, pois outros moradores também imaginaram episódios com a mesma estrutura:

*Porque tem gente que fala assim: “Onde você mora?” - “Em Cordisburgo.” - “Conheço não”. - “É aonde tem a Gruta de Maquiné e o museu.” - “Ah! É lá? Mas eu não sei onde que é essa cidade...”. Eu brinco: - “Aquele lugarzinho para ir, como é que se chama? Já é Cordisburgo.” (Cilda).*

*Tem a gruta, mas, aí, a gruta, ela influi muito pouco, assim, na convivência do povo na cidade. E a gruta é um recinto separado da cidade. Então ela influi muito pouco na convivência da cidade. O turista vem aqui na gruta, às vezes nem passa na... passa muito pouco aqui na cidade. (...) Vem aqui na gruta passa direto e vai embora de Cordisburgo. Às vezes nem sabe, nem conhece. Muitos chegam aqui e perguntam: “Que cidade é essa que eu passei?” - “Foi Cordisburgo”. - “Ah, eu não sabia”. (Rebimba, motorista, 58 anos).*

Lindalice entende a atitude do turista como uma desvalorização da cultura local:

*Eles vêm muito, passam por lá, eles não ficam aqui. (...) Passam ali na rua de cima, vão direto à gruta, visitam no mesmo dia e vão embora. (...) Porque eles acham que aqui não tem nada, pra ficar aqui, a não ser essas festas que tem, que as pessoas vêm pra ficar... Eles não ficam.*

Além da disposição geográfica da Gruta, atribuiu-se o não envolvimento do turista com a cidade à pequena infra-estrutura local de hospedagem e serviços. Os hotéis foram vistos como modestos demais para possibilitar uma visita por longo prazo e a falta de mais serviços foi demonstrada na lamentação pela escassez de bancos.

*A estrutura da cidade não permite muito. A própria cidade, o aspecto físico da cidade hoje está bem decadente, as ruas estão mal cuidadas. (Ladislau, comerciante, 35 anos).*

*Eu acho que até pelo potencial que tem Cordisburgo, deveria ter mais divulgação, mais hotéis, para divulgar mais a cidade. (João Porém, produtor rural, 44 anos).*

*Se fizessem um hotel aqui, os turistas procurariam as lojas daqui. (Lourinha, auxiliar de serviços gerais, 56 anos).*

*Para você investir no turismo, você tem que ter um hotel de primeira qualidade, inclusive, por exemplo, eu viajo muito, eu trabalho no ... também, e eu vou muito em seminários, então você chega em locais que tem um hotel, que você vai fazer um seminário, que está preparado porque vai vim um número de pessoas, vai vim um grupo de pessoas fazer este seminário aí, porque, hoje o quê que o turista faz? Ele só vem para conhecer a gruta, e volta no mesmo dia. Ele volta no mesmo dia. Nós queremos que este turista fique aqui, a cidade tem que investir mais... (Dismundo).*

A necessidade de uma maior divulgação foi um elemento muito lembrado, como algo que poderia contribuir para o melhor aproveitamento do potencial turístico da Gruta:

*A divulgação, principalmente, deixa a desejar muito porque o pessoal quer ter retorno, mas não quer investir. ... Se não divulgar lá fora não vai trazer turismo para cá não. Se ficar só aqui, vai ficar só o povinho aqui de Cordisburgo mesmo. (Jerevo e Jelásio).*

*Precisa de mais divulgação. É preciso conseguir uma divulgação na mídia gratuita ou a preço baixo. (Riobaldo).*

*Você tem que divulgar, tem que falar, você tem que manter contato com as pessoas, você tem que ligar, né não?! E tá faltando é divulgação, essa é a palavra chave, só. (Mira).*

Quanto à exploração do potencial de outros pontos turísticos da região, alguns entrevistados mencionaram cachoeiras e grutas que existem na zona rural, mas cujo acesso é difícil ou vedado.

*As pessoas precisam conhecer a cidade. Tem outras grutas, cachoeiras. (Cilda).*

*Além da Gruta do Maquiné, nós temos 24 grutas aqui na região de Cordisburgo (Mira).*

*Tem mais umas dez outras grutas na região. A área rural possui cachoeiras bonitas, tem uma topografia que favorece bastante o esporte de trilhas, como o ciclismo, moto. (Ladislau).*

A percepção da Gruta como algo fora da cidade implicava numa experiência afetiva na qual, por um lado, o turista era visto com alguma mágoa, e, por outro, se manifestava o desejo de que a cidade saísse da sombra da Gruta, que ela aparecesse como algo mais do que um lugarejo à margem da estrada. A afetividade presente nessa forma de percepção indica tanto um ressentimento quanto um princípio a ser levado em conta na produção de um discurso ético sobre o turismo naquela região do sertão mineiro: a exploração da beleza da paisagem natural não pode implicar no obscurecimento da cultura comunitária.

## **6.7 Zoológico de pedra: apenas um complemento**

Numa praça, já no limite entre o centro da cidade e a zona rural de Cordisburgo, encontra-se o Zoológico de Pedra Peter Lund. Trata-se de uma coleção de réplicas de animais do período Pleistoceno (cf. MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008), confeccionadas com telas, areia e cimento: preguiça-gigante, tatu-gigante, tigre-dente-de-sabre, toxodonte, preguiça-pequena e mastodonte.

O Zoológico não era freqüentemente lembrado, de forma espontânea, pelos moradores de Cordisburgo. Baldualdo, produtor rural, 46 anos, manifestava certo desinteresse: “Não sei se é bom, mas não deixa de ser visitado”. Siantônia também

não se entusiasmava: “Não achei graça”. Mas o jovem estudante Jerevo não utilizava eufemismos para expressar sua percepção: “Eu acho a maior furada, véio”.

O fato de que o Zoológico de Pedra era um atrativo recém-construído na cidade certamente contribuía para que esse local não gozasse ainda de maior estima por parte da população, que o via apenas como um complemento da atividade turística no município.



Figura 12: Tatu-gigante do Zoológico de Pedra Peter Lund.

### **6.8 O museu: identificação e promoção social**

O Museu Casa de Guimarães Rosa gozava de boa reputação entre os entrevistados, chegando, por vezes, a motivar depoimentos entusiasmados e apaixonados. Talvez a força dessa consideração positiva possa ser compreendida a partir de três aspectos.

O Museu está dentro do perímetro urbano de Cordisburgo, o que o torna próximo ao cotidiano dos moradores, como também dá visibilidade ao movimento de turistas, já que os ônibus de viagem (especialmente escolares) espalham-se pelas ruas em dias de boa visitação.

O programa Miguilim, de contadores de histórias, dá oportunidade ao envolvimento de adolescentes e crianças, o que redundava em apoio mais ou menos engajado de seus familiares. O fato de que tais adolescentes e crianças têm a oportunidade de viajar para outras cidades, para contar as histórias de Guimarães Rosa, dá ao museu um valor de promoção social que desperta a simpatia do público.

O Museu tem ainda a virtude de ser uma espécie de guardião de valores comunitários na medida em que os personagens de Guimarães Rosa carregam algo das características e experiências do cidadão comum cordisburguense. O envolvimento é maior na medida em que os cidadãos se reconhecem nos personagens roseanos.

Para Ladislau, a obra de Guimarães Rosa podia ser decifrada no cotidiano:

*Ele é difícil até certo ponto, mas à medida que você vai descobrindo, é tanta coisa que a gente se identifica com ele. A gente vivencia no dia-a-dia que não é tão complexo assim.*

Os depoimentos mais apaixonados eram, certamente, os de Joca Ramiro, comerciante e ativista cultural, de 52 anos:

*Um filho meu foi ser contador de histórias e aí eu comecei a participar do grupo e achei que os pais deveriam incentivar esse projeto tão bonito. (...) Eu falo que o Guimarães Rosa leu tudo, todos os autores que a gente imagina o Guimarães Rosa leu, mas a leitura mais importante que ele fez foi da alma da gente. (...) Eu acho que essa participação da gente na literatura do Guimarães Rosa... Acaba que a turma de contadores de história, acaba partindo para outras literaturas, não só de Guimarães Rosa e... A autoestima da gente, né... que é tão importante, fica... (...) Quando eu vi a primeira vez, os meninos fazendo o espetáculo com o texto, a obra, que eles narram na casa que Guimarães Rosa nasceu... É privilégio de muito poucas pessoas, você ouvir uma mensagem do escritor, do tamanho de Guimarães Rosa, na casa dele. Para mim, a casa tem uma importância... Bonita, misteriosa... Aí eu associei, assim, a beleza espiritual da casa de Guimarães Rosa com uma... é... beleza da gruta. Uma beleza material que Deus... É difícil me desvencilhar da obra...*

Baldualdo se referia aos apelos que o Museu e os Miguilins faziam à autoestima da população:

*Eu acho que o mais interessante é Guimarães Rosa, porque é mundialmente conhecido. Até você dizer "Guimarães Rosa um ponto turístico", não sei como você pode interpretar isso aí. Digo: as coisas que são voltadas para Guimarães Rosa, porque nós temos os Miguilins, é um projeto muito*

*interessante, e que a pessoa que lidera ou liderava este movimento, ela já encontra, assim, no período de acomodação, mas enquanto a C... esteve ou está na presidência, a gente sabe que foi um trabalho muito bem feito de conscientização que surtiu efeito. A gente vê que alguns deles, contadores de histórias, já foram convidados para um evento em Brasília, com o Presidente da República da época, Fernando Henrique Cardoso, com o ex-governador de Minas também, Itamar Franco. E isso acontece muito na nossa cidade.*

Para Maria Andreza, o investimento no Museu significara também um investimento na relação afetiva entre a população e a cidade:

*Essa visão que a gente tem hoje começou quando foi resgatada a Casa de Guimarães Rosa, que fez assim uma... é ...que deu uma visão melhor sobre Cordisburgo em relação à cidade em si, na parte histórica, né, em gostar, em ter amor, em querer cuidar, não existia isso!*

Diversos depoimentos destacaram o que a constituição do grupo de contadores de histórias significou para uma nova maneira de a comunidade perceber seu passado e seu futuro. Essa nova maneira colocava a percepção sob guarda de uma “filosofia”, uma “visão”, uma “identidade”.

*Tem uma filosofia que pega só os jovens, pessoas na fase infanto-juvenil. Nesta faixa começa a contação de histórias, tinha 52 membros do grupo Contadores de História Miguilim. Você pode ver que a maioria deste pessoal todo que você pegar o histórico dos primeiros, todos hoje já estão formados, na área da medicina, com curso superior. Tem a filosofia muito bonita: a pessoa vai começar a contar história para atravessar uma adolescência tranqüila em Cordisburgo e depois buscar um curso de nível superior, aprimorar pessoalmente. (Balduino).*

*É a nossa identidade. Então, realmente, hoje eu falo com você que, não só eu, mas acredito que muitas pessoas, inclusive os próprios Miguilins, eu tenho certeza absoluta que hoje a visão que eles têm - certo? - de mundo, né, de estudante, de ser humano, essa coisa toda, teve uma influência e tem uma influência muito grande a partir da obra de Guimarães Rosa. (Jó Joaquim).*

*O grupo dos Miguilins foi uma coisa assim... maravilhosa aqui em Cordisburgo! Porque os Miguilins realmente eles divulgam Cordisburgo, dentro da obra de Guimarães. Não só aqui, né, mas no Brasil todo! Porque eles já passaram aí, por vários estados, né? Então este é um ponto forte do turismo nosso. (Maria Eva).*

*Nesse grupo a pessoa aprende a contar história, mas o objetivo é fazer a criança abrir a mente. Tem crianças que ficam aqui a vida inteira, não conhecem outros lugares, hoje muitos estão estudando em outras cidades, graças ao projeto Miguilim. A que fundou o grupo, no fundo queria isso: fazer ter uma visão melhor. Hoje deve ter uns 40 contadores de história, e o grupo vai aumentando. É uma porta aberta para os jovens de Cordisburgo. Antes*

*ela ia nas escolas chamar para participar, hoje os próprios alunos querem entrar. (Izidra).*

O Museu aparecia, assim, na percepção comunitária, com uma significativa carga de afeto positiva, entre fortalecimentos da auto-estima, acolhimento das crianças, desenvolvimento de potencialidades pessoais e outras capacidades que faziam dele um fator de promoção social e cultural no município.

Mais do que revelar o bom conceito que o Museu gozava junto à população, os testemunhos remetem-nos às questões que permeiam nosso estudo: é possível falar em percepção sem se considerar as visões de mundo expressas nos discursos? É possível identificar uma anterioridade pré-reflexiva numa entrevista sobre percepção ambiental?

Os depoimentos acima nos levam a afirmar que, talvez, a afetividade mais primitiva com que se vivencia uma experiência perceptiva, que já é sentido, esteja sempre colocada em tensão dialética com uma formulação mais ampla do sentido em termos de proposição de mundo. Nas palavras daqueles que veem seus filhos crescerem embalados pelas histórias de Guimarães Rosa, compreendemos tanto a experiência positiva de acolhimento que isso representa quanto o embrião de uma postura ética formulada em termos de uma “filosofia”, uma “visão”. Ainda uma vez nos vêm as palavras de Ricoeur: “Pela reminiscência, a antecipação; pelo arcaísmo, a profecia”.

## **6.9 As festas: elementos da identidade cultural**

As festas se mostravam um elemento fundamental na constituição de uma identidade comunitária do cidadão cordisburguense. Eram lembradas diversas festividades religiosas como pontos altos da vida da cidade. Numa cidade fundada em torno dos sonhos de um padre, era de se esperar que o elemento religioso fosse um importante componente da identidade cultural.

Joca Ramiro destacava as festas religiosas e as experiências sensoriais a elas relacionadas:

*Uma das coisas mais interessantes que traz o povo para cá é isso: a festa do Sagrado Coração de Jesus, a festa do Rosário, sabe? Quando eu vejo a procissão do enterro, na Semana Santa, eu acho fantástico, né. O pessoal usa manjericão, né. Passa na rua e aquele cheiro de manjericão! Inclusive as pessoas usam manjericão na comida, né, e aqui não coloca, eles associam manjericão ao enterro de Jesus Cristo. Então isso tudo para mim é muito mágico, muito bonito.*

Mira, na qualidade de profissional do turismo, estabelecia relações entre turismo, identidade cultural e festas:

*Aqui na cidade, como é uma cidade assim turística, né, mantém até hoje sua cultura, igualzinho nas festas do congado, folia, pastorinha... Tem inclusive o grupo da terceira idade que tem o pessoal dançando mesmo, sabe?*

As respostas demonstravam que tais festividades eram de grande importância na vida dos moradores, pois, além de resgatarem a cultura, serviam como um momento de integração e de divulgação da cidade, que redundava em incrementos de recursos financeiros.

*Os carnavais aqui, toda vida foram muito bons, é uma coisa que precisa investir também, porque as pessoas gostam de Cordisburgo, o pessoal da região aqui perto, o pessoal gosta de vir para cá (Dismundo).*

Uma festa, entretanto, mereceu considerações especiais, tendo em vista o aspecto nostálgico com que os entrevistados se referiam a ela. Trata-se da Festa da Abóbora Híbrida.

Aqui é importante notar uma das maiores virtudes da utilização de uma metodologia qualitativa, como é o método fenomenológico: o espaço que se abre à ocorrência do inesperado, do novo em relação à expectativa. Quando o roteiro das entrevistas foi preparado, após a primeira visita à cidade, nenhum integrante da equipe jamais tinha ouvido falar de tal festa. Se tivesse sido elaborado um questionário rígido, esse elemento, que se mostrou de suma importância na percepção ambiental comunitária, não teria sido incluído na investigação.

Ao que parece, a Festa da Abóbora Híbrida, embora algo relativamente recente na história da cidade, aglutinou ao seu redor elementos de esperança e de valorização da auto-estima do povo cordisburguense. A festa teve início em 1978 e foi realizada anualmente, com alguma regularidade, até 2000, quando houve uma interrupção, segundo informações do senhor José Maria da Silva, engenheiro

agrônomo da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais – EMATER (SILVA, 2009). Em 2004, a festa aconteceu no distrito rural de Palmito, um tanto descaracterizada. À época das entrevistas, a população estava na expectativa de vê-la realizada na cidade, naquele ano de 2005, o que, de fato, aconteceria entre os dias 18 e 21 de agosto. Mas houve depois nova interrupção e só em 2009 a EMATER estava fazendo esforços no sentido de retomá-la.

As entrevistas aconteceram, portanto, num momento de indefinição quanto ao futuro da festa, o que era motivo de tristeza e saudade para a população. O município ser distinguido como “o maior produtor de abóbora do estado” aparecia como motivo de orgulho nas falas de vários moradores. Os depoimentos sobre a Festa da Abóbora Híbrida eram longos e entusiasmados, como o de Siantônia:

*A Festa da Abóbora era uma coisa muito boa, era uma festa muito animada, participação dos políticos, tinha muito movimento de muita gente de fora (...). Na minha opinião, é um evento que marcava muito aqui, porque a Festa da Abóbora era comentada em toda Minas Gerais, bem dizer. (...) Ah... era muito show que tinha, cantores famosos, até Sidney Magal já teve aqui na Festa da Abóbora (...), além do baile da festa que era muito famoso, o desfile das rainhas, Rainha da Abóbora, muita comida típica da região, doces... Então isso animava a festa, então era famosa mesmo essa festa, era uma festa muito animada, e gerava muito dinheiro, assim, na cidade.*

Sinhalice lamentou a transferência da Festa da Abóbora Híbrida para a zona rural:

*Teve a festa da abóbora aqui, mas foi na roça. Ninguém gostou, né. Por que tirou a festa melhor que tinha da cidade e foi levar pra roça? (...) A festa da abóbora dá mais renda para os comerciantes, para todo mundo, não é não? E os bobos tiraram daqui para levar para a roça...*

Os motivos pelos quais a festa fora suspensa e depois transferida eram desconhecidos mesmo para Mira, que trabalhava no turismo local:

*A festa da abóbora é a festa tradicional de Cordisburgo. (...) Quando foi o ano passado resolveu fazer a festa, só que não foi em Cordisburgo, resolveram fazer a festa numa zona rural que chama Palmito. Festa da abóbora em Palmito. Então eu ouvi gente falando assim que o pessoal não gostou muito porque a festa é tradicional de Cordisburgo. Apesar de que Palmito faz parte de Cordisburgo. Mas, pra acomodar mais o pessoal, é aqui em Cordisburgo mesmo que tinha de ter sido feito. (...) O motivo dessa festa ter sido lá em Palmito ninguém... é... eu mesmo, no meu caso, eu não fiquei sabendo por que essa festa foi lá, sendo que todo ano, toda vez que tinha essa festa, é aqui no parque de exposição. (...) Então eu ouvi falar que foi lá por causa que lá tá tendo muito cultivo da abóbora, por isso que passou a*

*festa pra lá. Mas que a população não gostou muito porque é a festa tradicional de Cordisburgo.*

Para Eugeniana, a transferência significou uma dificuldade no acesso à festa, especialmente para os cidadãos de menor renda:

*E tem as festas que são coisas bonitas, tem o negócio da abóbora... Só que eles agora tão fazendo no campo de exposição e é muito longe. Devia de ser cá em baixo, cá no centro. Porque no centro... lá no campo de exposição tem que pagar, então, não é todo mundo que pode pagar pra entrar, uma família de sete pessoas... Então num tem condição. Quando é cá na rua, não... Tinha o desfile com os carros alegóricos, então todo mundo participava. Agora ninguém participa. Além de ser longe, num é todo mundo que tem o dinheiro pra pagar pra entrar, né. Então eu acho que devia fazer igual era antigamente, uns anos atrás.*

A mesma nostalgia identificada no início dessa análise das entrevistas aparece agora referida a uma perda significativa para a comunidade: a tradicional Festa da Abóbora, com seus estímulos de toda sorte, não mais estava acessível à população.

Rebimba acusava o prefeito de descaso para com essa festividade importante para a vida comunitária:

*A maior coisa que existe, assim, em Cordisburgo, é a Festa da Abóbora. É... Porque divulgou Cordisburgo em muitos lugares essa festa da abóbora. Porque a festa da abóbora, em Cordisburgo, ela era uma festa tradicional, sabe? Muito tradicional. É uma festa que todo lado que você ia falava dessa festa. É... Mas aí ela chegou um ponto que ela acabou. Acabou por causa da falta de interesse aqui do prefeito que entrou. Mas foi uma coisa marcante pra Cordisburgo também essa festa da abóbora, sabe? (...) E a festa da abóbora ficou uns 3 ou 4 anos sem fazer. O prefeito acabou com ela. Não sei o quê que esse prefeito botou na cabeça que tinha que acabar com essa festa! Era uma festa tradicional muito grande, trazia um grupo muito grande pra cidade.*

Senhozório, que era funcionário público, suspeitava de que a festa seria utilizada com propósitos eleitorais:

*Tinha a festa da abóbora, da moranga híbrida, que era uma festa dos produtores rurais. Era uma festa muito boa, a cidade ficava movimentada, mas hoje não tem mais estas festas. A festa da moranga híbrida agora só acontece no ano de eleição, já não é mais uma festa dos produtores, é uma festa política.*

Para o produtor rural Baldualdo, a Festa da Abóbora Híbrida foi tomada daqueles a quem ela pertencia, os produtores rurais:

*Um evento marcante na minha juventude foi quando começou a acontecer aqui a Festa da Abóbora Moranga Híbrida. Era uma festa inteiramente voltada para os produtores. É uma festa que parece que, depois dos últimos acontecimentos, continuou sendo uma festa boa, mas em que o produtor foi perdendo o espaço dele dentro desta festa. Até quando aconteceu, esta festa foi um evento marcante, mas naquele tempo acho que era assim mais significativa para a classe que deu origem a ela.*

O líder político Riobaldo acreditava que a festa fora suspensa por dificuldades financeiras já que, em sua avaliação, eram necessários 60 mil reais para sua realização, dinheiro de que a Prefeitura não dispunha anualmente.

Por motivos políticos ou econômicos, o fato é que a retirada da Festa da Abóbora do calendário anual parecia ter roubado da população aquilo que de melhor as boas festas proporcionam: uma rica fonte de estímulos sensoriais de toda ordem, aliada a signos da identidade cultural da cidade.

Não deve ser demasiado ousado dizer que as festas talvez sejam, no final das contas, um caldeirão de percepções a borbulhar. Uma festa captura as sensações sensoriais e afetivas mais básicas – como o gosto por alimentar, a descontração provocada pelas bebidas, os estímulos visuais e auditivos etc. – e as liga aos sentidos comunitários cultivados: o aniversário de alguém, uma data cívica, uma grande conquista etc. Numa festa, o corpo dança com seus significados.

A festa possui a capacidade de fundar afetivamente uma percepção arcaica sobre um ideal elaborado, na direção de um projeto de mundo. Na festa, o *ethos* embrionário é celebrado no encontro comunitário com outras visões de mundo semelhantes ou, ao menos, não conflitantes.

Se a Festa da Abóbora era vista como uma perda, uma outra festividade começava a se despontar positivamente na percepção comunitária: tratava-se da Semana Roseana.

Dona Joaquina explicava:

*Tem o evento que vai ser agora, do dia 4 de julho ao dia 10, que é a Semana Roseana. São 7 dias que a academia escolheu para cultuar a memória do grande escritor. Então, se vocês puderem vir será muito bom. A gente conta com palestrantes de fora, pessoal da USP. Já tem uns que todo ano vêm. Então tem assim oficinas para o pessoal da cidade, tem uma mesa redonda. Quem quiser participar, pode.*

Riobaldo acrescenta os detalhes sobre uma caminhada eco-literária que acontece por ocasião dessa festa:

*Hoje nós temos uma caminhada ecológica que era com 20 pessoas, hoje são 400, 500 pessoas no decorrer da Semana Roseana. Isso é uma coisa que fecha, talvez, no dia de sábado, me parece. No final de semana que tem essa caminhada, que é um espetáculo. Hoje está com 400 pessoas, numa caminhada ecológica. Cada ano a gente percorre um trajeto dos vaqueiros de Guimarães Rosa e esse ano até acho que é na subida da serra para a Gruta de Maquiné, que foi um dos trajetos dele também.*

Para Lindalice essa festa começava a despertar um bom movimento não só da população, como também de turistas:

*Igual na festa Roseana: eles ficam a semana toda, eles adoram. Mas porque essas pessoas que vêm para a festa Roseana, eles são preparados, eles gostam é disso. Então eles adoram tudo. Tem lá no grupo exposição! Tem nos colégios todos, as professoras todas, né? Fazem aquelas “exposição”, elas gostam. Cada dia tem uma professora, tem um professor pra fazer as palestras... de tudo.*

Mira se entusiasmava:

*Mas tem a Semana Roseana aqui que tem as danças com as fitas, sabe? Que tem uns teatros, tem a contação de histórias, isso deixa marcado qualquer pessoa. É maravilhoso! Então, assim, uma das festas que eu acho maravilhosa, assim, que marca mesmo, assim, é a Semana Roseana. Principalmente quando tem a dança lá das... que é uma coisa que você acha que nem existe mais. Aí tá ali o pessoal dançando. Você já viu como é que é, né? Um pau no meio, aquele tanto de fitas e as mulheres passando uma sobre a outra, assim, e vai formando tipo uma trança, se eu não me engano direito. Então é maravilhoso! Uma coisa que marca é isso. É também o teatro, a peça, o cenário que o pessoal do museu faz pra contar história...*

Fitas, danças e histórias: são esses os elementos que fazem a percepção de Mira se traduzir com o adjetivo “maravilhoso”. O que provoca esse entusiasmo não é só a beleza plástica da dança das fitas, mas o fato de que ela venha associada a uma história que fala de si e fala da comunidade, que traduz os anseios em literatura e coreografias. Uma fenomenologia dessas manifestações nos faz passar das sensações somáticas à interpretação do modelo de sociedade que aquelas afirmam. Uma fenomenologia da percepção nos conduz a uma hermenêutica das formas de ser-no-mundo propostas nos relatos. O que há para ser interpretado nesses relatos é, como dizia Ricoeur, uma proposição de mundo, “um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios” (RICOEUR, 1988, p. 56).

## 6.10 O *ethos* embrionário de Cordisburgo

A etapa final do método fenomenológico consiste na formulação de uma estrutura da experiência. Como já foi dito no capítulo anterior, busca-se produzir uma proposição consistente referente às experiências do sujeito investigado, a partir de uma síntese das unidades de significado. “O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes de modo que o significado psicológico total possa sobressair” (GIORGI, 2001, p. 136).

A nosso ver, advertidos até pelas observações de Csordas (2008), é importante não perder de vista os conteúdos afetivos das percepções. Aquilo que no discurso é estruturado como linguagem aponta para um fundo corporal da experiência, onde representação e afeto são ainda indistinguíveis. Esse nível é, entretanto, vislumbrado e não exatamente “capturado”, dada sua natureza pré-objetiva. Para dizer à nossa maneira, esse nível é desvelado segundo uma hermenêutica que explicita seu *ethos* embrionário.

O que se pode depreender das unidades de sentido extraídas das entrevistas em Cordisburgo é que a pesquisa retrata um momento da experiência marcado por luto, nostalgia e uma indecisa esperança.

O Museu Casa de Guimarães Rosa consegue mobilizar um conjunto de percepções positivas na comunidade, em torno de experiências de identificação, incremento na auto-estima e desenvolvimento de capacidades pessoais. Os signos em torno da Casa de Guimarães Rosa falam de perto àquela gente e se inserem no círculo hermenêutico em que a expressão constrói a identidade e a identidade propicia a expressão. “A abelha é que é filha do mel”, diria Guimarães Rosa. O Museu é espelho que a comunidade constrói para se ver, onde se contam as histórias em que “casa sua alma com aquele caso”, como disse o nosso Joca Ramiro citado mais acima.

Mas a alma da cidade está em luto. Perdeu uma boa parcela de seus signos. Retiraram-lhe a festa, com seus aromas, seus barulhos, os desvarios que ela

introduz no cotidiano. Só lhe resta a nostalgia, essa atitude de repintar o passado com cores cada vez mais atraentes até que o presente se abra em lamentações.

O que esperar do futuro? Sobre isso a comunidade não está em acordo. Indecisa quanto ao modelo de desenvolvimento que lhe caberia melhor, vê seus filhos partirem para estudar em outros cantos, enquanto se pergunta se eles voltarão. Virão as chaminés? Se vierem, a vida vai melhorar? Nossa escuta não encontrou uma resposta unívoca a essas perguntas.

Enquanto isso, a cidade permanece à sombra da Gruta. Para a comunidade, os turistas passam sem que lhes seja dada a graça de perceberem que estiveram na Cidade do Coração. É preciso fazer alguma coisa para reverter isso, para mostrar às pessoas as riquezas de Cordisburgo. Mas não esperem que a própria gente do lugar seja a protagonista desses esforços (esse era o problema inicial). Não é sensato esperar a luta de quem está no luto.

Se até aqui o método fenomenológico, em sua formulação tradicional, nos conduziu com proveito, é o momento de realçarmos os ganhos de uma consideração hermenêutica do que chamamos *ethos embrionário*. O método fenomenológico nos deu o trampolim necessário para passarmos a um outro momento: um salto hermenêutico na direção de elucidarmos as proposições de mundo implicadas nas percepções.

Que proposição de mundo se depreende das entrevistas em Cordisburgo? Uma certa nostalgia atravessou as percepções, mas não impediu que outros afetos se mostrassem: a estima ao Museu, alguma mágoa com relação à Gruta, uma indecisão quanto ao progresso. O corolário dessas percepções abre caminho a uma imagem de como deve ser o mundo: “pela reminiscência, a esperança”, dizíamos mais acima.

Dos depoimentos colhidos (sempre se deve enfatizar isso), extrai-se a esperança de uma cidade com forte convívio comunitário, onde as pessoas se reconhecem na paisagem, mas também na cultura. Cordisburgo, a Cidade do Coração, quer revelar sua alma, traduzida nas histórias de Guimarães Rosa. Ali o meio ambiente não é questão de árvore: “o sertão é dentro da gente”.

Se tem que haver preocupação com a preservação da natureza, das belezas que Deus criou, isso não pode ser à custa de sacrificar o futuro dos filhos. Cordisburgo espera uma maneira de manter seus filhos por perto, crescendo em torno da família. Mas será com chaminés que se resolverá isso? A cidade ainda não sabe. Como fazer para ter empregos sem destruir o mundo é coisa que ainda não se sabe ao certo. O que significa “desenvolvimento sustentável” dentro dessas grutas, por entre essas grotas, nessas lonjuras do sertão? “A esperança, talvez, sempre cabedora. A vida é nunca e onde” (ROSA, 1985, p. 87).

A atividade turística parece ser boa alternativa. Mas não uma atividade de consumo instantâneo, de quem vem, olha e vai embora. Cordisburgo espera que o turista se misture à gente do lugar, para conhecer seus costumes, sua cultura. Nessa ética ambiental incipiente, o monumento natural não deve fazer sombra sobre os valores da comunidade.

Os contornos de um mundo melhor são entrevistados no Museu. Ali a preservação é também renovação. As crianças são encaminhadas na direção de uma existência mais ampla e os adultos despertam potenciais já adormecidos. Entre as recordações se enredam os sonhos.

Mas espera-se muito das autoridades: que elas cuidem da beleza e da alegria. É preciso cuidar da aparência da cidade, zelar pelos caminhos, limpar as praças. É dever dos governantes ajudar o visitante a descobrir alguma beleza na cidade. Mas, fundamentalmente, o governante tem que abrir espaço à festa. Há milênios as festas de colheita se incumbem de infundir nas comunidades o amor pela natureza, a gratidão pela fonte da vida. As festas de colheita celebram essa esperança de um relacionamento fecundo entre o trabalho e o meio ambiente. Em torno dessa esperança se dança, se bebe, se come, se namora... A festa é o momento em que a vida explode em múltiplas manifestações.

Essas esperanças formam um quadro daquilo que a vida *deve* ser. Nos sentidos já contidos em sua percepção do ambiente, a comunidade de Cordisburgo constitui, de forma ainda esboçada, os estatutos de uma *vida estimada boa*. Tais sentidos não foram encontrados como pedra bruta. Foram forjados no cadinho da hermenêutica. A objetividade que alguém poderia reclamar não haver no início,

agora pode encontrá-la sob nova forma: agora sabemos de que mundo estamos falando. Hermenêutica é uma explicitação de rumos, um jeito de colocar em evidência as pretensões, no momento de enfrentar conflitos. A hermenêutica extrai da percepção ambiental sua força geradora de mundos

## 7 CONCLUSÃO

Partimos, neste trabalho, do reconhecimento de que os estudos de percepção ambiental têm sido utilizados para dar voz às comunidades na solução dos conflitos eco-sociais contemporâneos. Mas nos perguntamos o que se pode afirmar, com segurança, que tais estudos captam. Essa pergunta nos levou a uma discussão epistemológica que, segundo percebemos, tem sido pouco empreendida nos estudos brasileiros. Mas fizemos a ressalva de que nossa pretensão não era julgar a maneira “correta” de se investigar percepção ambiental. Antes, nossa proposta era garantir que a escuta das comunidades não ficasse restrita à frieza dos “dados”, mas que fosse orientada por uma metodologia que descortinasse o caráter de proposição de mundo já presente na percepção.

Buscamos, então, na fenomenologia hermenêutica um fundamento epistemológico para a tarefa de trazer à luz os engajamentos existenciais do discurso ambiental, ao propor uma apropriação ampla do conceito de percepção ambiental, que perceba ali os contornos de uma ética embrionária.

A hermenêutica pretende se constituir numa perspectiva epistemológica que pressupõe a primazia do sentido na constituição humana do mundo. Investigar como se constituem as ciências sobre o fundamento último do mundo-da-vida é um dos objetivos dessa disciplina. Diante da complexidade que a questão ambiental representa no mundo contemporâneo, a hermenêutica supõe a escuta dos múltiplos sentidos da relação do ser humano com o ambiente.

Para se chegar à operacionalização hermenêutica do conceito de percepção ambiental, propusemos partir de sua investigação fenomenológica. O método fenomenológico é uma tentativa de descobrir na percepção ambiental os sentidos mais originários dos engajamentos humanos frente ao meio ambiente. A percepção, afirmamos, pode ser tomada como a primeira instância em que nossa apropriação do ambiente tende para uma forma humana de relação.

Mas, nossa conclusão é de que os “dados” da investigação fenomenológica permanecem inócuos se não são articulados a uma disciplina que revele o seu caráter de proposições de mundo. É preciso ir daquilo que se apresenta como unidades básicas do sentido na investigação fenomenológica a uma interpretação mais ampla do tipo de engajamento existencial. Enquanto a fenomenologia encontra na percepção uma seta de sentido que aponta na direção do pré-reflexivo, a hermenêutica abre a percepção na direção de sua proposta ética.

O conceito de percepção ambiental encontra numa dialética hermenêutica o seu caráter de *ethos* embrionário, isto é, uma matriz de sentido que esboça os contornos de uma postura ética e que é, antes de tudo, uma determinada forma de engajamento existencial. A percepção ambiental é explicitação de uma forma de ser-no-mundo com o ambiente.

A análise das entrevistas demonstrou que as percepções aparecem ora como a matriz de uma proposição de mundo, ora como o seu produto. Quando uma pessoa afirma que a gruta é “uma fábrica sem chaminé”, podemos identificar aí tanto para uma forma de organizar os dados sensoriais quanto uma constituição de sentido a partir de uma forma de conceber o mundo. Distinguir uma percepção “pura” talvez não seja nem possível, nem necessário, se o que importa é a posição com a qual a pessoa se coloca na relação e daí produz seus sentidos.

Nesse ponto, parece-nos, seria útil uma confrontação entre as diversas abordagens epistemológicas nos estudos de percepção ambiental para averiguar, de modo mais amplo, o que tem sido identificado sob esse rótulo. Um estudo mais aprofundado das diferentes orientações epistemológicas com as quais tem sido trabalhado esse conceito talvez permitisse melhor avaliar a própria proposta aqui realizada.

Um estudo assim talvez pudesse também ajudar-nos a clarear algo que me tem sido cobrado: distinguir melhor o método fenomenológico-hermenêutico de outros métodos qualitativos. Não me atreveria a dizer, com Giorgi (2001), por exemplo, que todo método qualitativo é uma variante da postura fenomenológica. Aqui tentei apontar como essencial nesse método não a constituição de unidades de sentido ou mesmo a famosa atitude de suspensão (*epoché*), sempre lembrada

quando se fala em fenomenologia. Embora essas duas atitudes tenham sido praticadas, tentei enfatizar que o fundamental, segundo a compreensão fenomenológica da percepção, era identificar essa apropriação somático-semântica em que a percepção já é sentido sobre o fundo de uma experiência afetiva, mas que ainda não é todo o sentido. A exploração desse “mais de sentido” já presente na percepção, parece-me, é o aspecto mais original dessa tese, propiciado pela abordagem hermenêutica.

Outro ponto chamou-me a atenção na análise do trabalho de campo e talvez pudesse embalar um outro estudo, em outro contexto: trata-se de fazer uma maior investigação sobre a importância das festas na constituição da percepção ambiental das comunidades. Pareceu-me que a mais completa metodologia de educação ambiental perderia de longe em poder de fundação de uma postura frente ao meio ambiente, quando comparada às potencialidades afetivas e significativas de uma festa. Detalhar melhor essa dinâmica e sua potencial utilização em projetos ambientais parece-me que vale um estudo.

Fica, de toda forma, a tentativa de buscar na fenomenologia-hermenêutica uma forma de trazer mais vida à discussão sobre os rumos de nossa aventura no planeta. “Coloco-me como já colocado, em meu desejo de ser”, dizia Ricoeur. Nossa ferramenta fenomenológico-hermenêutica de investigação da percepção ambiental pretende trazer à luz esse inultrapassável desejo de ser.

## REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 3ª ed. São Paulo: Pioneira, 2001.
- AMATUZZI, Mauro M. Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, Maria A. T.; HOLANDA, Adriano F. (orgs.). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega, 2005, p. 15-22.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2003.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENJAMIN, Alfred. *A entrevista de ajuda*. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BLEICHER, Joseph. *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1992. 383p.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ática, 1993.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra*. 8a. edição. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAPALBO, Creusa. *Metodologia das ciências sociais: fenomenologia de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro: Antares, 1979.
- CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e ciência: Edmundo Husserl e Maurice Merleau-Ponty. In: CASTRO, Dagmar Silva e outros. *Existência e Saúde*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002, p. 13-34.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Os sentidos de "ambiental": a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: LEFF, Enrique (coord.). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003a, p. 99-120.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 9, julho de 2003b, p. 283-302.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Análise do discurso e hermenêutica: reflexões sobre a relação estrutura-acontecimento e o conceito de interpretação. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente (orgs.). *Metodologias emergentes em educação ambiental*. Ijuí (RS): Unijuí, 2005, p. 201-216.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO TURÍSTICA – CEDITUR;  
CENTRO DE ESTUDOS DO MEIO AMBIENTE – CEMA. *Projeto Maquiné*. Arquivo pessoal, s.d.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos; Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. 996p.

CMMAD - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CORETH, Emerich. *Questões Fundamentais de Hermenêutica*. São Paulo: EPU, 1973. 202p.

COMTE-SPONVILLE, André. *Viver*. São Paulo: Martins Fontes: 2000.

COSTA, Ricardo Lúcio da. *Diário de Campo*. Arquivo pessoal, 2005.

CRITELLI, Dulce M. *Analítica do Sentido*. Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Educ e Brasiliense, 1996.

CSORDAS, Thomas. *Corpo / significado / cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1993.

DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (orgs.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs.). *Percepção Ambiental*. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCa, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB – Universidade de São Paulo, 1994

DILTHEY, W. *Psicologia y Teoria del Conocimiento*, in: *Obras de Wilhelm Dilthey*. Vol. VI. 2ª ed. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1951.

DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia e ciências humanas*. Tomo 1: Positivismo e Hermenêutica – Durkheim e Weber. São Paulo: Loyola, 2004.

ERTHAL, Tereza C. S. *Terapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Edusp, 1993.

FERNANDES, Roosevelt S.; DE SOUZA, Valdir José; PELISSARI Vinicius Braga; FERNANDES, Sabrina T. *Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental*. Disponível em <[http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao\\_Ambiental.pdf](http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf)>, acesso em 14 de novembro, 2006.

FIGUEIREDO, Luís C. M. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. 208p.

FOLTZ, Bruce V. *Habitar a terra: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente (orgs.). *Metodologias emergentes em educação ambiental*. Ijuí (RS): Unijuí, 2005.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006.

GILES, Thomas R. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes, 1979.

GIORGI, Amedeo. Método psicológico fenomenológico: alguns tópicos teóricos e práticos. *Educação*, Porto Alegre, v.24, n.43, p. 133-150, abr. 2001.

GIORGI, Amedeo. The phenomenological movement and research in the human sciences. *Nursing Science Quarterly*. V. 18, n. 1, janeiro, 2005, p. 75-82.

GIOVANETTI, José Paulo. Pós-modernidade e vazio existencial, in: CASTRO, Dagmar Silva e outros. *Existência e Saúde*. São Bernardo do Campo: UESP, 2002, p. 91-100.

GOTO, Tommy Akira. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paulo Tillich*. São Paulo: Paulus, 2004.

GRUBITS, Sônia; NORIEGA, José A. V. (orgs.). *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação*. São Paulo: Vetor, 2002.

GRÜN, Mauro. *Em busca da dimensão ética da educação ambiental*. Campinas (SP): Papyrus, 2007.

GÜNTHER, Hartmut. Reflexões sobre a sustentabilidade da psicologia ambiental no Brasil. In: TASSARA, Eda T. de Oliveira; RABINOVICH, Elaine Pedreira; GUEDES, Maria do Carmo (eds.). *Psicologia e ambiente*. São Paulo: Educ, 2004, p.120-131.

GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel Souza Lobo. *Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente*. Campinas: Alinea, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HART, Paul. Narrativa, conhecimento e metodologias emergentes na pesquisa em educação ambiental: questões de qualidade. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente (orgs.). *Metodologias emergentes em educação ambiental*. Ijuí (RS): Unijuí, 2005, p. 15-62.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1988. 2 vols.

IANNI, Aurea Maria Zölner. A produção social do ambiente na periferia da metrópole: o caso da capela do Socorro, São Paulo, in: JACOBI, Pedro Roberto. *Ciência ambiental: os desafios da interdisciplinaridade*. São Paulo: Annablume - Fapesp, 2000.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L. (orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

JOSGRILBERG, Rui. O método fenomenológico e as ciências humanas, in: CASTRO, Dagmar Silva e outros. *Fenomenologia e Análise do Existir*. São Bernardo do Campo: UESP, 2000, p. 75-95.

JOSGRILBERG, Rui. As analíticas fenomenológicas e o diálogo com as ciências, in: CASTRO, Dagmar Silva e outros. *Existência e Saúde*. São Bernardo do Campo: UESP, 2002, p. 35-56.

LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru (SP): Edusc, 2004.

- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*, ensaio de Antropologia Simétrica. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.
- LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. 3ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- LEFF, Enrique (coord.). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MARIN, Andreia Aparecida. *Pesquisa em EA e percepção ambiental*. S.d. Texto fotocopiado.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. 2ª edição. São Paulo: Moraes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Destino > cidades > Cordisburgo*. Disponível em <[http://www.braziltour.com/site/br/cidades/materia.php?estados=11&id\\_cidade=7509&regioes=1](http://www.braziltour.com/site/br/cidades/materia.php?estados=11&id_cidade=7509&regioes=1)> Acesso em 12 de dezembro de 2008.
- MONTEIRO, André Maurício. Repercussões do paradigma pós-moderno na pesquisa de relacionamentos conjugais. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 20, n. 2, 2000, p. 38-45.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.
- MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *Rev. Bras. Ciência e Movimento*, v. 13, n. 4, 2005, p. 107-114.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. A carta de identidade terrena. In: *Revista Margem, dossiê: a condição planetária*, número 3, São Paulo, dezembro, 1994.
- MOSER, Gabriel. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. *Psicologia USP*, v. 16, n. 1/2, 2005, p. 279-294.

- OKAMOTO, Jun. *Percepção ambiental e comportamento*. Visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.
- OLIVEIRA, Livia de. A percepção da qualidade ambiental, in: *Cadernos de Geografia*. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 12, n. 18, 2002.
- OLIVEIRA, Nythamar de; SOUZA, Draiton G. de (orgs.). *Hermenêutica e filosofia primeira*. Ijuí (RS): Unijuí, 2006.
- PACHECO, Éser. Psicanálise como arqueologia do sujeito, em Paul Ricoeur. In: ARAÚJO, José Newton Garcia; FERRARI, Ilka Franco (orgs.). *Psicologia e ciência na PUC Minas*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- PASQUA, Hervé. *Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- PELIZZOLI, Marcelo L. *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PERILLO, Bruna K. *Diário de campo*. Arquivo pessoal, 2005.
- PINHEIRO, José Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. *Estudos de Psicologia*, v. 2, n. 2, 1997, p. 377-398.
- PINHEIRO, José Q.; GÜNTHER, Hartmut (orgs.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- POKLADÉK, Danuta D. (org.). *A fenomenologia do cuidar*. Prática dos horizontes vividos ns áreas de saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor, 2004.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CORDISBURGO. *Site oficial*. Disponível em <<http://www.cordisburgo.mg.gov.br/>>. Acesso em 14 de abril de 2005.
- RABINOW, Paul; SULLIVAN, William (org.). *Interpretive Social Science: a reader*. Berkeley: University of California Press, 1979.
- REY, Fernando G. *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Thomson, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Da Interpretação, ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

- RICOEUR, Paul. *Finitud y Culpabilidad: I. El hombre labil. II. La simbolica del mal*. Madri: Taurus, 1982.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas (SP): Papyrus, 1991.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas (SP): Papyrus, 1994. 3 vols.
- RICOEUR, Paul. *Leituras 1 : em torno ao político*. São Paulo: Loyola, 1995.
- RICOEUR, Paul. *Na escola da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ROGERS, Carl; KINGET, G. Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas*. 2 vols. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
- ROJAS, Enrique. *O homem moderno*. São Paulo: Mandarin, 1996.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- RUBIN, Herbert; RUBIN, Irene. *Qualitative interviewing: the art of hearing data*. London: Sage Publications, 1995.
- SÁ, Roberto N. de; RODRIGUES, Joelson T. A questão do sujeito e do intimismo em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica. In: FEIJOO, Ana Maria L. C. de. *Interpretações fenomenológico-existenciais para o sofrimento psíquico na atualidade*. Rio de Janeiro: GdN Editora, 2008.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4ª edição. São Paulo: Graal, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G.; NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SARTRE, Jeal-Paul. *O Existencialismo é um humanismo; a imaginação; questão de método*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção "Os Pensadores").

SCHLEIERMACHER, Friederich D. E. *Hermenêutica. Arte e técnica da interpretação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 102p.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney. *História da Psicologia Moderna*. Tradução da 8ª edição norte-americana. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SENAC MINAS GERAIS. *Descubraminas: das grutas*. Disponível em: <[http://www.descubraminas.com.br/DestinosTuristicos/hpg\\_circuito.asp?id\\_circuito=6&id\\_municipio=90](http://www.descubraminas.com.br/DestinosTuristicos/hpg_circuito.asp?id_circuito=6&id_municipio=90)> . Acesso em 12 de dezembro de 2008.

SERRES, Michel. *Luzes, cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo: Unimarco, 1999.

SILVA, Hilton P. et al. Biodiversity conservation and human well-being: challenges for the populations and protected areas of the brazilian atlantic forest. *EcoHealth*, n. 2, 2005, p. 333-342.

SILVA, José Maria da. *Festa da Moranga Híbrida*. Cordisburgo (MG): EMATER-MG, 2009. Apresentação do Microsoft PowerPoint.

SPRADLEY, James. *The ethnographic interview*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

SOCZKA, Luis. As raízes da Psicologia Ambiental. In: SOCZKA, Luis (org.). *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

STARLING, Roosevelt R. Especializações em psicologia: subsídios para uma discussão necessária. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 22, n. 1, 2002, p. 80-91.

TASSARA, Eda T. O.; RABINOVICH, Elaine P.; GUEDES, Maria do Carmo (eds.). *Psicologia e ambiente*. São Paulo: Educ, 2004.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. 2a. edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAZ, Henrique C. L. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1993.  
ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

## ANEXO I

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS EM CORDISBURGO

UNICENTRO NEWTON PAIVA  
CENTRO DE ESTUDOS DO MEIO AMBIENTE  
PSICOLOGIA E ECOLOGIA HUMANA

PROJETO “LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE DE CORDISBURGO”

#### ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

##### **I – Estabelecimento do Contato**

- a) Rapport
- b) Compromisso de sigilo
- c) Termo de consentimento livre e esclarecido

##### **II – Identificação**

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Sexo:
- d) Profissão:

##### **III – Inserção na Comunidade**

- a) É natural de Cordisburgo?
- b) Desde quando reside na cidade?
- c) Como veio a morar em Cordisburgo?
- d) Participa de algum movimento ou atividade voluntária na cidade?

##### **IV - Memória**

- a) Como era Cordisburgo na sua infância/juventude?
- b) Você é capaz de citar algum evento ou acontecimento marcante na sua experiência em Cordisburgo?

##### **IV – Percepção Turística**

- a) O que Cordisburgo tem de atrativo?
- b) Você conhece os pontos turísticos da cidade?
- c) Como você avalia estes pontos turísticos?
- d) Quais ou qual deles você acha mais interessante?
- e) Você tem sugestões para melhorar o turismo de Cordisburgo?

## ANEXO II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UTILIZADO EM CORDISBURGO

#### **Título do Projeto: LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE DE CORDISBURGO - MG**

##### **1) Introdução**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE DE CORDISBURGO – MG**. Se decidir participar dela, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

##### **2) Objetivo**

O objetivo deste estudo é descrever como a comunidade de Cordisburgo percebe e significa sua vivência ambiental na cidade.

##### **3) Procedimentos do Estudo**

Se concordar em participar deste estudo você será solicitado a conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e analisada pelos integrantes da equipe de pesquisa (um professor e doze alunos). Essa transcrição ficará arquivada e ninguém mais terá acesso a ela. Na divulgação dos resultados da pesquisa o seu nome não será citado.

##### **4) Riscos e desconfortos**

O risco maior que você corre é o de não ser bem compreendida pelo entrevistador. Esse risco será minimizado pelo fato de sua entrevista ser analisada por uma equipe.

O risco de se expor mais do que desejaria é atenuado pelo compromisso de sigilo que a equipe assume.

##### **5) Benefícios**

O conhecimento advindo da pesquisa poderá beneficiar a comunidade de Cordisburgo em projetos de desenvolvimento comunitário e de turismo sustentável.

##### **6) Caráter Confidencial dos Registros**

Sua identidade será sempre mantida em sigilo, mas o professor e os estudantes de psicologia que integram a equipe de pesquisa manusearão as informações nela contida. Você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado,

seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Ao assinar este consentimento informado, você autoriza as inspeções nesses registros.

**7) Responsáveis pelo Projeto:**

O responsável por essa pesquisa é o Professor Éser Técio Pacheco, cujo telefone é (31) 9976-7226. Essa pesquisa é realizada por iniciativa do Centro de Estudos do Meio Ambiente, do Unicentro Newton Paiva, cujo responsável é o Professor Marcelino dos Santos Moraes, cujo telefone é (31) 9619-6874.

**8) Declaração de consentimento**

Declaro que fui informado sobre os métodos e meios de pesquisa, riscos e benefícios que podem resultar deste estudo. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante ou representante legal

\_\_\_\_\_  
Data

## ANEXO III

## RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS EM CORDISBURGO

Nº	Entrevistado	Entrevistador
1	Riobaldo	Éser
2	Hermógenes	Ricardo
3	Joca Ramiro	Karina
4	Lindalice	Edésio / Bruna
5	Cilda	Éser
6	Sinhalice	Rachel
7	Dona Joaquina	Ricardo
8	Romão	Patrícia
9	Maria Andreza	Edésio / Bruna
10	Siantônia	Edésio / Bruna
11	Mira	Fabício
12	Gedeão	Rachel
13	Ladislau	Adriana
14	João Porém	Éser
15	Baldualdo	Adriana
16	Duarte Dias	Adriana
17	Nhoé	Éser
18	Rebimba	Karina
19	Senhozório	Adriana
20	Quirinéia	Adriana
21	Jó Joaquim	Edésio / Bruna
22	Maria Eva	Edésio / Bruna
23	Rosa	Patrícia
24	Dismundo	Patrícia
25	Derval	Edésio / Bruna
26	Hetério	Edésio / Bruna
27	Izidra	Patrícia
28,29	Jerevo e Jelásio	Rachel
30	Fifino	Ricardo
31	Eugeniana	Ricardo
32	Lelena	Fabiana
33	Lourinha	Fabiana
34	Lúcia	Fabiana

## ANEXO IV

## TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM CORDISBURGO (MG)

**Nota:** Na transcrição, foi preservado o aspecto coloquial dos relatos.

**Entrevistador(a):** Éser Pacheco  
**Entrevistado(a):** Riobaldo  
**Ocupação do entrevistado(a):** Liderança política, comerciante.  
**Idade:** 57.  
**Local:** Cordisburgo (residência do entrevistado).

**Equipe:** O senhor nasceu aqui em Cordisburgo mesmo? Como é a história do senhor na cidade?

**Riobaldo:** Eu nasci numa comunidade rural que chama São José das Lajes, mas vim para aqui em 1961 para seguir os estudos e estou aqui até hoje, com muita honra, um prazer de viver, um lugar de viver meu é Cordisburgo. Que é uma cidade de tranquilidade, muito sossego e precisando até de alguns desenvolvimentos que a gente lutou para isso. Quando foi eu que administrei a cidade de 2001 a 2004, nos lutamos por uma divulgação muito boa no setor turismo, tanto pela Gruta de Maquiné que nós temos aqui, uma beleza! Uma das 3ª beleza mundial, e também o Museu Guimarães Rosa, Associação Museu Casa Guimarães Rosa que também temos aí todo mês final de junho uma semana roseana aniversário de morte de Guimarães Rosa que também está divulgando muito a nossa cidade, o nosso município, através da representação também do grupo Miguilim que apresentam em Brasília, São Paulo, Rio Grande do sul. Então está sendo uma divulgação muito boa.

E nisso, trouxemos agora também o desenvolvimento que tira um pouco a tranquilidade, mas acho que toda cidade que tem um desenvolvimento industrial, a tranquilidade diminui um pouco, mas isso a gente está precisando porque nós não temos o emprego aqui, há dificuldade, o pessoal tem que sair para fora, qualquer tipo de emprego a pessoa tem que procurar fora, em Belo Horizonte é Sete Lagoas. Mas nós lutamos e conseguimos agora em 2004 a partir do mês de março, através de várias reuniões conseguimos trazer, um grupo siderúrgico que nós vamos talvez inaugurar até no final desse ano, já está em fase de montagem, foi um sucesso, está uma alegria da população.

**Equipe:** Vai funcionar dentro do perímetro da cidade mesmo?

**Riobaldo:** Vai, dentro do perímetro da cidade. Lá já tinha tido em 61-71 tinha tido uma siderúrgica, e foi agora nós conseguimos estar com uma renovação dessa siderúrgica, até pelas leis ambientais para o alvará de licença sair, já foi feito todo relatório, já está tudo dentro da lei, já está em fase de montagem.

**Equipe:** E é aqui pertence ao município?

**Riobaldo:** Fica em Quintino Vargas, perto do município de Cordisburgo, é um arraialzinho também, uma comunidade rural, fica a 6 quilômetros daqui, pela estrada via Curvelo. Então essa importância, a gente sente bem em referir que foi um sucesso. É um sonho da população, como de fato é um sonho mesmo da população está todo mundo vibrando só esperando a hora de inaugurar.

**Equipe:** Agora o senhor falou que ao mesmo tempo que traz mais emprego, traz mais o desenvolvimento quebra um pouco da tranquilidade.

**Riobaldo:** Isso quebra.

**Equipe:** Como é que a população reage a isso?

**Riobaldo:** Ah, a população está reagindo na forma de desenvolvimento, está todo mundo num parâmetro só, numa satisfação só. Muita gente que ainda fala “Isso aí para Cordisburgo não é verdade, é um sonho que está acontecendo. A população está vibrando, vibrando mesmo.

**Equipe:** E nesses anos que o senhor está aqui esse quadro da cidade uma cidade mais tranquila, agora com uma perspectiva de maior progresso. Mudou muito a cidade nesses anos?

**Riobaldo:** Não entendi?

**Equipe:** Nesses anos que o senhor está aqui, desde que o senhor chegou aqui até hoje mudou muito a cidade?

**Riobaldo:** Já teve até decadência, porque já funcionava uma siderúrgica aqui, tinha rede ferroviária que era um grande emprego aqui em Cordisburgo também que foi abaixo. Pararam a ECA pegou mais parou, o emprego que tinha aqui parou, porque acabou o transporte de passageiro, parou 50% do transporte ferroviário, então o emprego diminuiu. As fazendas em si também que é uma renda mais forte em Cordisburgo, a agropecuária também paralisou muito devido a situação de consumo e etc. O fazendeiro, ele caiu bem, quer dizer, diminuiu também a área empregatícia. Mas essa tranquilidade, o desenvolvimento curto, o aumento de comércio, mas não temos a indústria que isso é o que faz esse desenvolvimento. Então a cidade está, esteve paralisada nesse período e deu essa diferença daí de uns 4-5 anos, justamente a divulgação, o trabalho que foi feito no setor do turismo na parte do turismo na Gruta de Maquiné, através do Museu Guimarães Rosa. Inclusive eu acho que poderia falar da importância do trabalho que foi feito aqui pela Newton Paiva, o Projeto Maquiné, que foi deslumbrante, foi magnífico, um projeto maravilhoso, e ajudou bastante na divulgação de Cordisburgo em todos os setores mas principalmente no setor turístico.

**Equipe:** Em relação a qualidade de vida aqui da cidade como o senhor definiria?

**Riobaldo:** A qualidade de vida é pesada, não é tranquila. Aqui mais o empresário quase não temos, mais é os fazendeiros. Tem dado fazendeiros fortes na região.

Qualidade de vida é sadia em termo de preocupação, de viver, de vida é sossegado, muito tranquilo. Agora é difícil a renda per capita, renda muito baixa, empregos aqui hoje é prefeitura e se Deus quiser até o final do ano já muda essa história aí, e tem perspectiva também de uma fábrica de tecido para se inaugurada brevemente. Já com força do novo prefeito que está conseguindo também isso aí. E temos certeza que atrás de uma indústria virão mais.

**Equipe:** O senhor citou a questão do turismo, citou esses pontos turísticos. O senhor acho que tem mais algum outro atrativo na cidade além desses que citou?

**Riobaldo:** Não tem, é esses dois atrativos, atrativos tem o meio rural, que tem pessoas de Belo Horizonte, cidades de fora, que tem seus sítios, suas casinhas nas comunidades vizinhas, que vem sempre nos finais de semana e ali se faz o turismo rural, de trilhas, isso também pega, os atrativos são esses. A não ser as festas tradicionais, como Festa do Rosário, tem a festa talvez seja feita, por dificuldade do município não foi feita de renda do repasse financeiro do município que é muito pequeno, ficamos sem fazer, que é uma festa que gasta e torno de 60 mil reais para ser realizada, a Festa da Abóbora Híbrida, porque somos, Cordisburgo é o primeiro produtor de abóbora híbrida do estado de Minas Gerais a moranga híbrida. Então, acho que os atrativos é mais a tranquilidade, o pessoal vem, o carnaval por exemplo, é um atrativo muito bom que enche 50% de pessoas de cidades vizinhas, de Belo Horizonte, etc.

**Equipe:** E essas festas em geral o pessoal acolhe bem?

**Riobaldo:** Acolhe, acolhe muito bem

**Equipe:** É uma coisa que movimenta a cidade?

**Riobaldo:** Movimenta bem a cidade. E além da Festa do Rosário e a festa da abóbora, ainda tem outras festas no meio rural, tem umas festas de peão, de boiadeiro, rodeios, festa do cavalo que é citada igual em São José da Laje com muita fama. Então são atrativos também que traz bastante gente tanto do município como também de cidades vizinhas.

**Equipe:** Agora em relação a esses dois pontos turísticos que o senhor citou; o Museu e a Gruta como é a opinião do senhor. Acha que poderia ser feito lá, em relação a esses dois pontos? Tem alguma coisa que o senhor acha que devia melhorar?

**Riobaldo:** Acho que o importante, Gruta de Maquiné, por exemplo. O Museu já está bem divulgado, a gente tem o privilégio de ter tido Guimarães Rosa um filho de Cordisburgo, então já está divulgado no município inteiro. Agora a Gruta de Maquiné eu acho que a divulgação é muito importante, tanto internacional. Mas como não tem condições de se colocar numa mídia, numa televisão, pelos altos custos, então o município não tem condição, a fundação não arrecada para isso que é a Fundação Maquinetur. Não arrecada para isso, então torna difícil, mas tem sempre um trabalho de divulgação com o colégio, escolas, um percentual de desconto para estudante. Agora eu acho que o importante é conseguir uma divulgação talvez gratuita ou com o preço bem baixo, para o município ter condições de divulgar melhor essa beleza que nós temos aqui. Como até nós fizemos em nosso tempo, trabalhos muito importantes de divulgação. Curta divulgação pelo setor financeiro não tem condições melhor. Teve uma época que nós colocamos na TV Mulher, uma parceria foi feita com Maquiné com a prefeitura, outras épocas foram filmagens, algumas pequenas propagandas, filme como Diamante Cor de Rosa, partes, né? Teve uma outra que eu me esqueci o nome de uma novela que foi filmado uma parte que foi na Gruta, então a gente troca uma divulgação, é isso aí. Mas é minúscula a Cordisburgo, Gruta de Maquiné. Então o que necessitava é isso aí, ter sempre uma parceria, uma empresa nesse parâmetro para ajudar nessa divulgação, numa televisão, numa mídia forte aí para que trouxesse Brasil, nacional e mundial também, que a gente recebe muito turista estrangeiro mas caiu o percentual um pouco, mas ainda temos aí a presença desse turista ainda, estrangeiro, o fluxo caiu um pouco.

**Equipe:** E a relação da comunidade com a Gruta. Como o senhor vê isso?

**Riobaldo:** Sempre, eu até em 2003, eu fiz um trabalho nas escolas rurais para trazer nos finais de semana a população a Gruta. Na verdade a gente não sabe assim índice certo, mas eu acredito que a população de Cordisburgo, existe ainda 30% que não conhece a Gruta de Maquiné. Isso talvez porque não foi feito um trabalho expansivo para a população gratuitamente para pegar o pessoal e levá-los para conhecer o que é deles, o que é do povo de Cordisburgo. Mas não teve ainda, eu comecei a fazer isso, incentivamos. Foram algumas pessoas, um percentil mínimo, mas foram. Mas o relacionamento é bom em partes, botar 20-30% que ou 50% que está sempre presente e colabora com o trabalho com plaquetas no carro, no caminhão, participam bem, mas falta esse conhecimento da área, que é muitas vezes as pessoas de menos cultura, não dá aquele valor que merece essa beleza que a gente tem que é a Gruta.

**Equipe:** Voltando um pouco na história, para o relacionamento do senhor com a cidade, durante o tempo que o senhor tem aqui, quais os fatos que mais marcaram a vida do senhor aqui na cidade?

**Riobaldo:** Quando a gente veio.

**Equipe:** Aliás, o senhor veio para cá como?

**Riobaldo:** Eu vim estudar em 61, inclusive onde eu morava tinha até 3º ano eu tive que fazer esse 3º ano por duas vezes, eu fiz passei e tive que fazer de novo, porque não tinha condições de vim para procurar os estudos aí, quando apareceu a condição a gente veio para a casa de família. Fiquei morando uma temporada na casa de família, depois meu pai mudou para aqui e o sonho da gente era justamente o que conversamos no passado;

indústria, desenvolvimento, que começou e acabou, paralisou naquilo ali. Mas muitos sonhos, muitas coisas boas aconteceram, estudo, amizades, veio o casamento, a família e a gente vai tocando a vida. Agora o sonho para realização, quando entrei na prefeitura em 2001 o meu sonho era de trazer uma indústria e graças a Deus eu consegui para ser realizado, inaugurado até o final do ano, então o sonho da gente é o desenvolvimento dessa cidade, o povo merece, muito carente de emprego, situação financeira. Hoje, por exemplo, tem um emprego em Cordisburgo que é o cristal, o pessoal invade algumas fazendas dá alguns problemas, dá atrito, mas a gente fica com muita pena porque o pessoal precisa do emprego e salvou muito a parte do emprego do pessoal aqui porque tem 200-300 pessoal cavando o chão, para extrair o cristal. É irregular também, tão criando uma associação mas não sei se poderá ir para frente.

**Equipe:** Agora o senhor fala desses dois períodos que tinha uma industrialização.

**Riobaldo:** Parou.

**Equipe:** Teve uma quebra, agora vai começar o outro. Essa quebra que teve foi por conta de que? Foi a empresa que faliu, mudou o perfil?

**Riobaldo:** A empresa acho que uns sócios que entraram novatos, parece que devido a matéria-prima se mais perto levaram para Matozinhos, e não sei talvez até por falta de incentivo. Nessa época era bastante difícil, não tinha e não tem até hoje asfalto, estradas boas, telefone, mas foi falta, talvez seja a distância mesmo da matéria-prima, hoje não tem mais isso, mas antes tinha a rede ferroviária que fazia o transporte cobrando um frete muito mais barato.

**Equipe:** E o impacto disso para a vida da cidade?

**Riobaldo:** Atrasou durante uns 30 anos, paralisou mesmo, firmando mesmo só em 2001, que deu essa levantada. Hoje nós temos uma caminhada ecológica que era com 20 pessoas, hoje são 400, 500 pessoas no decorrer da Semana Roseana. Isso é uma coisa que fecha, talvez, no dia de sábado, me parece. No final de semana que tem essa caminhada, que é um espetáculo. Hoje está com 400 pessoas, numa caminhada ecológica. Cada ano a gente percorre um trajeto dos vaqueiros de Guimarães Rosa e esse ano até acho que é na subida da serra para a Gruta de Maquiné, que foi um dos trajetos dele também.

**Equipe:** E isso, há uma movimentação boa?

**Riobaldo:** Dá uma movimentada boa, é uma semana de festa mais cultural, muito importante. Vem pessoas do Rio de Janeiro, São Paulo e até internacional. Muito importante isso para a cidade, foi o que segurou muito a parte do turismo e a parte da cultura, da educação do município.

**Equipe:** Tem mais alguma coisa que o senhor acha que é importante para a gente saber para entender a cidade de Cordisburgo, o senhor vai querer falar?

**Riobaldo:** Olha, Cordisburgo é a cidade do coração, a gente quer que tudo melhore, quer tudo de bom para Cordisburgo. Mas não tem assim, no fechar da história todo mundo sonha mesmo com o desenvolvimento, nessa área, nessas fábricas que nós temos aqui, tem uma sem chaminé que é a Gruta de Maquiné e agora nós vamos ter uma com chaminé que é a Siderúrgica, que é a Siderúrgica Montana, mas que acho que mais indústrias chegando, que vindo, uma parece que puxa a outra, o caminho é esse. É o sonho da gente, do Cordisburguense, é o sonho da população. É isso aí, que as famílias, estudam e se concentram aqui. O desenvolvimento educacional, a gente luta também por uma faculdade, uma escola de maior potência para as pessoas não precisarem se deslocar que isso é muito importante. Faculdade acho que fica um município muito pequeno, tem que ter uma participação, infelizmente o fundo de participação é 06, é o menor que tem e estamos aí com o índice do IBGE de 8.700 mil habitantes, eu acho que tem bem mais. Nós temos 25 comunidades rurais com 17 escolas rurais, temos extensão de 83.87 km<sup>2</sup> de município com um fundo de participação desses. Dai então estamos sacrificados nisso aí, então nos temos

o colégio superior, mas se for para vir uma faculdade tem que ter um parceria do município. E o município encontra um desgaste nessa parte porque não tem como fazer uma parceria de 8 mil reais por mês.

**Equipe:** Você espera então agora que a gente vá ver um período muito bom?

**Riobaldo:** Justamente, um novo tempo se Deus quiser é isso que a gente espera e torce todos para isso e colaborar também estar presente para ajudar.

**Equipe:** Obrigado.

**Riobaldo:** Por nada.

**Entrevistador(a):** Ricardo

**Entrevistado(a):** Hermógenes

**Ocupação do entrevistado(a):** Locutor de rádio.

**Idade:** 27

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Desde quando você reside aqui na cidade?

**Hermógenes:** Desde os cinco anos de idade

**Equipe:** Tem algum movimento aqui na cidade que você participa, além da rádio, né? Tem algum movimento voluntário?

**Hermógenes:** Ée... eu faço um trabalho evangélico, chamado igreja da benção.

**Equipe:** E como é o trabalho?

**Hermógenes:** A gente prega a bíblia, para as pessoas que vão lá.

**Equipe:** Você mora aqui desde os cinco anos, como você falou...

**Hermógenes:** Isso, desde os cinco anos.

**Equipe:** Como era Cordisburgo na sua infância?

**Hermógenes:** O pouco que me lembro, era mais pequena a cidade algumas ruas não eram asfaltadas e... não teve muita mudança não, algumas coisinhas só que... tá entendendo?

**Equipe:** Sim... tem algum acontecimento da sua infância que marcou, tem alguma estória pra contar?

**Hermógenes:** Na minha infância?

**Equipe:** É... infância, adolescência... até mesmo atual, né...

**Hermógenes:** Ée... não, num tem muita coisa não sô.

**Equipe:** Não tem nenhum evento alguma coisa marcante?

**Hermógenes:** Que marcou minha vida? Ah! Não, que eu tô lembrado no momento não... pra ser sincero.

**Equipe:** Cordisburgo tem atrativos? Você conhece algum ponto turístico da cidade?

**Hermógenes:** Cordisburgo tem a gruta do Maquiné, eu nunca entrei lá, já fui lá mas entrar dentro da gruta nunca entrei. Tem o zoológico de pedra lá em baixo, que a gente passa na porta toda hora. Tem o receptivo turístico. Tem a igreja matriz, igreja católica... que eu tô lembrado é só... e o museu, museu Guimarães Rosa.

**Equipe:** E tem... relativo a festas, tem algum evento?

**Hermógenes:** Se tem algum evento?

**Equipe:** Isso...

**Hermógenes:** De vez em quando tem, algum show, algum cantor, alguma festa assim... igual outro dia teve a festa do circuito de rodeio profissional, lá no parque de exposições... tinha a festa da abóbora, mas parou de ser feita, tinha todo ano. Tinha a festa do cavalo todo ano que parou também. Tem... já tem, muito tempo, uns quatro anos que não tem.

**Equipe:** E vem muita gente pra festa do rodeio?

**Hermógenes:** Nesse ultimo rodeio, a rádio anunciou, veio bastante gente, encheu lá no parque de exposição.

**Equipe:** Vem gente de fora ou mais de Cordisburgo?

**Hermógenes:** Gente de fora e gente de Cordisburgo...

**Equipe:** Desses pontos turísticos tem algum que você mais gosta?

**Hermógenes:** Olha... o ponto turístico que eu acho bacana é o morro da gruta alí. Você subindo indo pra gruta você sobe aquele morro, aquele morrão e olha pra baixo... não é bem a gruta, né, mas...

**Equipe:** Tem um mirante, né?

**Hermógenes:** Isso... ali e o lugar que eu acho mais bacana aqui de Cordisburgo. Num ta dentro da gruta mas... né.

**Equipe:** Tem algum motivo especial?

**Hermógenes:** Por causa da vista, né... tem a vista bonita.

**Equipe:** Tem muito tempo que você vai lá?

**Hermógenes:** Já fui lá umas três vezes...deve ter um ano mais ou menos.

**Equipe:** Na sua infância, adolescência, tinha outro ponto também?

**Hermógenes:** Na época da minha infância, que eu lembro era o museu Guimarães Rosa e a gruta. Não tinha o zoológico de pedra... ah! E a igreja matriz também, né... esses três. O receptivo turístico.

**Equipe:** Agora, dos pontos turísticos, qual você acha que é o mais visitado?

**Hermógenes:** O mais visitado é a gruta, né, sem comparação... pelo que eu tenho de informação e pelo que a gente vê também, né... os carros passando os ônibus... e o museu também.

**Equipe:** Você tem alguma ideia de por que o pessoal não vai nos outros pontos?

**Hermógenes:** Eles vão, mas é por que são menos atraentes, né... menos importantes.

**Equipe:** Você tem alguma sugestão pra melhorar o turismo?

**Hermógenes:** Pra melhorar o turismo?

**Equipe:** É...

**Hermógenes:** Seria divulgação de fora, né... eu penso que teria de divulgar, pra fora, né. Se divulgasse pra fora, nas outras rádios ou se a cidade tivesse condição, eu não sei se tem condição de divulgar lá fora, né.

**Entrevistador(a):** Carina Ferreira de Souza

**Entrevistado(a):** Joca Ramiro

**Ocupação do entrevistado(a):** Comerciante, ativista cultural.

**Idade:** 52

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é natural aqui de Cordisburgo?

**Joca Ramiro:** Não, eu nasci em outra cidade, mas vim para cá com um mês de idade, então eu me considero Cordisburguense.

**Equipe:** Mas, você tem noção hoje, porque a sua família veio para cá.

**Joca Ramiro:** Tenho. O meu avô trabalhava no correio, na época chamava Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ele era guarda-fio, você não sabe o que é isso. Guarda-fio é a pessoa que olhava o fia de transmissão, é o guarda-fio, hoje não tem mais isso, hoje não tem nem mais fio, hoje é tudo...então ele tinha essa função no correio, aí ele aposentou e meu pai veio para o lugar dele. Sabe, meu pai nasceu em Caeté, minha mãe em Nova Lima então eles vieram pra cá, meu pai veio substituir meu avô e ficou estou aqui

**Equipe:** E da sua infância o que mais te marcou aqui, o que você lembra.

**Joca Ramiro:** Da minha infância eu lembro tudo, né. Da cidade da gente é assim, a gente continua vivendo na cidadezinha de interior e, o que marca da minha infância é as brincadeiras que a gente tinha. As pessoas ainda...ouvi muitas histórias, das pessoas contando histórias, né. A gente chegava a noite e reunia o pessoal para contar história, o pessoal contava muita história de assombração pra gente e a gente acabava acostumando com essas histórias para poder dormir. Aí, a gente brincava, várias brincadeiras na cidade, a cidade não tinha, como até hoje, né, evoluiu um pouco, mas continua sendo uma cidade tradicionalmente de interior. Então, a gente brincava de rouba-bandeira, brincava de fita, de pular amarelinha, né, pegador e a gente brincava muito, muito. Tinha uma brincadeira que a gente fazia muito que era de soldado e ladrão, quando menino escondia na cidade a gente que era ladrão escondia e a polícia ia achar e várias brincadeiras, aproveitei muito, bastante, bastante, brincando todos os dias era, saía da escola e ia brincar.

**Equipe:** E da sua experiência, da sua vivência aqui na cidade, você tem alguma experiência que te marcou, que faz parte da sua história.

**Joca Ramiro:** Hoje?

**Equipe:** É, da sua vida inteira, até hoje.

**Joca Ramiro:** A experiência que mais me marca é...o seguinte...eu toda vida soube que...o Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, sabe, lógico é conterrâneo daqui e... foi passando o tempo, passando e eu fiquei curioso... em saber, o que esse homem escreveu de tão interessante e depois comecei a trabalhar com piso, 15, 16 anos e aí eu... mais ou menos nessa idade, aqui de frente a minha loja, tem essa barraquinha aqui, essa barraquinha ela era de uma pessoa que chamava “Duca bananeira” e ele é personagem do Guimarães Rosa, aí eu comecei a me interessar em conversar com o Duca Bananeira e daí eu me interessei mais por ler Guimarães Rosa, me tornei um apaixonado pela obra dele e passar dos tempos, passados muitos anos, eu sempre lembro, lembro, foi criado em Cordisburgo um grupo de “contadores de história” e esse grupo de contadores de história, tiram textos da obra de Guimarães Rosa e narram para os turistas que visitam o museu, a casa que Guimarães Rosa nasceu e daí eu comecei a me interessar, porque daí eu já casado, um filho meu foi ser contador de história e aí eu comecei a participar do grupo e achei que os pais deveriam incentivar esse projeto tão bonito, criado por uma prima do Guimarães Rosa, Catarina Guimarães e acabando eu me tornei hoje, coordenador desse grupo de contadores de história Miguilim.

**Equipe:** É um trabalho voluntário

**Joca Ramiro:** É um trabalho voluntário e marca bastante, me marcou bastante. Porque hoje o pessoal já me vê como uma referência da obra do Guimarães Rosa, sabe. E isso tem dez anos que foi criado a associação dos amigos do museu, para dar um suporte, ajudar a cuidar da casa que Guimarães Rosa nasceu e criou o grupo de contadores de história, a gente fica viajando por esse Brasil todo, contando as histórias. Então isso na minha vida é o que mais marca, porque a obra é impressionante, como que ela,...eu falo que o Guimarães Rosa leu tudo, todos os autores que a gente imagina o Guimarães Rosa leu, mas a leitura mais importante que ele fez foi da alma da gente acho muito interessante a obra dele, quando a gente vai lendo e a cada carapuça vai cabendo. Sabe o que Guimarães Rosa ele escreve aquilo que a gente sabe e não dá conta de falar, depois que ele escreve fica fácil, e isso me, sabe...E uma coisa interessante é que a cidade é pequenininha tem 8, 10 mil habitante parece e a gente..., eu sou comerciante a vida toda aqui na cidade, desde 67, mas mesmo assim a gente tem que ocupar..., aí já alguma coisa que seja bem útil, para a gente passar o tempo da gente aqui na cidade, sabe. Eu acho muito bonito o que Guimarães fala, a cidade é cercada de morros, o pessoal daqui tem que saber o que tem atrás desses morro, né. Eu acho que essa participação da gente na literatura, do Guimarães Rosa acaba que a turma de contadores de história acaba partindo para outras literaturas, não só de Guimarães Rosa e, a

auto-estima da gente, né..., que é tão importante, fica...eu acho interessante que as pessoas daqui hoje, depois do grupo contadores de história, depois de ter inserido essa associação, que é um projeto social, não só focalizando a obra Guimarães Rosa, mas a associação por exemplo, ela lida com grupo de terceira idade, ela faz teatros infantis, de outros...Monteiro Lobato, Vicente Guimarães, que é um primo de Guimarães Rosa que escreve para crianças. De várias história, vai para escolas fazer, todas as festividades que tem a associação tá participando e a gente acaba..., inserido nisso a gente começa a participar. E eu acho que Cordisburgo tem uma coisa interessante que hoje eu até brinco muito com as pessoas...é o pessoal tem ciúmes de Guimarães Rosa. Ciúmes na seguinte maneira, quando acontece qualquer coisa do Guimarães Rosa fora as pessoas falam: O brasinha, porque não é aqui. Eu acho isso muito bonito, porque quando você tem ciúmes de alguma coisa é porque você gosta, né. A primeira... O Guimarães mesmo fala que o ciúmes vem primeiro que o amor, né. A gente começa a ter uma amizade com uma pessoa, que talvez vai viver com a gente e acaba que a gente tem um ciúmes dela, antes de gostar. Dos amigos começa a ter ciúme.Então, o povo de Cordisburgo já tem...quando demonstra esse ciúmes, essa preocupação, que é uma coisa lógica...eles querem que o Guimarães Rosa seja deles. Ele é do mundo, né. Falam que o escritor não é tão importante, mas então o que marca muito é isso, esse trabalho de 52, hoje tem mais um grupo de pequenos, se preparando para contar história, então a gente....se lida com eles, é muito bonito, sabe. Minha família, por exemplo, eu tenho três filhos. Um formou em medicina, está trabalhando em Belo Horizonte, tenho um outro que é contador de história e está fazendo medicina também, está no nono período e tenho um de dezesseis anos que está fazendo o colegial. Então isso, para eles, esse trabalho que eu faço, eles ficam muito alegre e eu também, né. Eu falo com eles, há eu adoro fazer esse trabalho porque eu gosto muito das pessoas, sabe. Eu acho que isso é que é importante, né. Você gostar da sua terra, gostar da cidade, gostar das pessoas. Elas também gostam de você e é um motivo a mais para viver, né. Porque as pessoas estando em um lugar grande chega e fala, que lugar gostoso de morar. Mas é muito,...não é tão fácil como as pessoas acham. Vocês por exemplo...é complicado, o marasmo, aquelas coisas. Parado também incomoda, né. Mas, a gente foi procurando ocupar as coisas...uma ocupação mágica, com a literatura de Guimarães Rosa, acaba vai...as pessoas já ficam me vendo como uma referência sabe, falam, olha conversa com o Brasinha lá por ele sabe da obra. Eu falo, não, todo mundo sabe e vocês são da obra, Guimarães Rosa falou de vocês,né.

**Equipe:** Quando Você pontuou que Guimarães Rosa leu “a alma da gente”, você quis dizer do povo de Cordisburgo ou...

**Joca Ramiro:** Olha, ele retrata a alma do povo de Cordisburgo, quando ele começa a escrever ele fala muito do interior das pessoas. Ele fala muito da alma do povo de Cordisburgo e da alma do humano quando ele fala que o sertão é o mundo, né, quando ele fala que o sertão é o mundo, eu falo que eu as vezes fico na dúvida se o sertão que é o mundo ou o mundo que é o sertão, sabe. Quando ele fala que o sertão é o mundo, ele está falando da alma das pessoas.

**Equipe:** Parte daqui.

**Joca Ramiro:** Isso, isso. Começa aqui, né. Ele fala, quem na vida ainda tem durante a vida não tem uma... Ele falou que ele sabe, sabia da fé, do jeito de fazer isso. Quem na vida não vive isso, pelo menos duas horas, não dá uma viajada naquela vida de criança, todos os dias, né. É uma coisa maravilhosa por sinal,você dá uma...ele fala, eu acho isso uma das coisas mais bonitas quando ele fala que ele viajou sempre na época de criança dele. Quando eu falo que ele lê a alma das pessoas, ele leu a alma das pessoas de Cordisburgo e passou para a obra dele e as pessoas continuam lendo, lendo que ele está falando da alma e aí cada um se....casa sua alma com aquele caso, sabe.

**Equipe:** No caso, se você for olhar hoje Cordisburgo, o que você acha que tem de atrativo na cidade, que chama as pessoas para vir para cá.

**Joca Ramiro:** Olha, a cidade em si, né. Primeiro o nome, quando fala Cordisburgo, chegou um padre aqui, é para fundar o arraial e o interessante é que ele colocou o Latim com o Alemão, as pessoas ficam, mas é tão bonito, quando ele pega o Cordis do Latim, coração, e o Burgo do Alemão, fica cidade do coração, padroeira é o Sagrado Coração de Jesus. E o coração é o que comanda, né. O coração é... o Guimarães Rosa fala que o coração tem pernas, tem braço. O coração da gente tem pernas e braços e quer agarrar em qualquer coisa, em qualquer pessoa. Então, eu acho que do coração sai todo o sentimento. Então, eu acho que atração, que trás as pessoas aqui primeiro, realmente é o nome, eu falo muito com as pessoas que as pessoas costumam não dar muito valor ao nome. Eu por exemplo acho Belo Horizonte um nome maravilhoso, muito bonito e as pessoas não param para pensar nisso. Aí quando falam em Cordisburgo, as pessoas falam, onde que é isso, parece um lugar longe, parece um outro país, mas realmente quando as pessoas chegam em Cordisburgo, terra do Guimarães Rosa, da gruta do Maquiné, né. A gruta do Maquiné, ele fala que a gente, vocês tiveram lá, né. A gente lá dentro esquece do mundo e fica numa admiração esquisita, né, mas bonita que uma catedral. Então o que eu acho que atrai as pessoas a Cordisburgo, lógico, lógico, a gruta do Maquiné e...terra do Guimarães Rosa, porque é tão interessante, quando ele escreveu, uma das primeiras entrevistas que ele deu, um amigo fala assim, que isso que se escreveu, coisa tão complicada. Ele fala: vai para Cordisburgo que você vai entender tudo. Quer dizer, é muito bom para a gente que ele fala isso, né. Que ele fala desse orgulho de Cordisburgo, quando escreve, ele viaja pelo mundo mágico de Cordisburgo, “quando eu escrevo, eu me sinto transportado pelo mundo mágico de Cordisburgo”. Então, o que atrai as pessoas a Cordisburgo é isso, quando eles vêm os contêrrâneos do Guimarães Rosa, narrando as histórias dele, os meninos. Existe um encanto nisso, mexe com a alma das pessoas. A Gruta do Maquiné é uma coisa misteriosa, que mexe bastante com a alma das pessoas. As pessoas as vezes vão por aqui conversando e depois voltam da gruta e é uma coisa inexplicável, aquela beleza, né, acho que lá dentro dificilmente você vai explicar que não existe Deus, né. E existe o Guimarães Rosa, porta voz dessas mensagens tão bonitas que ele fez pela gruta e tudo. O povo daqui são pessoas até hoje, fantásticas. Eu adoro as pessoas, igual eu falei com vocês, eu gosto de todas as pessoas, mas eu acho que o pessoal daqui de uma maneira fantástica, até quando eles falam, que homem é esse, Guimarães Rosa bobagem que esse Guimarães Rosa, não fez nada pela cidade. Eu acho isso fantástico, se ele estiver ouvindo ele vai escrever um conto. As pessoas ainda vão entender, né. Eu acho que...essas coisas do Guimarães Rosa quis chegar.... Eu acho assim, eu entendo que ele chega bem perto da definição da vida e do amor. O amor não tem definição, para mim....o amor não tem definição, mas ele chega bem perto, numa obra dele e ele escreve...Guimarães Rosa, não escreveu para vender livros, para ser famoso, ele bota um sentimento cordisburguense, sabe. Então eu acho que as atrações de Cordisburgo são a religiosidade. Uma das coisas mais interessantes que traz o povo para cá é isso: a festa do Sagrado Coração de Jesus, a festa do Rosário, sabe? Quando eu vejo a procissão do enterro, na Semana Santa, eu acho fantástico, né. O pessoal usa manjericão, né. Passa na rua e aquele cheiro de manjericão! Inclusive as pessoas usam manjericão na comida, né, e aqui não coloca, eles associam manjericão ao enterro de Jesus Cristo. Então isso tudo para mim é muito mágico, muito bonito. As pessoas..., as pessoas daqui são muito boas, sabe? As pessoas fazem amizades, existem lógico, pessoas que não questionam, mas isso existe me todo o lugar no caso de Itabira é questionado por que ele fala uma coisa tão maravilhosa daquela, que é: “Itabira para mim é um retrato na parede”, um retrato na parede é uma das coisas que mais fica no coração da gente e as pessoas de lá não entenderam acharam que é...Eu acho que Cordisburgo é cheio de atrativo que as

peças não descobriram. As pessoas que vem aqui, hoje saem com uma ideia, as vezes, bastante diferente até de vida e é importante você absorver uma ideia de vida diferente da que você tem costume. Então eu acho que as coisas que trazem as pessoas a Cordisburgo são isso, essa religiosidade tão bonita, o Guimarães Rosa ter nascido aqui. Guimarães Rosa nunca parou de falar de coração, até é muito bonito quando ele convidou um casal para sua posse na academia ele disse: “você está convidado, sua mulher, meu coração convida”.

Equipe: **E se vier uma pessoa que nunca veio a Cordisburgo, quais os pontos turísticos que você indicaria para ela.**

**Joca Ramiro:** A Gruta do Maquiné, o museu, a casa que Guimarães Rosa nasceu, as igrejas, né. A matriz do Sagrado Coração de Jesus, a igreja do São José que é a primeira construção de marco de fundação da cidade, onde o padre...é a primeira construção da cidade, são as coisas....

Equipe: E você conhece todas elas

**Joca Ramiro:** Todas elas. Eu fui coroinha das duas igrejas.

Equipe: Como que você avalia hoje os pontos turísticos da cidade.

**Joca Ramiro:** Olha o..., por exemplo, você fala quanto a frequência?

Equipe: **Como você vê esses pontos, como você analisa isso, você acha bom, ruim, precisa melhorar,...**

**Joca Ramiro:** Olha, eu acho, eu acho...que a Gruta do Maquiné, eu falo uma coisa que, eu sempre falo com o pessoal, que deveria ter guias mulheres, é uma coisa que eu falo sempre com o eles, porque mulheres, por que são...é uma coisa interessante, acho que Cordisburgo é uma cidade que tem contradições que é uma coisa inexplicável o comércio todinho é dominado por mulheres, eu mesmo tenho minha loja, tenho minha mulher que fica lá, meu filho mais novo fala porque você não coloca no nome da loja: Loja do Brasinha; e embaixo: que a Darcy manda. Então, lá na gruta por exemplo, tinha que ter um grupo de mulheres, o serviço de atendimento, os guias são ótimos, o restaurante é muito bom, o espaço é muito bonito, mas eu enxergo assim, a gruta primeiro, melhorar o jardins da gruta, aqueles jardins foram projetado por Burle Marx e acho que as igrejas deveriam mas, as igrejas ficarem abertas, a casa Guimarães Rosa, o turismo literário... (acabou a fita, viramos e perdemos um pouco da fala) porque nós não temos também, não temos estruturas também para receber cinco mil turistas, a cidade tem que se preparar para receber mais turistas, mas acho que a cidade está no caminho certo.

Equipe: **E como você acha que a cidade pode estar se preparando.**

**Joca Ramiro:** Olha, eu acho que preparar...você fala o espaço físico, geográfico. Melhorar as ruas, com...colocar a cidade bonitinha, eu sei que a administração é pobre eu sei que a cidade..., mas tem como receber as pessoas, com hotel, pousada, tem que melhorar “a cidade”, para que as pessoas... para que completem com a receptividade que o turista tem no museu....

Equipe: **E desses pontos turísticos que você colocou, qual deles você acha mais interessante.**

**Joca Ramiro:** Pessoalmente, você já sabe a resposta, mas eu vou falar, né. A casa que nasceu Guimarães Rosa, pessoalmente, mas é uma coisa assim, interessante que quando eu vi a primeira vez, os meninos fazendo o espetáculo com o texto, a obra, que eles narram na casa que Guimarães Rosa nasceu é privilégio de muito poucas pessoas, você ouvir uma mensagem do escritor, do tamanho de Guimarães Rosa, na casa dele..para mim a casa tem uma importância...bonita, misteriosa aí eu associo assim, a beleza espiritual da casa de Guimarães Rosa com uma.. é ...beleza da gruta. Uma beleza material que Deus...é difícil me desvencilhar da obra...

**Equipe:** E você tem alguma sugestão para melhorar o turismo

**Joca Ramiro:** Tenho. Tenho uma que eu falo com as pessoas. Tudo deveria ser é...direcionado para a obra de Guimarães Rosa e para a gruta do Maquiné, por exemplo já tem a réplica dos animais que eles encontraram na gruta, né, do tigre, dente de sabre, lá naquela pracinha tem. Agora as réplicas, seria interessante que a cidade que a cidade toda tivesse aquilo. Eu falo que os telefones públicos deveriam ser em forma de cabeça de cavalo, de cela, tanto...tudo. Cavalo, cavalo é um personagem do Guimarães Rosa, os cavalos são seres maravilhosos, quem lida com eles sabe disso. Então poderia tá bem realçado, na cidade toda, nos muros, lá no colégio é muito bonito, eles escreveram nos muros, frases da obras do Guimarães Rosa. Acho que deveriam ter isso, essas...no telefone público.... para que as pessoas ficassem mais perto da obra. E a gruta do Maquiné, por exemplo na estrada não tem nenhum....outdoor, no trevo da cidade, “você está entrando no sertão, aqui tem Gruta do Maquiné, tem Guimarães Rosa, aqui começa o sertão”. Tem várias sugestões que eu acho que... vai identificando as pessoas, se vê que nós criamos o grupo contador de história e as pessoas começaram a identificar com a obra, tem dez anos e eles se emocionam por ver o filho fazendo isso, em São Paulo, no Palácio da Alvorada. Aqui tem uma praça, tenho uma sugestão de uma praça temática, tem um curra aqui, poderia fazer uma réplica do curral, tema nós temos muitos. O pessoal tem que abrir o coração para enxergar isso, tenho certeza que as pessoas vão enxergar isso.

**Equipe:** **E tem alguma coisa que você queira colocar que nós não perguntamos, que você acha interessante estar mostrando para a gente.**

**Joca Ramiro:** Não. Acho que não, vocês perguntaram as coisas principais que movem a cidade, né. Acho que está de bom tamanho o que vocês perguntaram, não sei se respondi a altura...

**Equipe:** Foi ótimo

**Joca Ramiro:** Como vocês... Eu acho que enquanto existirem pessoas como vocês que além de estudantes, você faz curso de...eu acho que vocês também estão na alma das pessoas, além do curso o sentimento vale muito, conversar com pessoas e lidar com pessoas.....

**Entrevistador(a):** Edésio e Bruna

**Entrevistado(a):** Lindalice

**Ocupação do entrevistado(a):** Pequena empresária.

**Idade:** 67

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** E a Senhora é natural de Cordisburgo?

**Lindalice:** Sou.

**Equipe:** E desde quando a senhora reside na cidade?

**Lindalice:** Ahh! desde pequena, né? é... Porque pode falar que é daqui, porque eu não nasci até não foi aqui não. Mas, eu moro aqui esses anos todos é... Desde de pequena. Que eu moro aqui...Então eu sou daqui mesmo, pode falar.

**Equipe:** Ótimo. E.. a senhora está dizendo, né, não nasceu aqui mas nasceu mais ou menos próximo?

**Lindalice:** É...porque é distrito daqui, né? Então é aqui mesmo.

**Equipe:** E o que levou a senhora a vim morar em Cordisburgo, foram os pais que resolveram mudar pra cá?

**Lindalice:** É... foi..

**Equipe:** Aqui na cidade, a senhora chegou até a comentar sobre as festas... os eventos que têm. A senhora participa de algum movimento ou alguma atividade voluntária na cidade?

**Lindalice:** Não.

**Equipe:** não participa de nenhum não. No caso dessas festas que ocorrem a senhora participa mesmo só abrindo o hotel .... (ela interrompe)

**Lindalice:**É... e eu tenho a loja (não consegui ouvir) ...tem o bar, né

**Equipe:** Exato. E como era Cordisburgo na sua infância...na sua juventude? Uma lembrança que você tenha da cidade...

**Lindalice:** Ahh! Era bem pior, não tinha asfalto na cidade, não tinha luz...era uma luz pequenininha, acho que era até uma luz com motor, né? Depois que veio a Cemig pra cá. Que eu lembro foi isso.

**Equipe:** E esse local onde a senhora está hoje, sempre esteve aqui,ou teve mudanças aqui dentro?

**Lindalice:** tive mudanças, eu morei lá no... lá em cima. Depois que eu casei eu mudei para R. Dr. Bueno, que hoje eu moro, agora a 34 anos.

**Equipe:** Exato. D. Arlete nós percebemos que ali bem em frente ao hotel tem aquela linha do trem, né? A senhora chegou a ver esse funcionamento?

**Lindalice:** Cheguei.

**Equipe:** Conta um pouquinho pra gente disso daí como era, o movimento das pessoas...?

**Lindalice:** Ahh. Era bom demais! era cheio, na rua.. lá na mesma rua lá na frente, tinha uma pensão chamada Argentina, servia almoço. Eles paravam aqui meia hora mais ou menos, que eu me lembro. Então, descia aquele tanto de gente e ia pra lá almoçar sabe? E tinha o pessoal vendendo sanduíche... isso era todos os dias.

**Equipe:** Todos os dias?

**Lindalice:** Todos os dias tinha. Passageiro... Como se fala mesmo? É... Tinha trem de passageiros. Hoje não tem mais, hoje acabou. Aqui na frente aqui, tinha um curral grande que...é... Transportava gado, cavalo, era muito movimentado.

**Equipe:** Esse movimento todo dessas pessoas igual a senhora mencionou que era o trem de passageiros. Para onde eles iam ou de onde eles vinham?

**Lindalice:** Vinham de Corinto... Diamantina... iam para Belo Horizonte. Agora aonde terminava eu não sei, mas que ele passava aqui. Eu mesma já cheguei a ir a Curvelo...fui a Belo Horizonte....

**Equipe:** Ahh! Pelo Trem?

**Lindalice:** Pelo trem. Essa minha filha mesmo de pequenininha, que ela tem 31 anos. Ela foi uma vez.

**Equipe:** Ou seja, isso pelo que indica era bem agitado... era muita gente!

**Lindalice:** É... era sim, todo mundo gostava de estar aí nessa hora, né? de vez em quando o trem tinha algum problema, né? Descarregava por exemplo, então ficava parado aí. então dava aquele movimento, o povo ficava esperando... até consertar. Igual é em todos os lugares que eu acredito que seja até hoje.

**Equipe:** E tem muito tempo que parou?

**Lindalice:** Tem. Eu não me lembro quanto tempo tem, mas deve ter.... Ah... Eu não lembro...

**Equipe:** Mais de dez anos? – **Lindalice:** tem uns... uns vinte anos. Mas está movimentando ainda, mas só cimento...

**Equipe:** Ah! Só carga.

**Lindalice:** É. Só carga esses trem. Inclusive fecharam as estações aqui desses lugares pequenos todos. (não escutei...) Maquiné... Curvelo... Tudo fechado, em Curvelo agora, lá dentro da estação...o que eles fizeram lá gente..... é... foi um museu. Lá dentro da estação. Aqui, graças a Deus não foi isso, e não ia passar era carga nenhuma, depois não sei o que eles resolveram, está passando, fizeram um jardim ali para melhorar. A gente sempre pede

para eles pintar, não tinha nem luz! Eu mesmo pedi o moço para por uma luz, porque eu moro por baixo da linha, então pra mim passar a noite... escuro... E ele colocou uma luz, uma lâmpada.

**Equipe:** E esse moço seria quem? Alguém da prefeitura....alguém da comunidade...

**Lindalice:** Não ... (\*) alguém desses serviços que faz aí. Então ele colocou uma lâmpada grande lá, pra mim passar e sempre eu peço ele pra limpar porque eu tenho que passar ... (\*) porque desce,, né, e fica escuro pra gente passar.

**Equipe:** Pelo jeito a infância da senhora é bem rica de detalhes aqui. A senhora poderia nomear pra gente por exemplo, um acontecimento na sua infância ou juventude que marcou, ficou marcado. Quando a gente fala assim ah... D. Arlete fala um pouco da sua infância ou juventude, o quê que a senhora poderia falar de uma coisa que marcou ali, que ficou guardado?

**Lindalice:** (risos) ah...eu pelo menos assim quando era novinha. Essa rua aqui era uma avenida sabe? e ficava cheio, a gente fazendo.... ah...como que chamava antigamente gente...a gente ficar passeando pra lá e pra cá...não sei se era... é... eu não me lembro o nome, não sei se era (\*) que falava. Ficava passeando! Pra lá e pra cá. Ficava os rapazes e as moças, né? não tinha movimento, porque aqui não tinha carro! não tinha ônibus! Não tinha esse movimento de agora de carro que você não pode encostar, então essa rua era cheia. E outra coisa que gravou muito que teve uma igreja, a Nossa Senhora do Rosário, que era ali em cima que hoje o padre pegou e desmanchou a igreja. Essa igreja foi...agora a gente não deixaria fazer isso...mas eu acredito que antigamente o pessoal deixou que o padre fizesse isso... porque a igreja deu problema invés de...de, né, arrumar a igreja, igual ta arrumando a igrejainha São José, não! desmanchou porque a igreja tava...

**Equipe:** Ah! Jogaram a igreja abaixo, as paredes?

**Lindalice:** Jogaram mesmo a igreja! E no meu tempo de mocinha, tinha procissão, tinha festa de Rosário, subindo esse morro aqui ó...agora hoje lá é casa, fizeram casa, né tudo. Então era bom de mais a festa...fazia procissão nessa rua! E o movimento era aqui! de barraquinha! Era cheio! O movimento ao invés de ser lá, você ficava passeando... junto com as amigas...Cumprindo promessa...então a gente ficava ao redor da igreja, e o movimento era aqui. Depois...cortou tudo! Depois que desmanchou a igreja! hoje ela é lá em cima...lá pra lá da Rua dos Padres, fizeram outra lá. Mas tem um retrato dela ali no Brasa, e essa igrejainha foi de quando fundou aqui Cordisburgo...essa igrejainha de São José. Que tinha outra coisa as festas de igreja eram bem melhor! O santuário mesmo fez a mesma coisa,, foi desmanchado, só que foi construído igualzinho. Na minha época, que era o outro, então ele teve problema aí desmanchou e construiu de novo. Ah, as festas religiosas eram muito melhor! a gente fazia a procissão nessa rua, terminava na igrejainha São José, tinha uns padre de fora...que hoje eu acredito que.. o único que teve que era muito meu amigo até morreu...Dois! um mudou daqui e o outro que até batizou (\*) morreu. Mas era uma (\*) e o povo era muito mais religioso. Você sabe disso? - **Equipe:** Humm... sim! – tinha aquele fervor! Choravam! Eu me lembro, eu quando menina vendo o padre falar... de Nossa Senhora encontrando com Jesus.. e o povo chorava! hoje acabou! Teve a procissão do enterro aqui e o povo caladinho.....! Andando com a vela... e pronto, não tem mais nada. Foi acabando... Você sabe que infelizmente...Agora melhorou Cordisburgo, por exemplo lá na Rua dos Padres, tem muita casa, quando eu morei lá não tinha nem casa! A cidade sempre todo mundo conheceu... esse hotel aqui era uma casa bem velha! Foi um bar lá em baixo, que foi de muitos donos! Quando a gente casou, meu marido comprou aqui o bar... o ponto... depois, eu trabalhava na cooperativa lá no escritório! Casei, e larguei. Então eu falei com ele, porque quando eu era menina eu trabalhei com meu irmão na loja, então falei com ele não mexe com comércio não, porque eu estou cansada! mas ele falou Ah... mas eu vou comprar lá e tal! Foi bom ele ter comprado. Mas, tem hora que eu penso e não sei se foi bom ou se

foi ruim. Então ele comprou o bar... o ponto, e desde o dia que ele comprou esse bar, eu vim pra cá, eu tinha 30 e poucos anos vim pra tomar conta, olhar cozinha, olhar tudo, mas, nem tudo você dá conta de olhar sozinha. Põe empregada para olhar, a empregada não vem, então servia a comida. Quando a gente tava arrumando, que deu uma reforma no bar, o dono resolveu vender...aí eu falei oh meu Deus, comprar como? Mas tinha que comprar, porque nós íamos ficar sem aquilo? Aí tinha um caminhão... Financiou o caminhão, o meu irmão emprestou um dinheiro, que ele é fazendeiro. Então emprestou e a gente foi pagando. Depois fomos juntar para construir. E eu nem acredito que hoje tem esse hotel. Porque foi um sacrifício, foi feito com muito sacrifício! Mas, foi um...um grande acontecimento pra gente! **(Equipe:** Que ótimo!). Porque a partir do momento que já está construindo, que ta...(\*) Nossa senhora! Construimos a parte de baixo, depois foi a de cima. Vendendo as coisas... ia lutando. Fizemos esse... o bar, a loja, depois construimos essa parte aqui. Depois aumentamos ali mais um pouco, porque tinha pouco apartamento. Então todo mundo foi melhorando, tem muitos lugares, né, comércio aí, tudo novo!

**Equipe:** E quando começou D. Arlete essas melhorias aí? Da senhora ampliar o hotel, o comércio melhorar... Quando isso começou, têm muito tempo?

**Lindalice:** Ah...esse aqui esse hotel aqui, eu não sei quantos anos. Aloja, que ta funcionando têm treze anos, então eu acredito que o hotel já tem mais tempo que está funcionando, porque desde que levantou, a gente começou a funcionar, porque precisava, né? Começou a funcionar com esses quartos aí do fundo. Tomava banho era lá em baixo, e aí foi construindo...muita gente ficou aqui até sem piso sabe? Freguês da gente que foi vindo no carnaval, e hoje em dia eles nem vem mais porque às vezes, vai pra outro lugar e tudo. Mas, tem muito tempo porque só a loja eu tenho quatorze. **(Equipe:** 14 anos) Quatorze. Meu marido é que sabe quando começou a construir e quando terminou, porque até agora não terminamos como você está vendendo.

**Equipe:** Não, perfeito. Mas quando a senhora começou, por exemplo, a fazer essa expansão, a construir aqueles apartamentos ali, aquela parte daquele lote...

**Lindalice:** Aquela parte do lote tem pouco tempo!

**Equipe:** O quê tem uns dois, três anos?

**Lindalice:** é... aquela parte tem uns quatro anos. Aquela parte nova.

**Equipe:** E coincide esse crescimento com a melhoria do comércio, também na rua, ou seja, de uns três anos pra cá, uns quatro anos começou a melhorar o comércio?

**Lindalice:** É. O comércio é o seguinte, todo mundo quer por comércio! Eu pelo menos, quando eu abri a loja, eu vendia mais do que agora, você entendeu? Porque agora tem mais opção. E eu vendo menos. Porque eu tenho um caixa, do princípio do ano até o final. Vendia mais, porque tinha menos loja! Hoje todo mundo quer colocar, porque não tem emprego. A rodovia quando passava aqui eram quarenta funcionários! Cortou acabou! Tinha a fábrica ali também, que tinha 40, fechou.

**Equipe:** Fabrica de quê?

**Lindalice:** Tecido. Funcionou, parou, tornou a funcionar.

**Equipe:** Ah... fechou a fábrica?

**Lindalice:** Tinha uma fábrica aqui, era 40 pessoas mais ou menos. Isso está precisando aqui em Cordisburgo demais, de indústria. Abriram uma... a laticínio...tinha a cooperativa que... sempre ela está querendo quebrar...mas graças a Deus continua. O laticínio abriu, foi ótimo, teve muita gente trabalhando. O rapaz teve um acidente com ele, morreu, não deu certo, aí ta lá até hoje. Outro veio de Belo Horizonte, inclusive ficou morando aqui com a gente, mas teve maior prejuízo, não funcionou não. Então tem aqui... aqui está precisando é de indústria! a gente espera que melhore, porque Cordisburgo é assim abriu muito bar aqui pra cima, muitas lojas, você entendeu? Demais!

**Equipe:** É e a senhora, é bom a nossa conversa porque a senhora conhece bem aqui, -

**Lindalice:** É eu conheço! - conhece bem as pessoas também!

**Equipe:** Em termos de atrativos... Você acha que Cordisburgo... Quais são os atrativos de Cordisburgo?

**Lindalice:** (risos) Ah!!! Aqui são poucos, porque durante a semana não tem nada, agora sexta, sábado e domingo, é um movimento aqui nesta rua mesmo. Que eles põem um som, porque tem um trailer, né? Tem um trailer ali, tem um barzinho, vem um carro com som, é isso que é o movimento aqui. E as festas que têm, que é a festa do Rosário, a Festa do Cavalo, a festa da Abóbora, que agora não está tendo, sabe? Época de carnaval aqui é ótimo! Fica essa rua de lá do princípio até no final, carnaval é ótimo, fica cheinho! Esse ano piorou, o carnaval, muita gente, que assim, os rapaz que vieram, disse que não ia vim porque não estava querendo colocar som... não sei o quê...proibiram os carros de som na rua sabe? Mas dá movimento pra gente, pelo menos pra mim aqui no hotel dá movimento, né, e dá pra cidade inteira. Porque vem muita gente e coloca barraquinha, né? Dá pra muita gente...eu acho que é um movimento ótimo do carnaval que não pode acabar! É um carnaval de rua, porque de primeiro era no clube, acabou! Agora é só de rua. Quatro dias.

**Equipe:** É... você conhece algum ponto turístico da cidade?

**Lindalice:** Hã?

**Equipe:** Onde as pessoas vêm de fora, de Belo Horizonte ou das cidades vizinhas, pra visitar...

**Lindalice:** Ahh! Eles visitam a gruta! é o ponto "turista" melhor que a gente têm aqui é a gruta. Vocês conhecem?

**Equipe:** Conhecemos.

**Lindalice:** Pois é...porque é bonito lá, né?

**Equipe:** Muito bonito!

**Lindalice:** Então a maioria passa por lá, e não passa aqui dentro da cidade. Muitos perguntam assim, fora, né, ah! Lá em Cordisburgo tem hotel? Não... lá não tem hotel. Isso quem quer vim pra um lugar, né... porque aqui tem hotel. E o moço que hospedou lá na Maquiné veio falou: oh gente!, no carnaval ele veio e ficou lá, veio e falou assim: aqui eu podia ter ficado aqui, que tava mais perto, eu tinha que pegar carro pra vim pra aqui, né? Porque eles lá informa assim... não informa, fala que aqui têm!

**Equipe:** É interessante, porque nós perguntamos para uma pessoa na rua, né, aonde era o hotel e a pessoa falou assim: "Qual deles?", né, aí quando nós falamos que era o hotel da senhora, "ah, não! desce a rua ali, vira a direita"...

**Lindalice:** É porque tem dois aqui agora, tem uma pousada ali, pousada das flores, e depois á mais tempo que a gente é... nós fizemos aqui... era uma casa velha eles transformaram em pousada, mas...são só sete apartamentos que eles têm. Que ela é muito até minha amiga!

**Equipe:** Exato. Ou seja, então em termo de ponto turístico é a gruta. A cidade tem mais algum outro ponto, que chama atenção das pessoas?

**Lindalice:** Eles gostam muito de visitar o museu, né. O museu Guimarães...eles vêm muito pra isso... estudantes, vêm pra visitar. Fazem por exemplo, na festa Roseana, eles vão pra isso, porque vem muito pessoal de São Paulo, do Rio, pra fazer estudo, vem muitos dar palestras, umas pessoas muito importantes ficam aqui no hotel, então tem uma caminhada que eles fazem no domingo, essa caminhada vem gente demais! é muito bom!

**Equipe:** Isso na Roseana?

**Lindalice:** é na Roseana, é o domingo que eles vem pra fazer, vem gente de Sete Lagoas, vem de diversos lugares, inclusive ele vem no sábado, só para essa caminhada no domingo.

**Equipe:** A cidade se movimenta toda, né? é uma festa, né?

**Lindalice:** É... é uma festa, a semana toda tem. Para que gosta, né, tem a academia que é muito boa, tem o santuário, tem lá no...no... no princípio, o receptivo vocês já foram lá? onde recebem os turistas?

**Equipe:** Sei, sei, onde tem um...um dinossauro.

**Lindalice:** Tem ali na...na...no jardim das pedras ali, pra visitar, mas é só isso aí mesmo que aqui tem.

**Equipe:** E desses pontos que você citou, qual que é mais interessante pra senhora?

**Lindalice:** Pra mim mesmo?

**Equipe:** É... é pra senhora

**Lindalice:** Ponto assim... pra fazer visita?

**Equipe:** Exato.

**Lindalice:** Do que chama mais atenção é a gruta mesmo, que todo mundo fala, conhece é a Gruta Maquiné. Né? Que eu acho assim...Cordisburgo está precisando de mais... né? Pra chamar o turista...pra ficar mais aqui. Por isso que a gente quer “fazer essa melhorada” aqui no hotel, fazer mais coisa, turista vem fica um, dois dias, e vão embora, porque não tem nada, né, pra ele ficar. Entendeu? Agora, tem gente que fica! Mais dias pra descansar, porque está cansado da cidade grande, né? Igual na festa Roseana: eles ficam a semana toda, eles adoram. Mas porque essas pessoas que vêm para a festa Roseana, eles são preparados, eles gostam é disso. Então eles adoram tudo. Tem lá no grupo exposição! Tem nos colégios todos, as professoras todas, né? Fazem aquelas “exposição”, elas gostam. Cada dia tem uma professora, tem um professor pra fazer as palestras... de tudo. Eu, pra mim, eu nem freqüento, pra falar com você francamente, porque as vezes não tem nem tempo. Eu fico aqui na loja agora até pouco, nesta ocasião eu fico só no hotel, porque mesmo com duas (\*), eu fico pra receber o pessoal, para servir o café, fico dando atenção a eles, né? Então eu não vou, porque a gente fica cansada, mas...aqui é um lugar assim pequeno, né? É um lugar assim que ta precisando de mais coisa, ta precisando de indústria. Que agora eles tão abrindo uma siderúrgica que é pra sair mesmo! Não é? Vai abrir uma siderúrgica aqui. Inclusive eles já estão limpando lá, e tal...porque já teve uma siderúrgica aqui. No tempo quando eu casei, meu marido mesmo trabalhou lá! Era bom demais! Por qual motivo, que eu não sei acabou a siderúrgica, agora estão reabrindo a siderúrgica. Reabrindo não! Começando de novo, porque acabou tudo. Então eu espero que futuramente vá melhorar, né?

**Equipe:** É provável mesmo, igual a senhora está falando, que a comunidade local aqui vai ser beneficiada por isso...

**Lindalice:** Agora o turista tão... aqui tem, igual aqui, o hotel grande aqui que você vê tem vinte e sete,tem dia que tem uma pessoa, duas pessoas.

**Equipe:** E o quê que a senhora teria como sugestão para isso, por exemplo, o que pode ser feito para atrair esse turista, pra esse turista ficar mais tempo?

**Lindalice:** É... eu vou falar com você eu não sei bem explicar isso daí, porque eles vêm muito passam por lá, eles não ficam aqui.

**Equipe:** Quando a senhora fala passa por lá, é que eles não chegam a passar (ela interrompe)

**Lindalice:** Passa ali na rua de cima, vão direto a gruta, visitam no mesmo dia e vão embora.

**Equipe:** Ahh!tá!

**Lindalice:** Sabe? porque eles acham que aqui não tem nada, pra ficar aqui, a não ser essas festas que tem, que as pessoas vêm pra ficar... Eles não ficam. Agora vem muita gente por exemplo, São Paulo, Rio, Brasília. Chega aqui pra visitar a gruta à tarde, tá fechado, eles ficam aqui. E vão embora no outro dia.

**Equipe:** Eles voltam da gruta e ficam na cidade? Se hospedam aqui?

**Lindalice:** Ta precisando assim, de chamar mais o turista pra ficar aqui, pra conhecer. Agora o quê que eu não sei, que tem que fazer pra eles ficarem aqui!

**Equipe:** Falar assim, ei! vem aqui! nós estamos aqui, né?

**Lindalice:** (risos) é...vem pra cá, nós estamos precisamos, fizemos aqui grande é pra ficar...

– **Equipe:** Exato – Né? é isso aí?(risos) francamente eu...porque a pessoa.. eles já chegam aqui cansados, falam: ah, eu tô de passagem, visitam a gruta, visitam o museu. Eles...ah... não tem nada mais pra ficar. A cidade é pequena, né? Agora tem que melhorar mais a cidade que ela tá muito suja. Eles estão querendo dá mais assistência aqui, esse prefeito, vamos ver! Eu espero que melhore! Porque as ruas estão feias! Então...vamos ver!

**Equipe:** É ... e a senhora é muito simpática, né, permita a gente fazer essa observação. E realmente o hotel lá...olhando lá de fora a gente não sabe a dimensão dele!

**Lindalice:** É...é justamente isso. Porque quando eles fizeram a planta, eu falei com meu marido, vocês não estudaram direito, essa planta. Eu queria que tivesse lá na frente...um lugar pro pessoal fica pra olhar, né? Fizemos no fundo! porque isso daí foi eu que dei...na... porque até com o dinheiro, né? Eu falei eu quero desse jeito! porque não fez na frente. E eu vou até uma grade lá, mesmo pra enfeitar eu quero uma grade, porque aquela parte ali de cima não foi feita pra pessoa ficar lá em cima, porque ela não... a estrutura não dá. Porque tem que ser feito! Inclusive aquela que nós fizemos, depois dela pronta, nós já pusemos reforço, porque a gente fica com medo. Mas então, como o povo.. já teve gente que chegou aqui... entrou e falou: Nossa! Mas aqui dentro não parece... muito bom aqui! Mas, a frente não estava parecendo! Então eu estou fazendo ali, vou fazer divisória lá dentro, vai por computador, por o fax que não tem, né?

**Equipe:** A senhora vai fazer uma recepção?

**Lindalice:** É, já estou fazendo! A porta aquela de vidro, lá dentro vai ter uma divisória. Porque por enquanto, vai ser a loja,vai ser ali, tem a porta subindo...essa escada vai desmanchar pra abrir mais...eu tô fazendo isso, sendo que eu não podia nem gastar agora, porque eu não vou ter retorno tão cedo. Mas, para melhorar pro futuro, porque a pessoa chega e tem uma impressão melhor. Um luminária na frente escrito Hotel, porque muitas pessoas não sabem! Olha assim, fala ah! aquele hotel mixo lá escrito, vê a porta lá toda feia, toda quebrada o vidro,, né? Não chama bem atenção! Quebram demais, batem demais! Então fiz uma reforçada, vou por com coisa de segurar, então é isso que eu estou fazendo, já tem um mês que eu tô fazendo isso! Há um mês que eu estou lá na loja sem vender nada! Hoje que eu tô dando limpeza, hoje e amanhã, pra por as coisas, né, tem umas lembrancinhas, a pessoa vem, chega aqui no hotel, vai na loja, né, visita, compra alguma coisa, que é o certo, né? – **Equipe:** Exato - E a pessoa agora desce tem a recepção lá em baixo. Porque eles ficam aqui na sala, pra acertar, pode passar pelos fundos, se viu lá! Ali também tem a... a... ali pode passar por lá!

**Equipe:** Pode entrar... ah, tá! Entra com o carro e já entra por lá!

**Lindalice:** ali eu vou fazer um jardim, que está sem fazer! O muro vai ser feito de novo. Vou fazer um muro assim bem bonito! É devagar como eu falei com você. Dívida a gente não pode fazer.

**Equipe:** Perfeito.

**Lindalice:** Tem de ser devagarinho... fiz uma cozinha grande lá sabe? Pra servir o café, porque não tinha, a cozinha era lá em baixo. Agora eu fiz a cozinha, futuramente pode até... se precisar de servir comida, pode.

**Equipe:** Ahh! Não serve o almoço não, é só o café da manhã?

**Lindalice:** Não. É só o café da manhã, com a garagem coberta. Mas futuramente, se a gente tiver por exemplo, o movimento que vem chegar trinta pessoas hoje, pra ficar de hoje pra amanhã, todo dia, quê que é, você contrata uma cozinheira. Aí vai e serve a comida aí.

**Equipe:** E essa mão de obra aqui na cidade é fácil? Por exemplo, se a senhora precisar arrumar duas cozinheiras pra colocar no hotel...

**Lindalice:** Não, isso aí a gente arruma. Tem muita gente aí, pra trabalhar.

**Equipe:** Ahh! Perfeito. Ou seja, a estrutura a senhora está montando ela e bem montada, só falta realmente os turistas, né?

**Lindalice:** Falta os turistas que eu estou precisando. (risos)

**Lindalice:** Nós estamos precisando de turistas! Que venham cá visitar e hospedar aqui no hotel, né?

**Equipe:** Exato

**Lindalice:** Porque pra poder melhorar e dar mais conforto mesmo pra eles! Porque igual eu tô querendo fazer essa piscina, porque é tão bom, fazer um jardim ali, e estou esperando... que melhore. Vamos ver se vai melhorar, né?

**Equipe:** Tem que melhorar não é?

**Equipe:** A gente queria agradecer a disponibilidade da senhora, e por ter atendido a gente tão bem, e por ter contribuído para a nossa pesquisa.

**Lindalice:** Obrigada, qualquer coisa que precisar estamos aí as ordens.

**Equipe:** Ok. Muito obrigado.

**Entrevistador(a):** Éser

**Entrevistado(a):** Cilda

**Ocupação do entrevistado(a):** Professora e presidente de associação.

**Idade:** 42.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você nasceu aqui em Cordisburgo?

**Cilda:** Nasci

**Equipe:** E como é, você sabe como é que sua família veio para aqui? Tem algum conhecimento dessa história?

**Cilda:** A história que eu sei da minha família é a seguinte: toda vida ela, acho que até a geração que eu sei ela morou aqui. Inclusive nós somos, não sei se na época da escravidão! Tinha isso. Eles falam até que eu sou tataraneta da Viúva Florzina, já ouviu falar?

**Equipe:** Não o quê que é?

**Cilda:** Viúva Florzina era uma senhora muito rica, dona de muitas terras, e ela também matava seus escravos lá, e acho que enterrou a riqueza dela em algum lugar, tem essa lenda, essa história. E fala que às vezes ela aparece por aí, iluminando os caminhos. Às vezes eu ainda brinco "Oh meu Deus por que eu não acho essa riqueza?"

**Equipe:** E ela é daqui da cidade?

**Cilda:** Ela é de Cordisburgo, essa história é essa, todo mundo fala. Parece que todo mundo é dessa geração. Meu pai era daqui, meu avó pai de papai era daqui tinha uma fazenda, meu pai também tinha depois vendeu. A minha mãe também era, nasceu aqui, inclusive o avô dela era o Mestre Candinho, que foi o primeiro professor.

**Equipe:** Mestre Candinho?

**Cilda:** É mestre Candinho, tanto que tem aquela história na entrada da cidade, chamada Mestre Candinho, porque ele foi um dos primeiros professores. Então a minha família toda é.

**Equipe:** E como foi a sua infância aqui em Cordisburgo?

**Cilda:** A minha infância assim, eu falo que morar aqui e viver aqui era um mérito. Porque a gente tinha toda liberdade, aquela coisa mesmo de brincar. Minha infância mesmo era aquelas brincadeiras de pegador e de, como se diz...

Interrompidos pela entrada de algumas contadoras de histórias.

**Equipe:** Elas são contadoras de histórias?

**Cilda:** Aquela é minha filha.

**Equipe:** É eu conheci ela.

**Cilda:** Então eu acho assim, minha infância foi muito boa. Eu falei que sou muito privilegiada, porque assim, a gente viveu com uma infância sadia, tivemos tudo dentro do limite, a gente pode brincar pode curtir. É uma infância sadia e protegida pelos pais, que hoje tá muito complicado. E para mim eu sou, eu acho que fui privilegiada nesse ponto.

**Equipe:** E você consegue recordar algum acontecimento interessante da sua época de infância aqui? Uma coisa que tenha marcado você em relação a cidade?

**Cilda:** Como assim?

**Equipe:** Qualquer acontecimento que chamou a atenção, durante a sua vida? Se você tivesse que falar os fatos que mais te marcaram na cidade durante esse tempo?

**Cilda:** Durante esse tempo? Eu falo assim em relação a minha pessoa, uma coisa que eu guardo muito, era a facilidade que teve em ter convivido com várias gerações, ter amigas de várias gerações, ter passado por ela, ter curtido essas gerações. Tem a minha parte na escola também eu tive, eu era, eu gostava, eu fazia tudo sempre sendo líder na sala, mas na hora de aparecer, era questão minha, o problema era esse, eu resolvia tudo mas eu não gostava de ser, por exemplo, na hora de decisões eu não gostava.

E também aquela questão cultural, carnaval. Eu tinha meu bloco, a gente tinha um bloco, tanto que era o bloco da bagunça, mas era uma bagunça sadia. Minha casa virava o barracão, inclusive tinha um barracão lá mesmo, envolvia minha mãe, minhas tias e o pessoal todo aqui da cidade. Eles se envolviam tanto com isso que minha tia vinha de Sete Lagoas para ajudar a gente a fazer, e nosso bloco, era só assim criado com coisas que a gente tinha, porque a gente não tinha dinheiro para fazer, era roupa feita com pano de colchão, aqueles negócios de fábrica. E saía na rua e fazia a festa, não tinha bebida, nunca nos envolvemos com bebida. Eu uma coisa interessante também, que eu acho ,que eu falo sempre, que eu cito muito com meus filhos é o seguinte eu aproveitei muito a vida no sentido assim de sair. Lógico que eu tive restrições que eu podia ter aproveitado mais. Mas eu tinha muitas amizades, eu saía, eu conversava com todo mundo, eu tinha a turma do bebe cerveja, mas eu sentava numa mesa eles pediam a cerveja e um refrigerante, então eles me respeitavam o tempo todo, eles bebiam e eu com meu refrigerante. Eu tinha a turma de toda sexta-feira eu esperar vir de Belo Horizonte para gente sair ia para os bares, aquela coisa sadia. Recebe serenatas toda sexta-feira dos amigos.

**Equipe:** Tinha esse costume aqui também?

**Cilda:** Tinha! Eu recebia muita serenata, aquela serenata assim toda sexta-feira eu já sabia que eles iam tocar, e era música carinhosa, não era serenata de namorado, era serenata de amigo mesmo. Então a gente sempre esperava, então eu vivi um bom tempo na minha vida.

**Equipe:** Mas você tem a preocupação de que o pessoal não tem mais não?

**Cilda:** Não. Não tem, assim principalmente eu fico vendo em relação aos meus filhos, eles aproveitar as coisas o aproveitar deles é diferente não é aquela questão sadia . A gente pode fazer uma coisa sem ter o dinheiro. Você pode ir numa coisa sem está bem arrumada sem está bem trajada, que eu falo que o que faz uma festa é o ser. É a questão do estar bem com as coisas. E naquela época a gente tinha isso. Tanto que com 15 anos de idade todo mundo era muito preocupado comigo, porque eu não vinha aqui na rua, eu seguia aquela questão de que com 15 anos eu não posso depilar, eu andava “não a gente só faz depois dos 15”, namorar, muito menos namorar, ir ao baile. Eu fui ao baile, se eu te contar, eu fui ao baile com 20 anos e namorei com 21 anos, então essa coisa toda a gente tinha.

**Equipe:** Mas isso é porque? A família é criada assim?

**Cilda:** Não eles nunca criaram assim, tanto que eu sou de uma família de 9 irmãos, e eu sou a caçula, imagina, né, a caçula. Eu era muito protegida. Eles me chamavam de manha, eu tinha aquela questão toda de ser paparicada mesmo, muito ligada a minha mãe. Mas eu ainda falo, eu devia ter vivido mais, aproveitado mais, porque a gente tinha como fazer isso de uma forma sadia, o pessoal era mais amigo, era diferente.

**Equipe:** Como você descreveria essa Cordisburgo que está na sua memória da sua infância? Se fosse contar como ela era, como você descreveria?

**Cilda:** Você sabe que eu tenho saudade. Era uma Cordisburgo mais feliz. Não sei o que se eram as pessoas mesmo. Mas eu acho que é a mudança, não tem como continuar a mesma coisa. A gente fala que tinha mais festas, mais bailes, questão de festas boas, bailes bons, sadios. Hoje a gente deixa os filhos da gente ir mais com aquela preocupação, eu não sei.

**Equipe:** Como são as festas hoje?

**Cilda:** Às vezes não tem, nem tem. Falta muita coisa para os jovens sim. Tanto que a preocupação da associação hoje é isso estar trazendo alguma coisa para os jovens. Por que eu acho que por fim a coisa eu acho que complica tanto, que o pessoal aqui sinceramente se não tem um fim de semana eles vão fazer o que? Eles vão beber. Antigamente nós tínhamos cinema,

**Equipe:** Serenata.

**Cilda:** Serenata? É serenata, cinema, serenata, praça de esportes. A gente reunia na praça de esporte, no clube. Hoje os jovens não freqüentam tanto assim, a gente não tem mais cinema. Ele já foi até desmanchado. Vinha mais coisa sadia, parque, essas coisas. A gente brincava mais com aquelas brincadeiras, a noite juntava a rua, brincava de bola, esconde-esconde, era aquela turma, a rua toda a noite reunia, e hoje não tem isso. Eu convivo com os meninos hoje assistindo uma televisão, chega a noite eu falo “Luana junta com suas colegas, vão conversar, vão brincar” “Que isso mãe?”. Essa parte que eu vivi eu não vi meus filhos vivendo, de brincadeira, de curtir as coisas de uma maneira sadia. Não é sadia, sadia que eu falo é assim não é que eles estão fazendo errado, a gente, eu acho que eu era feliz.

**Equipe:** O ambiente era melhor.

**Cilda:** O ambiente era melhor, sabe. Apesar que hoje as coisas mudaram, tem computador, tem tudo, que a gente não tinha naquela época mas a gente sabia aproveitar.

**Equipe:** Como você veio parar na associação? Como é que você veio participar?

**Cilda:** É uma história até engraçado, que minha filha começou a contar história, ela estudava na 5ª série aí precisava de contadores de histórias e ela veio. E eu não tenho muito costume, não tinha Guimarães Rosa, museu para a gente era só passar aqui em frente e olhar. Tinha as reuniões, e a associação já tem nove anos ou sete, sei lá. Com dois anos, há dois ou três anos atrás eu fui convidada para uma reunião, e a presidente já não podia mais ser a presidente. E eu estava passando por momento difíceis já tinha mudado muita coisa na minha vida, eu estava saindo de uma depressão. Eu sentada ali, vendo o pessoal discutindo, mas eu sabia do trabalho imenso da associação, que a gente via os miguilins viajando, a divulgação, essa biblioteca sendo construída, aí eles falaram assim, “nós vamos ter que acabar com a associação porque não tem uma pessoa para assumir, porque eu não posso ser presidente mais.” Aí um falava assim “ah vai você,” outro nós vamos receber, aí alguém falou “vai Andréa”. Eu falei gente eu tratando com psicólogo, assumir uma associação, mas alguma coisa me falava assim “fala”, aí eu falei “oh gente se for para receber ajuda de vocês e não acabar com a associação eu aceito.” E fui para casa apavorada, e falei “Luana eu fiz a maior loucura da minha vida,” ela “mãe do céu a senhora sim, a senhora vai pegar a associação, vai conseguir”. Aí nem dormi, no outro dia tinha uma consulta e falei com o Raul de Sete Lagoas ele era o meu psicólogo e falei “Raul eu fiz uma loucura, peguei a presidência de uma associação lá que é conhecida, eu vou para lá vou acabar com essa associação”. Ele falou assim “ não está aí a hora de você provar para você mesmo que você

é capaz,” “mas a partir do momento que ela estiver fazendo mal você vai largar, não é”, “não, não é assim não, está aí você vai dar conta”. E eu fui, aí a gente vai aprendendo, encontrando pessoas que apóiam a gente, e de repente a gente toma amor pela coisa. Não me sinto preparada para ser uma presidente, acho que falta muita coisa, sou muito insegura, eu tenho muito medo das coisa. Eu gosto correr atrás das coisas, de fazer aquela parte do escondido, de estar trazendo as coisas.

**Equipe:** E aí você acaba encontrando o talento de você que não sabia que tinha.

**Cilda:** E isso ele veio falando comigo. Mas eu nunca enxergava, eu parava e falava assim poxa eu não faço nada naquela associação, aí ele falava assim comigo “Vamos rever o que aconteceu”, aí eu ia falando e ele “E isso não foi sua participação não?”. Mas eu sou muito critica, em minha relação. Eu não sei se quando a gente pega uma depressão, a gente fica muito sensível a certa coisa e desconfiado.

**Equipe:** Sei?

**Cilda:** Então assim, eu gosto muito de estar aqui, gosto de tomar iniciativa, gosto de conversar, de resolver problema, mas na hora de representar associação em tal lugar, você viu “não eu tenho um diretor cultural que vai responder por mim”. Então foi assim que aconteceu minha vinda para cá tem dois anos, teve uma outra eleição, a gente abriu chapa ninguém apareceu, para dar continuidade eu avisei eu posso ficar mais, um ano dois anos.

**Equipe:** O mandado é dois anos.

**Cilda:** Dois anos, e a gente tem aí um cinqüentenário de Guimarães, um fico. Mas a gente tem que estar preparando outra pessoa, para estar substituindo, então estou aí até hoje mas eu não estou sozinha tem um grupo muito grande, que apóia que trabalha muito. Eu vim para aqui, estou aqui. E às vezes é onde me sinto melhor principalmente quando eu consigo vencer alguma coisa. Eu me sinto melhor aqui do que na minha profissão.

**Equipe:** Sua profissão é professora?

**Cilda:** É professora, eu sou professora P1 de 1ª à 4ª que eu gostava muito de quando trabalhava com 4ª série. Mas depois municipalizou a escola e a gente só tem uma outra escola que é estadual e a gente ficou excedente fora da escola. E eu fiquei correndo. Eu acho assim que no fundo eu não sei me valorizar. Por que eu acho que eu sou corajosa, por exemplo, eu saio de 4ª série aí fiquei excedente. Quando eles falaram “tem que pegar turma senão corre o risco de ser mandada embora”. Eu não tinha o superior, eu fui para o colégio, aí ofereceram a turma de 5ª a 8ª, o diretor falou comigo assim “você pega”, eu disse “pego, sabe o que? Ciências de 5ª a 8ª”. Naquele auge de depressão, eu estudando ciência, eu pegava de 5ª a 6ª tudo bem, mas 7ª e 8ª entrava química e física, eu passava até quatro horas da manhã para receber com peã.

Foi um ano de batalha, de desgaste, mas dei conta de ir até o final, sem tirar uma licença, sem nada. Aí quando chegou o outro ano, aí o diretor ainda me deu apoio “Não mas esse ano é um ano de aprendizado.” Você tem que ver. “O governo está cobrando isso de você mas não está nem aí para quem chama. Mas eu sei da sua responsabilidade, eu confio em você.” Também eu não ia me dar à toa. “A gente vai te ajudar e você pega, se você não der conta você largar.” Aí eu virei, “ah mas agora eu não posso largar.” E fui até o final, uma loucura todo mundo me ajudando, eu correndo atrás porque eu gosto de correr atrás também. Aí quando chegou no outro ano eu estava feliz, esse eu vou trabalhar legal, eu tenho uma certa... Eu já sabia meus erros já sei onde consertar. Eles me chamam para trabalhar no grupo, trabalhar com pré, loucura eu não dou conta de pré. Eu sai de uma 4ª série que eu trabalhava seis anos, pego de 5ª a 8ª passar para aqueles meninos eu não vou dar conta, não tenho estrutura para isso não. Era uma adjunção o prefeito tal, eu conversei com ele, era março já, “ eu vou entrar na escola em março? Já tem a professora, eu vou atrapalhar o andamento da escola, me deixa fora da sala, aí ele me deixou fora da sala. Aí veio os outros anos, minha mãe estava com câncer, aí foi o ano passado eu na associação,

em adjunção a disposição da prefeitura, eles me deixaram aqui. Eu resolvi fazer o curso de educação religiosa, fazendo aquela faculdade de magistério superior a distancia pela UFOP, aí fui fazer o curso de Religião porque o professor precisa ter alguma coisa. Aí eu fiz o curso esse ano estou trabalhando com educação religiosa de 5ª a 8ª como peã recebendo como peã, cumpro o mesmo horário de um P5 de um P6. Mas eu acho, a gente vai analisar que nada é por acaso, vai ter alguma coisa que explique isso.

**Equipe:** Escuta, e o que você acha que Cordisburgo tem de atrativo?

**Cilda:** Olha Cordisburgo tem muita coisa, eu acho que está precisando mesmo é de, eu não sei. Está precisando de um trabalho voltado para isso mesmo, além da gruta tem o museu. Eu tento falar sempre assim, outro dia eu falei até com o prefeito que entrou agora que é o padre, falei assim “ Padre eu vim aqui conversar com o senhor o seguinte, para o senhor não esquecer que Cordisburgo ainda existe, é visto lá fora, por causa da gruta e do museu. E a gente tem que estar trabalhando dessa forma, tem que procurar mudar. Penso o seguinte um local para os turistas estar parando com ônibus. Porque? ele desce lá e vem andando para a cidade, porque eles param aqui, descem já entram no museu depois vão embora para a gruta. E também expor que Cordisburgo é a cidade do coração. Tanto que a gente fala através do banner da gente Cidade do Coração. Quer dizer, é uma terra acolhedora, onde gente de fora pode vir ficar tranquilo, dá para ir em todos os lugares, você pode criar filhos a vontade. Porque não tem ainda tanta coisa, é uma cidade que precisa ser cuidada.

**Equipe:** O que você acha que dá para cuidar mais?

**Cilda:** Eu fico pensando nos jovens, principalmente a formação deles, mas é complicado, você vê que a maioria vai atingindo certa idade e estão indo embora, por causa de falta de opção, de estudo, de trabalho, está precisando de trabalho uma forma de trabalho que não sei como, uma forma de estar ajudando eles na própria educação. Você vê que, você já cria os filhos, no seguinte, quando passa o primeiro ano do segundo grau, já falando “eu vou pra onde o que eu vou fazer,” você também começa a sofrer. Então os filhos já estão indo embora, a gente está ficando outras pessoas estão indo embora, é isso a gente está vendo os contadores de história aí, a maioria os mais velhos já foram embora. Agora estamos com uma geração nova, temos que estar dando curso para outros contadores, por que senão daqui um tempo não tem mais.

**Equipe:** Você citou a gruta e o museu, o que você acha dos dois lugares? Sua Opinião? Como você vê?

**Cilda:** Como que eu vejo?

**Equipe:** É?

**Cilda:** Você sabe que a gente acostuma, toda a vida, desde que eu nasci existe a gruta, e o museu. Então a gruta eu acho que é um lugar bom, está precisando de sei lá. Antigamente é engraçado que tinha até mais turista. Te cortar aí, meu avó morava num jeito que via os carros passando para a gruta, ele tinha um caderno que ele anotava.

**Equipe:** Era?

**Cilda:** E era assim quando ele saia para almoçar ou fazer qualquer coisa, ele tinha que colocar alguém para substituir.

**Equipe:** Ele fazia isso assim, voluntariamente?

**Cilda:** Fazia voluntariamente, ele anotava todos os carros, então ele tinha por dia ele sabia quantos carros foram na gruta quantos ônibus, e todo dia ele fazia. E para você ver a diferença, ele colocava uma pessoa para substituir. Hoje não tem tanto movimento não. E o museu é essa referência de Guimarães Rosa, que o que faz Cordisburgo ser reconhecido, pena que ainda está assim. Às vezes eles conhecem o museu mas não sabem onde é Cordisburgo, não é?

**Equipe:** É?

**Cilda:** Então aí que está a questão de estar divulgando Cordisburgo a Cidade do Coração e lá existe o Museu Casa Guimarães Rosa que é a casa onde Guimarães Rosa nasceu e a Gruta de Maquiné.

**Equipe:** É como se Cordisburgo como cidade ficasse um pouco na sombra deles.

**Cilda:** Na sombra é. Porque tem gente que fala assim: “Onde você mora?” - “Em Cordisburgo.” - “Conheço não”. - “É aonde tem a gruta de Maquiné e o museu.” – “Ah! É lá? Mas eu não sei onde que é essa cidade...”. Eu brinco: - “Aquele lugarzinho para ir, como é que se chama? Já é Cordisburgo.” Tem essa coisa deles não estar conhecendo a cidade, e é um trabalho que precisa. Mas não adianta eu querer, eu querer, o poder público querendo ou não ele tem que trabalhar em cima disso. Eu ainda falei com o padre.

**Equipe:** O padre prefeito?

**Cilda:** É... Padre M., ele também é meio psicólogo, ele foi meu psicólogo, ela acha que eu sou meio.... Eu disse “padre, padre você tem que trabalhar mais essas coisas, dar uma força bem grande ao turismo que é o que move Cordisburgo querendo ou não o senhor tem que estar, investir um pouco do poder público aí nessas questões.” Porque voluntário existe até certo ponto, enquanto tem voluntários mesmo, que gostam que estão aí trabalhando abraçando a causa, mas depois eles também podem acabar aí acaba tudo, perde o sentido todo até dessa cidade de Cordisburgo.

**Equipe:** Acha que devia profissionalizar mais o turismo?

**Cilda:** Eu acho com certeza. Igual todo mundo reclama, outro dia teve uma reclamação o seguinte que pessoas de fora vem, por exemplo, vem e pegam vão no que é bom aqui, contadores de história, museu, gruta e faz trabalhos lá fora e são conhecidos lá. Igual lugares que Guimarães Rosa foi Morro da Garça, Curvelo estão todas fazendo um trabalho para o circuito Guimarães Rosa são as sete cidades que Guimarães Rosa passou, mas eles tem um poder público que investi igual Morro da Garça, mas é diferente também que Cordisburgo é um município muito grande e a verba não dá pra tá dando essa cobertura que o prefeito lá. Mas eu não acho certo que eles vem aqui pegam o que há de bom e leva lá pra fora e crescem também, mas lá tem um poder tem uma pessoa que está no poder e que quer e que investe. Quem está perdendo somos nós que ainda não achamos um que pega que investe e que saiba investir. Se Cordisburgo o que está por enquanto é o museu e o turismo, vamos pegar, vamos investir, vamos fazer crescer, seja lá o que for. Aí a gente fica amarrados em certos pontos em que a gente não tem como fazer, o que a gente pode fazer a gente faz, tem mil e uma coisa que pode ser feita.

**Equipe:** Pois é, além da gruta, do museu, contadores de história, tem outro atrativo na cidade?

**Cilda:** Aqui tem outras grutas, parece. Agora eu não sei como procede também essa questão, tem cachoeiras, tem o zoológico de pedras, que de uma forma ou outra tornou um atrativo, tem vários lugarzinhos aqui, que pode tá, essas cachoeiras. Tem formas agora eu não sei por onde.

**Equipe:** Bom então é isso.

Desligou o gravador.

Volta

**Cilda:** ...então eu estava até falando com ela, gente quem sabe essas palestras que tiveram aqui, esse Cristiano do turismo. Tinha palestras interessantes demais, tinha uma menina sobre a área de geografia por causa do cerrado. Então eu acho que a gente sente, igual quando eles sumiram, eu até liguei para ela essa semana, mas não consegui falar. Eu falei assim meu Deus não podem tinha que continuar de alguma forma, se está caro de alguma forma tem que procurar que a gente não pode perder essas parcerias que a gente tem, principalmente quando elas são positivas, então eu acho que a Newton Paiva contribuiu, principalmente para nos aqui muito, na semana roseana. Eles ajudaram a fazer uma

programação com participações, sem custo nenhum, então foi muito, está fazendo falta mesmo.

**Equipe:** E essa semana roseana?

Acabou a fita.

**Cilda:**... da associação dos amigos do museu. Ela tem objetivo cultural mesmo, de divulgar a obra através dos contadores de história, de pessoas que vem para fazer palestra, nos temos aí professores da USP, temos agora professores, eu não sei de onde é, se é da PUC, Marli Fantini?

**Equipe:** Acho que é da Puc mesmo.

**Cilda:** É, Luiz Cláudio. Então assim envolve muito o pessoal que gosta de Guimarães que são amantes da obra, tem mesa redonda, tem oficinas. É cultural mesmo e algumas coisas que a região faz o artesanato, divulga o artesanato.

**Equipe:** E como é a percussão disso na cidade?

**Cilda:** Aqui antigamente nem eu participava, sabia que tinha a semana roseana, aquelas palestras, mas não ia, agora que a gente está envolvida é que vê, eu acho que tem crescido muito. Já atingido o jovem de uma forma, que não adianta pegar o menino e dizer que tem que gostar de Guimarães Rosa, tem que participar. Ele mesmo que tem ir, e já acontecendo, já está crescendo, a dimensão está bem ampla, a gente tem a contribuição de pessoas de São Paulo, de Belo Horizonte também, temos a caminhada, você já participou?

**Equipe:** Não.

**Cilda:** A caminhada literária, ela termina com a caminhada literária, é o Brasinha esse que está aqui, ele organiza essa caminhada com os contadores de histórias já mais velhos, eles fazem essa caminhada para algum lugar.

**Equipe:** Pelo mato?

**Cilda:** É pelo mato.

**Equipe:** E vão contando histórias?

**Cilda:** E vão contando história, em certas passagens, né. Porque o livro foi dividido em partes e esse ano acho que termina. Então, já teve de Cordisburgo para Onça que é um lugarejo aqui também, ando, tem um ônibus que leva até determinado lugar e de lá é a pé. Aí eles vão a pé, primeiro tem um café, sete horas da manhã tem o café aqui na cidade. Lá no museu, no zoológico de pedras, teve um ano que foi aqui na estação, o pessoal toma o café da manhã.

**Equipe:** Quando que é?

**Cilda:** A semana roseana está marcada para o dia 4 a 10 de julho, vai começar dia 4 e termina dia 10, a caminhada é sempre aos sábados começa as sete horas com o café sertanejo.

**Equipe:** Vou até marcar aqui.

**Cilda:** Pois é, você deixa seu endereço aí que a gente manda o convite pra você.

**Equipe:** Ah é?

**Cilda:** Ela sai, aí eles vão até um determinado local e começam com a contação de história, com encenações, até chegar ao local onde tem o almoço e lá termina com a contação de história também e o almoço. Aí depois retorna. E já está criando, tem vez que, a penúltima teve não sei se 400 ou 300 pessoas. É interessante aquela manhã todo mundo saindo, entra dentro do onibus, chega todo mundo empoeirado, cansado mas todo mundo gosta.

**Equipe:** É? Bacana!

**Cilda:** É você vai gostar, e esse ano eu acho que a caminhada cai ser em sentido da gruta não sei ainda não mas o Brasinha sabe. Nós estamos organizando ainda.

**Entrevistador(a):** Rachel  
**Entrevistado(a):** Sinhalice  
**Ocupação do entrevistado(a):** Dona de casa.  
**Idade:** 48  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Então? A senhora é nascida aqui?

**Sinhalice:** Não. Eu nasci aqui, mas eu morava na roça. Em cuba que eu morava, perto da gruta de Maquiné.

**Equipe:** E chega a ser cidade ou ainda é Cordisburgo?

**Sinhalice:** Lá não e Cordisburgo. Lá é uma roça.

**Equipe:** Foi para lá pequenininha?

**Sinhalice:** Morava lá roça. Nasci aqui e morei lá. Vim para cá com 15 anos.

**Equipe:** E está desde essa época?

**Sinhalice:** É.

**Equipe:** Mas porque que mudou para cá?

**Sinhalice:** Meu pai tinha um sitiozinho lá, e ele tava velho, né, e vendeu.

**Equipe:** Veio descansar aqui.

**Sinhalice:** É. Ficou um tempo, ficou quase nada aqui e faleceu.

**Equipe:** E você prefere aqui ou lá?

**Sinhalice:** Agora eu prefiro aqui, mas antes eu preferia lá, né.

**Equipe:** Demorou para acostumar?

**Sinhalice:** As coisas tudo natural. Então era melhor na roça. Agora não, agora aqui ta bom.

**Equipe:** Aqui é muito gostoso, né?

**Sinhalice:** Agora eu não saio daqui para ir para outros lugares não.

**Equipe:** Belo Horizonte nem se pagar, né?

**Sinhalice:** Belo Horizonte só a passeio.

**Equipe:** E aqui em Cordisburgo a sra. participa de algum movimento, de alguma atividade voluntária?

**Sinhalice:** Não. Eu não participo não.

**Equipe:** Mas conhece algum desses trabalhos aqui?

**Sinhalice:** Aqui não tem muita coisa não. Mas muita gente ajuda assim lá no hospital, muita gente. Não tem necessidade, tem muita gente empregada trabalhando lá. Não gasta.

**Equipe:** Nesse tempo que a senhora morava em Cuba, a sra. conhecia Cordisburgo já?

**Sinhalice:** Já.

**Equipe:** Vinha aqui direto?

**Sinhalice:** Aqui que era o ponto da gente fazer as compras, né.

**Equipe:** Quando veio para cá conhecia todo mundo, né?

**Sinhalice:** É, dos parentes, muitos moram aqui.

**Equipe:** Como é que era Cordisburgo nessa época?

**Sinhalice:** Era um pouquinho diferente viu?

**Equipe:** Era?

**Sinhalice:** Era. Umas casas velhinhas, umas casas velhas. É tudo casa velha ainda mas era mais velha. Era diferente. Tem uma casa ali, na avenida padre João ali, uma casa ali que é da Sandra. O pessoal mais antigo, né? O pai dela era farmacêutico, a gente tratava era com o pai dela. O Zé Leoni. Aí a gente vinha da roça, o médico mais era ele lá, sabe? Então lá tem tudo. Tem as casas, o museu do Guimarães Rosa, tudo antigo... Lá tem os quadros lá, sabe?

**Equipe:** Na casa dele?

**Sinhalice:** Na casa ali dessa dona lá. Ta lá para todo mundo ver? A estação...

**Equipe:** Tipo um museuzinho também?

**Sinhalice:** Isso. Ela tem lá.

**Equipe:** E a cidade era bem mais vazia?

**Sinhalice:** É. Era, né, tinha muito fazendeiro na época. Agora não tem muito mais não.

**Equipe:** Trabalhava mais nas fazendas, né?

**Sinhalice:** É... tinha muito fazendeiro. Era mais fazendeiro, né? E a rede ferroviária que entra o movimento de Cordisburgo eu acho que mais é ela, né... Acabou?

**Equipe:** Muita gente descia aqui?

**Sinhalice:** É.

**Equipe:** Essa linha ia de onde para onde?

**Sinhalice:** Acho que essa aqui vai até Janaúba eu acho. Agora não tem mais, quase nada, né?

**Equipe:** Então era a linha que trazia mais a bagunça para Cordisburgo?

**Sinhalice:** É. Levava boi para fora, de fazendeiro, pra vender.

**Equipe:** Foi por causa dessa linha que surgiram todas essas festas em Cordisburgo?

**Sinhalice:** Acho que não. Porque antigamente acho que não tinha essas festas aqui não. Eu não lembro. Tinha aqui era a festa do Rosário. Tem até hoje. Essa é a festa que tinha na época. Agora não, tem muita festa. Tem festa da abóbora, festa do cavalo... Teve a festa da abóbora aqui mas foi na roça. Ninguém gostou, né, porque tirou a festa melhor que tinha da cidade e foi levar pra roça?!

**Equipe:** A mais importante que a Sra. acha então é a da abóbora?

**Sinhalice:** Eu acho que sim. A da abóbora dá mais renda, né, para os comerciantes, para todo mundo não é não? E os bobos tiraram daqui para levar para a roça?

**Equipe:** E vem muita gente de fora?

**Sinhalice:** Vem.

**Equipe:** Suja a cidade toda?

**Sinhalice:** Nossa. Vem muita gente.

**Equipe:** Enche de copo de plástico aqui?

**Sinhalice:** Em Cordisburgo... muita gente gosta daqui viu. Aqui na minha casa... eu moro aqui (aponta para a casa em frente). Aqui na minha casa, tem um pessoal meu que mora em Belo Horizonte, tem minha irmã que mora lá. Os amigos deles todos vem, chega aqui trinta pessoas.

**Equipe:** Aqui é gostoso.

**Sinhalice:** Aí traz uma pessoa assim, novata no caso. Aí eu falo assim: tomaram a água daqui, né. Se vocês gostou vocês voltam. Aí no seguinte vem outros novos. Aí a gente tem que alugar uma casa para poder eles ficar, porque não cabe, né. Aquele tanto de gente.

**Equipe:** E como é que é esse esquema de alugar a casa para caber...

**Sinhalice:** Aqui tem uma casa ali da Meire, ela é irmã da minha cunhada, ela é solteira. E ela dorme na casa da ... Não gosta de ficar lá na casa só. Vai lá toma banho. As coisinhas dela fica tudo lá, né. Ela dorme aqui e tal. Quase não mora lá. Ela trabalha na gruta. E aí ela aluga a casa pros dias sabe? Se quiser ficar quatro, cinco dias ela aluga sabe? Não aluga para o mês não, sabe?

**Equipe:** Entendi.

**Sinhalice:** Então a gente aluga lá, a gente aluga pra eles.

**Equipe:** E tem mais gente em Cordisburgo que faz isso? Ou as pessoas não tem esse costume não?

**Sinhalice:** Ah tem. Carnaval principalmente. Carnaval eles aluga, né? Tem que ate sai da casa para pode deixar pra...

**Equipe:** São poucos períodos do ano, né?

**Sinhalice:** Eu não posso fazer isso, porque minha casa está cheia, né? Aí eu falei que agora eu vou fazer assim: eu vou e vocês vem para cá, e aí toma conta.

**Equipe:** Dá menos trabalho, né? Porque fica aqui tomando conta desse tanto de gente, né? Porque parece que aqui é difícil, questão de... não tem muita pousada, hotel, né?

**Sinhalice:** Tem três parece, né? Só três que tem. Então eles ficam mais é alugando as casinhas aí pra frente. Com um barracãozinho mesmo que achar e junta aquele monte de gente...

**Equipe:** E fora as festas, o que a senhora acha que Cordisburgo tem que atrai as pessoas?

**Sinhalice:** Nada. Aqui não tem nada, aqui não tem emprego. Aqui é bom, mas tem uma coisa, não tem trabalho pra todo mundo..

**Equipe:** Mas eu falo assim, que atraia o turista.

**Sinhalice:** O turista? É a gruta do Maquiné. O museu é bom... só. Mais nada.

**Equipe:** Mas a Sra. acredita que a gruta traz alguma coisa de bom para a cidade?

**Sinhalice:** Pros donos dos restaurantes eu creio que sim, né? Para o pessoal do comercio. Muita gente compra as coisas pros restaurantes é fora daqui, né? Muito pouca coisa que compra aqui. Pra pode levar para a gruta, então... muito pouca coisa.

**Equipe:** E a Sra. conhece a gruta?

**Sinhalice:** Conheço. Demais! Acho que eu sei lá cantinho por cantinho lá dentro.

**Equipe:** E tem muito tempo que a Sra. não vai lá?

**Sinhalice:** Tem um tempinho. Precisa de mais não. Chega, né? Lá dentro é muito quente.

**Equipe:** Mas já foi muitas vezes?

**Sinhalice:** Muito. Muito. Nem sei quantidade.

**Equipe:** De menina?

**Sinhalice:** De menina, de velha já. Vou lá gruta, mas não entro na gruta mais. Muito quente. A gente vai ficando velho e não quer entrar em negocio quente mais não.

**Equipe:** Mas então a Sra. gosta da gruta?

**Sinhalice:** Gosto. É muito bonito.

**Equipe:** Já levou muita gente lá.

**Sinhalice:** Já. Nossa. Muita gente que chega aqui.. “vai lá na gruta de Maquiné”. Eu tenho uma irmã que mora lá em Jaíba, ela chegou aqui com uma montanha de gente. ‘Vai lá na gruta, gente’. Levou todo mundo lá. Muito bonito eu acho. Você já foi lá, né?

**Equipe:** Já. Mas as outras pessoas da cidade tem esse costume de ir lá na gruta, ou tem muita gente aqui que nem nunca foi?

**Sinhalice:** Eu acho que tem gente que nunca entrou lá não. Pessoa assim mais de idade. Não, eu acho que não. Assim, às vezes foi na gruta mas nem entrou, né. Eu creio que tem muita gente que nunca entrou lá não.

**Equipe:** A sra. é porque morava lá perto mesmo, né?

**Sinhalice:** Mesmo que não morasse, mas a gente ia assim mesmo, né? Muitas vezes eu saía daqui, sem necessidade nenhuma, e ia na gruta passear. Domingo, coisa assim.

**Equipe:** É porque tem gente que não passeia mesmo, né?

**Sinhalice:** Tem gente que não gosta, quer ficar quieto.

**Equipe:** E o museu a Sra. conhece?

**Sinhalice:** Conheço.

**Equipe:** E o que a Sra. acha do museu?

**Sinhalice:** (risos) Na medida do possível é bom. É bom para o turista, Aí você vê muito ônibus, né...

**Equipe:** Passa na gruta, no museu e no museu de pedras.

**Sinhalice:** E só, né?

**Equipe:** E conhece alguma história de Guimarães Rosa?

**Sinhalice:** Ah... não. A gente fala, fala aqui, mas eu não vou responder essa coisa não porque não sei...

**Equipe:** Eu não vou pedir pra Sra. contar a história não, mas você sabe alguma historinha?

**Sinhalice:** Sei, sei. Sei uma história. Meu avô mesmo, contava história... mas a gente não lembra. A gente vai ficando velho acho que esquece, né?

**Equipe:** Fingia que tava prestando atenção, mas não prestava, né?

**Sinhalice:** É. Meu avô era um fazendeiro até. Lá do quiosque, você já ouviu falar do quiosque?

**Equipe:** Eu já ouvi falar mas não fui lá no quiosque.

**Sinhalice:** A fazenda é do meu avô. João Piteira. E ele contava muita historia pra gente, né? E na época conheceu ele, né. Acho que era até amigo, sei lá. Eles que contava muita historia pra gente. Meu pai às vezes também contava. A quando é novo não quer saber de ouvir aquilo não é não? Muita história.

**Equipe:** E o museu de pedras a Sra. conhece também?

**Sinhalice:** Conheço.

**Equipe:** Fica ali pra quem quiser ver.

**Sinhalice:** Cordisburgo tudo conhece.

**Equipe:** Conhece todos os cantinhos, né? Acha o museu de pedras legal também?

**Sinhalice:** É legal. É muito legal, fica lá na pracinha lá, dormindo assim é muito bom.

**Equipe:** E desses pontos de turismo de Cordisburgo, que a gente conversou, qual que a sra. acha que é o mais importante para Cordisburgo?

**Sinhalice:** Eu acho que é a gruta do Maquiné.

**Equipe:** Não tem nem que ver, né?

**Sinhalice:** É a gruta.

**Equipe:** Traz muita gente?

**Sinhalice:** Traz.

**Equipe:** Mas já trouxe mais?

**Sinhalice:** Trouxe muita gente.

**Equipe:** Antes enchia mais?

**Sinhalice:** Muito, muito. Eu já trabalhei na gruta. Já trabalhei no restaurante lá. Nossa, era um movimento, vou falar com você... O dia todo você trabalhando, e o povo chegando.

**Equipe:** E porque que a senhora acha que diminuiu tanto assim?

**Sinhalice:** Eu não sei se é porque todo mundo já viu a gruta... Não precisa voltar lá não... Eu acho, não sei.

**Equipe:** Mas as festas ainda trazem muita gente?

**Sinhalice:** Traz. Carnaval. A festa da abóbora. A festa do cavalo também é boa e também traz muita gente, mas no Carnaval é porque é mais dias, né? Mais dia, né?

**Equipe:** E o que a Sra. acha que podia ser feito para melhorar o turismo aqui em Cordisburgo? Porque aqui tem muito desemprego, né?

**Sinhalice:** demais.

**Equipe:** Se conseguisse melhorar o turismo...

**Sinhalice:** Se conseguisse resolver a questão de emprego do pessoal, eu acho que resolvia mais alguma coisa. Cordisburgo ta assim acabado, entra prefeito, sai prefeito...

**Equipe:** Se melhorasse o turismo o emprego aumentava, não aumentava? O quê que podia fazer então para melhorar esse turismo?

**Sinhalice:** Eu nem sei por onde... Nem sei sabe. Difícil.

**Equipe:** A sra. acha que se fizesse um pouquinho mais de propaganda...

**Sinhalice:** Eu acho que isso eles faz, mas não adianta muito não. Faz.

**Equipe:** Então não é má vontade do povo, não? É porque está devagar mesmo?

**Sinhalice:** Aqui ta devagar sim. Nó! Devagar... O pessoal tudo quer sair, os mais novos que sai pra fora, porque os velhos se sair um emprego por exemplo, aí ninguém quer mais. O meu marido tem 49 anos e está desempregado.

**Equipe:** Aqui dentro da cidade ele não consegue emprego não?

**Sinhalice:** Ele trabalha na rede ferroviária. Há 18 anos trabalhou lá. Aí acabou. A rede ferroviária trazia muito benefício para Cordisburgo, entendeu? Aí, né, acabou, né. O povo foi embora, foi trabalhar fora, né. Ele saiu daqui para ir trabalhar no Espírito Santo. Tem cabimento uma coisa dessa?

**Equipe:** É muito longe?

**Sinhalice:** É muito longe. Pra ele assim que é mais velho. Se fosse mais jovem, tudo bem.

**Equipe:** Ele ta lá então?

**Sinhalice:** Ta não. Agora ele voltou, quebrou a perna. Ta encostado. Mas ele tem que arrumar um emprego. Isso aí não vai durar pra sempre, né?

**Equipe:** Tem uma meninada daqui que está estudando fora também, né? Torcer para esses meninos voltarem, para poder tentar fazer alguma coisa aqui, né?

**Sinhalice:** Eu penso também, que tem que fazer aqui. Eu penso assim, se você ganha o dinheiro aqui, você tem que gastar ele aqui você não acha? O pessoal ganha dinheiro aqui e vai gastar lá em Sete Lagoas.

**Equipe:** Das pessoas que trabalham na gruta, tem muita gente da cidade ou tem muita gente de fora?

**Sinhalice:** Não, a maioria é daqui mesmo. Acho que de fora não fica não. De fora acho que não tem não.

**Entrevistador(a):** Ricardo

**Entrevistado(a):** Dona Joaquina

**Ocupação do entrevistado(a):** Comerciante.

**Idade:** 77

**Local:** Cordisburgo.

O Ricardo iniciou a entrevista perguntando sobre o quadro que estava dependurado atrás da entrevistada.

**Dona Joaquina:**...os personagens dos livros de Guimarães Rosa, né. Eu li o Manuelzão e Miguilim. E foi uma pessoa que viajou com ele pra terminar o Grande sertão. Pessoa muito simpática, muito inteligente, ajudou muito Guimarães Rosa fornecendo para ele as histórias que queria, né. É muita coisa importante Aí do sertão, do linguajar do sertão.

**Equipe:** Manuelzão...

**Dona Joaquina:** É... Manuel Inarte, nome dele.

**Equipe:** A senhora nasceu aqui em Cordisburgo?

**Dona Joaquina:** Não. Nasci em Conceição do Mato Dentro.

**Equipe:** Tem quanto tempo que a senhora veio para Cordisburgo?

**Dona Joaquina:** 50 anos.

**Equipe:** A senhora tem alguma referencia da cidade, alguma historia que possa contar sobre a cidade?

**Dona Joaquina:** Pois é... eu quando cheguei aqui é... já era cidade, é, já era cidade. Parece que foi elevado cidade em 1938, né?! Cheguei aqui em 46 mais ou menos. Já encontrei a cidade, né.

**Equipe:** Hum, hum.

**Dona Joaquina:** Com pouca diferença do que é hoje. A cidade desenvolveu muito pouco. É, cresceu em população porque tem efeito do pessoal que vem da roça para a cidade e

também houve assim muita evasão do pessoal da cidade para os centros maiores. Então ficou mais ou menos estabilizado o numero de habitantes.

**Equipe:** Agora tem muita diferença daquela época pra hoje? Assim, fora em termos de população, a senhora...

**Dona Joaquina:** Eu acho que não. Acho que a cidade já foi bem mais desenvolvida. A contar que logo que eu vim pra cá havia três estabelecimentos bancários. Eu até trabalhei num deles, que foi o Banco Mercantil. E hoje temos simplesmente, não é bem uma agência, do Banco do Brasil. Como é que fala, é um tipo escritório? Não. É entre escritório e uma agência. Porque não é bem uma agência, tem pouco funcionário e já foi agência. Já foi uma agência com muitos funcionários, um atendimento muito bom. Tinha a Minascaixa, fechou. Teve também o Bradesco, fechou aqui. Agora tem o Banco do Brasil, tem o Bradesco postal e um banquinho da cooperativa. São os três estabelecimentos bancários que tem na região. Sendo que já teve o Banco Mercantil que já foi um banco muito grande, né?! Foi não, é. Porque hoje é banco Mercantil do Brasil. Teve o Bradesco, o banco Minas. Eu acho que financeiramente até já foi melhor, porque a criação de gado aqui era em grande escala. Aqui tinha embarque e desembarque. Eles vendiam boi pro Rio de Janeiro, né?! Tinha até uma festa no dia de embarcar boi. Isso eu ainda não peguei. Mas tinha fazendeiros assim que criavam muito e vendiam pro Rio. E nessa época também tinha Charqueada. Eles faziam o charque e vendiam também. Isso, no decorrer desses 50 anos, né?! Já teve uma siderúrgica, também fechou; fabrica de tecidos, também fechou; Fabrica de manteiga e laticínios, duas que fecharam. Eu acho que assim, financeiramente, economicamente, a cidade eu não vejo melhora. Já teve também, isso mais recente, uma grande plantação de soja que é aqui pra frente. É a soja de semente, plantaram muito. Não sei porque já não plantam mais. Plantam agora nessa fazenda, né, plantam verduras variadas. No momento é quiabo, eles plantam jiló, eles plantam pimentão...e o forte dessa fazenda aqui, que a HMS, chama Agropastoril LTDA, o forte deles tem sido o milho, o milho verde, que eles mandam pro CEASA, né?!

**Equipe:** Agora, as principais atividades de Cordisburgo são...

**Dona Joaquina:** É...o laticínio, a pecuária, né. E ... como é que chama essa...agricultura. Há, a abóbora também. Já teve em primeiro lugar na plantação de abóbora, né?! Planta-se hoje também em grande escala abobadeiras. Aí, o pessoal do meio rural. Que vem a ser sustento, né dos fazendeiros e também mesmo da cidade. É, então tem ainda grande plantação de abóboras. Os fazendeiros plantam muito e levam caminhões e mais caminhões pro CEASA, né. E aqui já ocupou o primeiro lugar em plantação de abóboras. Apareceu um japonês aí que nos ensinou a técnica e houve assim muita produção. Mas parece que ficou isso em todo lugar, então o preço caiu muito, alguns deixaram de... deixaram o cultivo da abobadeira. Que chega no CEASA tem época que o preço é quase nada, né, mas ainda tem em grande escala. É mesmo forte a abobadeira. Essa fazenda aqui que é uma grande firma, HMS agropastoril LTDA é que planta... mais forte deles é...como eu falei o milho. O milho verde, a soja eles deixaram eu não sei porque. E trabalham a variação de verdura naquela época. Quiabo já plantaram, jiló, vagem também, vão plantando aí.

**Equipe:** Então a agricultura é um ponto forte, né, ainda tem essa questão...

**Dona Joaquina:** Agora é agropastoril, a economia do município.

**Equipe:** Agora tem outra atividade assim que...

**Dona Joaquina:** Não. Há é o gado leiteiro também, né. Também tem grande influência na economia da cidade. Que tem fazendeiro que tira muito leite. O Sr.Afonso Alves, a HMS também tira leite e os fazendeiros, eles mandam pra cooperativa aqui, e antigamente levava-se pra Sete Lagoas, hoje a Itambé manda buscar, bastante leite. Não sei assim em quantidade falar mas tem fazendeiro que tira 3,4 litros de leite por dia. E os outros fazendeiros mais distantes tiveram que comprar esses tanques, né, que gela, que conserva,

e aí a Itambé vem buscar. Ficou mais fácil do que a cooperativa pagar caminhão e tal, e o leite perdia, né. Aí a Itambé vem com o caminhão térmico e leva o leite pra Sete Lagoas.

**Equipe:** Aí com a Itambé aqui dentro de Minas e próximo, né, já fica mais fácil!

**Dona Joaquina:** É, tem em Sete Lagoas já há muitos anos, né, a Itambé, que é o forte aqui, que pega todo o leite da região aqui de Cordisburgo.

**Equipe:** Muito bom!

**Equipe:** A Sr<sup>a</sup>. Falou que veio pra Cordisburgo há 50 anos. Por qual motivo a sr<sup>a</sup>. veio pra cá?

**Dona Joaquina:** Eu vim a passeio que eu tinha irmão que era dentista e morava aqui. Então eu vim a passeio. Já tinha me formado, né. Aí tive uma proposta de emprego no Banco Mercantil e fiquei. Aí depois me casei, meu marido era daqui. Hoje sou viúva, depois eu passei para área de educação passei a lecionar. Até que me aposentei, parece que em 82, por aí. Atuei na área de educação 30 anos.

**Equipe:** Na área de educação infantil?

**Dona Joaquina:** Não. Primária, de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> serie e depois de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>. Aí então a gente abriu o restaurante. Eu tive que optar por uma delas. Daí como de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> eu já tinha mais tempo, nessa época eu já estava na direção, larguei de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> pra cuidar do restaurante que já tem 38 anos.

**Equipe:** Que a sr<sup>a</sup>. é dona desse estabelecimento aqui?

**Dona Joaquina:** É. A gente que construiu. Meu marido com meus filhos. Foi construído assim pela família.

**Equipe:** E como começou a construção do restaurante?

**Dona Joaquina:** Do restaurante? Começou que a gruta pertencia ao Dr. Saturlino, né. Acho que em 1966 saiu a sentença. Como meu marido era parente dele, e aí já havia uma especulação e já previa-se um movimento, né, de visita a gruta. Então, como o Dr. Saturlino era primo do meu marido, deixou a gente fazer um comerciazinho aqui. E foi crescendo. Antes era só um...coisinha, vendia só um salgadinho, refrigerante. Aí depois foi aumentando, transformou em restaurante. Mas não foi de uma hora pra outra não, foi aos poucos, né?! Aumentando essa área, aumentando outra, aumentando... até que chegou a essa capacidade que abriga 400 a 450 pessoas assentadas. E aí registramos na Embratur, o restaurante foi melhorando, foi crescendo. "Quatro rodas" veio aí, achou que por bem colocar no almanaque... não, como é que chama... o guia 4 rodas. Estamos aí. Meu marido faleceu, eu quis fechar. Estamos aí atendendo até hoje graças a Deus.

**Equipe:** Então começou junto com o turismo aqui na gruta?

**Dona Joaquina:** Começou junto com o turismo aqui da gruta. Quando inaugurou o asfalto, que foi parece em 67, nós já estávamos aqui, só que muito pequenininho. E aí crescemos com o turismo. O turismo foi muito forte até uns 10 atrás. De 10 anos pra cá começou uma queda que foi de repente. Deu um baque. O turismo hoje daqui não é nem 50% do que foi na década de 70, década de 80. Na década de 90 pra cá que começou a cair. E continua caindo. Eu particularmente acho que é falta de propaganda. Enquanto foi muito bom, porque antes pertencia a Hidrominas, que acabou, né, era uma empresa estatal. E o movimento era muito grande e ninguém preocupou com o que poderia acontecer. Meu marido sempre falava, tem que fazer propaganda e fazer coisas de prender o turista aqui. Nada foi feito. Aconteceu, né. E não parou de cair o turismo não. Vem caindo. O forte aqui esta sendo as temporadas que é o mês de julho, os feriados, por exemplo carnaval e semana santa que era muito forte., principalmente semana santa. A semana santa esse ano foi um fracasso. O povo gosta de falar que na quaresma não tem movimento, então não é isso não. Março foi ruim e agora estamos aguardando esse feriado de 21 de abril. O único feriado que esta sendo forte aqui é o Corpus Christi. Esta sendo o mais forte, esse ano vai ser em maio.

**Equipe:** Tem aproximadamente o número de pessoas que visitam?

**Dona Joaquina:** Tem. Por exemplo no Corpus Christi do ano passado nos recebemos aqui, só da CVC, 17 ônibus, mais ou menos na base de 40. Só nos aqui, né. Tem o outro restaurante, tem o pessoal que vem no horário de manhã e não almoça, vem a tarde... mas não chega como era, né, porque nessa década de 70 de 80 no 1º de maio aqui vieram 3000 pessoas. Agora ta vindo 1000 é poucas, 1200. Nem 1000 as vezes, em todos os dias do feriado. Então está tendo muito pouco.

**Equipe:** Agora, além da gruta tem algum outro ponto turístico que a senhora pode citar de Cordisburgo?

**Dona Joaquina:** Tem, né. Tem o zoológico de pedras, foi construído há uns 4 anos, que a gente até achou que ele devia ter sido feito aqui, aqui na gruta. Porque tem dinossauro, os animais tem replica dos animais que o Lundi falou que encontrou aqui, né. A preguiça gigante, os dinossauros, né, o tatu gigante. Então eles fizeram as replicas lá. E a gente achou que podia ter sido feito aqui. Não era mais interessante? Porque quem vem a gruta, as vezes não vai lá visitar o zoológico. Até ficou um local muito aconchegante, muito bom. Ele também colocou umas mesinhas lá, aproveitou o coreto , que era uma praça. As vezes faz serenata lá, faz eventos. Mas muita gente não visita. Vocês devem passar lá depois pra ver. Fora disso, tem a igreja antiga, a igreja São José e tem o santuário que é também uma igreja não muito antiga, né, teve ter uns 60 anos aí. E agora deve ter também o... (nesse momento a entrevistada para conversar com a Rita) ... e agora tem também o centro de artesanato em que as bordadeiras, as doceiras expõe os produtos. Vocês devem ter visto na entrada, né? Mas é tudo coisa nova, que ta engatinhando ainda.

**Equipe:** Fica logo na entrada da cidade, né?

**Dona Joaquina:** Logo na entrada, a direita.

**Equipe:** Nos vimos.

**Dona Joaquina:** É só, né, a cidade é um... há o Guimarães Rosa, o museu Guimarães Rosa. Que tem o museu que esta aberto ao publico há 20 anos. Aí agora recentemente criou-se uma entidade, associação dos amigos do museu e prepararam as crianças que contam muito bem as histórias do livro do Guimarães Rosa. Mas elas contam assim, né, como se fossem artistas mesmo, elas contam muito bem. E o museu, é por causa do escritor. Um dos maiores escritores do mundo, pra mim é, e é mesmo. Então também vem pessoas, só que é um publico bem menor do que o publico da gruta. O publico de Guimarães Rosa, Guimarães Rosa é um escritor assim muito bom, porém bem difícil de entender, se tem que apaixonar por ele, ler, reler, pra encontrar com a obra dele, pra poder gostar. Então nos temos também a academia Cordisburguense de Letras, João Guimarães Rosa, que já fez também 20 anos. São 40 cadeiras, não estão todas preenchidas. Porque a gente quando fundou deixou para os futuros poetas, e poetisas, e escritores, né, pros jovens. Mas ainda hoje não foram preenchidas as cadeiras todas. Tem o evento que vai ser agora, do dia 4 de julho ao dia 10, que é a Semana Roseana. São 7 dias que a academia escolheu para cultuar a memória do grande escritor. Então, se vocês puderem vir será muito bom. A gente conta com palestrantes de fora, pessoal da USP. Já tem uns que todo ano vêm. Então tem assim oficinas para o pessoal da cidade, tem uma mesa redonda. Quem quiser participar, pode. Agora, esse ano vai ser diferente, vai ser um debate entre os estudiosos da obra dele. Isso tudo é aberto ao público, e é do dia 4 ao dia 10 de julho. A data certa seria do dia 20 ao dia 27. Dia 27 é o dia do nascimento do escritor. Mas, essa época de final de junho e principio de julho é época de provas dos estudantes. Então a gente foi chegando mais pra frente pra ficar mais fácil, pras escolas participarem, não só de Cordisburgo como as cidades vizinhas, São Curvelo, Sete Lagoas, Araçáí, Paraopeba, Caetanópolis, e Sete Lagoas também. Eles participam com a gente da semana Roseana.

**Equipe:** Agora além da semana Roseana, a senhora falou que tem outras atividades no zoológico de pedra?

**Dona Joaquina:** Serestas. A gente faz uma seresta beneficente. A gente faz uma seresta lá, faz barraquinhas e a renda é em benefício, por exemplo do asilo São Vicente de Paula, ou então de uma escolinha carente aí, também. Reverte assim em benefícios das obras sociais da cidade.

**Equipe:** Tem algum evento que a senhora prefere?

**Dona Joaquina:** Não, eu gosto de todos. Quando tem no zoológico de pedra eu gosto de ir, e da semana Roseana eu participo também. Na semana Roseana cada noite é patrocinada por uma entidade, tem da própria semana Roseana, tem da Associação dos amigos do museu, tem a noite do colégio Cláudio Pinheiro, do grupo mestre Candinho. As vezes a gente da uma noite também para o Paraopeba, ou Curvelo. Então aí eles, dentro da obra de Guimarães Rosa, apresentam teatros, palestras...é muito interessante. Eu gosto. A cidade recebe muita gente, porque tem muitos estudiosos de Guimarães Rosa, né.

**Equipe:** É, nos passamos agora na cidade e tinha bastante ônibus em frente ao museu.

**Equipe:** A senhora falou que dentro todas essas atividades algumas entidades patrocinam e tudo mais. Eu queria saber se a senhora participa de algum movimento voluntário, de alguma atividade voluntária aqui na cidade.

**Dona Joaquina:** Até eu não falei em patrocínio ainda, né. Pois é, mas não tem problema. Mas tem. Quem patrocina a semana Roseana...nos temos o patrocínio da Cemig, da Secretaria de Cultura e também aqui e lá na cidade a gente participa assim, por exemplo nesses palestrantes que vem, a gente então oferece o almoço. E oferece as vezes a condução para buscar um participante ali, né, porque não vem no ônibus de Cordisburgo. Então a gente participa com a condução, a alimentação. Nós aqui participamos . E também com a confecção de faixas, porque na semana Roseana eles colocam faixas com os dizeres de Guimarães Rosa. Então essa é a nossa participação. Agora a prefeitura participa também. A prefeitura, a câmara, a cooperativa, eu creio que o Banco do Brasil também participa, com o dinheiro, porque gasta. Todo evento gera, né?! Esses participantes que vem também de fora, a gente tem que cobrir a permanência aqui em alimentação e hotel, embora isso aqui seja barato, né. E aí que o restaurante coopera, com alimentação.

**Equipe:** Agora dentre esses eventos, esses pontos turísticos, né, todo essa coisa boa que tem em Cordisburgo, a senhora tem alguma memória , alguma lembrança que a senhora gostaria de contar pra gente. Alguma coisa boa, uma passagem que a senhora teve?

**Dona Joaquina:** Há, esqueci de falar também, tem as festas folclóricas, né?! Tem a festa do Rosário em que...de Nossa Senhora do Rosário...então tem os reis, né...que é...como diz assim geralmente os festeiros são alguém que conseguiu alguma graça com Nossa Senhora, então vão cumprir promessa. Então eles saem, tem procissão, sai Nossa Senhora do rosário, saem os reis vindo com coroas e tudo. Vocês já viram essas festas? Já viram?

**Equipe:** A festa de Santos Reis eu já...

**Dona Joaquina:** Não é a de Santos Reis. A de Santos Reis é no dia 6 de...é só de Santos Reis. A festa de Santos Reis magos. Essa é de Nossa Senhora do Rosário.

**Equipe:** A ta!

**Dona Joaquina:** Tem os dançantes, né?! Tem banda de música. Essa é uma festa de Nossa Senhora do Rosário que os africanos trouxeram da África e foi, né?! Tanto que tem a rainha conga. Geralmente são as pessoas de cor, né, que como é que se diz...mantém a tradição até hoje. E tem também aqui tem, agora foi criado o grupo da 3ª juventude, também faço parte e ta sendo muito bem orientado até por uma professora de São Paulo – Elizabeth Ziani. Eu não há conheço, mas a orientação vem de lá. O grupo já esta com , mais ou menos, freqüente, assim 25 a 30 pessoas, mas o grupo já tem umas 50 pessoas inscritas.

**Dona Joaquina:** Deixa eu ver se...algum fato assim interessante...porque nunca a gente participa sozinha, participa com a comunidade, né. A inauguração do museu foi um fato que eu achei muito importante, que sempre gostei de Guimarães Rosa, depois também a

reinauguração, né, e essas festas folclóricas que tem quando eu trabalhava no grupo, agora acabou. Tinha as paradas de sete de setembro, né, que era muito interessante. E além da marcha, né... geralmente assim evocava-se um fato histórico, às vezes assim a abolição da escravidão, né, tinha caracterizava a princesa Isabel, e outras vezes mesmo sete de setembro Dom Pedro I, os patriarcas da Independência saíam a cavalo. Era um acontecimento muito marcante para a comunidade, principalmente para os alunos, né, que participavam. Agora tem, atualmente, tem o grupo de seresta que anima as festinhas também. Eles fazem serenata no aniversário de pessoas da cidade. O grupo se chama Lua, Flor e Sertão. É muito bom, o grupo sabe, as meninas tem voz muito boa. Já tivemos também a banda de música, que ainda sou presidente até hoje, mas não tem mais a banda, porque os 2, o último prefeito não pode cooperar conosco e a banda de música da muita dispensa. Os instrumentos desgastam, as... como é que fala que eles colocam na boca... as paletas estragam muito, sempre tem que comprar e os instrumentos estraga. Pra manter uma banda de música tem que ter uma verba, né?! E tem o problema do maestro, que os outros prefeitos pagavam, os dois últimos, principalmente o último, não quis pagar o maestro. E a banda de música não vive sem o maestro, né?! Então, antes do último, né, que foi o Gilson Poreiro, ele queria que uma das musicistas fosse maestrina, mas não tem como, né?! Não é só chegar lá na frente e reger, né?! Tem que saber muita coisa, tem que fazer curso mesmo. Temos todos os instrumentos. Vamos ver, o prefeito entrou agora, tudo que vai falar com ele, ele fala que não tem dinheiro. E aqui o maestro falou que em Cordisburgo a música existe na localidade. Eles aprendem num instantinho, eles aprendem música. Nós tivemos um maestro aqui, o senhor Expedito. Um dia ele comentou com a gente que ele foi, estava sendo muito bem pago na cidade vizinha aqui de Corinto, o prefeito comprou 40 instrumentos novinhos mas os meninos não aprendiam música. E aqui é rapidinho, menino de 8,9,10 anos rapidinho...e tocam bem viu. A gente participou de muito encontro de bandas, estão a menina da bateria, o do pistom eram elogiados fora. Então esse maestro falou que aqui existe uma musicalidade no ar, no tempo, porque eles aprendem rapidinho. Mas agora estamos sem maestro. Não sei se vamos conseguir agora.

**Equipe:** Agora o que não falta é fonte de inspiração aqui pra arte, né?

**Dona Joaquina:** Não. O que temos aqui de poetas. Mas é muito mesmo, você precisa de ver. Tem a ala do poeta jovem, uma confreira minha que comanda essa ala. Se vê como os meninos escrevem bem, escrevem teatro, fazem teatro, apresentam sabe. Eu assisti agora recente, no Mestre Candinho, grupo que eu trabalhei. Até fiquei muito sem graça porque me convidaram pra assistir um teatro, e eu não gosto de homenagem, quando acaba tinha uma homenagem. Eles passaram uma peça de uns livros de Vicente Guimarães, Vovô Felício, vocês já ouviram falar?

**Equipe:** Não. Como é?

**Dona Joaquina:** É um dia de Guimarães Rosa. Porque ele escreveu muitos livros. Escreveu muitos livros mesmo. E, inclusive 15 minutos de poder, um livro interessante, o Anel de vidro, um livro de poesia. Eles pegaram os livros e fizeram uma peça teatral e passaram no grupo. Mas é a conta de passar em qualquer local. Muito bom, eles escrevem muito bem. Tem uma moça aqui que eu falo que quase que você pode competir com a Janete Clair, esses novelistas sabe. Aqui é terra de artista, pode saber.

**Equipe:** Porque não competir, né?

**Dona Joaquina:** É, pois é.

**Equipe:** Porque não poderia?

**Dona Joaquina:** Ela escreve muita coisa. Mas tudo precisa de patrocínio. Igual...tem agora o circuito...eu não sei se estou falando demais...tem o circuito Guimarães Rosa, a sede que deveria ser aqui em Cordisburgo ficou no Morro das Garças, que é uma cidade muito menor que Cordisburgo. Então é Cordisburgo, Curvelo, é Anguereta, Morro da Garça, o circuito

Guimarães Rosa. Por cuidar justamente do turismo local e principalmente do escritor. A sede é lá no Morro da Garça. Não poderia ter sido aqui? Chegamos lá nos fomos lá numa reunião, estão com o patrocínio de Petrobrás, de Sebrae e uma outra firma lá que eu não guardei sabe. Então nós não temos patrocínio de nada aqui.

**Equipe:** Morro da Garça é longe?

**Dona Joaquina:** Morro da Garça. Daqui até lá deve dar uns 50 km. Mas ele tem a sorte porque tem um conto muito famoso de Guimarães Rosa, "O recado do Morro", e o morro é lá, sabe. Então isso já ajudou muito. Mas nós temos o escritor, que nasceu aqui. Nós temos o museu, né. Então eles já têm uma casa de cultura que nos não temos, estamos tentando, né, mas estamos sem patrocínio ainda.

#### **TERMINO DO LADO A**

**Dona Joaquina:** ...salvar o rio das velhas, né, eles querem salvar um ribeirão que tem aqui no Ribeirão do onça, onde os fazendeiros jogam os detritos. E tudo tá muito sujo. E é o único ribeirão, ele corta a cidade. Então uma turma aí de jovens quer um projeto e tudo, e foram até o padre José Mauricio. Num deu nada. Falou na falta de dinheiro. Parece que nem olhou o projeto. Mandou que eles escrevessem para não sei quem. Eu acho que aí teria uma ajuda da prefeitura, com numerário e com assim pessoas também assim mais credenciadas pra acompanhar esses jovens, né?

**Equipe:** Hum, hum.

**Dona Joaquina:** Pra salvar esse ribeirão. Essa ponte aqui que vocês passaram. Não tem uma aguazinha?

**Equipe:** Até que você falou que é bem verde, né?

**Dona Joaquina:** É, isso mesmo. A tonalidade dela é verde. Pois é, só que ela corta as fazendas quase todas e eles vão jogando. Morre um animal joga lá, né; limpam os chiqueiros jogam lá. Então esses jovens querem, até uma coisa muito bonita, né?! Eles tem ideal, eles querem um projeto em cima disso, pra salvar o ribeirão. Porque cada um cuida do que tem num é?! Nós estamos com 3, a meses, né. Vamos ver se ele muda de ideia.

**Equipe:** Pode não ser da noite por dia, né?!

**Dona Joaquina:** Igual nós tivemos agora um evento muito, muito interessante, envolveu a cidade toda, foi até uma surpresa um jovem aqui de Cordisburgo, neto do Dr. Saturlino, dessa fazenda aí. Foi um projeto "Pedalando e educando". Ele andou por 80 países. Teve patrocínio da Cultura Inglesa e também de outras firmas. Ele saiu de Cordisburgo, andou três anos. Chegou. A cidade o recebeu muito bem e agora ele tá fazendo palestras que ele viu muita coisa, né. E nos achamos interessante onde ele frisou que para ser feliz não é preciso muita coisa. Que ele foi feliz esses anos todos com uma bicicleta e uma mochila que eles mostrou. E que não é preciso muito consumismo, muito isso, muita arrogância, muita coisa. E que uma coisa que o marcou muito, numa cidade que ele foi. Então eles estavam no horário de almoço ele perguntou se podia participar do almoço com a família, né. Então eles falaram que podia, mas seria um almoço simples. E ele foi, serviram parece que nove pessoas. E serviram pra eles simplesmente arroz e um ovo. Só que ele olhou e só no prato dele é que tinha ovo. Então isso o comoveu muito, né. Ele comentou que as pessoas estavam felizes de comer o arroz, e aí ele viu que realmente para ser feliz não é preciso muita coisa. Ele é de uma família que se julga muito importante, né, que nunca misturou com o pessoal mais simples, né. Era assim, os importantes da cidade, família tradicional. E ele acabou com tudo isso, na chegada dele que ele falou.

**Equipe:** Agora eu não ouvi se a senhora comentou, ele é aqui de Cordisburgo?

**Dona Joaquina:** Ele é daqui de Cordisburgo. Eles são...os pais deles...o pai dele, os pais, né, donos dessa firma que eu falei HMS, que tem esse nome porque o Dr. Saturlino tem nove filhos, e todos começam com H: Helio Matami Saturlino, Heloisa Matami Saturlino...então eles fizeram assim, HMS, são as iniciais de todos. E a firma que planta e

que mantém, né, falei, manteve a soja durante muito tempo. Era tanta soja que só pra pregar etiquetas nos sacos eles pagavam o pessoal da cidade pra dobrar a noite pregando etiqueta. Vinham carretas e carretas do Rio Grande do Sul pra buscar. Não sei porque que terminou. Tem até a usina de beneficiar soja, a hora que vocês entrarem no beco esta a esquerda. Era pra beneficiar a soja.

**Equipe:** Próximo aqui?

**Dona Joaquina:** Na entrada do beco ali. Depois do posto de gasolina.

**Equipe:** Eu não observei quando eu vim não, mas quando a gente tiver indo...

**Dona Joaquina:** Quando você voltar, depois de passar a ponte...vocês não passaram a ponte? A direita, antes de chegar no posto. É a usina de beneficiar a soja.

**Equipe:** Vou observar melhor. Na hora que a gente veio a gente ainda ficou olhando a ponte, né...

**Dona Joaquina:** Ah, pois é. Indo agora é depois da ponte. Ah, tem a usina que beneficiava a soja. Soja selecionada de planta, de semente. Por isso que eu acho que a cidade, ao invés de estar progredindo, regrediu. Agora fala-se na instalação de uma siderúrgica, né? Isso é o assunto mais novo na cidade que está trazendo muita satisfação para a população. Eles tá fazendo inscrição de pessoas para trabalhar, né. Se realmente for implantado a siderúrgica, aí vai dar um pulo.

**Equipe:** A senhora acha que implantando a siderúrgica vai beneficiar a cidade em que sentido?

**Dona Joaquina:** Vai dar muito emprego. E dando muito emprego melhora o comércio, né? Pessoas compram mais. Vai melhorar todas as lojas, não só de alimentos, como de roupa, de tudo, né, vai melhorar. Melhorar o lazer, as festas que vai o povo tem dinheiro.

**Dona Joaquina:** Posso interromper só um pouquinho.

**Equipe:** Pode.

**Equipe:** À vontade.

**Dona Joaquina:** Pega o talão de cheque pra eu assinar lá pra pagar a coisa...no carro...pois é, que eu tô com o povo, pra mim continuar a entrevista aqui...no carro. Não chequei a tirar. Só um minutinho.

**Pausa na gravação**

**Dona Joaquina:** ...ela fez vestibular e passou. Tem alguma entrevista pra pessoa fazer? Ou é só o vestibular?

**Equipe:** É, tem o vestibular, né. Depende da instituição...

**Dona Joaquina:** Eu sei que depois ela não pode fazer porque diz que ela tinha cicatriz na alma. Eu achei interessante. Quer dizer que nos podemos ter cicatrizes na alma? Pode?

**Equipe:** A senhora acha que pode?

**Dona Joaquina:** Eu acho. Aquelas pessoas que ficam agarradas com as coisas...(fala agora com outra pessoa) não Erlinha ta por fora, assim no painel...

(Uma funcionaria entra do restaurante): Bom dia gente.

**Equipe:** Bom dia!

**Dona Joaquina:** ...Eu acho... Tem pessoas que se agarram a uma coisa e não soltam, né?!

**Equipe:** Hum, hum.

**Dona Joaquina:** Então ela não pode fazer Psicologia. Porque disse que ela tinha cicatriz na alma. Ela teve um problema muito serio na família, quando criança e ...mas não poderia tratar e curar não? Não?

**Equipe:** Se a cicatriz for a marca, né...

**Dona Joaquina:** Se a cicatriz foi a expressão que eles usaram.

**Equipe:** Hum, hum. De repente a marca, né, ela pode ficar mas servir de aprendizado pra alguma coisa do futuro....

**Dona Joaquina:** Ficar em tratamento, né?! Eu tinha um livro muito bom de Psicologia, emprestei. Acho que vocês nem vão saber o autor, porque não tem mais. Aliás dois: Iago Pimentel. Já ouviu falar desse psicólogo?

**Equipe:** Eu particularmente não ouvi falar não.

**Dona Joaquina:** Pois é, hoje tem outros, né. Quando eu estudei... e William James. Não sei se pronuncia assim. Ele até que dizia assim: "Nós mesmos é que tecemos o fio de nosso destino, bom ou mau, que jamais será desfeito". Mas esse psicólogo é muito citado assim em seleções, sempre falam dele. Mas, não é verdade? Nós mesmos é que tecemos o fio do nosso destino, bom ou mau, e que jamais será desfeito.

**Equipe:** A gente agradece muito.

**Entrevistador(a):** Patrícia

**Entrevistado(a):** Romão

**Ocupação do entrevistado(a):** Liderança política.

**Idade:** 43.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** O senhor é daqui de Cordisburgo?

**Romão:** Sou

**Equipe:** Como era Cordisburgo na sua infância?

**Romão:** Cordisburgo tinha uma grande deficiência na faixa de emprego, escolas e, hoje, nos estamos caminhando para uma melhoria. A escola rural mesmo está trazendo o município para Cordisburgo, está integrando o povoado e trazendo praticidade. Está melhorando cada vez mais.

**Equipe:** E como era Cordisburgo antes? Como era a cidade?

**Romão:** A cidade era de terra.

(O entrevistado pediu para recomeçar a entrevista. A entrevistadora disse que o mesmo poderia ficar tranquilo e esclareceu sobre as perguntas).

**Equipe:** Eu gostaria de saber sobre as mudanças. Por exemplo, hoje temos algumas construções.

**Romão:** Cordisburgo na época da minha infância era difícil. Não tinha pavimentação, emprego, que era importante. Escola era muito difícil. Difícil de mais, né! Para as pessoas estarem estudando.

**Equipe:** Por causa da distância?

**Romão:** Sim... distância, era de mais. E, o que tinha de atração para nós aqui era a Estação Ferroviária, mais movimentada. Só isso mesmo.

**Equipe:** E o que tinha aqui na Estação?

**Romão:** Passageiros. Trem de carga. Trazia passageiros, onde que trazia mercadorias para Cordisburgo, era através do trem de carga. Cordisburgo... não tem muito para falar de Cordisburgo no período passado. Nós temos que falar do presente.

**Equipe:** Por que tiveram muitas mudanças?

**Romão:** Está tendo muitas mudanças.

**Equipe:** E quais as mudanças que o senhor percebe?

**Romão:** As mudanças com relação ao turismo. A casa Guimarães Rosa, a Associação... E, nós temos também a pavimentação que foi construída para nós, às estradas. E, a área da saúde, educação, estas partes que estão melhorando.

**Equipe:** E no turismo? O senhor falou da casa Guimarães. O que mais tem assim, no turismo?

**Romão:** Casa Guimarães Rosa, a Associação, Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, a Associação Miguilim, nos temos aqui os Contadores de História, né, o Miguilim, que viajam muito. Temos a Semana Roseana. No turismo temos a Festa da Abóbora, que nós estamos voltando à atividade dela agora, a partir de setembro. E, também temos a Gruta do Maquiné. São muitas coisas que nós temos, agradáveis para o turista.

**Equipe:** Você me disse destes pontos para os turistas. E para os moradores? Para onde que eles vão aqui a Cordisburgo?

**Romão:** Aqui, os moradores permanecem muitos. Alguns viajam, vão para praia. Passeios, nas capitais. Compras, praticamente compram fora de Cordisburgo, porque não tem condições de está comprando aqui dentro.

**Equipe:** E o lazer dos moradores de Cordisburgo. O que o pessoal mais faz?

**Romão:** Jogam mais futebol. Futebol... É, tem caminhada.

**Equipe:** Na Semana Roseana vai ter, não é...

**Romão:** O que você quer saber. Eu não estou entendendo a entrevista.

**Equipe:** E gostaria de saber isso mesmo. A gente gostaria de saber sobre estas mudanças da cidade. Como os moradores vêem Cordisburgo. O que tem em Cordisburgo. O que é importante para os moradores. Eu quero que você me conte um pouco da história de Cordisburgo.

**Romão:** Vamos colocar assim. Cordisburgo é... (pausa). Tem que buscar alguma coisa.

**Equipe:** Me fala do turismo, por exemplo. Da atividade do senhor aqui. O senhor é vereador da cidade. Além disso, qual o trabalho seu aqui.

**Romão:** O trabalho meu é social, na área social. Sou funcionário público. Trabalho com crianças. E, nós temos aqui... vou criar agora o conselho tutelar. E, o trabalho nosso aqui é um trabalho de parceria com a população. O trabalho dos vereadores administrativo, nós temos ocupação com a saúde, educação, nós estamos lutando mesmo, difícil, pois o governo do estado não passa, muito pouco. Nós temos que lutar com o que nós temos. Hoje, o que nós encontramos aqui, foi o projeto Luz para Todos que foi, um benefício e tanto do governo, está implantando no município. Porque o pessoal do meio rural estava vendendo as suas propriedades para ir para cidade, para quê? Para passar fome. O dever do estado, o dever do município é manter as pessoas no seu local. Não é? No meio rural, produzindo, agricultura familiar. Nós estamos trabalhando nesta parte. Agora... Cordisburgo, eu vou te colocar um entrevista assim, mais de Cordisburgo. O começo de Cordisburgo. Como que era Cordisburgo. Cordisburgo era uma cidade que tinha as vendas, butequinhos, vendinhas, aqui... (aponta para Casa Guimarães Rosa), aquela casa ali na frente era uma vendinha. Aqui morou Guimarães Rosa. Não tinha pavimentação. A gente tinha que vim da roça para estudar aqui na cidade. Não tinha escola. E, era muito assim, difícil. Quando não vinha a pé, vinha a cavalo. E, Cordisburgo hoje, já melhorou muito. Tem pavimentação, carro escolar, transporte escolar, que busca em casa, praticamente.

**Equipe:** E, os moradores. Eles freqüentam muito os pontos turísticos da cidade?

**Romão:** Freqüentam.

**Equipe:** E qual o ponto turístico, que o senhor poderia falar, que eles mais se identificam?

**Romão:** Aqui é, Gruta do Maquiné.

**Equipe:** Como é a Gruta?

**Romão:** A Gruta é muito bonita. Você já foi lá?

**Equipe:** Já fui.

**Romão:** O pessoal vai para lá. Passa o seu dia lá. Uma área de lazer confortável. E, no mais é isso mesmo, praça de esporte, são estes locais.

**Equipe:** E o povo vai muito a Gruta. Os moradores da cidade?

**Romão:** Vai. Porque a Gruta, o pessoal da cidade não paga ingresso, para entrar. E, aproveitam estas oportunidades.

**Equipe:** E estas festas que tem?

**Romão:** São superlotadas. Nós vamos comemorar agora o cinquentenário do livro, Corpo de Baile do Guimarães Rosa. Muito importante para a cidade de Cordisburgo. Fica superlotada a cidade. Vem gente de São Paulo, Belo Horizonte, Sete Lagoas, até dos Estados Unidos à gente recebe. É uma festa conhecida, tradicional.

**Equipe:** A relação da população com os turistas, como é?

**Romão:** Boa de mais. Nós dividimos quarto de casa, pois nós não temos em Cordisburgo, hotel, pousadas. Muitos vão para casa da gente. Os turistas adquirem mais confiança e a gente também vai tomando conhecimento das pessoas.

**Equipe:** E são turistas, pessoas novas ou muitos parentes?

**Romão:** Pessoas novas, pessoas adultas, as pessoas que identificam com Guimarães Rosa. Foi no ano passado que nós tivemos aqui, mais de cinco mil pessoas, na festa da Roseana.

**Equipe:** Movimenta a cidade toda...

**Romão:** Movimenta a cidade e trás benefício e renda. Pois nós temos aqui as barracas que são colocadas nas ruas, o som.

**Equipe:** Na sua história de vida, o que mais te marca aqui na cidade?

**Romão:** Na minha história... a dificuldade do estudo. Meus pais faleceram eu tinha 01 ano de idade. Aí vem à dificuldade. Criado por outras pessoas. Aquela vontade de ser uma criança normal que tem pai. Aí se torna muito difícil para gente.

**Equipe:** Você tem irmãos?

**Romão:** Tenho. Nós somos vinte irmãos.

**Equipe:** E todos moram aqui?

**Romão:** Não, não. São Paulo, Formigas, tem um nos Estados Unidos, Curvelo, Belo Horizonte, Sete Lagoas. Em Cordisburgo também tem. E... a vida é assim.

**Equipe:** E hoje? O que o senhor acha que vem te marcando, o que está mudando?

**Romão:** Hoje, o que mudou muito de um período para cá, que foi bons administradores que nós tivemos e maus administradores. Hoje, nós podemos falar que ganhamos na loteria. Nós estamos com um prefeito que é muito responsável. O que ele quer é de bem para cidade. E, nós estamos ajudando a trabalhar o sentido, desenvolver, desenvolver a cidade, trazer indústria. Nós conseguimos trazer para cá um siderúrgica. A TIM vai estalar para nós aqui. Então as portas estão se abrindo para nós. E, no tempo passado nós não tínhamos estas regalias. Essa oportunidade que está chegando para nós. E, é uma satisfação muito grande está atendendo a nossa população da maneira como nós conseguimos fazer.

**Equipe:** Vai ser montada uma siderúrgica. Não tem indústrias?

**Romão:** Não, não tem nada. Tem só pecuária mesmo. Só o trabalho da roça, muito difícil. E hoje, já tem a terraplanagem, já está montando a siderúrgica. E, acho que vai dar assim, na faixa de 300 a 400 empregos diretos. Vai abrir uma fabrica de tecido também. E, já agora semana que vem eles vão estar colocando, funcionando ela. Eu acho assim, entrevistar eu acho assim, muito difícil porque são tantas coisinhas que a gente vai colocando. Chega num ponto que a entrevista fica até... Eu acho assim, Cordisburgo no tempo da minha infância não tinha nada. Era uma vila, comandada pela comarca de Paraopeba. E depois se emancipou. Transformou-se em cidade, Cordisburgo. Nós temos aqui uma grande deficiência, nós somos, nós temos aqui 22 povoados e um distrito, para cuidar. Com a verba que nós temos aqui não temos nem condições de ajudar. E, esticando do jeito que pode fazer.

**Equipe:** Ok... era isso mesmo que a gente queria. Você me trouxe um pouco da história. A gente queria saber sobre estas mudanças, algumas coisas que acontecem e que aconteceram aqui em Cordisburgo. Estes processos que a população vem percebendo. Ok? Obrigada.

**Entrevistador(a):** Edésio e Bruna  
**Entrevistado(a):** Maria Andreza  
**Ocupação do entrevistado(a):** Professora.  
**Idade:** 35.  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é natural de Cordisburgo?

**Maria Andreza:** Não.

**Equipe:** E há quanto tempo...Você está residindo atualmente aqui em Cordisburgo?

**Maria Andreza:** tem 14 anos

**Equipe:** E como que foi essa sua vinda pra cá? Quais foram os fatores que interferiram pra você vir morar aqui em Cordisburgo?

**Maria Andreza:** Primeiro que a questão familiar, né, porque a minha mãe no caso era nascida aqui, e segundo depois que eu formei foi uma das opções de lugar para trabalhar. Então eu já vim como professora!

**Equipe:** Ah! Ta! O campo de atuação aqui era...Estava mais amplo do que a sua cidade natal?

**Maria Andreza:** É. Do que na minha cidade.

**Equipe:** Ok. Aqui em Cordisburgo você disse que já tem 14 anos que reside aqui, né? Você participa de algum movimento alguma atividade voluntária na cidade, de algum grupo?

**Maria Andreza:**Eu Tenho participado ultimamente do grupo do projeto Manuelzão, né? Que a gente está tentando colocar um comitê dentro do projeto Manuelzão.

**Equipe:** Ah! Ta, e qual que seria este comitê? Qual a atividade que vocês estão planejando executar?

**Maria Andreza:** No caso aí, o comitê do... do... Nosso aqui, né? É para ser o comitê do Ribeirão do Onça. Então a proposta é da gente trabalhar com o córrego, o principal córrego da cidade, e ver se a gente consegue fazer uma melhoria ambiental. Dar uma melhor qualidade aí no caso, pro córrego e pra cidade, né?

**Equipe:** Ah! Hoje o córrego...a cidade usufrui da água dele ou já está poluída?

**Maria Andreza:** Não usufrui diretamente, porque a água aqui no caso ela é dos postos artesanais, mas eu acho assim, ele tem um...Um valor histórico, cultural, porque quando eu era criança que a gente vinha pra cá, por exemplo, a gente tomava banho lá, né? Minha mãe tomou muito banho nele! Então os fazendeiros têm uma relação mais direta com ele nê, quem mora na margem, mas a cidade, a área urbana já tem uma relação diferente porque agora realmente ele já está mais... Mais poluído, mais degradado!

**Equipe:** Legal, esse projeto! E são várias pessoas que participam do projeto?

**Maria Andreza:** Por enquanto não. No caso sou eu, têm mais cinco alunos meus, que estão assim, envolvidos diretamente e a gente tem feito contatos assim, com escolas, a gente já foi na prefeitura, já conversou como padre, pediu pra ele um apoio, né? Ele disponibilizou uma pessoa lá pra gente, pra ensinar a gente a trabalhar com projeto!

**Equipe:** Ah! Vocês estão elaborando o projeto?

**Maria Andreza:** É! Porque a gente esbarrou no problema da...da...como se diz da verba, né? Do que fazer, como fazer, mas o ... o... comitê ainda não é oficial, a gente não tem registro dele ainda não. E foi a partir de uma visita, né, do Apollo no caso que fez aqui e, o grupo dele através do Rafael e o outro eu esqueci o nome dele, porque são dois... eu acho que é Rominho que eles chamam ele! Tem vindo na cidade justamente para poder fomentar essa formação dos grupos, e aí eu entrei com um outro professor, aí tem alguns vereadores que a gente já faz um contato, mas as nossas reuniões ainda são informais e...eu acho

assim...tá lento o nosso processo, mas, eu acho também que as coisas também não andam na velocidade que a gente quer, né?

**Equipe:** Mas interessante esse projeto aí. Eu acho que quando a gente se implica em alguma coisa, né, mesmo que não vá na velocidade que a gente queira, eu acho que o fato de estar lá já é muito interessante. Você disse Alcione, que embora você não seja natural de cidade, sua mãe é natural daqui e você já ate chegou a mencionar aí de rio...tomar banho no córrego...você poderia descrever pra gente como era Cordisburgo aí na sua infância?

**Maria Andreza:** Do ponto de vista da infância eu acho assim, a questão do aspecto físico não mudou muito não! Né? Eu falo assim o córrego existe. A casa da minha vó existe, que no caso a casa da minha vó é na região da várzea. Então ainda existe lá o "corguinho" que passa no fundo! Então do ponto físico não mudou muito não! Eu acho assim, não sei! Mas quando a gente é criança eu acho que a gente não percebe muito essas coisas. Eu acho que aumentou a degradação da cidade, das ruas! A gente encontra muito meio fio quebrado, as coisas quebradas, mas eu acho assim em questão de espaço físico não mudou muito não, né? Assim, cresceu a parte de cima da cidade, mas o contato que eu tinha na infância era com a parte de baixo da cidade!

**Equipe:** Tá, e você consegue identificar algum motivo ou fato que tenha levado a essa degradação, a essa mudança aí?

**Maria Andreza:** ah! Eu acho que é a própria evolução da urbanização, né? Porque por muito que eu falo que a cidade não cresceu, mas a urbanização de maneira geral ela atinge no caso a cidade aí. Quando eu falo assim é, por exemplo, presença de mais pessoas, mais quantidade de carros, porque há um tempo atrás poucas pessoas tinham carro na cidade. Aí, quer dizer foi aumentando essas coisas. A própria formação dos bairros, que aumentou um pouquinho. Então a questão do lixo da degradação ela aumentou junto com essa questão da cidade.

**Equipe:** Ou seja, a modernização traz tanto coisas boas quanto coisas ruins também, né? E por exemplo, você poderia mencionar algum acontecimento, algum evento com você, na sua infância que tenha marcado?Que quando você fala de Cordisburgo você...

**Maria Andreza:** Não fala isso que eu tenho vontade até de chorar... (ela se emociona) lá na várzea da minha vó, a gente sempre ia embora de noite sabe? E...quando escurecia tinha tanto vaga-lume e era a coisa mais bonita que eu lembro de Cordisburgo! \*\*\*\*\*só que essas coisas tem diminuído, né? Eu tomava banho de córrego quando a gente era menino, mas lá tem a várzea ainda e ainda dá pra perceber. E no fundo da casa da minha vó tem um coqueiro, eu não sei como é que ele chama, um que a gente usa muito! Um que sempre tem, não é o Buriti não! Aquele comum. Mas, gente nasce uma lua tão bonita lá trás!

**Equipe:** Deve ser bom pra namorar, né?

**Maria Andreza:** ah! Eu acho que é bom pra tudo! Mas é muito bonito. Eu acho assim que a paisagem, o céu, né, o ar, esse contato direto com a natureza! Porque a gente ta aqui, é urbanizado na hora que a gente entra na várzea, que anda um pouquinho...não sei se vocês já tiveram a oportunidade de andar aqui? No fundo ali depois da linha, tem uns becos, e lá é a mesma coisa de você estar no mato!

**Equipe:** Ah! Que legal!

**Maria Andreza:** Vocês tem que ir lá pra vocês verem é um fim de rua.

**Equipe:** Inclusive Alcione, nós estamos fazendo essa pesquisa, né? E já temos falado com professores, com autoridades, e é o nosso objetivo também falar com uma pessoa assim bem... nativa mesmo! Depois se você puder indicar pessoa, pra gente vai ser ótimo poder estar colhendo este depoimento.

**Maria Andreza:** Vocês não reparam não ta? Que eu sou assim

**Equipe:** Não fica a vontade! Fica tranqüila sabe porque? Nós fazemos curso de psicologia e isso pra gente, a gente consegue compreender. É bom quando a gente deixa o coração

assim falar bem alto. Ok. Então estamos falando da sua memória, né... Cordisburgo na sua infância, esse evento que você acaba de mencionar pra gente, né, da sua experiência. E em termo de percepção turística o que você poderia dizer que Cordisburgo tem de atrativo?

**Maria Andreza:** Eu acho, é...levando a questão do que eu estou falando assim... o próprio ambiente que eu acho que é uma cidade que você sai a noite, você senta no murinho, né, você vê a lua nascer. Tem, né? Já famosos a Gruta de Maquiné, tem... o museu do Guimarães Rosa, e eu acho o próprio espaço físico, que o entorno da cidade é muito bonito! Eu acho a entrada ali, é linda! Muito verde, um céu muito azul! Tem uma passagem muito bonita na entrada, eu acho que o entorno da cidade é muito bonito. E o contato com as pessoas também, que eu acho assim, todo mundo cumprimenta, todo mundo conhece todo mundo!

**Equipe:** O calor humano, né?

**Maria Andreza:** é... aí o pessoal como se diz...troca bolo, se eu faço um bolo na minha casa eu mando um pedaço pra minha vizinha, a vizinha manda...né? Ainda tem aquela troca que existia antigamente que eu acho que são os pontos fortes da cidade.

**Equipe:** Sem duvida! E dos pontos turísticos da cidade, você os conhece? Esses que você mencionou aí a gruta, o museu?

**Maria Andreza:** Isso. Já fui na gruta, né, já fui no museu. Tem a igreja São José. Assim mais dentro da cidade eu conheço. Agora tem outros, né? Que o pessoal fala que já foi, mas que eu não fui ainda. O pessoal cita a cachoeira do \*\*\*\*\*, tem o poço azul, tem a Gruta da Morena! Esses são \*\*\*\* mas a gente não conhece, porque realmente não é uma área assim, como e que eu falo de acesso de público, né, já e restrito, no caso aí e ate sociedade particular, mas o pessoal vai assim mesmo.

**Equipe:** E como que você avalia esses pontos turísticos que você já conhece? Qual a avaliação que você faz, em termos do turismo?

**Maria Andreza:** Se eu acho que eles são assim chamativos?

**Equipe:** Isso! E o que tem sido feito em torno deles para poder desenvolver esse turismo?

**Entrevistado** Olha, eu acho assim quanto à questão do Guimarães Rosa, eu acho que o museu e muito importante só que ele, eu acho é um turismo diferente, eu acho que e já voltado para o pessoal que já tem conhecimento cultural, estudo, né. Mas voltado para área de quem trabalha mesmo com a questão das letras, gente que ta fazendo aí vestibular...Então ele e um turismo de certo modo... Pra dizer assim...mais restrito. Agora, a gruta eu acho que ela e um atrativo natural que gera um interesse maior que eu acho que ela e...em minas Gerais ela parece ser mais simplificada, embora não seja. Enquanto você vai falar de relevo de gruta e difícil, mas para você chegar e olhar a pessoa mais simples é capaz de admirar a beleza, agora, Guimarães Rosa já é mais complicado! A igreja a mesma coisa, né, tem um aspecto religioso chamativo e é mais simples.

**Equipe:** Como é que chama a igreja?

**Entrevistado** São José, é aquela que é lá perto da cooperativa, você desce a Rua São José aqui – **Equipe:** Ah! Tá! – Na maioria das vezes você vai lá, esta ate fechado, né?

**Equipe:** Porque do nosso lado aqui esta a matriz sagrado Coração de Jesus, né? Essa nós visitamos, a de baixo então é a São José?

**Maria Andreza:** é aquela que é o marco da fundação no caso aí de Cordisburgo!

**Equipe:** A historia de Cordisburgo nasce ali, né?

**Maria Andreza:** é se bem que, agora a pouco tempo eu descobri que essa aqui não é tão...mais antiga é...mais nova do que a de lá não! – **Equipe:** Ah! Não? – Não, pelo que eu tô vendo...(conversa com outra pessoa e não dá pra escutar nada!)

**A outra pessoa fala** – Ela é de 1883, e a outra é de 1824! **Maria Andreza:** pois é!

**Equipe:** É... É quase que 60 anos, né. Em termos de construções não faz uma diferença tão

grande 60 anos, né? Principalmente em Minas que a gente está acostumado que \*\*\*\*, agora se construiu uma a vinte anos atrás, já teria século, né?

**Maria Andreza:** é porque a primeira impressão que a gente tem quando vê essa daqui é que essa aqui é muito mais nova!

**Equipe:** Até pela própria construção dela, difere muito da outra!

**Maria Andreza:** Eu não entendo muito de arquitetura não, mas, o estilo dessa aqui é bem diferente. **A outra pessoa fala** – 1864 a Igreja Coração de Jesus, agora deixa me ver a outra...é porque a...a...

**Equipe:** A sagrada Coração de Jesus é esta que é a matriz, né?

**Maria Andreza:** É, considerada a matriz, eu acho que ela foi reformada. **Equipe:** não tranquilo, e enquanto ela vai pegando, desses pontos qual que você destacaria assim...ser o mais interessante? Quer seja para visitação dos turistas ou para a própria cidade, pros moradores daqui, para a comunidade local!

**Maria Andreza:** Acredito que é a gruta!

**Equipe:** Ah! Porque você acha que é a gruta?

**Maria Andreza:** ah! Eu acho que ela, como se diz sei lá, em termo de espaço!

**A outra pessoa fala** – A Igreja São José que é a de 1884 e a de... a Sagrada Coração de Jesus é de 1894.

**Equipe:** Ahh! Tá! - Essa de São José que foi reconstruída? Foi ela?

**A outra pessoa fala** – Não! Essa aqui que foi reformada! E a de Nossa Senhora do Rosário era ali no morrão, aí eles desmancharam e levaram ela lá pra cima. Ela foi transportada!

**Equipe:** Ah! Porque algumas pessoas já realmente falaram isso conosco.

**A outra pessoa fala** – é tem o trabalho dos meninos sobre a história de Cordisburgo, onde tem todas as datas, tem tudo, esse daqui... tem uns que estão certinhos, as datas.

**Equipe:** é interessante, porque nos chegamos a fazer essa pesquisa também pela Internet!

**A outra pessoa fala** – Mas na Internet não tem muita coisa! **Equipe:** Não, não tinha um material rico mesmo não! – Não, não tem não! Eles fizeram foi visitando, a...a...as entidades.

**Maria Andreza:** A casa paroquial aqui ó! A casa paroquial tem uns livros muito bons lá. A igreja e aqui e a casa paroquial é do outro lado, uma que tem um coração na porta assim...e ali! inclusive o menino que trabalha lá, ele está dando aula de história. – **A outra pessoa fala** - e ele é super rico em conhecimento, sabe até pra gravar as coisas...porque eu não gravei! Eu tenho que olhar! E ele tem, tudo que eu falei. Inclusive eu estava perguntando ele a respeito de...sobre folclore, sobre folclore de Cordisburgo, “Ô gente! Mas ele estava me dando umas informações de 1845, de quando mestre Candinho foi fundado, teve uma época que teve que queimar a biblioteca de mestre Candinho, porque a bibliotecária tinha uma doença, não sei se era lepra...uma doença contagiosa! Aí o mestre Candinho veio ao hospital...sabe assim, ele tem informações assim... riquíssimas! Coisas assim interessantíssimas, que a gente não sabe! E e assim...eu descobri fazendo o trabalho dos meninos, alguns assim, tinham coisas interessantes que, que assim as vezes a gente nem sabe, né?

**Equipe:** é toda pesquisa se bem feita, ela traz uns resultados assim, interessantes pra gente, né? E voltado para esse turismo de Cordisburgo, você teria sugestões para melhorar esse turismo de Cordisburgo? Quer seja pra gruta, ou para Casa Museu Guimarães Rosa ou pra Igrejinha São José.

**Maria Andreza:** Eu acho que a primeira coisa que tem que ser feita...eu acho que é um trabalho muito difícil! Porque eu acho que a primeira coisa que a gente tinha que fazer... é instruir o cordisburguense de como Cordisburgo...dar pra ele uma outra percepção, porque eu acho que ele, o cordisburguense mora aqui e ele não sabe o tanto que Cordisburgo é bonito. Então eu acho que ele não cuida direito ele não tem aquele amor...aquele

apego...assim de conservar de manter o que já foi feito, então as vezes eu vejo assim... as praças muito destruídas, sujas as ruas, e eu acho que as vezes o que ta faltando e o cordisburguense perceber que Cordisburgo é muito bonita! De uma outra maneira, não que ele não saiba, só que ele não...não via esse lado ainda, né? Pra poder criar uma infraestrutura melhor! Melhor asfaltamento, melhor...como e que eu falo, melhor pavimentação, meio fio , a questão do lixo, não ficar deixando jogado por aí igual a gente vê, e num sentido de conservação da cidade.

**Equipe:** E como você acha que podia ser fomentado isso? Através de uma campanha nas escolas ou panfletagem nas ruas, nas casas?

**Maria Andreza:** É. Eu acho que a gente pensa, né, tudo isso! Tudo isso e um pouco mais! Porque o cordisburguense não tem noção das coisas, assim...não tem noção de é...acho que nunca foi preparado para esse lado histórico da cidade, né. Essa visão que a gente tem hoje, começou quando foi resgatado a Casa de Guimarães Rosa, que fez assim uma... é ...que deu uma visão melhor sobre Cordisburgo em relação a cidade em si, na parte histórica, né, em gostar, em ter amor, em querer cuidar, não existia isso! Não existia na formação, nem nas escolas, era muito pouco passado. Então hoje eu acho que não sei, que talvez também pela mudança, pela vinda de outras pessoas na cidade! – Sabe o quê que eu acho também? A questão de durante muito tempo no Brasil pregou o progresso, a modernização, e foi pregando essas coisas e o povo foi querendo industria, e foi querendo um monte de coisas que às vezes não tem nada a ver com a cidade! Eu falo com os meninos: “ Gente, Cordisburgo não tem condição de ter industria!” Vocês ficam querendo: “Ah! porque Cordisburgo não tem industria! Porque a gente não tem emprego!” Os adolescentes eles trazem essa falta de amor, “Cordisburgo não presta! Cordisburgo é ruim! Que não tem emprego, que não tem diversão!” Eu falei: “Gente! as coisas não são assim não! O que que é diversão pra vocês? porque se você for pra Belo Horizonte divertir meu filho, como se diz, você não vai fazer outra coisa, porque o dinheiro não vai dar!” Então ainda existe aquela ilusão que se eu for pra...pra Belo Horizonte eu vou ter uma vida muito melhor, eu vou ter acesso a diversão, eu vou ter acesso a tudo! E do meu ponto de vista não precisa ser feito isso! Eu acho que tem que ter uma maior valorização, eu acho que tem que trabalhar o cordisburguense. Se não trabalhar o cordisburguense, sabe? ele não vai conseguir nunca manter Cordisburgo, melhorar o aspecto do físico, esse que eu estou falando, da questão da infra-estrutura. Porque um faz o outro vem e desmancha! Arruma uma pracinha, eles vão lá e quebram tudo, coloca lixeira, o povo vai lá e destrói. Porque no fundo, no fundo, eles ainda têm uma amargura. Cordisburgo ainda não deu pra eles o retorno que eles queriam em termos de emprego. E a maioria pensa que tem que sair e, por enquanto, ainda tem que sair, né? Eu acho que eles sentem muito frustrados assim... quando... dessa questão de ter que sair, né, para crescer.

**Maria Andreza:** Eu acho, não sei, que às vezes a gente pensa até... eu falo muito isso na sala de aula, e às vezes eu penso assim: será que eu estou certa de falar isso? Porque eu não vejo como Cordisburgo crescer industrialmente do ponto que o pessoal fala. A não ser que seja como se diz, uma indústria, a mini-indústria, voltada pro artesanato, né? Voltada, como se diz, para a própria vida dentro da cidade! Porque o que eles estão querendo... E outra coisa: também eu sou contra! Vai acabar com a beleza!

**Equipe:** Falaram que tinha uma indústria aqui... - **Maria Andreza:** Tinha uma fábrica de tecido! Diz que agora vai reabrir – É, exato, falaram isso!

**Maria Andreza:** Agora vai reabrir também uma siderúrgica.\*\*\*\*\* Vai dar quantos empregos para Cordisburgo, né? Porque você pode abrir indústria, mas não quer dizer que ela vai empregar os cordisburguenses. Eu falei isso para os meus alunos: “Vocês têm algum curso de especialização técnica, por exemplo, aí um... um.. técnico de segurança do trabalho, técnico em eletricitista. Porque lá vai precisar. Vocês têm carteira de motorista? O quê que

vocês têm?” Como é que chama aquele pessoal que trabalha lá? é ... é ...no alto-forno... é fundidor? Quer dizer a pessoa tem que ter um curso de especialização. Agora vai abrir aí, eu tenho certeza que a maior parte dos cordisburguenses vai ficar desempregado. Agora o quê que vai vir junto com essa siderúrgica? Vamos falar em termos de poluição. Como e que vai ser esse processo?

**Equipe:** é porque \*\*\* numa cidade assim, né, não tem infra-estrutura, os dejetos vão ser jogados no rio.

**Maria Andreza:** É, não tem infra-estrutura. Vai ser tudo jogado no nosso...coitado do nosso... Não vai dar certo então são coisas muito difíceis da gente trabalhar.

**Equipe:** Mas vocês têm falado, tem conscientizado os alunos sobre isso?

**Maria Andreza:** A gente tem feito muito trabalho, muito projeto dentro da escola, né? Eu por exemplo, ano passado eu levei meus alunos no ribeirão. Inclusive tem, tipo esse dela aí, apostilas que a gente faz com os meninos. A 8ª série nós levamos para dar uma volta na cidade, para apresentar os pontos turísticos olhar porque que está sujo, perguntar... ver de quem é o verdadeiro problema. Então eu acho assim, hoje...então eu falo assim dentro da escola a gente já está fazendo isso, só que eu acho que a gente precisava amadurecer mais porque uma coisa é você informar, você informa, fala um monte de coisas depois você tem a impressão que...que entrou em um ouvido e saiu no outro! Então um dia eu estava lendo uma reportagem falando que informar e sensibilizar são diferentes, né? Aí no caso a gente tem que fazer uma sensibilização. Agora como fazer isso dentro da sala de aula? porque falar, a gente fala muito!todo dia a gente fala! Principalmente da questão ambiental. Dentro de geografia por exemplo, mas agora mudar o habito.... dá outro significado aí é que é...

**Equipe:** Você teria mais alguma coisa a acrescentar?

**Maria Andreza:** Dentro dessa questão ambiental? - **Equipe:** É – Ah! Eu não! Eu acho assim com relação ao que a gente trabalha, eu acho que a gente já pelo menos despertou pra importância da questão ambiental aí, no caso aí, ate com relação ao turismo., né? O quê que é que nós teremos pra cidade? Nós vamos querer o turismo? Mas até mesmo o turismo também vai trazer questões ambientais e outras que também vão ter que ser pensadas. Agora o mais importante, é o que eu estou falando a gente conseguir fazer as pessoas enxergar, ter uma outra visão de Cordisburgo. Além de uma cidade pequena, do interior, que a pessoa precisa de sair! Eu acho que a pessoa não precisa de sair não. Está precisando da gente dar um outro significado e achar novas atividades dentro de Cordisburgo. Pra pessoa poder se sentir bem em Cordisburgo passar a gostar mais! Agora isso daí infelizmente vai demorar muito tempo, né? Mas a gente tem é que começar, né? Se a gente não começar não vai ter jeito.

**Entrevistador** – Com certeza, com certeza! Nos conversamos aqui com a Alcione de Souza Costa professora aqui da Escola Estadual Cláudio Pinheiro de Lima. E nós agradecemos muito Alcione e, desejamos sucesso aí nos seus projetos tá? que sejam prosperas aí as suas atitudes, nessa questão.

**Maria Andreza:** Então ta jóia! Foi um prazer também, né? Se precisar de voltar tem muita gente boa aí que pode falar mais alguma coisa.

**Equipe:** Ok. Obrigado e boa tarde!

**Entrevistador(a):** Edésio e Bruna  
**Entrevistado(a):** Siantônia  
**Ocupação do entrevistado(a):** Enfermeira.  
**Idade:** 48.  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** A senhora nasceu aqui em Cordisburgo?

**Siantônia:** Não.

**Equipe:** Ahh! Não é daqui de Cordisburgo. E há quanto tempo que a Senhora reside aqui na cidade?

**Siantônia:** Ahh! Tem uns dez anos

**Equipe:** E qual foi o motivo principal da senhora vir morar aqui em Cordisburgo?

**Siantônia:** É porque a gente morava numa cidade vizinha daqui... Araçaí. E...meu cunhado tinha uma farmácia lá, então ele abriu uma aqui, então é... tava ficando assim muito apertado para trabalhar nas duas farmácias, então ele vendeu a de lá, e ficou só com a daqui, então a gente passou pra cá.

**Equipe:** A senhora participa de algum movimento ou alguma atividade voluntária aqui na cidade?

**Siantônia:** Não .

**Equipe:** Não participa. E a senhora nos disse que já está a dez anos aqui em Cordisburgo. Como era Cordisburgo quando a senhora chegou aqui na cidade? Fale um pouco pra gente, por favor, de como as coisas eram.

**Siantônia:** Era bem mais movimentado, corria mais dinheiro é... Agora de certo tempo pra cá piorou demais a cidade é...porque o pessoal, a maioria do pessoal sai pra fazer compra fora.. e a gente vê que corre pouquíssimo dinheiro. Também não tem, não tem emprego, né? pra população, numa cidade turística, assim como essa não tem uma fábrica de nada funcionando.

**Equipe:** Ou seja, então a dez anos atrás quando a senhora chegou, até para colocar um comércio aqui, provavelmente era até uma expectativa da quantidade de pessoas ter um comércio, né?

**Siantônia:** É...era bem melhor na época, nossa... agora atrapalhou demais, piorou demais!

**Equipe:** E isso a quanto tempo D. Eunice, essa queda aí

**Siantônia:** Essa queda até de uns...uns seis anos pra cá eu acho.

**Equipe:** Uns seis anos, e.. isso tem alguma coisa relacionada com a cidade... alguma coisa que tenha sido feita... a Sra. Falou sobre indústria...

**Siantônia:** Bom... é... é. Porque na época que a gente veio "pra qui" por exemplo, tinha a fábrica de tecido que funcionava, tinha a fábrica de laticínio, tinha a cerâmica, e nada disso funciona mais. Então, justamente a queda taí, né? Acabou a empresa, acabou a cidade.

**Equipe:** Exato. A gente percebe que logo aqui em frente ao estabelecimento da Sra. Tem uma linha férrea, né? De trem de ferro, isso funcionava na época? Como que era?

**Siantônia:** Funcionava, o trem de passageiro funcionava, agora tem bem uns anos, não me recordo quando, mas tem bem uns anos que não tem mais trem de ferro de passageiro.

**Equipe:** Exato. A Sra. É capaz de estar citando algum evento ou acontecimento que tenha sido marcante na sua experiência aqui em Cordisburgo. Quer seja alguma coisa pessoal, ou mesmo aqui no comércio, na cidade?

**Siantônia:** É... Festa por exemplo.

**Equipe:** Perfeito, festa, por exemplo...

**Siantônia:** Festa da abóbora era uma coisa muito boa, era uma festa muito animada, participação dos políticos, tinha muito movimento de muita gente de fora e agora de uns

anos pra cá nem festa da abóbora mais eles não estão fazendo. Acho que é porque as coisas estão muito difíceis porque tudo que vai fazer tem gasto, né? Então de certos anos pra cá nem fazem mais a festa da abóbora. Na minha opinião é um evento que marcava muito aqui, porque a festa da abóbora era comentada em toda Minas Gerais bem dizer. Agora depois não teve nem condições mais de continuar fazendo a festa da abóbora, então...

Cordisburgo assim... a gente tá sentindo que Cordisburgo tá acabando, se não houver um jeito de levantar, a gente sente que Cordisburgo está acabando.

**Equipe:** E você pensa, você sabe assim, alguma sugestão de qual seria um jeito para levantar...

**Siantônia:** Ahh! eu acho que o principal jeito para levantar, não só aqui como qualquer cidade é... é emprego, né? indústria para gerar emprego para as pessoas porque sem emprego ninguém vive, né? A população, até as mulheres estão tudo catando cristal. E a hora que esse cristal acabar? Não tem um meio de vida, assim... aqui o pessoal está vivendo mais do dinheiro dos aposentados. Geralmente toda família tem um, dois aposentados. E então os mais jovens encostam naqueles aposentados pra ir levando, do contrário não tem jeito não. (risos)

**Equipe:** Exato. É o quê que a Sra. Pensa, por exemplo de porque que acabou a festa da abóbora?

**Siantônia:** Ahh! Eu acho que é a situação financeira assim das prefeituras, né... e mesmo a situação financeira dos fazendeiros porque os fazendeiros também colaboravam muito para essa festa. E com a situação difícil pra todo mundo então não tem como, né, realizar a festa mais.

**Equipe:** E o quê que a Sra. Pode contar pra gente sobre a festa da abóbora? Como que era, como acontecia, quem vinha pra cá, quais eram os atrativos...

**Siantônia:** Ahh.. era muito show que tinha, cantores famosos, até Sidney Magal já teve aqui na festa da abóbora. Além do baile da festa que era muito famoso, o desfile das rainhas, rainha da abóbora, muita comida típica da região, doces... então isso animava a festa, então era famoso mesmo essa festa, a região toda é... Belo Horizonte, Sete lagoas, Cachoeira da Prata, Fortuna de Minas, Porque inclusive colocava nos rádios, né, então era uma festa muito animada, e... e gerava muito dinheiro, assim na cidade, porque muitas pessoas vinham pra dormir nos hotéis, então é... é... por exemplo de curso... concurso de montaria de cavalo, corrida de cavalo, então tudo isso era dinheiro, né.

**Equipe:** Era uma festa assim com bastante atrativos, né? Desfile...

**Siantônia:** É... Tinha muita coisa. Principalmente quando era ano assim de política, os deputado vinha, fazer as campanhas e subia nos palanque e fazia as campanhas, tinha os desfiles dos cavaleiros, das rainhas, é... desfiles de bandas de cidades vizinhas, era uma festa muito boa, era mesmo.

**Equipe:** E hoje tem algum atrativo assim aqui na cidade...

**Siantônia:** Ultimamente único atrativo que tava tendo era assim... som na rua, assim aos fins de semana, agora nem isso quase não está tendo mais, porque coloca na rua, o som, a rua principal é essa, e é aonde fica os hotéis então o barulho demais faz com que os donos de pensão e hotéis percam os clientes porque eles não gostam de barulho, então vão dormir na cabana Maquiné, então acaba dando é prejuízo, barulho demais acaba dando é prejuízo.

**Equipe:** A cabana Maquiné é aqui na região?

**Siantônia:** É.

**Equipe:** E de ponto turístico você conhece algum aqui na cidade?

**Siantônia:** Ponto turístico tem o Jardim de pedras, o Museu Guimarães Rosa e a gruta, né?

**Equipe:** E você conhece algum desses?

**Siantônia:** Conheço. A gruta eu já passei lá na gruta, no jardim de pedra e no museu Guimarães Rosa também.

**Equipe:** E qual que é a sua avaliação desses pontos turísticos pra cidade?

**Siantônia:** Ahh! eu acho muito fraco, sinceramente eu acho muito fraco, o museu, pra quem já visitou um museu lá do Rio de Janeiro e São Paulo visitar esse museu daqui é um negação, muito ruim.

**Equipe:** o que a Sra. Acha que falta nele, falta história, falta elementos...

**Siantônia:** Sei lá, eu acho que até o cômodo assim, eu acho que tinha que ser um cômodo mais bonito, apesar de quê aquilo é da época mesmo em que Guimarães Rosa andava por aqui então era coisa da antiguidade, tipo estilo assim que ele mudou daquela casa e tudo.. mas sei lá, eu acho que tinha que incrementar fazer alguma coisa diferente assim, mais bonita, eu acho...sei lá... na minha opinião eu acho muito derrubado o museu.

Per - Isso do museu, e quanto a gruta o jardim...

**Siantônia:** Ah! Lá na gruta é um lugar aconchegante, né, a pessoa vai é... bate papo, é... vai almoçar, mesmo o pessoal daqui gosta de ir almoçar lá e tudo, é .. de conversar com turista e lá é um ar agradável.... o museu de pedra também, na minha opinião. Não achei graça.

**Equipe:** Mas, e você acha que esses pontos tem algum atrativo, que eles chamam as pessoas?

**Siantônia:** Atraem, porque inclusive por exemplo, esses quatro ônibus que eu vi chegando aqui hoje, um amigo meu me chamou e falou : vem aqui para você ver o tanto de gente! Então desceram esse pessoal todo para conhecer esse jardim de pedra, mas eu acho que sei lá, na minha opinião eu acho que ninguém achou nada assim de interessante não! Muito sem graça.

**Equipe:** E quanto a questão lá dá... A Sra. Falou sobre o jardim, falou sobre o museu, e sobre a gruta a Sra. Está falando que as pessoas gostam de ir lá conversar com os turistas...e isso é com frequência?

Res- É. muita gente daqui vai direto. Tem muitas famílias que moram aqui, aos domingos é... que tem alguns que moram fora, então aos domingos vem pra cá, pra Cordisburgo, junta a família e vai almoçar lá na gruta. É o único lugar de distração que tem aqui.

**Equipe:** A Sra. costuma ir muito lá?

**Siantônia:** De vez em quando, eu vou almoçar lá. Quando a gente veio "pra qui" a gente ia almoçava lá todo dia, porque não tinha construído farmácia aqui ainda era em \* (ver 150) depois que construiu o cômodo e a casa, aí que parou de ir, mas, quando a gente veio é... de Araçai "pra qui" a gente almoçava lá todo dia. É o feijão tropeiro famoso da D. "ludê", né, que é reconhecido lá nos estrangeiros (risos), o pão de queijo, mas aqui tá assim um lugar muito triste. Muito sem vida, na minha opinião tá.

**Equipe:** Mas você acha que tem alguma coisa que o turismo possa fazer para melhorar essa questão da cidade esta triste?

**Siantônia:** Ah! Eu... eu acho que não, eu acho que a principal coisa é indústria pra gerar emprego, né, porque tendo muita gente empregado, as pessoas têm dinheiro para gastar, as pessoas ficam até mais alegres, corre mais dinheiro na cidade.

**Equipe:** Você acha que o importante pra cidade... (ela interrompe).

**Siantônia:** Eu acho que o principal pra cidade, é.. porque o turista vem por exemplo ele vem passeia e vai embora, é.. então tem que ser uma coisa assim pra cidade ficar movimentada. Igual quando a gente veio "pra qui" tinha a Minas Caixa, tinha o Bradesco, hoje em dia não tem nada disso mais...

**Equipe:** Hoje quais os bancos que tem... (ela interrompe).

**Siantônia:** Só tem o Banco do Brasil, e um banco aqui do lado, que é o banco da cooperativa, e tem uma pequena agência do Bradesco, lá no Correio, mas nem pra chegar

perto da época que a gente veio “pra qui”. Na época corria muito dinheiro aqui, agora não, agora fracassou muito.

**Equipe:** E... Corria esse dinheiro igual a senhora está dizendo das fábricas que tinham, né... (ela interrompe).

**Siantônia:** Das fábricas, e até dos fazendeiros por exemplo, os fazendeiros geravam empregos, porque tiravam muito leite, dava muito emprego pras pessoas trabalharem em fazendas, hoje em dia os fazendeiro não estão tendo situação assim de gerar muito emprego porque não estão tem como pagar muito funcionário para trabalhar.

**Equipe:** E isso seria o movimento da cidade. E no caso do turismo, a senhora está dizendo que....(ela interrompe)

**Siantônia:** O turismo ajuda, né? Não deixa de ajudar, porque o pessoal vem gasta alguma coisa, compra uma lembrança, alimenta na gruta por exemplo, o turismo não deixa de ajudar. Mas eu acho, na minha opinião não acho que é o turismo que leva uma cidade pra frente não. Bom , é o meu ponto de vista, né, eu penso assim.

**Equipe:** Não e nós queremos ouvir é a senhora mesmo, o que a senhora tem a dizer, acrescentar alguma coisa...

**Siantônia:** è porque o turismo por exemplo , o pessoal vem passeia e vai embora, então acho que é uma coisa que tinha que ter na cidade, uma coisa pra gerar emprego, pra correr dinheiro na cidade.

**Equipe:** Pra cidade ter essa vida, né... de.. (ela interrompe com “correr mais dinheiro”) correr dinheiro as pessoas comprarem, né, venderem. E... a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa da cidade do antes, da cidade hoje?

**Siantônia:** Não...

**Equipe:** Ta tudo ok?

**Siantônia:** Agora a esperança da população é que melhore um pouco porque depois que esse padre candidatou e ganhou para prefeito, então ele á uma pessoa assim, que ele já chegou aqui ajudando as pessoas, acho que ele nem sonhava esse negócio de política quando ele veio “pra qui”. Uma pessoa assim que qualquer cidade, toda cidade por onde ele passou a gente só ver falar bem dele. Ele já chega ajudando e preocupando com as pessoas. Então, o que tiver, acredito que o que tiver no alcance dele, ele vai fazer, ele vai, se ele conseguir, porque não depende dele, depende de presidente, deputado, né, mas eu acredito que o que depender dele, a gente espera que melhore.

**Equipe:** Essa é uma expectativa grande, né

**Siantônia:** É... Essa é uma grande expectativa.

**Equipe:** E ...ele... A Senhora disse que quando ele chegou, né, veio fazendo uma série de coisas em prou da população. Tem algum movimento voluntário que ele promova na cidade em que a população... como fazer alguma obra...em algum local determinado

**Siantônia:** Não que eu saiba por enquanto não. Porque também tem pouco tempo, né, que ele foi eleito a prefeito, então que eu saiba, ele ta assim ele está tentando, inclusive eu acho que já, é... colocar siderúrgica pra funcionar novamente, inclusive eu acho que já estão começando nessa área. E há esperança também de vir fábrica de sapato, de colocar fábrica de tecido a voltar a funcionar. Inclusive já teve até uma reunião assim da... pra reativar o CDL na cidade, e ele também participou, fez uma palestra, ele foi o primeiro que fez a palestra. então ele falou que acredita que até no fim do ano essa siderúrgica já está funcionando. Então aí já vai gerando emprego, já vai melhorando, né.

**Equipe:** Exato. Então está ótimo, a gente queria agradecer a senhora pela sua gentileza, né, de estar dando esta entrevista, e boa tarde e sucesso, né!

**Siantônia:** Boa tarde e sucesso para vocês também.

**Equipe:** Obrigado.

**Entrevistador(a):** Fabrício  
**Entrevistado(a):** Mira  
**Ocupação do entrevistado(a):** Condutora de turismo e estudante.  
**Idade:** 20.  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você nasceu onde?

**Mira:** Em Cordisburgo.

**Equipe:** Em Cordisburgo mesmo?

**Mira:** Hum hum.

**Equipe:** É, seus pais nasceram em Cordisburgo?

**Mira:** Meus pais são daqui .

**Equipe:** É...você participa da atividade aqui no centro...

**Mira:**... de recepção, né.

**Equipe:** Ele é um trabalho voluntário?

**Mira:** Ele é um trabalho voluntário, sem apesar que eu tô aqui tem 5 anos. E esse 5 anos teria projetos suficientes assim pra gente poder ter um salário, mas isso só com um projeto mesmo. Então é voluntário.

**Equipe:** Ainda esta como voluntária?

**Mira:** É.

**Equipe:** E tem alguma outra atividade voluntária que você exerce aqui na cidade?

**Mira:** Igualzinho minhas pastas de vendas mesmo também é, porque normalmente eu vendo é coisas de revistas, roupa...essas coisas. Então também é um trabalho voluntário.

**Equipe:** Agora essa venda de revista, roupa, ela é feita aqui no centro?

**Mira:** Aqui na cidade toda. A gente vai andando na casa das pessoas, né, oferecendo produtos, roupas, essas coisas.

**Equipe:** E é direcionado aqui no centro receptivo ou não?

**Mira:** Essas minhas vendas?

**Equipe:** É.

**Mira:** Não. Essas minhas vendas é por fora. Quando eu não venho pro centro receptivo trabalhar aí eu fico vendendo outras coisas.

**Equipe:** A tá!

**Equipe:** É, agora você nasceu aqui em Cordisburgo, né, sempre morou aqui?

**Mira:** Sempre.

**Equipe:** E como era Cordisburgo na sua infância?

**Mira:** Olha na minha infância...

**Equipe:** ...teve alguma coisa diferente...

**Mira:** (risos)...eu assim não vou falar muita coisa, falar sobre muitas mudanças porque eu, minha historia ser até um pouco confusa porque aos três anos eu morava assim com a meus pais, mais eu não era muito de sair, eu ficava muito dentro de casa. Aí aos 3 anos de idade eu fui morar com a minha avó, na mesma rua. Só que eu era assim uma menina muito quieta, então eu nunca fui de sair assim não. Era só pra escola pra casa...essa coisa toda, e nunca pude observar Cordisburgo não. Mais depois que a gente já vai criando assim uma certa, quer dizer a gente vai observando mais as coisas a gente vê algumas modificações sim. Poucas, mas vê.

**Equipe:** E amigos de infância?

**Mira:** Os mesmos.(risos)

**Equipe:** Os mesmos?.

**Mira:** Aqui em Cordisburgo é. É porque a cidade pequena então assim se vai crescendo junto, vai vivendo junto, então são os mesmos.

**Equipe:** Vocês brincavam muito...era mais estudar mesmo?

**Mira:** Assim de brincar mesmo com os amigos não era tanto porque eu brincava mais com primos, pessoal de família. Agora com os amigos, mais na escola, e as vezes quando era pra fazer trabalho então a gente saia as vezes prum lugar, pra zuar. (risos)

**Equipe:** Aí saia pra que lugares?

**Mira:** A gente ia... por exemplo uma vez tinha trabalho pra ser feito que tinha que entregar, por exemplo era até um projeto de reciclagem, era uma gincana, e nessa gincana nos tínhamos que...conseguisse adquirir mais coisas, lixos, assim pra gincana, que ao mesmo tempo a gente tava limpando a cidade...

**Equipe:** Hum, hum.

**Mira:** ... aí dizem que pulavam o muro da casa dos outros pra pegar os trem no quintal, as vezes até o dono da casa pegava a gente lá. A gente pulava de volta, mais ou menos assim. Então quer dizer...

**Equipe:** Ele brigava?

**Mira:** (risos)...ele brigava. A gente já tinha pegado mesmo aí era assim. Na verdade a gente ia fazer os trabalhos na escola, uma coisa assim, nisso a gente arrumava "uns trem" pra fazer.

**Equipe:** E a gincana ela era feita por quem?

**Mira:** Era por um professor de Educação Física que chamava, que chama Alan Ker. Só que ele não ta trabalhando aqui em Cordisburgo mais não. Aí era ele que organizava essa gincana. Foi noto...nossa mobilizou a cidade inteira. "Ou" a cidade, né não via nenhuma garrafa, nenhum plástico porque tudo contava, né, garrafa, plástico, essas coisas. E você não via nada na cidade, tudo o povo tava pegando. Aí foi assim uma beleza porque limpou a cidade toda.

**Equipe:** E o professor não continuou?

**Mira:** Não. Essa foi uma gincana que teve, inclusive foi até minha turma que ganhou, equipe E. Mais depois acabou, não teve outro, outra atividade assim não, tem muita são as olimpíadas, que também mobiliza a cidade, mais a zona rural, mais outra atividade igual a essa não teve não.

**Equipe:** foi uma vez só que teve?

**Mira:** Foi uma vez só. E foi...mobilizou foi a população toda, a cidade ficou limpa de mais, a cidade nossa. Os meninos então...aqueles meninos de quinta serie, tem gente que é criança ainda não importa, vai dentro da lata de lixo e pega, então a cidade ficou toda limpa.

**Equipe:** Até nas latas de lixo?

**Mira:** Se você procurasse na lata de lixo tava tudo sujo. Tudo limpo quer dizer.

**Equipe:** E pra onde ia o lixo todo?

**Mira:** Aí nisso depois, se não me parece, não me engano, uma Van tava...é...tinha feito assim uma parceria com alguma fabrica de reciclagem. E com o material que adquiri eles iriam produzir...como é que é...materiais para ginástica e ia ser doado pra escola. Ao invés da escola comprar, como foi a gente mesmo que doou os materiais, eles iam nos dar. Por exemplo aqueles colchonetes sabe, coisa pra natação também. Tudo.

**Equipe:** E foi feito, foi doado?

**Mira:** Foi no ultimo ano que participei, então até no ano que eu sai eu não tinha visto muita coisa não, mas parece que algumas coisinhas eles já tinham conseguido. Agora eu não sei como é que ta, eu sai do colégio então não vi o resultado.

**Equipe:** Hum, hum. Agora é uma pena uma pessoa não ter continuado, né?

**Mira:** Num teve. Exatamente.

**Equipe:** E foi um projeto fantástico, né?

**Mira:** Foi chique de mais! Nós já tinha as equipes...a equipe amarela, azul, verde e vermelha me parece. Eram quatro equipes. Foi tudo separado assim, né, independente de sexo, só as quintas series não. Tinha quintas com sétimas, por exemplo, uma sexta por exemplo sabe...tudo misturado. Bacana mesmo.

**Equipe:** Agora além da gincana, né, as vezes nas suas brincadeiras com os primos, os amigos, vocês tinham algum outro lugar que vocês gostavam de ir assim? Um lugar que vocês gostavam de brincar...

**Mira:** Uai, não, não. Tinha um lugar que eu mais brincava assim era mesmo, no quintal, por exemplo fazendo os currais, fazendo aquela casinha feita de tijolo, aquelas panelinhas de barro, os boizim feito de manga e mais esses trem que eu ficava brincando no quintal. E minha vó tem um galinheiro muito grande. Uma vez tava na época do índio mesmo e a gente precisava de pena pra fazer os negocinhos do índio, aí nos fomos no galinheiro de minha vó e pegamos a galinha viva e depenamos ela toda. (risos)

**Equipe:** Depenaram ela toda?

**Mira:** A galinha viva (risos). A gente brincava só! A gente entrava no quintal dos outros pra panhar as frutas...é assim. (risos)

**Equipe:** Agora é, as vezes tem um quintal grande, né, não tem necessidade de se sair, ou seja até os quintalão.

**Mira:** Isso, é por isso que eu tô falando. Na casa que eu moro com a minha madrinha o quintal é enorme. O quintal da casa da minha vó pega 3 casas, a casa dela e duas casas abaixo. É enorme o quintal, tem um galinheiro enorme, então a gente só brincava ali mesmo, tava ótimo. E assim o pessoal da rua também é muito unido. Então as vezes saia de uma casa bem distante pra ir na minha brincar. Em frente a minha casa tem mangueira, uma enorme mangueira sabe, então a gente ia pra essa mangueira também apanhar biosca, esses trem.

**Equipe:** Sua casa então era o centro da brincadeira, onde todo mundo ia.

**Mira:** Também. Mas só que quando a gente não ia pra rua brincar de bentis altas, né, bolinha de gude, brinca assim, tem gente que até hoje se você for na rua assim a tarde num domingo principalmente a tarde, eles colocam ali aquelas latinhas e ficam brincando de bentis altas, ainda brincam com muita coisa aí na rua. Vôlei na rua...

**Equipe:** Ainda a gente vê?

**Mira:** Vê, vê, vê essas brincadeiras ainda. A gente que vai ficando assim mais velhos não vai participando tanto, mas se me chamar pra participar num domingo aí eu vou. Eu não importo não, é muito bacana.

**Equipe:** Legal. Agora teve é, você falou que teve a gincana, na sua infância foi muito bacana...

**Mira:** Essa gincana se não me engano foi em 2002 mais ou menos, não lembro não.

**Equipe:** Mais foi bem recente, né?

**Mira:** Foi, foi, foi muito tempo não. Eu me formei em 2003 e essa gincana não sei se foi em 2002. foi mais ou menos em 2002 eu acho. Se não me engano.

**Equipe:** Agora teve ou tem alguma outra atividade voltada pra criança aqui em Cordisburgo?

**Mira:** Pra criança? Tem assim...não vai contar as pastorais, né?

**Equipe:** Pode contar.

**Mira:** Pode? Então tem as pastorais. Inclusive eu faço parte das pastorais da criança tem vários...tem o0 grupo de jovem aui na cidade. E agora na minha rua ali mesmo nos temos uma festa que o pessoal da rua mesmo resolveu fazer. É a festa da boa vizinhança. É só o pessoal ali da rua, por exemplo o deputado Renato Azeredo que participa. Num é que os outros não pedem, tem gente que vem aqui de cima pra ir lá participar. Aí sempre fazem brincadeira, fazem gincana sabe. A gente tem que ir descobrindo, a gente esconde os

papelzinhos no meio das casas e cada grupo tem que ir atrás dos papelzinhos e dando as dicas pra achar o tesouro. E aí vai brincando, então é assim que vai brincando. O ano passado a gente, nos não fizemos mas esse ano nos vamos ver se a gente faz, faz mais é no mês de agosto essa festa da boa vizinhança que a gente deu o nome.

**Equipe:** Agora são vocês mesmos que organizam, né? Não é a pastoral não, né?

**Mira:** Não. Igual a pastoral também também é a pregação. Tem o dia da criança que cada setor faz a festinha para o dia da criança. Tem o natal que é assim, a gente vai escolhendo os padrinhos pela cidade, a gente dá o nome da criança...e aqui é bom que a gente acha padrinho...tem gente as vezes que fica assim “A eu não fui padrinho esse ano, porque? “ Sabe, querendo ser padrinho, mas é porque ocuparam todas as crianças já tem padrinhos. Por isso que as vezes fica sobrando. Mas aí a gente dá o nome da criança e o padrinho dá o presente. Então todo ano a gente tem o natal da pastoral da criança. Assim eu tô falando mais da pastoral porque é uma atividade, porque eu participo eu tô mais por dentro. Agora se eu for falar de outra coisa por exemplo que eu não sei, né?! Não tem como, né, mas aqui na cidade tem muita coisa voltada pra criança.

**Equipe:** E pra adolescente, até mesmo pra adulto...outras atividades, outras festas...

**Mira:** Tem, tem. Aqui na cidade, como é uma cidade assim turística, né, e mantém até hoje sua cultura, igualzinho nas festas do congado, folia, pastorinha, tem inclusive o grupo da terceira idade que tem o pessoal dançando mesmo sabe. Anima, põe as senhoras, até os senhores também pra costurar, desenhar, dançar...então tem tudo isso aí que, que entra tanto a criança, o adolescente, o adulto, o idoso...

**Equipe:** Todo mundo. A festa é popular mesmo

**Mira:** É, é. Inclusive agora mesmo toda vez que tem uma festa aqui na cidade por exemplo principalmente quando é coisa mesmo de congada, aí que os adultos e os idosos juntam mesmo pra montar tudo. Agora os adolescentes ficam mesmo muito com a ...com o grupo de jovens. Tem e aqui o grupo é Contador de histórias Miguilim, que também pega muitos adolescentes também começa das crianças e vai até os adolescentes e assim integra muitos jovens aqui. E tem agora o receptivo que nos estamos querendo fazer o novo curso também. Porque infelizmente nos só temos dois guias que vai entrar os jovens, né. Então tudo que a gente faz aqui, como a cidade é pequena, então tudo que inicia aqui vai depender sempre do mesmo nível ou é criança, ou adulto, aí dependendo do projeto entra o idoso. Então todo jeito integra a população toda.

**Equipe:** Agora o projeto Miguilim e o projeto aqui do receptivo ele é, ele tem o patrocínio de alguém? Ele é feito por quem?

**Mira:** Os contadores de histórias Miguilim é uma associação e quem deu início nessa associação, nesse grupo foi a prima de Guimarães Rosa que é a Calina. E agora aqui no receptivo quem começou az, quem deu esse curso primeiro foi uma guia, né, que ela até tá trabalhando agora no turismo aqui em Cordisburgo que é a Rita, junto com a prefeitura. Agora essa área que a gente trabalha que é da prefeitura, mas nos não somos funcionários dela. Então agora o trabalho dos miguilins com o trabalho do receptivo é totalmente diferente, que um é associação e o outro já é um curso.

**Equipe:** Agora o da prefeitura é a prefeitura que vai recrutar esses novos adolescentes pra virem? .

**Mira:** Nesse caso aí também vai ter a participação da prefeitura, mas quem vai organizar por exemplo um novo grupo pra ser guia, tipo novos condutores aí vai ter que organizar um novo grupo pra ser guia, tipo novos condutores aí vai ser a Rita que está trabalhando na área de turismo. É ela que vai ter que organizar um novo grupo, né, pra poder dar continuidade a esse trabalho senão acaba porque só tem eu e meu colega, meu colega já forma esse ano, eu já formei. Eu só ainda continuo aqui no receptivo ainda porque eu num arrumei um trabalho assim, um emprego, né que tem um salário mesmo, porque se a gente arruma a

gente vai. Se sair eu por exemplo vai ficar so o Gabriel, o Gabriel as vezes até desanima em ficar aqui sozinho.

**Equipe:** É verdade.

**Mira:** Né? Então tem que organizar um novo grupo aí, senão fecha o receptivo.

**Equipe:** Agora voltando as festas tem algum evento marcante, alguma cosia que aconteceu das festas que se tem uma historia legal pra contar?

**Mira:** Nas festas?

**Equipe:** É.

**Mira:** As vezes até tem.

**Equipe:** Alguma coisa marcante...

**Mira:** Se queria que eu contasse alguma coisa que aconteceu assim na festa mesmo?

**Equipe:** Alguma coisa que te marcou, né, alguma coisa sua que te marcou na festa, que você presenciou que foi legal...

**Mira:** Hum...(pensativa)

**Equipe:** Alias, eu falo que foi uma coisa sua mais se foi alguma coisa da festa que a cidade gostou.

**Mira:** Mas em relação as festas tradicionais.

**Equipe:** As festas da cidade que você citou aqui que tem as festas que vocês organizam, né!

**Mira:** Pode falar a verdade, que é a coisa que mais assim todas as festas a gente vai pra ver, pra aproveitar então a gente gosta de tudo, mas tem uma festa que inclusive até vou confessar assim que eu não sou muito leitora assim... Guimarães Rosa. Mas tem a Semana Roseana aqui que tem as danças com as fitas, sabe? Que tem uns teatros, tem a contação de histórias, isso deixa marcado qualquer pessoa. É maravilhoso! Então, assim, uma das festas que eu acho maravilhosa, assim, que marca mesmo, assim, é a Semana Roseana. Principalmente quando tem a dança lá das... que é uma coisa que você acha que nem existe mais. Aí tá ali o pessoal dançando. Se já viu como é que é, né, um pau no meio, aquele tanto de fitas e as mulheres passando uma sobre a outra assim, e vai formando tipo uma trança, se eu não me engano direito. Então é maravilhoso! Uma coisa que marca é isso. É também o teatro, a peça, o cenário do pessoal do museu faz pra contar historia... E também tem a festa das igrejas. Igualzinho mesmo quando é na semana santa tem o cenário dos quadros vivos aí marca muito.

**Equipe:** Como que é o quadro vivo?

**Mira:** Assim, é igualzinho mesmo tem a via sacra por exemplo que é um dos casos, né. A via sacra que cada ano sai de um lugar, so que tem de ser longe. Aí a gente veste acda um...entra quem quiser, todo mundo é convidado, jovens, todo mundo é convidado. Inclusive esse ano eu não pude participar porque eu já tinha entrado num outro, porque eu já estava estudando então não dava, porque os ensaios são mais a noite e a noite eu tô na escola. Mais aí você vai ensaiando , tem a Maria Madalena que já é uma menina, tem a Maria mãe de Jesus, aí tem o Jesus mesmo que já tem aqui em Cordisburgo todo ano é um menino que chama até Fabiano. Então vai fazendo encenações de acordo mesmo com a historia da Bíblia sabe, historia bíblica. Então é bacana mesmo. Esse ano já foi diferente. Esse ano eles fizeram a encenação do lado de fora da igreja e fizeram mesmo, arrumaram mesmo a mesa da santa ceia com o apóstolos...foi bem bacana mesmo sabe.

**Equipe:** E é feito na rua?

**Mira:** Esse ano foi feito do lado de fora da igreja, que todo ano as vezes foi feito dentro da igreja. Sabe, ao redor mesmo da mesa do padre. Esse ano não, eles já levaram o pessoal lá pra fora pra todo mundo já poder ver e participar sabe. Depois disso eles, depois dessa santa ceia aí eles foram pra frente da igreja que era uma praça aí pra dar continuidade à apresentação. Então quer dizer isso aí já foi ao ar livre mesmo e já uma caminhada mais

distante, enquanto era só feito dentro da igreja, que era rapidinho, pequeno, não dava pra andar muito. Aí esse ano já foi bem diferente. Cada ano eles tenta o diferencial.

**Equipe:** Deve ser bonito mesmo hein?

**Mira:** Bacana! Tem uns negócios lá que deixa marcado nego. A semana santa é maravilhosa e eu adoro a semana santa aqui, acho muito bonito! Eu gosto daqui assim porque eu nunca fui participar de semana santa em outro lugar. As que eu participo aqui e as que eu vejo são coisas simples porque aqui não tem essa muita coisa de tecnologia, mais são coisas simples mesmo, mas bem bonito, muito bem organizado, bonito mesmo. Deixa marcado.

**Equipe:** Agora você falou que tem até umas festas, umas danças que, que a gente pensa que nem existe mais. Mas por quê? Como assim?

**Mira:** Porque tem muitas regiões que você vai perdendo a cultura, aos poucos você vai perdendo as tradições. Em Cordisburgo você pode falar que aqui em Cordisburgo mantém as tradições, mantém as culturas ate hoje. Às vezes não vai poder ser igual há uns 20 anos atrás porque tudo muda, né. Mas que tem muita coisa antiga que você acha que nem existe tem. Igualzinho mesmo tem as pastorinhas, tem as folias, tem a congada. São coisas que se você for procurar em outras regiões você não acha não é? Tem igualzinho mesmo a cavalgada, tem tudo aqui em nossa região.

**Equipe:** Você falou também que não tem muita tecnologia. Você acha que faz falta a tecnologia?

**Mira:** Não. Até que eu não sou muito chegada na tecnologia não. Pra mim mesmo não faz falta não. Eu gosto muito mais das coisas bem naturais, mais naturais. Eu não gosto muito da tecnologia não, não sou muito chegada não. Eu acho bonita as coisas assim... eu acho que é por eu viver aqui eu acostumei sabe, que eu nunca tive muita coisa de aqueles brinquedos modernos, tudo mesmo a gente mesmo que constrói; Apesar que eu não vivi naquela época da minha avó, que era bem mesmo mais eu ainda peguei um pedacinho disto, que você ainda fazia o carrinho, as bonequinhas de manga, com as perninhas de palito, né, essas coisas. Você pular no quintal dos outros pra apanhar as frutas. Então a gente viveu muito isso, por eu ter 20 anos eu ainda peguei muita coisa mesmo que as vezes com o tempo até sumiu. Hoje em dia o pessoal so quer saber de carrinho e boneca, essas bonecas caras, mini-game, computador, Inclusive aqui em Cordisburgo tem muitas crianças e você não vê nenhuma criança assim com aquela empolgação com carrinho não. Você vê meninos as vezes de 10 anos, 8 anos montado num cavalo, correndo igual doido aqui na cidade. Então quer dizer tudo bem de interior mesmo sabe, tudo bem bacana assim. Agora são coisas assim graças a Deus aqui em Cordisburgo ainda conserva a coisa de interior mesmo. Bacana.

**Equipe:** E em relação a turista na cidade quando eles vem?

**Mira:** No caso de hospedagem você esta dizendo? Ou de recepção?

**Equipe:** Quando eles vem, em relação as festas de Cordisburgo, em relação a vivencia na cidade mesmo.

**Mira:** A vivencia na cidade?

**Equipe:** Eles permanecem, participam das festas...

**Mira:** Participam, participam. Igualzinho mesmo quando é festa que não vai pegar feriado nenhum aí não tem como. Mais igualzinho mesmo a semana santa, a semana santa não, desculpa, a semana Roseana é a semana que comemora a data do nascimento do escritor. Vem gente de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo participar e ainda ficarem aqui. A festa da abóbora é a festa tradicional de Cordisburgo. Nos tivemos alguns anos que não tivemos a festa. Agora esse ano nos vamos ter. Mais a época que tinha festa vinha gente aqui na região toda participar. Vinha ate gente de outros estados participar da festa aqui na cidade. Agora assim só desapareceu um pouco assim essa parte de atrair mais os visitantes porque parou com a festa. Mas agora se o pessoal ficar sabendo de novo que vai

voltar a festa aí com certeza pode saber que vai ta lotado o parque de exposição. Era lotado. Quando foi o ano passado resolveu fazer a festa só que não foi em Cordisburgo, resolveram fazer a festa numa zona rural que chama Palmito. Festa da abóbora em Palmito. Então eu ouvi gente falando assim que o pessoal não gostou muito porque a festa é tradicional de Cordisburgo. Apesar de que Palmito faz parte de Cordisburgo. Mas pra acomodar mais o pessoal é aqui em Cordisburgo mesmo que tinha de ter sido feito. Mas parece que esse ano vai ser feito aqui mesmo. Então é uma festa que atrai muitos visitantes, a semana Roseana, a festa da abóbora e agora sem ser festa quando é feriado mesmo, carnaval semana santa, férias de junho e final de ano, por exemplo vai muito turista pra visitar a cidade. Agora pra ficarem mesmo as vezes ate ficam muito porque, por falta de lugar pra ficar. Porque aqui na cidade nos só temos duas pousadas.

**Equipe:** Duas pousadas?

**Mira:** Então quer dizer não tem como, não adianta vir muita gente e não tem lugar pra ficar, né. Depois, as vezes a gente deixa ate de ter visitantes aqui por causa de lugar. Apesar que agora nessa semana Roseana mesmo como é rodo ano que tem e tem gente que já é de Cordisburgo tem gente que vem lá de São Paulo porque já chega aqui se já sabe, as vezes sabe ate o nome, porque todo ano ta aqui. Agora tem gente que nem fica mais em pousada. Sabe o que aconteceu? Tem gente que já conhece tanto que vai pra casa “Nossa, ele vai ficar na minha casa”. Tem gente que vem lá do Rio pra ficar na casa de alguém aqui que já é conhecido de mais. Então quer dizer aos poucos como todo ano vem a pessoa gosta muito e vem participar as vezes torna ate Cordisburguense. Então agora, as vezes nem vai mais para o hotel, vai pra casa do pessoal mesmo. É bacana! Tem uns que as vezes não encontra lugar pra ficar, porque já ta tudo ocupado, tem vezes que eles ficam procurando fundo de quintal só pra montar barraca sabe, e eles pagam ali pra eles ficarem, por exemplo vai pagar pra eles tomar banho e utilizar o lugar. Muitas vezes tem gente que aceita, né, tem gente que deixa fazer a barraca no fundo da casa, aí o pessoal não importa também não. Tem uns que fica assim meio acanhado, né, porque hoje em dia infelizmente, né, as vezes a pessoa aluga, tem uma aparência, as vezes sem querer, né, as vezes acontece alguma coisa. Inclusive o pessoal do interior tem muito medo disso sabe “eu não conheço”, a gente vê muita coisa assim na cidade grande então quando chega aqui a gente fica meio acanhado, fica meio com medo mas aos poucos a gente vai deixando mesmo, vai vendo que não tem problema nenhum.

**Equipe:** Agora a festa mais visitada é a semana Roseana?

**Mira:** É a Roseana. Porque é a que prevalece, né. Porque igualzinho mesmo a da abóbora...

## FIM DO LADO A

**Equipe:** ...é Palmital ou Palmito?

**Mira:** Palmito.

**Equipe:** Palmito, né!

**Mira:** É...o motivo dessa festa ter sido lá em Palmito ninguém é...eu mesmo, no meu caso eu não fuje sabendo porque essa festa foi lá, sendo que todo ano, toda vez que tinha essa festa é aqui no parque de exposição. Aí quando foi o ano passado a festa foi lá em Palmito. A população não gostou muito, mais muita gente chegou a ir lá pra participar da festa, Mas agora eu ouvi falando também que a festa oi lá em Palmito porque naquela região esta tendo muito cultivo da abóbora, porque é a festa da abóbora, né. Então eu ouvi falar que foi lá por causa que lá ta tendo muito cultivo da abóbora, por isso que passou a festa pra lá. Mas que a população não gostou muito porque é a festa tradicional de Cordisburgo. Então a sede é aqui, né. Parece que esse ano a festa vai ser aqui. Vai ser trazida pra cá de volta.

**Equipe:** E é quando é a festa?

**Mira:** Em setembro. Agora a data certa não sabe. Igualzinho a semana Roseana mesmo, semana Roseana a gente nunca da a data certa porque as vezes pode pegar final de junho, início de julho, ou já pode pegar o início de julho só. Igualzinho a festa da abóbora que as vezes pode ser tanto no meio de setembro quanto mais no final de setembro. Tem que ver mais a época porque em setembro nos temos a festa do Rosário, que é a festa de uma igreja aqui e em setembro mesmo é a festa da abóbora. Tem que olhar essa festas pra não bater no mesmo dia. E por isso que as vezes no pode dar muito a data certa por causa disso, porque são duas festas que tem em setembro. É da abóbora é do Rosário.

**Equipe:** Agora a pessoa já vem pra uma festa é já fica pra outra? Acontece isso?

**Mira:** Uai, se a semana assim por exemplo, vamos supor que num intervalo de uma festa pra outra vai ter um feriado por exemplo no meio da semana, aí tem gente que já fica. É agora se é normal mesmo se a semana não for ter feriado nenhum aí a pessoa volta. Aí pode ter o risco dela voltar na outra semana por causa da festa.

**Equipe:** Em setembro tem o feriado no dia 7, né? Sete de setembro?

**Mira:** É, tem. É mais no início, né! Agora essas festas aí mesmo acontecem mais no meio de setembro ou no final. A da abóbora mesmo que eu me lembro sempre acontecia mais no dia 22, mais ou menos, de setembro, foi uma das últimas festas que eu me lembro, e que nos ficamos 3 anos sem a festa quando foi o ano passado nos tivemos quando foi no final do mandato do prefeito, agora com esse novo prefeito aí que é até um padre, que vai ter a festa de novo. Nos tivemos uma festa aqui em Cordisburgo na semana atrasada que foi o circuito de rodeio, 1ª Festa de Circuito de Rodeio. Mais teve tanta gente e no último dia dessa festa do rodeio aí o locutor avisou, né que o prefeito mandava avisar que esse ano vai ter a festa da abóbora. Então quer dizer já avisou o pessoal de fora que esse ano vai ter a festa da abóbora. Então bacana, pelo visto se tiver mesmo esse ano, tomara que tenha, vai vir muita gente. Com certeza o pessoal reclama quando não tem a festa.

**Equipe:** E foi bom o rodeio?

**Mira:** Bom de mais da conta! Nossa Senhora! A gente aqui do interior gosta de mais desse negócio de cavalo, de rodeio sabe. Então quando tem meu filho tem até arquibancada. Faltava quebrar a arquibancada de tão doido que o povo ficava. A festa tava boa de mais! Apesar que eu mesmo, no meu caso, o pessoal lá da minha família não gosta muito que eu fique saindo sabe, porque é muito longe. Eu moro do lado da saída de Cordisburgo e o parque de exposição e na entrada da cidade. Então muita gente as vezes não vai por causa da distância. Mais tem jeito não, cidade pequena se tiver uma festa todo mundo vai. Então é bom demais! Ainda mais que o locutor ajudou muito que parece que o locutor é até de Paraopeba. Bom de mais! Muito animado o rodeio. Teve o Chico da Viola, aí que o povo endoidou mesmo. Eu mesmo adorei!

**Equipe:** E teve turista do rodeio? Ou não teve muita divulgação?

**Mira:** Assim pode até ter visitante porque sempre tem, não tem como não porque quando você vê a festa, quando você sabe que vai ter a festa, eu vim aqui pro receptivo, você vê aquele tanto de carro entrando. A gente as vezes achava que era turista que ia visitar a gruta, não era. Era pra festa. Nossa hoje vai ter muito movimento, muito carro. Mas quando você vai olhar não é pra visitar nem atrativo, nem gruta, né nada. As vezes até conhece, vem mesmo é pra festa. Fica na casa de amigo, um amigo vai chamando o outro, então aí lota a cidade mesmo. Tem jeito não. Qualquer coisinha, qualquer evento tem aqui em Cordisburgo enche. É muito bom as festas aqui em Cordisburgo, muito boa!

**Equipe:** Agora fora é...então as festas você tá falando que as vezes você pensa que vai para a gruta. Tem visita de público fora da temporada de festa?

**Mira:** Tem direto, tem. Assim, lógico que não é todo dia, todo final de semana que você vai encontrar aquele fluxo enorme de visitantes, mais se você procurar todos os dias lá na gruta nem que seja um carro, uma van ou um ônibus na gruta vai achar. Principalmente nessa

época de escola aí que vem muito ônibus de estudante. Mais sempre sempre tem visitante aqui mesmo. Igualzinho mesmo vocês mesmos visitando Cordisburgo aqui hoje. Hoje mesmo não é dia de muito movimento, mais tem vocês. Aposto se você for lá na gruta tem uns carro lá. Então sempre sempre tem.

**Equipe:** É, nós viemos fazer esse trabalho, inclusive em relação ao turismo. Agora a primeira vez que nos viemos nos viemos como turistas mesmo. Visitamos a gruta mesmo.

**Mira:** E gostaram e voltaram!

**Equipe:** Gostamos e voltamos.

**Equipe:** Agora além da gruta tem algum outro ponto turístico que atrai?

**Mira:** Tem tem. Nos temos a gruta de Maquiné, o museu Carlos Guimarães Rosa, temos a capelinha patriarca São Jose, a igreja matriz Sagrado Coração de Jesus, zoológico de pedra Peter Lund e nos temos também os atrativos naturais que é as cachoeiras, as trilhas, temos outras grutas.

**Equipe:** Tem outras grutas?

**Mira:** Além da gruta de Maquiné nos temos 24 grutas aqui na região de Cordisburgo. Só a de Maquiné que é aberta a visitação porque já tem a estrutura, porque as outras ainda estão sendo estudadas, exploradas, né, pra ver se não ocorre risco nenhum de visitação. Mas pra ser aberto ao publico ainda vai demorar um pouco. Essas coisas demora mesmo, né, tem que estudar tudo pra ver se não vai ter desabamento, então tem que ser estudado. Mas a de Maquiné não é a maior não. Nos temos uma gruta ali mesmo, é próximo aqui de Cordisburgo, tem uns 8 KM daqui mais ou menos, chama gruta da Morena. São 6 km e meio de gruta. Totalmente o contrario de Maquiné porque você entra e sai pelo mesmo local, da Morena não tem varias entradas, varias saídas e são mais de 6 KM de gruta. Então essa aí que tem que ser estudada mesmo, né, pra ver se tem estrutura pra receber visitante porque pode correr o risco de ficar perdido. Inclusive nessa gruta da Morena passa o riachozinho . Então s vezes pela água a gruta fica muito úmida, então pode acontecer acidente, então no momento esta sendo exploradas estas grutas e estão sendo estudadas.

**Equipe:** Agora você falou dos passeios ecológicos, né, é um grupo que faz os passeios ecológicos?

**Mira:** É. Eu é que sou a guia dos atrativos da cidade como guia também dos atrativos naturais. E já esses atrativos naturais tem que ser marcado com antecedência porque a gente tem que voltar na trilha pra ver se a trilha ta lá. Se não tiver a gente tem que abrir de novo. Tem que olhar também o estado da região, tem que ver que muitos dos atrativos estão em propriedade particular, tem que olhar com os proprietários se vai ser possível a visitação. Se eles vão permitir. Então tem que ser com antecedência e também porque a gente tem que arrumar os equipamentos, né. A gente tem que ir com a roupa apropriada, tem que levar o alimento, tem que ver qual o roteiro que nós vamos fazer e isso também de acordo com o publico, com os visitantes porque se for criança tem que ser um roteiro mais ligh, se for adolescente já pode pegar um pouquinho mais pesado porque adolescente gosta disso; se for um grupo de adultos por exemplo não vai acabar com eles, porque tem uns que da dor nas cadeiras, você tem que ter um circuito mais ligh. Então tem isso, tem que ser marcado com antecedência pra gente ver a faixa etária do grupo pra gente levar.

**Equipe:** E é organizado aqui pelo receptivo, né?

**Mira:** Organizado aqui pelo receptivo. E nisso as vezes a pessoa tá querendo um guia só e a gente não vai só com um guia, porque como é atrativo natural, tudo bem que é uma cidade pequena, que é bom, que é divertido mais pode correr acidente. Então enquanto um guia ta com o grupo o outro volta pra pedir ajuda. Por isso que tem que ser 2 guias. Agora a não ser que seja eu e uma família num carro aí não tem problema, pode ser um guia. Agora se for fazer caminhada e for um grupo maior aí já tem que ser dois guias, não tem como não, tem que ser 2 guias, né?!

**Equipe:** Agora pra esse passeio tem muita procura?

**Mira:** Olha tem assim... até que por não ser um passeio assim tão...nos não estamos assim... pra falar a verdade nos não estamos assim é tão preparado pra esse passeio porque nos não temos equipamentos pra esse...por exemplo eu mesmo não tenho o capacete de carbureto pra levar o pessoal numa gruta. É por isso aí que eu tô falando que não estamos preparados, por equipamentos. Porque assim pra conhecer a gente toma todos os cuidados possíveis mesmo a gente não tendo equipamento a gente toma cuidado, tudo que a gente pode fazer a gente faz. Então, é, agora é muito procurado. Era pra ser muito procurado. Só não é muito porque não é divulgado o nosso trabalho de ecoturismo porque, acho que por falta de recursos. Inclusive no inicio nos tínhamos um prospecto, fazendo a maior propaganda do ecoturismo, depois a gente mesmo proibiu esse prospecto porque vai fazer aquela propaganda toda pra chegar aqui e não ter nem o equipamento. Vamos supor que chega um pessoal fazer uma cavalgada, onde é que nos vamos arrumar tanto cavalo? Você quer fazer ciclismo, onde é que nos vamos arrumar tanta bicicleta aí pro pessoal? Então não tem como. Agora é por falta de equipamento mesmo porque agora o que da pra gente fazer de carro, ou uma certa parte de carro e o resto a pé, ou se a gente já sai do receptivo a pé mesmo aí da pra fazer tranqüilo. Agora se for pra procurar equipamento, se for pra procurar animal ou então meio de transporte aí nos não temos muitas condições não, por isso que ele não é muito procurado porque se tivesse tudo organizadinho seria mais procurado. A gente sozinho aqui, ainda mais que é só eu e meu colega, a gente não tem como, né de nos dois comprarmos isso aí.

**Equipe:** Agora vocês já procuraram patrocínio, algum incentivo?

**Mira:** Assim, pro ecoturismo assim, na minha parte mesmo que eu me lembre nos não procuramos não. Assim logo não, procuramos sim, a gente ir a caça pedir não, mas antes a gente sempre tava falando pro pessoal da prefeitura pra nos ajudar, mas o pessoal da prefeitura sempre fala que primeiro vão ver, tem que ver como é que esta as condições, aquela coisa toda. Mas agora o patrocínio principal que nos temos aqui mesmo, o que ajuda eu e o Gabriel ficarmos no receptivo até hoje por exemplo é as escolas, são as empresas, esse pessoal e que nos ajuda inclusive mesmo a Newton Paiva é uma principal que nos ajuda aqui.

**Equipe:** Tem ajudado?

**Mira:** Nossa Senhora! Demais da conta. A Newton Paiva vê o prospecto da gente, v?e se ta ajudando. Fez aqui o projeto da Blitz ambiental, projeto Maquiné. Bacana!

**Equipe:** Agora qual o ponto turístico mais visitado na gruta?

**Mira:** Qual o ponto turístico...

**Equipe:** Alias na gruta não, na cidade?

**Mira:** Primeiro a gruta de Maquiné. O pessoal vem muito diretamente pra gruta, depois vem o museu mais é porque é assim porque ainda Cordisburgo tem muita gente que ainda não sabe que Cordisburgo é a terra de Guimarães Rosa, muita gente não sabe que ale da gruta e do museu nos temos muitos outros atrativos. O pessoal só vem com tempo pra visitar a gruta. Chegando aqui gente vai apresentar pra eles os outros atrativos e é aí que eles interessam. Mesmo assim que a gente ta apresentando o trabalho a gente ainda pergunta que muitos só vem pra gruta porque so acha que tem a gruta. Mais aí que a gente vai falando que tem o museu, tem a igreja, tem o zoológico, ainda tem o atrativo natural, aí que a gente vai falando e o pessoal vai se interessando “a não, depois eu volto!” Aí então as vezes a gente pensa “Volta não, né!” . Aí depois chega um grupo aqui “Eu tive aqui tal dia você que me conversou comigo, eu vim aqui. Eu não falei pra você que eu ia trazer comigo a minha família? Aí agora eu trouxe mesmo pra conhecer os atrativos”. Realmente eles voltam e realmente o pessoal volta mesmo pra conhecer.

**Equipe:** Agora como é que você avalia os pontos turísticos aqui da cidade?

**Mira:** Na questão de preservação essas coisas assim?

**Equipe:** É, você acha que tinha alguma coisa que podia melhorar?

**Mira:** Aqui, porque a cidade toda é um atrativo. Agora se for um atrativo em si, as igrejas, o zoológico, a gruta ta ok! Mais poderia haver mais preservação mesmo e na questão ao redor dos atrativos. Que igualzinho mesmo do lado da capelinha tem uma praça, que ela esta sendo assim muito desleixada sabe. As ruas da cidade também, você pode procurar lixeira que você não acha. Por exemplo a cidade toda é um atrativo e você não acha essas coisas mesmo pra manter uma cidade mesmo uma cidade turística. Isso faz muita falta, falta muitas coisas assim. Questão de limpeza, de cuidado, preservação, falta muito. Agora se for os atrativos em si, cada pessoa responsável por um atrativo sabe cuidar dele, mais a região em volta é que ta, que as vezes ate acaba um pouco com a beleza do atrativo mesmo.

**Equipe:** Destes atrativos qual é o que você mais gosta?

**Mira:** Eu gosto muito da igreja matriz Sagrado Coração de Jesus. Apesar de que a gruta é maravilhosa, assim eu gosto muito da gruta. Não sei porque eu me identifico muito com aquela igreja. Inclusive quando eu venho trabalhar eu tenho um atalho que eu posso cortar que eu passo em frente a igreja. Eu só passo nesse atalho pra ficar passando em frente a igreja. Quando ela ta aberta eu ainda entro. Então é porque eu me identifico muito com a igreja matriz.

**Equipe:** Tem um motivo especial pra ter essa identificação?

**Mira:** Não sei não. Não é porque aconteceu alguma coisa lá mais porque sei lá eu gosto de mais dessa igreja. Sabe eu acho que é porque nessa igreja acho que a gente se sente bem sabe, acho que é por isso. Deve ser. E não sei não, eu acho pelo menos quando estou próximo a essa igreja eu me sinto muito bem. É por isso que eu me identifico com ela.

**Equipe:** Agora em relação ao turismo de Cordisburgo você tem alguma opinião, você tem alguma sugestão que pode melhorar o turismo?

**Mira:** Mais divulgação. Nos estamos divulgando. Muitas vezes tem um encontro por exemplo de artes, não sei direito se é artes mesmo, esses encontros que reúnem muitas pessoas que trabalham com turismo, que nos aqui de Cordisburgo, pelo menos uma pessoa podia ta lá no meio pra divulgar Cordisburgo. E não tem ninguém. Eu acho que falta muito é divulgação, principalmente divulgação. Só isso. Essa é a palavra pra melhorar tudo. Que nos não estamos tendo não. Não adianta você colocar ali na internet ali e pronto. Você coloca na internet museu, gruta, igreja, zoológico, pronto e acabou. Você tem que divulgar, tem que falar, você tem que manter contato com as pessoas, você tem que ligar, né não?! E tá faltando é divulgação, essa é a palavra chave, só.

**Equipe:** Agora tem alguma outra coisa que você queria falar aqui na entrevista? Alguma outra coisa que eu perguntei que você gostaria de falar?

**Mira:** Eu falo muito viu!? Uai...

**Equipe:** De repente eu não dei oportunidade de você fazer alguma pergunta, dar alguma sugestão, falar alguma outra coisa...

**Mira:** Eu posso fazer pergunta também?

**Equipe:** É, pode fazer.

**Mira:** Quando vocês vieram visitar Cordisburgo por exemplo, o que vocês acham que em tudo que eu falei que as vezes falta, que até quando falta, do ponto de vista de vocês, vocês acham que a cidade tá assim...acolhe bem o visitantes...é o que falta na cidade, talvez é uma coisa que eu falei que falta mesmo é a questão da limpeza, talvez vocês observaram outro ponto que é muito importante que eu não falei. Vocês acham...é bom também pra gente pra ver.

**Equipe:** Nós concordamos com tudo que você falou, né. Em relação a cidade ela é muito receptiva, gostamos muito das pessoas daqui, estão sempre abertas a receber os turistas, o pessoal que vem de fora até mesmo pra te chamar a Amanda, poxa ela quebrou um galhão.

Exelente a recepção. Nos tivemos a oportunidade de visitarmos lá na gruta, no museu, né, alguns pontos da cidade e as pessoas estiveram sempre dispostas a atender a gente aqui. Agora é, você me perguntou a respeito eu tenho que responder, né? Em relação a divulgação do turismo eu não estou sempre aqui, mais eu percebo que ao redor da cidade não tem muita divulgação mesmo não. Se não passa aqui no receptivo a gente não vê muito. Apesar de que o receptivo já existe pra isso, né!

**Mira:** Mas mesmo assim tem muita gente que passa pelo receptivo e para num posto ali pra pedir informação. Então quer dizer muita gente as vezes nem conhece o nosso trabalho, acha que se parar aqui tem que pegar um guia. Tem gente que fica até com medo de parar aqui.

**Equipe:** Já acha que parando aqui...

**Mira:** ...já tem que pegar um guia. Não aqui é só mesmo pra dar informação, responder alguma duvida, mais é isso.

**Mira:** E agora na cidade também nós temos uma outra coisa que nós falamos muito, foi do artesanato. A população aqui da cidade tá até do alto aqui do receptivo mesmo, tem o centro de artesanato é a população mesmo que faz. Tudo aqui é a população mesmo que...é costura, é coisa feita de madeira, em argila, é tudo, tudo...pintura. Aqui na cidade nos temos muito trabalho com cristais, muitas vezes você vê um cristal ali mesmo, bonito sabe, então quer dizer é aqui também nos temos muito artesanato que é uma fonte de renda pra população. Hoje a principal fonte de renda aqui é a agricultura e o turismo, então aqui até mesmo o artesanato tá entrando no turismo, né. Então nos temos um artesanato aqui que é maravilhoso, tudo que o pessoal faz aqui é muito bem feito sabe. E como se diz é da cidade, não tem como falar que isso veio foi de fora e eu cheguei aqui e só modifiquei não. Aqui é o pessoal mesmo que põe a mão na massa, mistura e pinta e costura e remenda...e vai quase tudo.

**Equipe:** Agora tem um grupo próprio que faz artesanato ou é dentro da cidade mesmo e já...

**Mira:** Tem. É uma associação aqui o artesanato. É a associação dos artesãos de Cordisburgo. São pessoas donas de casa mesmo que mais participam. E elas fazem escala, porque não dá pra uma dona de casa ficar o dia inteiro aqui no centro de artesanato, elas fazem escala, uma fica de 8 as 11, outra fica de 11 as 14 por exemplo e assim vai intercalando. E só assim que elas vão levando aqui, né, trabalhando no centro de artesanato.

**Equipe:** E a agricultura. A agricultura é feita pra cidade mesmo ou...

**Mira:** Pra exportação.

**Equipe:** Quais são os produtos?

**Mira:** Tem abóbora, tem muito milho. Inclusive próximo a gente tem uma gruta que a gente vê uma plantação de milho e um plantação de quiabo. São os principais cultivos aqui, a abóbora, o milho e o quiabo, e inclusive o milho mesmo exportado pro Ceasa. Agora eu não posso te falar se os quiabos são. Agora a abóbora também é. Agora com certeza que junto ali a metade do terreno toda é pro milho e outro é só pro quiabo e eles exportam pro Ceasa. Então são os principais cultivos aqui a abóbora, o milho e o quiabo.

**Equipe:** Qual é o impacto dessa exportação aqui pra cidade? Traz benefícios...

**Mira:** Traz. E através daí, por exemplo, se você exportando mais vai começar a produzir mais e vai precisar de mão de obra, né. Então aqui na cidade não tem muitas condições de emprego, por isso muita gente que vai embora, inclusive nós tínhamos 30 condutores, só tem eu e o ... aqui, porque muitos foram embora trabalhar, porque aqui não dá condições de trabalho. Muita gente que trabalha aqui você pode saber que esta na roça, tá na casa de fazenda trabalhando como dona de casa. Então muita gente aqui mesmo o que ajuda, o que da emprego aqui mesmo é isso. Agora graças a Deus nos ficamos sabendo que esta abrindo a siderúrgica que vai dar emprego pra população de Cordisburgo. Mais vai ajudar bastante. Já fiquei sabendo que já até acabou de fazer a terraplanagem no lugar e vai começar a dar

emprego mesmo. Todo mundo já mandou currículo, né, pra ver se consegue a vaga. Então quer dizer que vai abrir a siderúrgica e eu fiquei sabendo que vai abrir a fábrica de tecidos que nos tínhamos. Então quer dizer se Deus quiser vão conseguir abrir isso aí e das mais emprego pra população, nos estamos precisando de mais, né.

**Equipe:** E a exportação na agricultura, você acha que ela tá em alta? Como tá a situação atualmente?

**Mira:** É eu falei aí desse plantio aí, nos também temos a parte do leite, tem muitas fazendas com esa parte aí da...como é que dá o nome?

**Equipe:** Do leite? Fugiu também...Agropecuária?

**Mira:** É, deve ser isso mesmo que exporta o leite. Então também tem muito isso também que ajuda aqui, também. Ajuda aqui também. Ajuda de mais, nossa senhora. É, eu acho que essa exportação ajuda demais a população daqui. Mais igualzinho eu falei exporta muito, produz muito e precisa de muita mão de obra. Então ajuda demais.

**Equipe:** Então eu acho que não é agropecuária, não, é laticínio.

**Mira:** Isso, laticínio.

**Equipe:** Agropecuária é quando já é o gado mesmo.

**Mira:** Somente o gado. Também tem a questão do leite que também é muito...aqui na região tem muita produção de laticínios aqui. Inclusive nos tínhamos laticínios mais depois que o dono faleceu que fechou. Nós tínhamos laticínios, nós tínhamos a fábrica de tecidos, tínhamos a olaria. Agora aos poucos nós vamos ver se esse novo prefeito aqui agora... pelo visto ele já está querendo abrir a fábrica de tecido. Então tomara que consiga. A siderúrgica já está indo abrir. Então tá bom, tomara que aos poucos vá crescendo Cordisburgo e dando mais oportunidade pra população, porque senão daqui a pouco não tem mais ninguém em Cordisburgo, não, o povo foi todo pra fora trabalhar. Se você for pra Sete Lagoas você encontra mais gente de Cordisburgo...

**Entrevistador(a):** Rachel

**Entrevistado(a):** Gedeão

**Ocupação do entrevistado(a):** Liderança religiosa.

**Idade:** 31.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Então você é da região de Sete Lagoas, mas como é que é o nome da cidade mesmo?

**Gedeão:** É Inhaúma. Fica mais ou menos a 7 km de Sete Lagoas. Ali mesmo na região.

**Equipe:** E já tem quanto tempo que você tem ido a Cordisburgo no final de semana?

**Gedeão:** Cordisburgo... tem basicamente dois anos e meio que eu trabalho ali na região.

**Equipe:** Sempre nos finais de semana?

**Gedeão:** Sempre nos finais de semana. É assim, aí período de férias, né, que geralmente é junho, julho, dezembro e janeiro, aí a minha permanência já é constante na cidade.

**Equipe:** Nas férias você fica lá?

**Gedeão:** Toda lá. Porque aí a gente aproveita pra fazer os projetos pastorais, os projetos da igreja, né, a gente dá mais ênfase aos trabalhos. E até mesmo para a relação mais próxima com o povo, que só chegando lá...

**Equipe:** É. Eu vi você lá no dia que a gente esteve lá no Museu Guimarães Rosa.

**Gedeão:** Isto, exatamente.

**Equipe:** É, já está entrosado com o povo.

**Gedeão:** Com certeza.

**Equipe:** Antes de trabalhar em Cordisburgo você chegou a trabalhar em outras paróquias de Sete Lagoas?

**Gedeão:** Sim. A Diocese de Sete Lagoas trabalha com uma realidade diferente enquanto nós estamos no período de formação e então você já faz essa experiência de trabalho nas paróquias desde o princípio. Então tem mais ou menos 5 anos que eu estou trabalhando já nas paróquias. Eu trabalhei dentro de Sete Lagoas mesmo, em duas paróquias já e depois fui transferido pra Matosinhos. Nós começamos um trabalho diferente, de fazer trabalhos onde que não tem atendimento constante de padres ou comunidades que são maiores de extensão, né. Trabalhei em Matosinhos, fiquei também um ano e pouco e depois que eu fui transferido lá para a região de Cordisburgo. Eu falo a região porque nós atendemos Cordisburgo, Araçaí, né e tem uma comunidade também já bem desenvolvida que é quase paróquia, e mais 23 comunidades rurais. Por isso que eu falo a região.

**Equipe:** Tudo pertinho, né?

**Gedeão:** Não, bem distante. A extensão é grande. Uma das comunidades mais distante fica a 57 km. A mais próxima fica a 17 km. Estradas de chão... A região ali é muito grande. E a gente faz esse trabalho lá aos finais de semana...

**Equipe:** Então vai ser muito legal pra gente conversar, o fato de você conhecer lá essa região rural.

**Gedeão:** Sim.

**Equipe:** E quê que são esses projetos que vocês desenvolvem lá principalmente durante as férias?

**Gedeão:** É mais levar formação mesmo, né. E colocar o povo diante da realidade da igreja, né. Nós temos os meios de comunicação, TV, rádio que hoje chega até os lares. Hoje facilitou muito.

**Equipe:** Não é mais só na cidade grande, né?

**Gedeão:** Exatamente. Na zona rural tudo já tem, mas aí que tá a situação, sabe. Chega, mas as vezes chega de uma maneira tão superficial e se você não cuidar há um desvio muito grande de entendimento. Então o que a gente faz é a nossa presença, que a gente tenta fazer o máximo de presença junto às comunidades, pra gente tentar junto com eles mostrar o que realmente que eles estão vendo.

**Equipe:** Vai nas escolas, faz o trabalho junto a molecada?

**Gedeão:** Nos procuramos trabalhar desde a catequese da criança até a catequese de idosos. Por exemplo a região de Cordisburgo, se você olhar aquela região da paróquia, nós temos a catequese infantil, catequese dos jovens, tem 3ª idade. Então há um envolvimento geral de todos os níveis de idade, onde que a gente com as nossas limitações, que o tempo também é pouco, e por ser tão grande não dá pra gente fazer um trabalho muito profundo. Mas dá pra você relacionar e dá pra gente transmitir alguma coisa de positivo na vida deles.

**Equipe:** Você falou um negócio que eu não tinha parado pra pensar: a informação chega pela mídia, agora tem determinados lugares que chega informação que a família daquelas crianças não está preparada para conversar. Chega abertamente muita coisa que lá ainda é tabu.

**Gedeão:** Isso aí com certeza. E às vezes a informação chega muito assim de vez no lar das pessoas. É o que eu observei durante esse tempo todo é uma região assim muito sofrida, muito carente. Desde criança já começa a trabalhar, tem criança de 7, 8 anos tudo trabalhando. Então às vezes eles tem um contato até mesmo com a televisão muito pouco, e esse pouco que eles têm chega tarde cansado em casa, então eles, de repente, a TV dá uma informação ali e ele não desenvolve o conhecimento entorno daquela informação. O que ele pegou ali ficou e ali ele mesmo, com o relacionamento no dia-a-dia ali no seu trabalho, na escola, onde for, ele começa a desenvolver de uma maneira muito superficial. É onde que corre o risco, né. Então a gente aos finais de semana, nos nossos encontros, de

uma maneira muito tranqüila a gente tenta mostrar pra eles uma visão diferente daquilo que eles ouviram, o quê que está por trás daquilo que eles viram. Eu mesmo procuro trabalhar muito nessa perspectiva assim de levar até eles informações mais recentes também, né. Claro buscando lá dentro do evangelho tudo que a gente celebra com ele, da liturgia do final de semana, mas trazendo também pro cotidiano deles e mostrando a realidade. Um exemplo muito mais próximo nosso agora é a mudança do Papa, por exemplo. Saiu tantas informações assim, né, de todas as formas, e às vezes as pessoas já chegam assim e fala assim: mas o Papa novo disse assim. Então essa informação já chega assim de princípio e se você não trabalhar eles jogam ela de princípio assim mesmo. Então...

**Equipe:** O que vocês vêm lá... Eu não sei se vocês têm acesso à números, mas o quê que vocês vêm lá que preocupa mais? A questão da droga, de gravidez entre as adolescentes...

**Gedeão:** Infelizmente, de tudo isso tem um pouco. O desemprego é muito grande também, né. A juventude não tem muita opção. Então o que eu percebi muito os jovens saíram, aqui em Belo Horizonte tem muitos jovens de lá, então já relacionam com a cidade grande e acaba então o relacionamento indo pra lá. Aí que entra essa questão da droga, da prostituição. A gente vê, tem muitas mães solteiras, muita gente novo envolvida... O alcoolismo é muito grande dos jovens a partir dos 12 anos de idade. Então está bastante envolvido nesse ponto aí.

**Equipe:** Um tanto de coisa que o próprio desemprego acarreta.

**Gedeão:** Com certeza.

**Equipe:** Pois é... você falou desse negócio do desemprego aí, aí entrou mais ou menos numa das coisas que a gente quer levantar. Como é que você acha que a população de Cordisburgo vê essa questão do desemprego. Aonde que eles vêm a esperança disso, se eles vêm o turismo como um...

**Gedeão:** Diante do que a gente vai ouvindo assim, no relacionamento do dia-a-dia, o turismo seria um dos pontos fundamentais da cidade. Desde quando eu cheguei, que comecei a conhecer, a relacionar com as pessoas que trabalham já no turismo, sempre falam no sentido do turismo, que é muito mal investido e trabalhado na cidade. E tem possibilidade. Por exemplo eles falam assim: a semana inteira nós recebemos turistas aqui de toda a região do Brasil e até do exterior. Aos finais de semana a cidade fica supervisitada, e não temos ambiente nenhum para acolher esse povo. Não tem investimento, não tem estrutura. A gruta lá por exemplo, agora que melhorou um pouquinho, né, parece que ano passado deu um visual diferente, mas se você chegar e procurar algo assim mais prazeroso, vamos assim dizer no campo turístico, de pousadas, gastronomia, vocês não vão encontrar. Então parece que é o ponto referencial da cidade, porém não valorizado. O que dá pra ouvir lá, nesses termos mesmo. Tanto que agora a esperança taí, né? A juventude que está aqui (BH), tem gente formando em Turismo, tem muitos jovens lá que trabalham nesse campo de turismo, pesquisam, aqueles adolescentes mesmo que tão lá, né, os Miguilins – contadores de histórias. Então todos eles têm uma esperança de crescimento. Então você vê que tem uma pequena estrutura. Eles não tem motivação mesmo, não tem o investimento necessário. Eu acredito que...

**Equipe:** Uma orientação...

**Gedeão:** Sim, exato. Agora a grande esperança mesmo deles lá é essa nova administração que entrou, é padre também, né (risos), Padre Maurício, e tava lá já há 7 anos e meio junto a comunidade. É um homem que sempre olhou pro social, sempre esteve ao lado do povo, e ele trabalhava muito mais a questão de prefeitura do que às vezes a própria estrutura da igreja. Coisas que não eram da alçada da igreja ele sempre fazia. Então quando, foi a voz do povo que clamou para que ele estivesse lá agora sendo representante, pela realidade de trabalho, pela dedicação que ele sempre teve ao lado do povo, sendo um do povo, né. O povo hoje tem esperança nele, né. Hoje a cidade já começou a ter uma característica

diferente, a limpeza, eu gosto de citar a limpeza, né a cidade ali, na chegada é muito bonito mas começou a entrar na cidade você já até assusta, né. Estava muito largada. Então ele já deu uma limpeza geral, já ta investindo nessas áreas, em um ambiente mais agradável, e a indústria, ta chegando pra lá uma indústria agora também. Vai ser uma abertura de emprego e....

**Equipe:** É mais fora de cidade, né?

**Gedeão:** Não. É lá dentro mesmo. Ali mesmo no Museu de Pedra, não sei se você conhece...

**Equipe:** E o quê que é? Você sabe?

**Gedeão:** Parece que é uma indústria mesmo, parece que é de carvão, um negócio assim. Não tenho certeza. Parece que vai gerar mais ou menos 1.500 empregos, pelo que eu ouvi. Já abriu inscrição lá. Já está tudo acertado e isso parece que é real mesmo pra cidade. Então aí vai dar uma ênfase muito grande no desenvolvimento, mas assim, nível geral ali, as comunidades rurais ali todas muito sofredoras. O pessoal trabalha é na roça mesmo, a realidade ali é a plantação de abóbora. Ali a região toda é abóbora.

**Equipe:** Mas é mais produtor grande, pequeno...

**Gedeão:** Sim, exatamente. Tem os grandes, tem os pequenos, mas plantam. A realidade principal da região é abóbora. Aí depois tem os outro legumes, essas coisas, né, quiabo, tomate, mas a abóbora é o que sustenta. E ali é interessante, por exemplo, aos finais de semana tem uma comunidade que eu sou responsável mais diretamente por ela, Lagoa Bonita. A Lagoa Bonita é que começa toda a história de Cordisburgo. Inclusive nós temos, a matriz que eu trabalho, que é a matriz Santo Antonio, ela tem mais de 140 anos de construção, e ela que é a matriz mesmo. E a cidade começaria ali. Parece, pela dificuldade daquela linha de trem de ferro que ta em Cordisburgo, ela ia passar lá, só que não teve jeito, parece que os coronéis da época que mandavam, não deixou. Então aquela linha foi mandada pra lá. Aí a Lagoa ficou um pouco pra trás e Cordisburgo desenvolveu. Mas tem lá, é uma parte histórica, se você for também você vai ver que tem algumas características históricas de casas e tudo e a própria igreja mesmo é toda estilo barroco. Então a região toda é muito interessante ali.

**Equipe:** Pois é... Você que conhece bem ali, então me fala uma coisa: se você chegasse lá como turista, ou pra poder apresentar Cordisburgo pra alguém, pra onde você iria? Pra onde você levaria essa pessoa? O que você apresentaria de Cordisburgo pra ela?

**Gedeão:** As pessoas já chegam em Cordisburgo, eu acredito que já tem na mente a gruta de Maquiné e o Museu Guimarães Rosa. São um dos pontos principais da cidade. Tem que se iniciar por aí mesmo. Por essas duas características aí e, aí depois que você vai... Agora um dos pontos onde que eu tô te falando agora que é Lagoa Bonita, seria um dos locais que deveria ser incluído na parte histórica da cidade, porque é lá que começa a história para o desenvolvimento de Cordisburgo. Nós temos hoje aquele santuário de Sagrado Coração, porém a igreja de Santo Antonio, lá da Lagoa Bonita é que é mesmo a matriz oficial da região, né. Então lá também deveria ser incluído. Agora tem os caminhos, né.. Durante a semana Roseana, que acontece lá, você vai pelos caminhos de Guimarães rosa, que toda região ali tem um pouco da história dele.

**Equipe:** Os caminhos de Guimarães Rosa são o que? Trilhinhas?

**Gedeão:** São trilhas, lugares onde ele geralmente pousava. As comunidade rurais onde ele pernoitava, né.

**Equipe:** Existe esse roteiro?

**Gedeão:** Existe o roteiro.

**Equipe:** Mas é muito pouco divulgado, né?

**Gedeão:** Muito pouco. Na semana Roseana tem um dia que eles fazem esse percurso, na trilha, caminhada assim e vai até uma das comunidades que se não me engano é Onça e

Cuba, não fica muito distante dali não. São duas comunidades próximas. É onde que se encerra ali com almoço, onde ele costumava almoçar.

**Equipe:** E a questão, além da gruta, do ecoturismo? É uma região que tem cachoeiras, tem lagos, uma região de paisagem?

**Gedeão:** Sim. As paisagens de lá são muito bonitas e chamativas. Agora a nível de cachoeira, tem uma cachoeira que ali bem pertinho de Cordisburgo, nesse sentido da Onça mesmo, que é o tal do chamado Quiosque. Então é um lugar assim muito agradável. Tem uma cachoeirinha descendo, esse é um dos pontos, e tem as Lages, São José das Lages, uma outra comunidade também que não é uma grande estrutura. Mas tem o Rio do Onça que passa por lá. E tem também próximo, uma outra comunidade chamada Palmito. Um outro ambiente também, assim gostosinho. Mas mais é o córrego do Onça mesmo que vai formando essa paisagem. Eu acho que se você perguntar assim nesse nível mesmo, é o chamado Onça que dá estrutura a toda região ali de Cordisburgo. É muito interessante essa questão de Cordisburgo, porque eu falo assim: eu trabalho em Cordisburgo. Todo mundo pergunta: Onde fica isso? Se eu dissesse gruta de Maquiné aí já é outra história. Todo mundo já sabe.

**Equipe:** Eu fico pensando se isso não gera uma certa resistência da população com relação a gruta.

**Gedeão:** Não. Eu acho que é por falta de infra-estrutura mesmo. É por falta de investimento até hoje, de alguém....

**Equipe:** A própria população de Cordisburgo não tem acesso à gruta, né?

**Gedeão:** É. Eu não sei, eu não posso dizer assim pras pessoas que estavam lá anteriormente, que eu conheci só de nome, e que eu tive relacionamento mais agora, recente; quem era responsável lá pela Secretaria de Turismo. Então, eu fiquei esperando assim que não existia um investimento, um trabalho mais sério, mais dedicado em torno do desenvolvimento ou até mesmo projetos de formação em torno da gruta. Parece que agora, de uns dois anos pra cá que eles começaram mesmo a falar alguma coisa, investir, e que a coisa melhorou um pouquinho. Mas pelo que dá pra entender ali, nunca houve um interesse assim mais afundo de dizer, falar em nome da gruta e fazer uma propaganda mais séria.

**Equipe:** Então você acha que eles estão meio desiludidos com a história da gruta?

**Gedeão:** Com certeza. Hoje por exemplo, Guimarães Rosa já é bem mais conhecido, mais falado porque os Miguilins... há um investimento. Eles viajam por Minas Gerais inteiro aí, levando esse projeto, mostrando...

**Equipe:** E os eventos? Você falou da semana Roseana....

**Gedeão:** É a semana mais rica, que eu acredito, que tem na cidade. Esse ano por exemplo, parece que vai começar na primeira semana de Julho, de 1º a 8, 9 se não me engano. Então acontece a semana inteira, você tendo a oportunidade assim de estar... acontecem muitas palestras, apresentações dos Miguilins, debates, mesas redondas. Tudo em torno da vida de Guimarães Rosa. Aí faz o confronto com a atualidade, com as histórias de Guimarães Rosa. Você viaja em tudo aquilo que Guimarães Rosa viveu, né, projetou, deixou na cidade. Então é... vida, obra de Guimarães Rosa estavam inseridas. E é contada, vivida, por pessoas de lá mesmo. Então a cidade toda se mobiliza em torno dessa semana, desde a igreja, escola, tudo, é lazer... envolve tudo. Então é o dia inteiro. Dia e noite sempre trabalhos em torno da vida dele.

**Equipe:** E é um evento que atrai muito turista?

**Gedeão:** Muito turista. É a semana que é bem visada.

**Equipe:** É como é que fica essa turistaiada numa cidade que falou que não tem estrutura?

**Gedeão:** É aí que entra.

**Equipe:** Ou esse turismo é mais de parentes de pessoas que moram em Cordisburgo?

**Gedeão:** Não, não. Ano passado eu tive a oportunidade de conviver mais de perto, me dediquei mais a participação, e são pessoas até do exterior, que participam disso lá e lá tem três pousadas me parece, três apenas. Muito simples, né, e tenta aconchegar esse pessoal lá, mas não tem infra-estrutura mesmo. E Sete Lagoas também é muito próximo, né, aí já tem uma estrutura bem legal pra acolhe-los. Tem ali a Pousada de Maquiné, então podem também usufruir dali, mas é isso aí... É uma coisa que poderia ser na cidade, falta interesse mesmo.

**Equipe:** E fora essa semana o que mais que....

**Gedeão:** Aí tem depois, vem forte agora a festa do Sagrado Coração, do Santuário, que é agora em Junho também. A cidade fica bem em torno dessa festa. Depois vem a festa do Rosário, em setembro, é outra festa também muito dinâmica. A religiosidade popular da região toda é muito forte. Igual a festa do Rosário. Muito forte, muito tradicional, vai turista de tudo quanto é lugar também. Das Minas Gerais aqui, gente de todo lado você vê ali. Não somente em Cordisburgo, mas nós temos mais umas quatro comunidades que celebram essa mesma festa. Todas elas a mesma coisa. Três dias de festa muito movimentada pra cidade. Tantas regiões ali. Depois vem outras festas, que é festa de Cavalo, coisa deles mesmo, que trabalham lá. Então fica mais é nisso aí. Então é a festa do Padroeiro, Sagrado Coração, essa do Rosário, a festa do Cavalo, e a festa da Abóbora que é uma festa tradicional de lá. Ela não tava acontecendo dentro de Cordisburgo, mas me parece que esse ano ela volta pra dentro Cordisburgo, deve acontecer em setembro. É uma festa também que movimenta bastante, que tem desfile, tudo apresentação, os produtos feitos da abóbora mesmo, em exposição. Ano passado aconteceu numa das comunidades rurais, mas ela é tradicional de Cordisburgo.

**Equipe:** Nesse meio tempo que você trabalha em Cordisburgo, você chegou a presenciar alguma mudança maior na cidade, ou tem percebido a população reclamando?

**Gedeão:** Quase tudo que o povo lá vive, eu vivo junto. Eu sou muito popular, muito carismático, e procuro estar onde que o povo tá eu tô ali no meio. Até no carnaval eu participo também junto com eles, na maior tranquilidade e percebi desde o primeiro carnaval que passei lá há dois anos atrás, foi bem mais investido do que esse agora. É um carnaval bom, carnaval assim bem do povo mesmo, é onde que você sente muito à gosto, mas assim... faltou, parece que está faltando investimento, faltando interesse. Esse ano já não foi mais o mesmo. Também o prefeito, a primeira vez que ele tava assumindo, ele tentou fazer alguma coisa, pra não deixar sem nada. O carnaval lá, pelo que eu ouvi, sempre foi muito forte. Não só em Cordisburgo, mas a gente avaliava assim, as regiões aí de cidades menores, região de Sete Lagoas, no carnaval é muito bem participado. Parece que o pessoal tá buscando mais as comunidades menores do que cidade grande. E Cordisburgo pelo que me falaram há um tempo atrás era muito bem vivido, bem participado, com turistas de fora. Hoje você não vê isso mais. Hoje a coisa é bem mais reduzida, não tem tanto turista que vai no carnaval lá. Agora o que eu percebo que participam mesmo essa gente de todo lugar, dando assim os exemplos, a festa do Rosário lá, eu tenho oportunidade de conversar com pessoas de Brasília, Paraná, Belo Horizonte, de tantas outras localidades assim. É impressionante. Não sei se são pessoas que tem histórias, parece que são famílias deles, que moravam, que foram embora, e que em toda festa estão presente. A festa do Rosário atrai muita gente.

**Equipe:** E você sente que essas pessoas sentem falta dessa estrutura?

**Gedeão:** Sentem, sem dúvida. Pelo que a gente conversa assim, sempre naquela perspectiva, né, poderia ser melhor. Eu participava disso aqui há um tempo atrás e era dessa forma. Talvez hoje deveria ter um investimento de tal maneira pra coisa sair dessa rotina, dessa coisa assim... Mas o povo reclama muito, porque está perdendo mesmo o valor. Eu vejo que perdeu muito o valor mesmo, do carnaval, de outras festas, a festa do

cavalo.. o que eu tô te dizendo, a festa da abóbora que é característica da cidade e que se perdeu. Então há uma reclamação muito grande. E esse momento seria o momento também de dar oportunidade pra própria cidade, comércio da cidade girar. A experiência foi agora na festa do Cavalo que teve lá mesmo em Cordisburgo, que acontece sempre nas regionais. Foi uma festa muito boa, muito bem organizada, o pessoal aplaudiu de pé, né. Então por aí a gente vê que tá faltando alguma coisa. Tá faltando investimento.

**Equipe:** O que você acha que a cidade vai demandar do projeto? O que você acha que precisa?

**Gedeão:** Acho que precisa de uma desde uma base principal até uma construção bem dinâmica que atenda... porque na verdade há uma sede muito grande lá de oportunidade. Exemplo: Esses jovens que estão aqui fazendo turismo, eles voltam pra Cordisburgo. O que eles vão fazer?

**Equipe:** Há uma vontade muito grande de mudar essa realidade lá?

**Gedeão:** Exato. Quer dizer, se chega alguém com a proposta, nós temos uma proposta pra vocês de criar algo que vai dar oportunidade de você tá colocando aquilo que você buscou na faculdade... Então aí vai despertar um interesse muito grande, porque já tem pessoas lá assim nessa expectativa, a espera de oportunidade e outras pessoas que estão saindo e vindo pra cá também pra buscar essa realidade. Então pode ter certeza que qualquer oferta que for colocada vai ser muito bem aceita porque há essa esperança e Cordisburgo precisa porque Guimarães Rosa, gruta de Maquiné tem toda uma história muito forte, muito interessante na vida de tantas e tantas pessoas hoje tá inserido aí nas Universidades, Guimarães Rosa, todo mundo fala, todo mundo quer conhecer obras, então precisa de uma estrutura lá pra atender isso. Agora eu não sei, mas a gente vê lá. Por exemplo, você tem uma base, na verdade já tem uma base. O que precisa é trabalhar essa base. Eu acho que é estruturar melhor, investir melhor. Lá tem todas as pessoas preparas pra trabalhar em cima disso aí, de um desenvolvimento maior.

**Equipe:** Você acha que eles dão valor a Cordisburgo?

**Gedeão:** Dão pela necessidade. Pela necessidade que tem. Por exemplo: aqueles adolescentes que estão lá, Miguilins, Eles contam a história de Guimarães Rosa. Aí você pergunta assim: será que é por gostar, por prazer, ou porque acharam a facilidade de contar, e porque precisam, não têm outro meio de sobrevivência. O museu em si, se você for olhar é mais... pelo que eu converso com o pessoal que eu tenho relacionamento, é um meio também de sobrevivência que tem. Então aqui a gente precisa mesmo definir isso aí, tá fazendo aquilo porque tem o prazer mesmo na coisa ou vê uma segunda intenção atrás. Mas existe grupos muito grandes lá, em todos esses sentidos. Tanto na gruta, como no museu, outras pessoas que tem lá os seus grupos, e valorização de Guimarães Rosa. Então, tá lá, essas bases aí plantadas. Agora é o que tem lá na cidade.

**Equipe:** E como você vê a relação, se é que existe alguma, entre esses diversos setores que seriam setores de turismo? A relação entre o pessoal da gruta, do museu, dessas pousadas, com o projeto Miguilim...

**Gedeão:** Assim... sinceramente. Eu acho que é muito individualista ainda. Por exemplo: se você vai de Sete Lagoas a Cordisburgo, num domingo, você sai... vou passear em Cordisburgo. Você chega em Cordisburgo, se você parar no ônibus em Cordisburgo, que você foi, você não consegue chegar na gruta, porque não tem locomoção de Cordisburgo à Gruta. Não é tão longe, mas de pé se torna difícil pra você ir. Então assim, não foi criada ainda uma estrutura entre eles ali. Por exemplo: A gruta com o museu, com a prefeitura, Secretaria de Turismo. Então todo mundo ali, um grupo na cidade pequena tem essa facilidade de você sempre tá junto, sempre tá batendo de frente, são pessoas que às vezes tá lá na gruta mas que tem algo também a ver ali... Informalmente com certeza tem. Porque acaba que se relaciona com todo mundo. Sempre há uma oportunidade de você discutir

algo. Acho que essa discussão ela se faz presente pelo menos de vez em quando, e nos diversos setores. Só não há um consenso e um acordo comum a qual voltassem todos pra pensar objetivamente o que poderia fazer pra melhorar a situação. Mais informalmente mesmo esses grupos. Eu acredito que diretamente não tem esse diálogo. Não tem esse trabalho. Por esse tempo todo que a gente vê, eu vejo lá, o museu é o museu, a gruta é a gruta, né a prefeitura... Mas sempre você vê que as pessoas tão ali interligadas também.

**Equipe:** Então se você está na pousada, a pousada não incentiva a sua ida ao museu, a pousada não...

**Gedeão:** Não. Não porque a pousada é mais é pessoal mesmo. Então não há esse interesse. As pousadas que tem lá não tem esse... a pessoa mesmo que procura a pousada lá pela sua necessidade. Agora a pousada não tem nenhuma ligação direta com o museu, com a ... Se você perguntar é claro que eles vão te informar, tenho certeza disso. Mas não tem aquela assim... Para pra você e te motivar a participar de tal coisa. Agora esse convite, ele é feito muito abertamente por quase todos na cidade. Por exemplo: se eu chego lá esse final de semana, ou amanhã por exemplo, eu chego... o que vai acontecer na cidade, rapidamente eu fico sabendo. Então você assim, o por acaso é que te leva a participar. Mas se você esperar informação de lá do meio, não tem. Agora ali você tem outro grupo, você deve ter percebido quando você chega, tem os guias turísticos que ficam ali na chegada de Cordisburgo.

**Equipe:** O ônibus para, dá uma orientação, né?

**Gedeão:** Exatamente. Mas eles mesmos são muito pouco valorizados. Aquela turminha ali. Eles mesmos, conversando assim com eles, eles sentem desvalorizados, não tem investimento pra eles, então eles também ficam ali porque tem essa necessidade.

**Equipe:** Parece até que tem um projeto agora dessa nova gestão, pra ver se ficha esses meninos, porque parece que eles não têm renda fixa...

**Gedeão:** Não tem não. Eu acredito que tá aí, sabe. Cordisburgo é uma cidade muito agradável, em relacionamento. É um povo muito acolhedor. Se você chegar você pode ter certeza que você tá tranquilo na cidade. O povo faz de tudo para que você se sinta bem., só não tem mesmo essa estrutura pra você estar lá por mais tempo... não tem essa estrutura mesmo.

**Equipe:** Costuma acontecer nos eventos das pessoas saírem de casa para alugarem um quarto, você tem conhecimento disso? Isso é comum lá?

**Gedeão:** Não acontece muito porque não tem muitas casas nesse sentido. Algumas pessoas que possuem alguns imóveis assim que acaba abrindo, mas lá não tem essa realidade assim não. Porque essas festas... a cidade toda se envolve. Então não tem como.

**Equipe:** Região de Camping tem lá?

**Gedeão:** Não, muito pouco. Mas são essas três pousadas que tem lá que a gente vê mais procura.

**Equipe:** O pessoal tem muito costume de ir à Cordisburgo e voltar, né?

**Gedeão:** Tem. Eu acredito que foi muito por essa realidade, de chegar e não encontrar um ambiente favorável. Aí já vão assim.. não com expectativa de ficar, permanecer por muito tempo. Quem vai pra ficar é porque tem família, amigos. Lá na casa paroquial mesmo sempre nas festas tem alguém que vai daqui, vai pra lá, fica lá com a gente. E tem casa de amigos, então pelo povo ser acolhedor desse tipo, acaba acolhendo em casa mesmo. Você vê muita gente de fora em todas as festas, aí você vê tá mais hospedado na casa de amigos, de parentes, de família que tem lá, né. Mas eu acho que Cordisburgo necessita mesmo é de uma reestruturação, de uma organização melhor e talvez pra investir no momento certo, nas coisas certas. E é o que eu tô percebendo que tá acontecendo lá agora é isso. Os investimentos estão sendo muito bem pensados, nos lugares certos, com as pessoas certas e a esperança que a gente no rosto do povo lá é que as coisas caminham pra melhorar.

**Entrevistador(a):** Adriana  
**Entrevistado(a):** Ladislau  
**Ocupação do entrevistado(a):** Comerciante.  
**Idade:** 53.  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** O senhor nasceu aonde?

**Ladislau:** Nasci em Cordisburgo, no meio rural.

**Equipe:** O que lembra de Cordisburgo em sua infância e juventude?

**Ladislau:** Cordisburgo não mudou muito o que mais mudou é a gente mesmo, quando criança pescava no corgo, o lazer que a gente tinha era isso mesmo, tomava banho nos corgos, hoje não nada mais, não porque os corgos estão poluídos, estão quase do mesmo jeito, a gente é que não tem mais hora e oportunidade de fazer.

Naquela época tinha um alto forno de ferro gusa e uma cerâmica funcionando no centro da cidade que poluía pra caramba ou seja a poluição que a gente tinha na época era até maior do que tem hoje; hoje não tem absolutamente nada para poluir, agora no campo turístico houve uma certa mudança no comportamento, melhorou um pouco porque as pessoas estão tomando consciência que o turismo hoje é viável, mas ainda está muito acanhado, até porque a estrutura da cidade não permite muito.

O tipo de turismo que é feito aqui é o turismo de passagem só, não temos uma estrutura, um hotel forte para que o turista possa vir e ficar por mais tempo, vem visita a gruta, o ciclo de visita é um dia mesmo, uma outra coisa que acho que está tomando um pouco neste aspecto é o turismo cultural, tenho levado muita fé nele, porque as pessoas estão descobrindo Guimarães Rosa ao longo do tempo e depois que foi criado os Contadores de História Miguilim, tem dado um suporte muito bom para a obra dele, acho até que os detentores dos direitos autorais dele tem ficado melhor, porque esses meninos vão para o país inteiro principalmente São Paulo. Tem o pessoal da USP, que tem freqüentado muito aqui e estão criando o circuito Guimarães Rosa, participam muito, minha filha inclusive está indo para o Rio de Janeiro agora junto com outros meninos para contar história, então isso tem ajudado muito as pessoas a tomar consciência, porque antes as pessoas tinham até uma resistência a Guimarães Rosa, porque ele era tido como um escritor de pouco entendimento, o segundo aspecto é porque ele era um cara que enquanto escritor não freqüentava a cidade, mas ele não tinha como freqüentar, ele morou sempre fora do Brasil e não era tão simples assim a vida dele, hoje isso está quebrando por causa dos meninos, ele é difícil até certo ponto, mas a medida que você vai descobrindo, é tanta coisa que a gente se identifica com ele, a gente vivência no dia a dia que não é tão complexo assim, então isso tem atraído tanta gente, hoje tem a Semana Roseana que o pessoal vem a semana inteira e isso não existia na minha infância.

**Equipe:** Você tem alguma ideia de há quanto tempo vem acontecendo está transformação?

**Ladislau:** Olha esta transformação que veio com o grupo dos Contadores de História, tem mais ou menos uns 12 anos que o grupo foi formado e o grupo foi a divisa de água, isso aí é com certeza, porque antes do grupo não tinha esta participação, inclusive até nas escolas os professores também não tinham interesse pelo turismo, hoje realmente mudou um pouco, então eu acho que isso vai atraindo, a quantidade de matéria vinculada na mídia e o tanto que Cordisburgo foi divulgada por causa do grupo. Eu acho que isso colocou Cordisburgo na mídia de uma forma que é difícil você pegar o jornal e não ver uma matéria, todo dia você está sendo citado, no Jornal do Brasil, Correio Brasiliense, isso divulga muito a cidade.

**Equipe:** Qual a sensação que você tem em relação a esta divulgação da cidade?

**Ladislau:** Eu acho que a divulgação é boa pois sempre fui apaixonado pela obra de Guimarães Rosa, tanto que minha loja chama SAGARANA não é por acaso não, minha loja tem mais de trinta anos, então desde aquela época eu já insistia, já batia na tecla que Cordisburgo precisava resgatar isso e as vezes eu acho até que nós é que estamos tendo lucro a medida que trabalha com a obra dele, resgata a obra dele e a cidade como um todo se beneficia, então eu sei que a gente ganha muito mais que ele. Ele já não tem mais necessidade de projeção, já está mais que projetado.

**Equipe:** O que você me diz dos pontos turísticos da cidade? E quais são estes pontos?

**Ladislau:** Estão mal explorados, em primeiro a gruta e além da gruta tem mais umas dez outras grutas na região, embora eu não saiba da viabilidade de exploração destas grutas, porque o IBAMA é muito exigente em relação a preservação da flora e da fauna. Cordisburgo é muito pequena e é muito complexo eu sei a viabilidade, que é complicado e muito caro.

A própria gruta precisa ter uma reciclagem dos próprios guias, são funcionários muito antigos e toda profissão precisa está reciclando todo o dia, então eu acho que o órgão Maquinetur precisa trabalhar mais com eles e colocar a população mais dentro do contexto, também hoje por exemplo já tem um trabalho sendo feito no campo do artesanato que é muito bom.

O artesanato é muito rico, tem muita coisa que poderia ser melhor explorado, muita coisa interessante e que as pessoas ficam esquecidas, ficam isoladas, eu acho que deveria ter um chamamento para este setor, a outra coisa interessante aqui é a questão da área rural que possui cachoeiras bonitas, tem uma topografia que favorece bastante o esporte de trilhas como o ciclismo, moto que poderia ser trabalhado em cima disso, hotéis fazendas e pousadas rurais que eu acho que isso é preciso trabalhar com o produtor rural, o homem do campo, pois ele não tem informação a respeito disso, uma assistência, precisa de alguém para direcionar, até porque eu acho que se acontecer uma primeira ou segunda vez e que de repente começar a ter um bom resultado, os outros vão, é uma coisa que acontece naturalmente.

**Equipe:** Você acha que de alguma forma o trabalhadores rurais desejam este investimento?

**Ladislau:** Eu não posso responder por eles até porque eu não tenho contato assim, acredito quem é que não quer, a gente já sabe que aluguel de sítio é viável, mas sozinho a pessoa não vai, se não tiver uma orientação prévia, é muito complicado.

O outro é o turismo cultural, se tiver um departamento de cultura da prefeitura, porque nós não temos esta pessoa, tem o Brasinha que faz um trabalho muito bonito, mas é voluntário e hoje é muito complicado largar sua atividade profissional para poder dar atenção, dando assessoria. Estão fazendo circuito Guimarães Rosa e estão colocando neste circuito a cidade de Araçá, Curvelo, Lassance, Corinto, André de Serra e Três Marias.

**Equipe:** Você sabe qual é a ideia principal desse projeto?

**Ladislau:** Com profundidade eu não sei, sei superficialmente, são cidades onde Guimarães Rosa de alguma forma participou, Araçá onde ele fez o conto....., Araçá esta dentro da obra, Curvelo é porque ele tinha citações de lá, ele achava a cidade muito culta, a visão que ele tinha, Lassance porque é onde começa e termina Grande Sertão Veredas, cada uma tem uma razão de ser, parece até que a Petrobrás está dando um apoio financeiro, é um trabalho até muito bonito, o Brasinha te coloca direitinho a parte, inclusive ele faz parte do projeto junto com o pessoal da USP. Já estão pegando os pontos geográficos, eu acho que tudo isso alavanca e Cordisburgo será o eixo, agora a obra de Guimarães Rosa é muito interessante que a medida que a gente vai vivenciando, vai percebendo que ela não foi feita para ser lida silenciosamente, mas para ser lida em voz alta é uma contação de história mesmo, tanto que quando você lê, a gente as vezes passa batido e quando os meninos contam a história, aí você diz eu li, mas não vi tudo isso, quando os meninos contam a gente vê a beleza que é, era preciso que houvesse um cenário para essa contação de história, tem o museu, o jardim, mas não tem um teatro onde possa reunir mais

peças, já que vocês estão gravando, seria bom que vocês fossem ao museu e pegassem um dos meninos para fazer uma narrativa, é muito bonito eu não sei se é porque a gente gosta, eu sou até suspeito para falar da beleza do grupo, assim como da gruta, e isso tudo só não está sendo melhor trabalhado por falta de recurso mesmo, a prefeitura não dispõe de recursos e ainda não apareceu nenhum empresário para poder trabalhar isso de forma independente, a gente fica na expectativa que em um hora alguma aconteça.

**Equipe:** Teve algum acontecimento marcante em Cordisburgo?

**Ladislau:** A Semana Roseana como um todo é um acontecimento, porque todo ano ela tem surpreendido, as pessoas que vêm sempre voltam e trazem mais alguém, eu acho que isso é um acontecimento. O acontecimento principal que houve mesmo assim que é a pedra fundamental de tudo isso, foi a criação do museu, foi um acontecimento para um grupo restrito e a maioria da cidade não tinha noção da importância daquele dia, houve a divulgação do evento, foi uma festa, inclusive trouxeram um batalhão da polícia militar para a proteção do pessoal, foi um acontecimento.

**Equipe:** Como as pessoas da cidade vêm esta Semana Roseana? Qual o envolvimento das pessoas da cidade e do meio rural?

**Ladislau:** Sinceramente tem uma divisão, inclusive se você pedir recursos da Câmara Municipal, você não vai obter esta aceitação, muitos acham que aquilo não justifica é um dinheiro jogado fora, a festa de cultura em uma cidade pobre é muito complicado, de repente eles preferem gastar dinheiro em uma festa de cavalos, essa coisa de cultura onde o pessoal passa fome, eles acham que estão jogando dinheiro fora. Mas a cada ano a gente vê que a festa está melhor, não é na quantidade de pessoas que ela trás, mas na qualidade que se apresenta na semana, os seminários que são feitos, as oficinas literárias, eu vejo mais interesse, isso porque os meninos do grupo Contador de Histórias, são catalisadores, são formadores de opinião, eles vão levando os pais, hoje o grupo conta com mais de 50 meninos, assim já tem vários deles fazendo faculdade, formando e outros começando pequenininhos, este aspecto é muito bom, eu particularmente vibro com isso, mas não é o que a maioria das pessoas pensam, a minha opinião é essa, acho que vai ser bom para a cidade.

**Equipe:** O que você acha o que pode ser feito para melhorar o turismo na cidade?

**Ladislau:** Está para acontecer uma coisa interessante aqui é que eles vão montar um auto forno já estão até trabalhando nele, então a arrecadação da cidade melhora, a partir daí eu acredito que a prefeitura pode destinar dinheiro para este segmento, a própria cidade, o aspecto físico da cidade hoje está bem decadente, as ruas estão mal cuidadas, se você não tem dinheiro, não tem como fazer isso e a gente ouve muito as pessoas chegarem de fora e falar assim, o prefeito não preocupa com o turismo, ele tinha que cuidar melhor dessa cidade, limpeza, etc.

Mas isso também não se faz sem dinheiro, ninguém faz isso gratuitamente, não tem como, se você for a Poço de Caldas você vai ver como a cidade é bem elaborada, porque eles têm um parque industrial muito forte e obviamente a cidade tem uma cara bonita, a cidade é limpa, os jardins muito bem cuidados, dá para você fazer uma parceria, as vezes as pessoas dizem assim eu não gostaria que tivesse indústria não, vai poluir, mas se você projeta um parque industrial separado, que não cause danos ao meio ambiente, eu acho que dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Não adianta a gente ficar fantasiando um turismo bonito sem agressividade nenhuma de a gentes poluentes nem nada, mas sem dinheiro você não vai fazer isso, então você tem que dar uma cara bonita para a cidade, tem que fazer a cabeça das pessoas. Tem cidades aí que estão tendo dificuldade porque o turismo veio de uma forma muito brusca, Tiradentes mesmo tem sérios problemas, estão tendo impacto, gente instalando hotel em áreas de preservação ambiental, promovendo o desmatamento onde não é para ser feito, até na própria arquitetura parece que se encontra

uma torre de celular próxima de um monumento da cidade, são coisas assim que perde o encanto.

Ali em baixo na linha férrea é um conjunto arquitetônico complicado, hoje por exemplo eles tem uma proposta para fazer uma Casa de Cultura e a Câmara Municipal naquele pedaço, mas é cheio de restrição, vão fazer um prédio que vai quebrar a hegemonia do lugar, tem que elaborar um projeto piloto e trabalhar em cima daquilo ali e tudo isso sem dinheiro não se faz, então a gente fica com uma certa ansiedade para ver as coisas acontecerem, mas isso não vai ser assim tão rápido é preciso ter um pouco de paciência, é um acontecimento natural. Todas as cidades que fazem parte da grande BH, hoje já têm problemas de BH, elas perderam seu aspecto de cidade do interior, já tem problemas cosmopolitas.

É complexo isso a gente fica com ansiedade de ver as coisas acontecerem, mas também não é bom que elas aconteçam com muita rapidez, a gente tem que ir assimilando cada processo de mudança gradativamente, não adianta você chegar e implantar. Há pouco tempo eu estava lendo uma reportagem sobre Barão de Cocais, parece que a Gerdau vai fazer uma ampliação violenta lá e está todo mundo preocupado com a transformação que a cidade vai ter, vai chegar um montão de operários por todo o lado, então quebra toda a estrutura da cidade, é o mesmo caso da gente, quer que as coisas aconteçam mas ao mesmo tempo também eu não gostaria que fosse uma coisa devastadora, acho que as coisas têm que vir gradativamente.

**Equipe:** Você participa de alguma atividade comunitária?

**Ladislau:** Eu já participei mais, mas acontece que as coisas são um pouco complexas até porque minha mulher participa muito, e aí não tem como os dois mergulharem de cabeça, a gente tem que cuidar dos projetos pessoais também, eu acabei me retraindo um pouco, ela leva lá pra casa, ela era coordenadora do museu e o levava lá para casa todo o dia, ela participa do Grupo Miguilim e leva tudo, então você tem que ter um pouco de restrição, porque se não é complicado.

Antes do projeto funcionar mesmo você tem uma ideia sua, depois quando chega alguém e te mostra que a coisa não é bem daquele jeito, você muda de opinião e entra no bloco e colabora e faz, você não tem nunca que pensar que um projeto não é viável, todo projeto é viável, mas ele tem que ter uma base e depois o amadurecimento, potencial eu acho que Cordisburgo tem, até porque esta visão de turismo esta sendo muito mudada, hoje o ecoturismo está sendo uma coisa nova.

Você acha que a questão do IBAMA ser muito rígido é porque o turismo pode acontecer sem destruir a cidade e não ficar desenfreado? O turismo tem ser sustentável, não adianta nada você chegar e degradar o ambiente todo, o que tinha de beleza e você vai transformar aquilo, é o caso da gruta que tem uma porção de estalactites quebradas, as pessoas que iam lá e levavam um pedaço para mostrar que estiveram na gruta, então essas outras que não são exploradas, o IBAMA não deixam visitar, eles não deixam mesmo, você tem que está com uma licença prévia para entrar lá, para não degradar o local.

As plantas são um outro negócio complicado, orquídea e bromélia, o pessoal quer levar mesmo.

**Equipe:** Esta região é rica neste tipo de planta?

**Ladislau:** Tem, orquídea tem bastante, bromélia tem muito mesmo, é uma planta resistente, você pode levar e vender e faz parte do eco sistema, e se você tira, você está destruindo tudo mesmo, tem que ter toda uma cultura nesta direção, a gente sabe que se abrir mesmo, aí detona.

**Equipe:** Você vê esta possibilidade do turismo crescer?

**Ladislau:** Tem cada lugar mais lindo mas de acesso difícil longe dos grandes centros, Cordisburgo não é que tenha essa maravilha toda, a gente tem a consciência que não é nada disso, mas é porque é muito próximo de Belo Horizonte, tem um relativo potencial,

então é fácil. Você vê a Serra do Cipó é maravilhosa mas é um pouco mais longe, o Norte de Minas tem tanto lugar espetacular, mas é um pouco mais longe e aqui você pode fazer um turismo rápido, um final de semana, um feriadão, eu vejo um potencial em cima deste detalhe aí, a localização é importante. Sete Lagoas é uma cidade que está desenvolvendo muito também, tem a gruta Rei do Mato que é aberta a visitação, está na BR mesmo, você pode fazer o circuito das grutas como por exemplo desce em Confins vai na Gruta da Lapinha em Lagoa Santa, na Gruta de Maquiné aqui em Cordisburgo e a Gruta do Rei do Mato em Sete Lagoas que são abertas a visitação, sem contar que Matozinhos e Pedro Leopoldo também tem, então que é estudioso que gosta, tem vários tipos de turistas, os europeus, mas no plano financeiro não deixa muito dinheiro, eles vem visitam e vão embora. É necessário um investimento melhor na cidade. E pra gente poder tirar resultado disso, o museu é muito visitado, até que ultimamente ele caiu um pouquinho, ele é mais visitado que o museu mineiro em Belo Horizonte, se você for pegar os registros, eu não tenho dados atuais, mas quando a Lúcia estava na coordenação, parece que foram 12.000 turistas no ano, é um percentual bom para um museu, porque o brasileiro não gosta de visitar museu, é um turismo cultural, mas eu acho que é viável, tanto que o número de livraria no Brasil tem aumentado, as pessoas estão lendo mais, as pessoas estão começando a tomar consciência, o próprio número de faculdades no país aumentou, esta situação que o governo criou de bolsas, o Pró-Uni, muita gente que não tinha acesso, hoje está estudando.

Há trinta anos atrás a gente tinha um perfil de divisão de população do país totalmente inversa a que tem hoje, 70% da população morando no campo e 30% urbana, hoje já passou de 80% na cidade, e as cidades não estão preparadas para tudo isso, você vê a formação da favela, a violência, a falta de estrutura da cidade, o trânsito caótico.

Eu morei em Belo Horizonte em 70 e 71 estava fazendo o científico, e desisti de ficar, eu ouvia meus professores falando do êxodo rural e me dava uma certa aversão, eu apostei no interior mesmo e fiquei aqui, a gente está vendo que não houve um trabalho de distribuição de renda e nem de terra no país, hoje a gente vê o MST, é um movimento social em consequência de um trabalho que não foi feito, não é que eu estou a favor e nem contra não é muito complexo e isso demanda um dia de discussão para falar ou para você mostrar porque você tem esta ideia formada, acho que é um trabalho que não foi feito, as faculdades é o que eu te falei, a Federal é pra quem tem dinheiro, na faculdade privada você entra e forma um turma, meu menino está fazendo Direito na Unifenas, a turma dele tem mais de 80 alunos, quando formar chega a 30 alunos, ao longo do caminho vão desistindo, é complicado, não dão conta, uns tem que trabalhar durante o dia e estudar a noite a jornada fica pesada, o dinheiro não dá.

É cedo para fazer julgamentos, mas eu acho que o país está com a cara diferente, a gente tem sentido um pouco mais de otimismo nas pessoas, não sei se é impressão minha, já tem um tempo que saímos daquela ditadura cruel, então nós estamos reaprendendo o país, a votar, a avaliar, quando votamos para presidente a primeira vez, a gente nem sabia, estávamos tão eufóricos e achando que aquilo era um conto das fadas e não é bem assim não, é um processo de aprendizagem e hoje tem a uma eletrônica que inibe a corrupção eleitoral, a responsabilidade fiscal, tem uma série de coisas que vão contribuir para que se use bem o dinheiro público, o prefeito era um ditadorzinho que hoje não é bem assim, hoje é finalizado, o resgate das pequenas cidades estão acontecendo, porque muitas cidades pequenas acabaram, não tinham mais vida própria, não tinham nada, indústria, escola, um delegado, um juiz, um banco, um hospital, hoje está começando a acontecer uma inversão disso, tem até os médicos, as cidades pequenas tem uma assistência médica melhor do que tinham.

O conceito de qualidade de vida mudou, aquele morador da cidade grande está meio frustrado, decepcionado, você não tem aquela liberdade de sair de casa, tem que ficar

trancado em casa, sem a liberdade de ir e vir onde você está morando, e isso a gente tem no interior, há mais vínculos com os vizinhos, embora as pessoas pensem que possam ser individualistas, mas ninguém consegue ser feliz sozinho, você tem que estar em comunidade

**Entrevistador(a):** Éser

**Entrevistado(a):** João Porém

**Ocupação do entrevistado(a):** Comerciante e produtor rural.

**Idade:** 44.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Entrevista com Geraldo Carlos Xavier dia 21/05/2005. Bom senhor Geraldo eu queria que o senhor me contasse primeiro, o senhor é produtor rural aqui em Cordisburgo. Como o senhor veio para aqui nessa região?

**João Porém:** Bom eu trabalho no comércio, eu sempre tive vontade de trabalhar no campo e depois de muita procura eu entrei nesse terreno aqui e gostei e a uns 6-7 anos atrás eu vi para cá.

**Equipe:** E qual foi a primeira impressão que o senhor teve da comunidade, da cidade de Cordisburgo?

**João Porém:** Aparentemente o que me chamou a atenção mesmo foi a localização e as terras, eu logo percebi que era terra fértil e nem preocupeei ainda com ser uma área de preservação ambiental, de ter a Gruta de Maquiné, mas foi um lugar que realmente me agradou à primeira vista.

**Equipe:** E em relação, por exemplo, o senhor tem relação com a comunidade, com o povo de Cordisburgo?

**João Porém:** Tenho, eu criei um círculo de amizade muito bom e tudo que eu procuro investir dentro da minha propriedade eu procuro comprar aqui na praça, em Cordisburgo, dar preferência para o comércio daqui. Eu também tenho mão de obra daqui, então geralmente eu procuro dar preferência para a comunidade de Cordisburgo.

**Equipe:** Então como é a sua percepção, sua opinião sobre o povo e a comunidade de Cordisburgo?

**João Porém:** O povo de Cordisburgo para mim sempre foi um povo muito receptivo, tem aqui a história de Guimarães Rosa e Gruta de Maquiné, então isso também favorece muito de você entrosar com o pessoal da região, conversa com um conversa com outro e tem a própria atividade rural.

**Equipe:** E através da atividade rural o senhor foi entrosando com as pessoas.

**João Porém:** Vou me relacionando com as pessoas, me interagindo com as pessoas.

**Equipe:** O senhor é membro da cooperativa?

**João Porém:** Não, eu sou um fornecedor da cooperativa, eu forneço leite para a cooperativa, do qual ela é responsável pela coleta do leite daqui da região que nós entregamos para a Itambé.

**Equipe:** Pois é, mas então a cooperativa não deixa de ser um local do senhor encontrar as pessoas.

**João Porém:** Com certeza

**Equipe:** Então nesses 5-6 anos que o senhor está aqui tem algum evento que foi marcante aqui na relação com a cidade, com o pessoal da cidade nesse período?

**João Porém:** Há algumas festividades aqui, como a de igreja, tem a festa da abóbora que é muito famosa mas o que me chamou mais a atenção aqui realmente em relação a Guimarães Rosa, tem uma semana aqui que é dedicada a ele, você vai no restaurante da

Gruta, tem alguns contadores de caso que foi uma coisa que me marcou muito na primeira vez que eu vim, basicamente o que mais me marcou foi isso.

**Equipe:** e sua família participa também dessas coisas aí/

**João Porém:** Geralmente eu venho com minha família, minha mulher, meus filhos, minha mãe, hoje eu estou com minha sogra e meus cunhados. Então geralmente a gente se encontra aqui.

**Equipe:** Durante esse período de 6 anos o senhor acha que houve alguma mudança significativa aqui na cidade, alguma coisa que tenha marcado?

**João Porém:** Não eu acho que até pelo potencial que tem Cordisburgo, eu acho que deveria ter mais divulgação, mais hotéis, para divulgar mais a cidade.

**Equipe:** Pois é, esta coisa que eu gostaria de entender melhor que o senhor está assim, porque pelo potencial que tem? Que potencial o senhor vê na cidade?

**João Porém:** O potencial maior que eu vejo é a Gruta de Maquiné, por tratar de um patrimônio da humanidade, você encontra aqui com diversas pessoas do país, do estrangeiro, carro da América do Sul que tem aqui, e o próprio Guimarães Rosa. Aqui você encontra sempre muito poeta e poetisa que estão sempre declamando, sempre falando muito. Então eu acho que é pouco divulgado, deveria ser mais divulgado.

**Equipe:** O senhor acha que falta mais divulgação?

**João Porém:** Mais divulgação e estrutura hoteleira, uma coisa nesse sentido para as pessoas vim e ficar aqui.

**Equipe:** O senhor acha que a estrutura que tem na cidade é inadequada?

**João Porém:** É insuficiente.

**Equipe:** Tem alguma outra ideia que o senhor teria para o desenvolvimento para o turismo nesses dois polos para a casa Guimarães Rosa e a Gruta/

**João Porém:** No meu lado assim, aqui por exemplo, você vê que é um lugar muito, vocês que não está presente mais estarão, vê que é muito mato, muito lugar para fazer trilha, deixar o estresse de lado, e é um lugar que as pessoas são muito receptivas, elas gostam disso. Mas o que me atrai mais é realmente a Gruta e Guimarães Rosa e ser uma região de produtor de leite, e de corte, então é uma coisa que me atraiu muito, eu gosto muito desse meio.

**Equipe:** Para o produtor rural o senhor acha que a cidade fornece uma estrutura adequada?

**João Porém:** No modo geral fornece, eu acho que por ter a Itambé aqui e as vezes até outras empresas que já coletou leite aqui, ela fornece.

**Equipe:** O senhor vê alguma outra atração, o senhor citou a Gruta citou a casa Guimarães Rosa e o senhor começou a falar sobre trilha essa coisa de um turismo ecológico.

**João Porém:** Na verdade eu até pensei na possibilidade de criar um hotel fazenda, mas demandaria um investimento maior. De um pesque e pague, neste sentido. Eu acho que as pessoas vem aqui e vão embora muito rápido, por não ter essa estrutura que estou te falando.

**Equipe:** O senhor acha que se tivesse incentivo nesse sentido de criar isso, os proprietários, o pessoal entraria nesse lugar?

**João Porém:** Entraria, não tenho dúvida. Porque além de ter a beleza natural, aqui por exemplo,

Minha fazenda tem uma nascente ali que a água vem da Gruta é pequena, mas uma coisa que para as pessoas que estão na cidade geralmente não veem isso, e tem outras fazendas aqui na região que tem também. E se a pessoa tiver tempo mais largo eu acho que teria condições de conhecer melhor a região porque um dia para conhecer uma região do tamanho do município de Cordisburgo é muito pouco tempo.

**Equipe:** Pois é, me parece que o senhor gosta mesmo aqui da região, da cidade.

**João Porém:** Gosto.

**Equipe:** sobre a cidade em si, aquela comunidade, o senhor teria alguma sugestão, para a cidade para a zona urbana?

**João Porém:** É muito difícil falar sobre essa situação porque a gente na verdade tem muita vontade que a região, que é um lugar que eu frequento muito, tem vontade de ver as coisas melhorando, mas aí se for entrar na situação política da coisa é complicado, porque você vê que hoje quem é o prefeito aqui é um padre e eu acho que é uma pessoa que tem boas intenções, mas flata às vezes recurso necessário para desenvolver a cidade da forma que ela merece. Então eu acho que não tenho como sugerir. Porque você não pode sugerir se não tem recurso, você precisa ter recurso para fazer alguma melhoria.

**Equipe:** Mas pessoalmente o senhor é uma pessoa que tem muito carinho pela região?

**João Porém:** Eu me integrei muito bem com a região eu vim de fora e pouco tempo eu criei muita amizade e gosto realmente daqui.

**Equipe:** E sua família também?

**João Porém:** a minha família se adaptou muito bem igual você falou, o negócio da Gruta. Ali todo lugar, lá realmente todo mundo me conhece e onde a gente passa quer perpetuar a boa amizade.

**Equipe:** Bom basicamente é isso, tem algum caso, alguma coisa sobre a cidade que tenha acontecido com o senhor que acha que seria interessante registrar. Para a gente conhecer um pouco mais da história do senhor aqui na cidade?

**João Porém:** O que aconteceu aqui na região quando eu vim para cá minha propriedade era muito pequena e hoje ela aumentou um pouco e eu falei na minha vontade de tirar 500 litros de leite e na região aqui por as pessoas não ter acesso a tecnologia essas coisas “A que isso ele não consegue não.” Eu eu cheguei a 1000 litros de leite. Então eu tive uma grata satisfação com eles e hoje eu brinco assim: “Agora eu tiro 2000 litros”. “Ah se você falou eu acredito”. Eu acho que o que me marcou foi isso.

**Equipe:** Interessante, então o senhor acha que mesmo no meio rural podia ser mais desenvolvido?

**João Porém:** A zona rural está mudando, está evoluindo muito porque o país está acordando, vê que o agronegócio é um negócio de futuro. Não só no Brasil como no mundo. Então agora elas não estão vendo mais o produtor rural como caipira, agora estão vendo mais como homem de negócio, e ele está tomando o espaço gradativamente mas está. E as cidade já estão superlotadas.

**Equipe:** Mas assim como o senhor teve esse recurso, que consegue ter uma boa produção, o senhor acha que outros fazendeiros aqui também já estão assim ou de um modo geral os fazendeiros da cidade estão parados?

**João Porém:** Eu acho que alguns tem, e o maior problemas de toda mudança é a resistência, eu não fui criado na roça, eu aprendi a gostar da roça e o cara vem de família, “meu pai fazia assim, meu pai fazia aquilo” e na verdade todo mundo muda e você tem que procurar evoluir mesmo porque as informações vem muito rápido e de graça. Hoje vem técnico aqui para me orientar e sem custo nenhum e com isso você vai melhorando seu rebanho, sua condição, a condição do empregado, quando você investe, você melhora a situação do empregado.

**Equipe:** Essa informação é interessante que você está passando para a gente porque a gente tem entrevistado diversos setores da sociedade aqui e a gente fica tentando entender qual que é o projeto para futuro da cidade, das pessoas e quando você fala dos fazendeiros dos produtores rurais, poderiam ser mais beneficiados se estivessem mais abertos a mudança. Isso pe um dado muito importante para que m está estudando a cidade.

**João Porém:** Com certeza.

**Equipe:** Talvez até criar mais esses espaços onde os fazendeiros pudessem se informar mais.

**João Porém:** Existe espaço para eles nós temos comunicado de palestra, só que igual estou te falando a mudança que é difícil e aqui não é toda informação que chega a gente procura pelo menos testar e realmente algumas coisas a gente melhora, nós já participamos de torneio leiteiro, ficamos em 1º lugar e a gente está sempre aberto, para procurar o melhor.

**Equipe:** É isso. Mais alguma informação que o senhor acha que a gente deveria saber em relação a cidade a vida das pessoas?

**João Porém:** Basicamente é isso, a vontade de fazer as coisas, de crescer e de viver bem.

**Equipe:** Isso é bom. Então temos que dar nossa contribuição para isso.

**Entrevistador(a):** Adriana

**Entrevistado(a):** Balduino

**Ocupação do entrevistado(a):** Produtor rural.

**Idade:** 46.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é natural de Cordisburgo?

**Balduino:** Sou natural de Cordisburgo.

**Equipe:** E você além do seu trabalho aqui, você participa de alguma outra atividade em Cordisburgo, que seja voluntária?

**Balduino:** Atividade profissional ou alguma coisa assim?

**Equipe:** Se você quiser pode falar de sua atividade profissional, se você participa de algum outro tipo de atividade?

**Balduino:** Há certo, não, no lado profissional, atividade produtor rural e tenho outros negócios aqui na cidade certo, agora participar de alguma outra coisa não, não participo não. E como era Cordisburgo na sua juventude e infância? Bom Cordisburgo era diferente, era mais movimentada, mais freqüentada por pessoas de outras cidade que vinham nas épocas de férias, o turismo também era mais, como é que fala tinha um volume maior de visitantes, então talvez assim a gente possa entender este lado do pessoal que freqüentava Cordisburgo, era diferente porque a gente via que as festas em Cordisburgo eram muito boas, requintadas, uma sociedade mais lapidada certo, existia assim um nível muito bom de frequência de acordo com o ambiente que a gente freqüentava, eu lembro do nosso clube, era uma exigência boa até significativa, até diria assim para que pudesse participar de lá, o lado econômico parece que era bem melhor quando a gente volta no tempo aí e lembra quando no meu tempo de juventude, tinha três bancos na cidade, hoje nós só contamos com dois, era um comércio mais ativo, era diferente.

**Equipe:** E você é capaz de citar algum evento marcante, alguma coisa marcante não só da sua juventude mas de hoje, da atualidade em Cordisburgo?

**Balduino:** Um evento marcante na minha juventude foi quando começou a acontecer aqui por exemplo a festa da abóbora, moranga híbrida, era uma festa inteiramente voltada para os produtores, é uma festa que parece que depois dos últimos acontecimentos continuou sendo uma festa boa mas em que o produtor tinha uma participação, ele foi perdendo o espaço dele dentro desta festa, esta festa é até quando aconteceu foi um evento marcante, mas naquele tempo acho que era assim mais significativa para a classe que deu origem a esta festa, e eventos por exemplo tinha movimentos religiosos, a Semana Santa era muito bonita, tinha um espaço reservado para os teatros, tudo com relação a Semana Santa, voltado para a religião eram feitos aqueles teatros com grupos de jovens que participavam daquilo ali, era assim perdeu isso aqui hoje, também é uma coisa que não acontece mais, no momento eu não me lembro de outra coisa não.

**Equipe:** Atualmente tem algum evento marcante que você acha que seja importante na cidade?

**Baldualdo:** Bom acho que tudo que acontece de bom é importante, então a gente tem alguma coisa como nosso sindicato, dão cursos isso é bom, a gente participa de algumas reuniões, outro dia nós participamos da do IMA que foi falando sobre a necessidade da vacinação da saúde animal que em consequência disso é a saúde humana, somos consumidores, mas assim tem acontecido muito pouca coisa de eventos significativos, muitos pouco. O que você acha que Cordisburgo tem de atrativo? Eu acho que Cordisburgo tem a gruta de Maquiné, O Museu Casa de Guimarães Rosa e tem um potencial que pode ser explorado, eu acho que a Gruta de Maquiné e Guimarães Rosa são coisas que precisam ser exploradas, porque isso aí representa uma indústria sem matéria prima, tem a matéria prima, está de graça aí para ser explorada e acho que pode ser explorada em uma coisa que está em evidência que é o turismo cultural, tem um potencial muito grande o turismo cultural.

**Equipe:** Você tem alguma ideia de como isso pode ser explorado? Uma sugestão?

**Baldualdo:** Olha Guimarães Rosa tem que ser mais divulgado, eu acho que tem que acontecer uma vontade política, para poder divulgar, investir nisso aí, na contratação de pessoas competentes, para poder fazer este trabalho e que este cargo de pessoas competentes deixe de ser um cargo político, uma negociação política, para que venha deslançar. O turismo Rural eu acho que é uma questão de organização quando se fala em organização para nós produtores não é muito fácil não, e esta organização teria que começar por um grupo de pessoas que unissem para poder dar início a isso, a gente conhece fazendas aqui com cachoeiras, psiculturas e eu acho que isso poderia agregar valores, como por exemplo, um passeio de charrete, tem leite ao pé da vaca, tem um doce, uma comida mineira, tem um pesque e pague, a hospedagem destas pessoas dentro destas propriedades, então eu vejo assim uma infinidade de coisas que podem acontecer, falta alguém que se interesse por isso. Falta investimento? Principalmente investimento e que tem que ter alguém para gerenciar isso aí, que convença que tem o potencial para dar início neste direcionamento.

Você conhece os pontos turísticos da cidade?

**Equipe:** Conheço. Na cidade são poucos, nós temos aqui que eu já falei antes do Museu Casa **Baldualdo:** de Guimarães Rosa, a Gruta de Maquiné, temos o receptivo, tem um outro que eu poderia falar, assim eu não sei como isso chega para o turista que é o Zoológico de Pedra, as vezes a gente ouve, uns concordam outros criticam, eu não sei se, bom mas não deixa de ser, é visitado, conheço o que eu já te disse agora não é mais na cidade é no meio rural.

**Equipe:** A cidade que eu estou falando inclui também a área rural.

Conheço sim, eu te falei cachoeiras e isso agrega um passeio de canoa, uma pescaria, fazendas antigas que isso desperta a curiosidade, tem muita gente que gosta, passeio a cavalo nestas fazendas como eu falei antes de agregar valores, conheço tem muita coisa que pode ser explorada e conta com a vantagem de estar muito próxima dos grandes centros como Belo Horizonte, Sete Lagoas que já é uma cidade de porte muito grande hoje e muitas outras cidades que nós temos aqui ao redor, a gente conhece regiões, eu conheço lugares com potencial bem menor que aqui, que é muito freqüentada.

**Equipe:** Qual destes pontos turísticos é mais interessante, ou para você são todos interessantes, como você avalia isso?

**Baldualdo:** Eu acho que o mais interessante é Guimarães Rosa, porque é mundialmente conhecido. Até você dizer “Guimarães Rosa um ponto turístico”, não sei como você pode interpretar isso aí. Digo: as coisas que são voltadas para Guimarães Rosa, porque nós temos os Miguilins, é um projeto muito interessante, e que a pessoa que lidera ou liderava este movimento, ela já encontra, assim, no período de acomodação, mas enquanto a C...

esteve ou está na presidência, a gente sabe que foi um trabalho muito bem feito de conscientização que surtiu efeito. A gente vê que alguns deles, contadores de histórias, já foram convidados para um evento em Brasília, com o Presidente da República da época, Fernando Henrique Cardoso, com o ex governador de Minas também, Itamar Franco. E isso acontece muito na nossa cidade. E lá atrás, no início, você perguntou a respeito de um evento, tem um que a memória me traiu aqui, mas eu acho que lembrei em tempo que é a Semana Roseana, é uma festa de cultura, vem pessoas, apesar de eu não participar, a curiosidade da gente faz com que a gente receba algumas informações, como por exemplo que vem pessoas da Universidade de Campinas, Vem da UFMG, vem do Morro da Garça que parece ser um lugar que tem investimento muito neste lado aí, neste tipo de explorar acontecimentos como esta festa Roseana, eu não sei o que eles fazem, mas sei que estão sempre presentes, o pessoal de lá da escola, este eu acho que é o grande evento de Cordisburgo na atualidade.

**Equipe:** Você tem alguma ideia porque não há tanta participação da cidade neste evento?

**Baldualdo:** Eu acho que falta um trabalho de longo prazo, quando eu estudava, eu acho que as escolas em Cordisburgo já deveriam estar nos preparando, nos dando informações sobre Guimarães Rosa, sobre a gruta, então quando a gente viaja, em qualquer parte do Brasil que a gente chega, perguntam de onde você é? Sou de Cordisburgo. Cordisburgo aonde que fica, nunca ouvi falar. Guimarães Rosa, Gruta do Maquiné, há conheço, já ouvi falar sim, então quando é uma pessoa que não conhece Guimarães Rosa, Gruta do Maquiné, a gente vira e fala assim, você lembra do Grande Sertão Veredas do seriado, aí a maioria das pessoas acabam descobrindo Cordisburgo, eu por exemplo conheço uma pessoa que já esteve na Grécia, no Egito e em outros países daquela região, então quando ele chegava as pessoas mais cultas viravam para ele e falavam você é conterrâneo de Guimarães Rosa, então isso aí tem que ter alguma coisa para acontecer em Cordisburgo em relação a Guimarães Rosa, eu acho que este trabalho deve começar nas escolas, a gente conhecer mais sobre Cordisburgo. Quando é uma pessoa culta que conhece o mundo e perguntam pra gente sobre Guimarães Rosa, a gente sabe muito pouco para responder. Eu tenho minha opinião, mas meu nível cultural deixa bem a desejar. Em uma viagem que a gente estava fazendo par Caldas Novas, fiquei conhecendo uma família e este pessoal vivia na Alemanha, então quando eles ficaram sabendo que eu e minha família de onde a gente era, eles se aproximaram querendo saber mais de Cordisburgo e sobre Guimarães Rosa, até pediram quando fosse acontecer esta festa da Semana Roseana, voltada para Guimarães Rosa ou totalmente voltada, eles falaram que fizesse um contato com eles e deram telefone para ligar, que eles queriam vir para conhecer melhor, e quando eles viviam na Alemanha, eles falavam assim que Guimarães Rosa é uma pessoa, o nome de Guimarães Rosa é muito falado e respeitado na Alemanha. Ele viveu um tempo na Alemanha e deixou uma marca, isso acho que para o ego da gente faz bem. Eu acho que nunca é tarde para conhecer as obras de um grande escritor. Nunca é tarde, eu por exemplo que já tenho filhos na escola, qualquer coisa, qualquer informação que eles recebam lá, já começam passar para a gente, a gente que acompanha os estudos deles, isso começa a despertar a gente mais a conhecer melhor e este pessoal que eu fiquei conhecendo eles sabem muito mais de Guimarães Rosa do que eu que sou daqui e poderia estar mais bem informado, por isso eu acho que teria que começar na escola.

**Equipe:** E como você avalia estes pontos turísticos aqui da cidade?

**Baldualdo:** Eu acho que isso depende do que agrada as vezes a mim, pode não agradar você e a outras pessoas. A minha visão é que todos eles precisam ser melhorados e ser bem explorados, e porque eu acho que tem muita coisa a ser feita, tem muito mais a fazer do que já foi feito e eu acho que se eu fosse dar uma nota agora não daria uma nota boa não. Eu acho que o mais importante você pode perceber que é Guimarães Rosa, mas o mais

bonito para gente ver seria a gruta, então eu vejo assim o mais interessante é Guimarães Rosa e o mais bonito é a gruta, a beleza de Guimarães Rosa seria mais abstrata e a gruta mais concreta, é concreta, eu acho assim o espaço externo da gruta é muito bonito, muito bem cuidado, já foi mais bonito, já foi mais bem cuidado também.

**Equipe:** Você tem alguma ideia do que pode ser feito para melhorar o turismo aqui na cidade? Você tem alguma sugestão?

**Baldualdo:** Tenho como já disse antes com relação a contratar pessoas que sejam do ramo, marqueteiros, apesar de ser um investimento muito alto, mas acho que tem que investir, contratar pessoas que tenham condições de levar o nome de Cordisburgo para fora, despertar o interesse das pessoas para visitarem Cordisburgo, fazer um trabalho dentro da cidade de arborização, de limpeza, de tirar coisas feias das ruas, que a gente olha o que é feio e o que não é feio, então eu acho que tem que acontecer isso aí, principalmente se tratando de nós cordisburguense, a gente costuma dizer o seguinte na rua principal ali, então ali teria que ser o cartão postal de Cordisburgo, um deles e havendo do um melhoramento aí as coisas vão fluindo com um hotel de bom nível, as coisas vão acontecendo naturalmente se houver investimento no meu entendimento isso aí seria a base deste melhoramento.

**Equipe:** Tem alguma outra coisa que você queira colocar sobre a cidade que eu não perguntei?

**Baldualdo:** Eu não lembro assim de nada que você não tenha colocado, com relação ao turismo aquilo que eu vejo, acho que você conseguiu pegar os principais pontos que eu entendo que podem ser prioridades.

**Equipe:** OK. Obrigada.

**Entrevistador(a):** Adriana

**Entrevistado(a):** Duarte Dias

**Ocupação do entrevistado(a):** Guia de turismo e motorista.

**Idade:** 22.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é natural daqui de Cordisburgo?

**Duarte Dias:** Sou de Cordisburgo.

**Equipe:** Você já morou em outra cidade ou sempre morou aqui?

**Duarte Dias:** Não, eu estudo em outra cidade, mas sempre morei aqui.

**Equipe:** Você lembra assim, os seus pais nasceram aqui?

**Duarte Dias:** Todos os dois são de origem daqui, se conheceram aqui, meu pai nasceu na zona rural, depois quando ele estava mais jovem ele veio para cidade, minha mãe já é daqui da cidade mesmo, nasceu, se conheceram aqui e casaram aqui mesmo, nunca saíram, bem enraizados aqui mesmo.

**Equipe:** Você participa de algum movimento ou atividade voluntária aqui na cidade?

**Duarte Dias:** Participo, participo hoje de, tem a associação que a cidade faz parte, Associação do Circuito Turístico Guimarães Rosa, eu participo da Associação Folclórica de Cordisburgo, as vezes que eu participo.

**Equipe:** Como funciona assim?

**Duarte Dias:** A Associação Folclórica ela reúne nas manifestações, principalmente grupo de Folia de Reis, está em fase de implementação, não está totalmente formada, as atividades já acontecem só que está organizando, mas já faz parte algum tempo, esta mobilização do pessoal, organização para formatar a associação isso tudo já faz parte, mais ainda está em fase de implementação a associação, mas já tem um ano e meio.

**Equipe:** São quantos componentes assim?

**Duarte Dias:** São vários, cada grupo de Folia de Reis tem seus membros e todos eles são sócios, dá mais de 60 membros, muitas pessoas.

**Equipe:** O outro é?

**Duarte Dias:** A Associação do Circuito Turístico Guimarães Rosa, aí são as cidades, eu faço parte como vice-presidente da Associação pela cidade de Cordisburgo que eu sou membro, mas tem outras pessoas aqui que são membros, a própria presidente da fundação Maquinétur ela faz parte, tem Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, aí tem tesoureiro, aqui tem o pessoal do Conselho Fiscal da cidade que também faz parte, que cada cidade ela tem a parte da associação, a Associação dos Municípios. Como era Cordisburgo na sua infância, como que era, o que você lembra assim? O aspecto da arquitetura do desenho da cidade modificou pouca coisa, aquela vida, essa vida bem tranqüila sempre teve, algumas coisas foram feitas, uma praça, mudou a praça, criou a praça Zoológico de Pedra Peter Lund, melhoraram potras praças, algumas construções assim que fizeram que é normal de acontecer, pela própria mudança vai tendo, mais o aspecto cultural assim é claro que as atividades que eles desempenharam é diferente do que agora, o ambiente assim pra mim não teve muita alteração não.

**Equipe:** Você é capaz de citar um evento ou acontecimento que marcou na sua experiência em Cordisburgo?

**Duarte Dias:** Há tem vários eventos, é assim você fala, eu quero ver em que sentido marcante?

**Equipe:** O que você achou que a cidade fez de diferente que modificou sua vida, que marcou você de algum jeito, que você achou interessante, nesse sentido?

**Duarte Dias:** Já teve vários eventos de palestras para conscientizar a gente, claro que você aprende muita coisa.

**Equipe:** Conscientizar de que assim?

**Duarte Dias:** Desde a infância quando eu estava no próprio colégio aqui, é palestra sobre educação, cidadania, educação sexual, essa coisa toda sempre teve aqui, depois teve eventos como a Semana Roseana, muito interesse também que pega muito esta parte jovem de certa maneira tem um interesse por este lado da leitura e da literatura, principalmente conhecer essa cidade, teve a mobilização para fazer o receptivo turístico da cidade, tem vários guias, condutores locais, um trabalho em cima, embora eu não sou condutor nenhum, mas na época da mobilização eu estava no meio, vários eventos acontecem, tem eventos na cidade que acontecem até hoje, neste sentido de marcante.

**Equipe:** Então você acredita assim que a população é bem instruída quanto aos pontos turísticos, como você acha que isso, você falou que teve palestras nas escolas?

**Duarte Dias:** O próprio Centro Universitário Newton Paiva tem uma parceria, um convênio, parece que foi dois anos aqui, teve muito trabalho que foi feito, porém a população não está totalmente mobilizado não, ainda falta, tem uma linguagem mais comum ainda, não tem esta linguagem comum na cidade não, principalmente em trem de postura é esse lado de turistificar a cidade, manter a cidade limpa, essas coisas, ainda falta muita coisa, mas já é um começo e tanto, porque várias pessoas que você conversa hoje, já tem a mobilização do centro de artesanato que o pessoal já sabe onde estão os pontos turísticos, já sabe dá informação, mas se você chegar para qualquer um na cidade e perguntar o cidadão, muitos não sabem o que está acontecendo neste projeto, não sabem, ainda falta uma divulgação mais geral, envolver maciçamente a cidade, isso não acontece não, a gente presencia que não acontece.

**Equipe:** Você acha que todo mundo conhece a gruta?

**Duarte Dias:** Muita gente na cidade não conhece, muita gente não conhece o próprio produto.

**Equipe:** Você acha que isso se dá por que, tem algum motivo em especial?

**Duarte Dias:** Por esta falta de planejamento constante não tem, as vezes só tem projeto específico temporário, acabou aquele projeto, morre aquele assunto e fica, não dá constância ao processo.

**Equipe:** Se você contar os atrativos de Cordisburgo, o que você acha que Cordisburgo tem de atrativo?

**Duarte Dias:** Atrativo tem vários, atrativos é o que mais tem, o termo potencial principalmente tanto natural, histórico cultural, arquitetônico em si tem também de uso tradicionais, manifestações, todos são atrativos também, está dentro disso aí da parte cultural, mas tem uma infinidade agora em termos de atrativo que está estruturado com serviço para receber um turismo aí são poucos, tem uma Gruta de Maquiné que já tem uma certa estrutura já a alguns anos, mas muitos só tem como atrativo, ainda não está estruturado como produto para ser vendido e visitado.

**Equipe:** Você acha que a gruta não tem estrutura?

**Duarte Dias:** Não a gruta tem estrutura estou falando dos demais, tem muito atrativo, vários atrativos.

**Equipe:** Você conhece os pontos turísticos da cidade?

**Duarte Dias:** Conheço.

**Equipe:** Todos eles?

**Duarte Dias:** Pelo menos os que são mais visitados, eu conheço tem o Zoológico de Pedra Peter Lund, a Gruta de Maquiné, o Museu Casa Guimarães Rosa, nós temos a Igrejinha de São José a Igreja Matriz, tem a história, tem o city-tour que faz todo o redor ali, agora vários outros pontos tem, tem outras grutas, tem lagoas, cachoeiras, trilhas, serra, montanha, paredão para fazer rapel, isto tudo você tem, basta ser trabalhado, mas os pontos turísticos visitados, que é a rotina do turismo na cidade é esse aí o museu, o zoológico de pedra, a gruta, igreja de São José, igreja Matriz, tem o centro de artesanato, dentro do museu tem a contação de história também.

**Equipe:** Como você avalia estes pontos turísticos?

**Duarte Dias:** Você fala em que sentido, de qualidade?

**Equipe:** O que você acha deles?

**Duarte Dias:** Acho de importância para a sociedade para a economia.

**Equipe:** Você acha que são pontos turísticos viáveis?

**Duarte Dias:** Viáveis são. Agora não sei se está seguindo essa viabilidade, o trabalho para ter essa viabilidade, agora a gruta em si é um diferencial, a natureza em si é um diferencial, você não acha uma gruta igual a esta, o museu, a história ela também é um diferencial, toda história tem um processo que cria aquela história, tem a prática toda que desencadeou o próprio atrativo em si, tem a igreja também tem sua história, tudo eu acho que precisa ter uma viabilização que são viáveis potencialmente, tem que ter um trabalho para manter esta viabilização.

**Equipe:** Você acha que tem que ter um trabalho para?

**Duarte Dias:** Manter a viabilização, projetos tanto de pesquisas, tanto de gestão, gerência mesmo, precisa ser mais bem administrado.

**Equipe:** Destes pontos turísticos que você citou, qual deles você acha mais interessante?

**Duarte Dias:** Para cidade?

**Equipe:** Para você.

**Duarte Dias:** Eu ficaria até com dois atualmente a Gruta de Maquiné e o Museu Casa Guimarães Rosa, o museu principalmente, porque tem uma filosofia que pega só os jovens, pessoas na fase infanto-juvenil. Nesta faixa começa a contação de histórias, tinha 52 membros do grupo Contadores de História Miguilim. Você pode ver que a maioria deste pessoal todo que você pegar o histórico dos primeiros, todos hoje já estão formados, na área

da medicina, com curso superior. Tem a filosofia muito bonita: a pessoa vai começar a contar história para atravessar uma adolescência tranqüila em Cordisburgo e depois buscar um curso de nível superior, aprimorar pessoalmente.

**Equipe:** Você acha que é uma filosofia?

**Duarte Dias:** É a filosofia que adota o museu Guimarães Rosa através deste grupo contador de história e nisto todos eles ganham economicamente eles tem o seu valor, eles trabalham e já começam a ajudar mais pessoas a movimentar a economia, o turismo em si ele traz dinheiro para cidade então o dinheiro que vem de fora insere aqui, estas pessoas recebem e ainda gastam mais na cidade e começa ter essa postura mais cidadã, mais conscientizada, não aquelas pessoas desnorteadas sem saber o que fazer, sem perspectivas o que gera mazelas. A gruta do Maquiné também é uma importância imensa se você olhar o quanto de emprego que ela gera aqui, direto e indireto se você olhar todos os restaurantes tem pessoas que trabalham todos os dias, os guias aqui, só a gruta a fundação em si são 16 membros, 16 funcionários, todos eles recebem pra cidade de tamanho pequeno é uma relevância muito grande com certeza.

**Equipe:** Você tem sugestões para melhorar o turismo de Cordisburgo?

**Duarte Dias:** Tenho.

**Equipe:** Qual seria?

**Duarte Dias:** Nos níveis decisórios tanto da iniciativa privada e principalmente a iniciativa pública colocar um requisito para ocupar o cargo, a pessoa ter no mínimo um nível técnico na área administrativa.

**Equipe:** Que cargo?

**Duarte Dias:** Tanto de uma secretária, como de uma gerência em si de um atrativo, a pessoa tem que ter pelo menos um nível técnico administrativo, administração em geral e tem uma boa noção do que seja o turismo que as vezes pega uma pessoa de forma amadora e coloca ela que não está totalmente preparada e isso realmente eu concordo que a mudança começa de cima para baixo e sempre você tem uma hierarquia por mais que seja menor a empresa ela sempre tem uma hierarquia, ela tem que começar de cima para baixo gradativamente, concretizando, capacitando, treinando para ir mudando, aí as ações em busca de um turismo mais duradouro.

**Equipe:** Então você acha que seria uma forma de...

**Duarte Dias:** Profissionalizar estes cargos primeiramente, os cargos decisórios.

**Equipe:** Ok.

**Entrevistador(a):** Éser

**Entrevistado(a):** Nhoé

**Ocupação do entrevistado(a):** Liderança política e religiosa.

**Idade:** 49.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** A gente queria primeiro que o senhor contasse um pouco como o senhor veio parar nesta cidade, como é a história do senhor nesta cidade?

**Nhoé:** Estava em Cachoeira da Prata onde trabalhava anteriormente e Cordisburgo em nível religioso passava por alguns transtornos e o padre que estava aqui pediu para sair e ele então solicitou minha vinda para cá e isto ocorreu em 01/01/1997.

**Equipe:** E aí como é que o senhor sentiu a comunidade quando o senhor chegou e como sente ela hoje?

**Nhoé:** Claro, todo lugar que você chega só pelo fato de ser novo, isso de certa forma, causa alguns transtornos. Quem que é, de onde veio e porque? E a partir do momento que você vai

solidificando essa relação inter-pessoal, obviamente as pessoas vão se conhecendo, vão se dando a conhecer e com o passar do tempo essa percepção fica mais nítida e com isso o relacionamento, também aprofunda sempre cada vez. Eu também sempre gostei muito de trabalhar essas relações humanas, psicologia, psicanálise a área da psicologia e sempre encarei experiência religiosa como uma experiência inter-pessoal. Então eu não consigo compreender a fé senão nessa correlação e isso de certa forma ajudou muito para que houvesse uma afinidade muito grande com a comunidade de tal maneira que após esses 6 anos de convivência um com os demais e não me coloquei diferente de ninguém da mesma forma, da mesma maneira, nem melhor, nem pior e com isso a gente se igualou e isso fez a gente ser mais humano e de certa forma conquistar essa receptividade. Hoje em relação ao anterior, na verdade eu nunca tive muita dificuldade para lidar com as pessoas porque essas coisas acontecem a partir do momento que você vai criando vínculos. E eu nunca achei que as pessoas são ruins, acho que todo mundo, todas as pessoas são boas e tem lá seus desafios e a partir do momento que você se coloca com a relação as pessoas de forma ativa, eu acho que as coisas não são tão difíceis. Então o antes e o depois, mesmo em questão de tempo não teve muita novidade.

**Equipe:** E esses laços foram criado exatamente como. Porque o padre pode ficar só na missa rezando ou pode também ter outros envolvimento com a comunidade. Como é que foi isso?

**Nhoé:** Pois é, a partir da própria concepção teológica e cristológica, quando você se refere a pessoas de Jesus, você vê-lo sempre na correlação, sempre com as pessoas e sobretudo fazendo as pessoas renascerem de seus medos, serem elas mesmas, resgatando a auto-estima, valorizando a pessoa. E eu acho que isso aconteceu muito desta forma, porque o padre ou qualquer pessoa que tenha contato com o público na dimensão religiosa deve estar atento a prática de Jesus e a prática dele, ele nos insere no mundo, na relação com as pessoas, em diversos lugares, diversas circunstâncias, não pode ter medo de arriscar, de estar junto, e isso para mim sempre foi muito importante e é por isso que eu não fui um padre de sacristia. Um padre de estar sempre convivendo com as pessoas.

**Equipe:** Nessa história teve algum evento, algum acontecimento que foi mais marcante nesse envolvimento com a comunidade?

**Nhoé:** Muitos, sobre tudo as pessoas doentes, questão por exemplo, sociais, eram difíceis. Eu participei muito dessa questão da saúde, questão da fome, da miséria, então, quantas vezes eu já passei a noite em hospital, na fila do INPS aguardando vaga para a pessoa marcar sua perícia. Quantas pessoas morreram com a gente perto. Então os mais marcantes foram os dessas pessoas que morreram lá com a gente.

**Equipe:** Pessoas daqui da comunidade?

**Nhoé:** Pessoas daqui não foram poucas uma experiência de 10 pessoas que compartilhei muito essa experiência e isso foi muito importante e marcante para mim.

**Equipe:** Viu a dor?

**Nhoé:** Sim e ao mesmo tempo também é a incapacidade, quero dizer o drama existencial de você querer ter as pessoas perto de você mas de repente ter que abrir mão disso. Saber que as pessoas não se pertencem, elas pertencem ao mundo a Deus e num determinado momento você tem que estar exatamente desapegado e eu senti que nem sempre as pessoas estão preparadas para isso. Eu acho que esses momentos foram os mais marcantes pelo fato de você estar percebendo esta situação tendo consciência dela e ao mesmo tempo as pessoas estão ali ao seu redor querendo não acreditar que isso fosse verdade. Então ao mesmo tempo que encanta, de você saber que a vida em esses desafios, mas de outro lado você vê também as dificuldades, as angústias aquela sensação de estar perdendo tudo.

**Equipe:** Como que o senhor caracterizaria a cidade, a vida da cidade aqui, a vida do povo?

**Nhoé:** O povo de Cordisburgo é um povo muito bom, tem uma preocupação muito grande com o aspecto intelectual de estar estudando, buscando essa formação, ao mesmo tempo é um povo que nunca teve muita oportunidade, foi tendo consciência disso e ao longo da história se a comunidade fosse mais ativa, mais participativa, talvez Cordisburgo estivesse hoje numa situação no cenário mineiro pelo que ela tem, como Gruta de Maquiné, Guimarães Rosa o cenário seria bem melhor. Até essa questão de uma política assistencialista paternalista deixando as pessoas sempre dependentes elas não conseguiram caminhar muito, e com isso eu creio que algumas pessoas aproveitaram da situação e Cordisburgo poderia estar bem melhor.

**Equipe:** E o senhor acha que tem havido uma mudança nessa mentalidade na comunidade?

**Nhoé:** Tem, nos últimos 6 anos essa percepção foi muito nítida. Porque percebemos que nas eleições anteriores o pessoal se mobilizou. Já houve uma mudança de conceito, de valores, e essa agora foi a mais significativa pois fizemos uma política sem dinheiro. O pessoal que se organizou, discutiu as questões e assumiu a campanha. Então eu acho que no cenário político que vivemos hoje, você fazer uma campanha com poucos recursos e vencê-la significa que a comunidade amadureceu. Eu acho que a 10-15 anos atrás isso era quase impossível.

**Equipe:** O senhor citou a Gruta de Maquiné e o Museu Guimarães Rosa, o senhor acha que além dessas a cidade tem outros atrativos turísticos para as pessoas que vem de fora?

**Nhoé:** A cidade em termos de infra-estrutura, ela tem pouco a oferecer. Então claro que tem o ecoturismo também que poderia estar aproveitando melhor a nossa cidade, as comunidades rurais. Mas no momento o que oferecemos ao turista além da Gruta de Maquiné e Guimarães Rosa é uma situação bastante frágil, não tem ainda muito consistência.

**Equipe:** Em relação a esses dois pontos o que o senhor acha que há para ser feito, tanto em um quanto no outro?

**Nhoé:** Olha, a gente tem que estar pensando o turismo de Cordisburgo para além de Cordisburgo. Se você olhar o próprio estatuto da Maquinetur os componentes que fazem parte do conselho, às vezes foram mais utilizados como uma questão política do que técnica. Então acho que isso aí ao longo do tempo acabou defazando um pouco mais a gente estar explorando isso no sentido de positivo da Gruta de Maquiné e Guimarães Rosa. É uma questão que estamos debatendo agora, para ver o turismo de Cordisburgo de uma forma mais profissional.

**Equipe:** E para ter isso quais são os elementos necessários?

**Nhoé:** São muitos, primeiro o próprio estatuto precisa ser reformulado, nós estamos com um convênio com o IER para ver se passamos a Gruta para o município mudando até para Parque Natural Piterlound, resgatando também o sistema ecológico, buscando um pouco mais de recurso. Estamos também conversando alguns projetos em Brasília. Tem duas pessoas que estão interessadas em ajudar, e estão vendo a possibilidade de estar fazendo com que a comunidade participe mais e também que possamos contar com pessoas mais qualificadas na área do turismo.

**Equipe:** Em relação a identidade da cidade, da comunidade, o senhor seria capaz de identificar alguma característica essencial tanto na história, quanto na maneira da cidade se organizar?

**Nhoé:** É difícil se determinar uma característica de Cordisburgo. Ela é muito plural, tem elementos, valores, tem a questão da faixa etária, onde há uma diferença muito grande das pessoas de 60-70 anos para a juventude agora. Então caracterizar com um elemento que pudesse unificar a estrutura de Cordisburgo eu teria dificuldade de catalogar esse documento.

**Equipe:** Tem-se observado alguma expectativa em relação a siderúrgica, mas parece também que a cidade já teve um período de industrialização e depois digamos que passou por uma entre-safra da industrialização e agora volta sob a expectativa disso. O que o senhor acha, que a cidade tem essa expectativa sobre a industrialização? Ou o senhor acha que isso não tem haver com a identidade da comunidade.

**Nhoé:** Não, tem! Tanto é que a percepção que eu tenho lendo a história política de Cordisburgo é que Cordisburgo parou um pouco no tempo exatamente por isso, porque esse processo de industrialização se não me falha a memória, estaria sendo injusto com algumas pessoas. Tem muito haver com questões políticas. Você sabe que a ideologia política de algumas pessoas é de que quanto mais as cidades, foram dependentes do político mais eles se perpetuam no poder, então quanto mais uma comunidade tem acesso as informações, a industrialização mais elas vão sendo autonomo, então não dependem tanto do poder público, isso também dificultou um pouco. As expectativas agora são bastantes e Agnaldo no mandado passado entrou em contato com uma siderúrgica que existiu aqui nos anos de 69-70, então apareceram três grupos interessados e até mesmo por uma questão ambiental por ser mais fácil pelo fato de ter sido siderúrgico, então tem um grupo que assumiu o trabalho, tem até a terra-planagem. Isso resgatou novamente para a comunidade essa esperança de Cordisburgo estar se desenvolvendo mais. Isso hoje é realmente uma força de comentário, de expectativa. Eu imagino que vai dar certo. Também há a possibilidade de uma reabertura de uma fábrica de tecido e inicialmente com 20 empregos, até o final do ano ou início do ano com mais 30 ou 40 ou 60 isso tudo são expectativas que nós temos. E outros projetos menores que já estão sendo encaminhados e que eu vejo que vamos melhorar um pouco a infra-estrutura, a qualidade de vida da população e realmente isso faz parte desse cenário.

**Equipe:** Pelo que eu entendi, o senhor vê muito a história da cidade marcada por diferentes projetos políticos e que até 6 anos atrás muita coisa até deixou de ser feita por causa de um certo projeto político e de 6 anos para cá o senhor acredita que as coisas estejam mudando.

**Nhoé:** eu falei, você fazer uma análise histórica não é tão fácil e são percepções que nos sentimos e que talvez dos últimos 6 anos há uma percepção de que os a gentes políticos passaram a ter mais interesse pela cidade de Cordisburgo, passaram do individualismo para uma prática mais coletiva e eu creio que isso começou no período do agnaldo onde a prefeitura esteve mais aberta para questões éticas, de prestações de contas, de clareza, honestidade e também delimitando essa questão do assistencialismo, do paternalismo, às vezes usando as pessoas em benefício de um voto, dois, três ou mais consequentemente abrangendo um número maior de pessoas, eu acho que essa política é muito negativa do ponto de vista de um crescimento de qualidade de vida da comunidade. Eu penso que desse últimos 4-6 anos, a comunidade teve uma percepção mais clara, disso e eu creio que para o desenvolvimento local essa percepção de uma política voltada para o coletivo ela é nova em Cordisburgo.

**Equipe:** Quer fazer alguma pergunta? Tem alguma coisa mais que você queria acrescentar para a gente entender um pouco mais a cidade?

**Nhoé:** A cidade é boa tem um povo muito bom, a qualidade de vida não é ruim, é uma cidade tranquila boa para se viver, para se morar. A devasagem que a gente sente é realmente essa questão de emprego, salário, renda que se tivéssemos isso aqui hoje Cordisburgo seria a melhor cidade de Minas Gerais para se viver. Agora essa perspectiva que estamos tendo eu creio que a gente vai estar contribuindo para melhorar a qualidade de vida da população e os que viveram aqui, daqui alguns anos ou num período não muito longo eu creio que a cidade vai estar melhor.

**Equipe:** Obrigado.

**Entrevistador(a):** Karina  
**Entrevistado(a):** Rebimba  
**Ocupação do entrevistado(a):** Motorista.  
**Idade:** 58.  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** O Sr. é natural aqui de Cordisburgo?

**Rebimba:** Sou natural de Cordisburgo. Nascido e criado em Cordisburgo.

**Equipe:** Sempre viveu aqui?

**Rebimba:** Sempre. Sempre. Parte... quase como que se diz eu tive... eu morei no Rio...mais, morei no Rio, Montes Claros, mas a maior parte da minha vida foi aqui mesmo.

**Equipe:** O Sr. voltou por algum motivo especial assim que o Sr. achou?

**Rebimba:** É porque eles sempre eles falam, né: o bom filho sempre a casa retorna, né? Eu morei no Rio, 5 anos, morei em Montes Claros 4 anos, morei em Belo Horizonte e o resto da minha vida foi aqui mesmo. Eu voltei porque a família é toda daqui, né, voltei outra vez pra cá.

**Equipe:** Tem quanto tempo que o Sr. voltou?

**Rebimba:** Ah... tem mais de ... tem 30 anos.

**Equipe:** 30 anos?

**Rebimba:** 35 anos.

**Equipe:** Certo. O Sr. participa de algum movimento ou atividade voluntária aqui na cidade?

**Rebimba:** Eu sou Membro do Conselho de Segurança. CONSEP, sou vice-presidente do CONSEP. Conselho Comunitário de Segurança Pública.

**Equipe:** E como que funciona esse conselho assim? É com moradores?

**Rebimba:** O Conselho é o seguinte: nós trabalhamos junto com a Polícia Militar. Nós somos intermediários da Polícia Militar. Tudo que a polícia faz hoje ela põe... como se diz é...uma atividade na cidade, a polícia põe o CONSEP, é polícia militar e CONSEP. Quer dizer, nós temos a participação, né. Nós temos o escritório, temos computador, temos os membros que trabalham, né. Temos... o presidente, o vice-presidente, diretor financeiro, relações públicas.

**Equipe:** E vocês funcionam como... vocês fazem vigília na cidade?

**Rebimba:** É o nosso objetivo é dar palestra nas escolas, sobre drogas, prostituição, a vadiagem na rua... é bebida, de menor. É olhar se os menores estão sendo maltratados. Se de menor tá ficando até mais tarde na rua. É que aqui não tem o conselho tutelar da criança, né. Então nós fizemos esse papel. Então é... mais a parte de segurança. Uma família que entra em atrito qualquer assim, uma briga de família, aí a gente vai lá pra aconselhar, tentar reconciliar a família. Pra unir a família de novo. Faz o possível que dá certo. Esse é o serviço do CONSEP. Dos membros do CONSEP. Fazer alguma coisa pra cidade. Fazer alguma coisa de boa pra cidade.

**Equipe:** E são quantos membros assim no total?

**Rebimba:** Somos 7 membros.

**Equipe:** Quando tem assim, alguma briga na família aí vai quantas pessoas lá?

**Rebimba:** Aí é nomeado 1 membro do CONSEP. Qualquer um. O que estiver na hora, se eu não tiver vai o... geralmente vai o presidente ou o vice-presidente ou o primeiro secretário. São as pessoas mais chegadas, né. Então aí se não estiver qualquer um serve. Qualquer um que estiver na hora é requisitado.

**Equipe:** É como que era Cordisburgo na sua infância e juventude?

**Rebimba:** Cordisburgo era uma cidade como é até hoje. Mudou muito pouco, me. Cordisburgo é uma cidade que toda vida viveu mesmo da agricultura, da pecuária, é nunca

teve... Teve uma indústria, mas foi por um período pequeno. Uma siderúrgica que esteve aí. Mas a maior parte foi mesmo que o pessoal daqui vive é da pecuária, da indústria, trabalho na roça, e mudou muito pouco. Tem a gruta mais aí a gruta ela influi muito pouco assim na convivência do povo na cidade. E a gruta é um recinto separado da cidade. Então ela influi muito pouco na convivência da cidade. O turista vem aqui na gruta as vezes nem passa na... passa muito pouco aqui na cidade. Passa porque tem que passar em certa parte da cidade, né. Mas não deixou de ser uma coisa boa pra cidade, né. Que deu emprego pra alguém... um bucadinho da cidade. Divulgou as vezes uma parte de Cordisburgo, né. Uma parte de Cordisburgo que as vezes fala a gruta de Maquiné é em Cordisburgo. Quer dizer não deixou de divulgar um pouquinho Cordisburgo. Foi um elo na vida de Cordisburgo, a gruta assim nesse sentido, né. Mas influência de renda pra Cordisburgo, convivência pra Cordisburgo. Aí nesse caso não foi tanto assim não... Porque o turista as vezes ele não deixa, a imagem dele deixa lucro pra Cordisburgo. Vem aqui na gruta passa direto e vai embora de Cordisburgo. As vezes nem sabe, nem conhece. Muitos chegam aqui e perguntam: que cidade é essa que eu passei? Foi Cordisburgo. Ah eu não sabia. Deveria ter, igual tem o nosso CONSEP, Polícia Militar, é CONSEP e Polícia Militar. Quer dizer o CONSEP é divulgado por conta disso. Então a gruta deveria ser Gruta de Maquiné e Cordisburgo. Pra poder todo mundo que vier a gruta de Maquiné saber de Cordisburgo. Muitos chegam aqui e perguntam que cidade é essa que eu passei nela aqui? Ah, é Cordisburgo. Tá faltando esse pouquinho de divulgação.

**Equipe:** Mas quando Sr. fala que há uma separação da Gruta com a população, né, com a cidade, o Sr. acha que os moradores de Cordisburgo tem uma ligação com a gruta? Ou isso não existe?

**Rebimba:** É tão pouco a ligação do morador com a gruta, que tem morador que nunca veio na gruta. Eu sei de vários moradores que nunca vieram à gruta. Também falta as vezes um interessezinho, né, da pessoa divulgar aquilo que é dele. Isso falta de uma cultura. Porque eu acho que a pessoa, a gruta é um elo, é uma coisa que é famosa no mundo inteiro, no Brasil e no exterior. Quer dizer... mais às vezes o sujeito acha que, o sujeito aqui de Cordisburgo, acha que a gruta não tem grandes interesses. E tem. Tem muito interesse, mas as pessoas, as vezes falta até assim da divulgação, né. Pra explicar a população o que é a gruta. Se você perguntar as vezes em Cordisburgo, a muito gente o que que é a gruta, as vezes ele nem sabe porque não dá aquele grande interesse que a gruta precisa de ter, que as vezes a pessoa não tem, né. As vezes não preocupa, né Procurar saber. Eu acho que podia ter assim uns slides, uns filmes pra passar a gruta na cidade. Pra mostrar o povo, pra explicar, ou as vezes também passa muito interesse, né.

**Equipe:** E assim... você é capaz de citar algum exemplo de um acontecimento marcante na sua experiência de vida em Cordisburgo? Assim, alguma coisa que te marcou, da cidade? Você lembra alguma festa, algum evento?

**Rebimba:** Alguma festa?

**Equipe:** É alguma coisa que seja significativa pra você, que aconteceu na cidade.

**Rebimba:** A maior coisa que existe assim em Cordisburgo é a Festa da Abóbora. É... Porque divulgou Cordisburgo em muito lugares essa festa da abóbora. Porque a festa da abóbora, em Cordisburgo, ela era uma festa tradicional, sabe? Muito tradicional. É uma festa que todo lado que você ia falava dessa festa. É... mas aí ela chegou um ponto que ela acabou. Acabou por causa da falta de interesse aqui do prefeito que entrou. Mas foi uma coisa marcante pra Cordisburgo também essa festa da abóbora, sabe?

**Equipe:** Ela acontecia em que período do ano?

**Rebimba:** Em agosto.

**Equipe:** E era pra comemorar alguma coisa específica?

**Rebimba:** É porque aqui em Cordisburgo, aonde foi o primeiro lugar que plantou essa abóbora híbrida, foi aqui em Cordisburgo. Então é.... foi uma coisa que teve uma revolução muito grande essa abóbora híbrida, sabe. O mundo inteiro ficou conhecendo essa abóbora híbrida. E ela é uma coisa muito.... dos hortifrutigranjeiros, é uma das coisas mais marcantes que tem na mesa do brasileiro é a abóbora híbrida. Todo mundo que chega no CEASA, você tem 2.000 caixas de tomate, 10.000 sacos de abóbora. Então é a coisa que mais vende. E se tornou uma coisa muito programada, muito divulgada. Então aí fizeram a festa da abóbora aqui. É uma das maiores festas que tinham aqui antes. A maior festa que nós temos agora é a festa da Nossa Senhora do Rosário, né. Depois que acabou a festa da abóbora.

**Equipe:** Também acontece em agosto?

**Rebimba:** Não. Essa é segundo domingo de setembro. É uma festa muito tradicional, a gente tem a banda da cidade, e uma festa de muitos anos, muitos anos mesmo. Deve ter mais de 50, 60 anos. Ela foi paralisada mais ou menos uns 10 a 15 anos, por um padre que esteve aí, um padre que eu não sei por que motivo que achou que tinha que acabar com festa. Porque esses padres franciscanos, eles são muito assim alterado, sabe como é que é? Inclusive agora acabou, né. Não vem mais padre franciscano pra cá, pra Cordisburgo. Porque descombinava muito com a população, porque eles são muito conservadores, né. O padre franciscano é muito conservador, né. Hoje essa juventude não mais aquela juventude antiga. Se passava um padre tomava benção, o padre era a maior autoridade. E eles não conformavam com isso. Não conformava com isso. A juventude hoje é diferente. Não é mais aquela juventude que tinha antigamente. Que passava em frente da igreja e fazia o nome do pai. Hoje a juventude passa perto da igreja é mesma coisa que passar num.... não tá nem sabendo. Ah você passou perto da igreja. Ah, eu nem vi. Hoje é diferente, mais liberal. Não igual o antigo. Então esses padres eram muito conservadores e eles acabaram com a festa da Nossa Senhora do Rosário. Inclusive até desmanchou a igreja. Aí juntou a população pra tornar fazer outra igreja, depois que essa padre foi embora, e fizeram outra igreja e a festa voltou a ser tradicional. Agora a maior festa que nós temos é essa da Nossa Senhora do Rosário. E a festa da abóbora ficou uns 3 ou 4 anos sem fazer. O prefeito acabou com ela. Não sei o que que esse prefeito botou na cabeça que tinha que acabar com essa festa! Era uma festa tradicional muito grande, trazia um grupo muito grande pra cidade. Porque a população toda ganhava dinheiro, porque eles faziam barracas, fazia doce, fazia aquilo, né. Vinha muita gente pra cidade, o comércio melhorava muito, quer dizer, isso tudo influi pra cidade, né. Uma festa dessa influi sempre, nas oportunidades que o povo tem de ganhar dinheiro são exatamente essas coisas, né. Agora, estão falando em voltar ela, sabe, a festa da abóbora. Não sei se vai voltar.

**Equipe:** E em Cordisburgo, quais são os atrativos que você acha que tem?

**Rebimba:** Em Cordisburgo, os atrativos que tem hoje é a gruta de Maquiné, que é o pólo central, né. Um dos grandes atrativos que a gruta de Maquiné porque todo mundo fala. E casa Guimarães Rosa. Tem um parque que eles fizeram dos pré-históricos, dos bichos que existiu aqui, no mais é trabalhar.

**Equipe:** Tá certo. E esses seriam os pontos turísticos?

**Rebimba:** É, são os pontos turísticos da cidade.

**Equipe:** E você conhece todos eles?

**Rebimba:** Conheço. Casa Guimarães Rosa, o parque aonde está localizado os pré-históricos que existiu aqui, né, que eles fizeram a réplica.

**Equipe:** E como que você avalia esses pontos turísticos?

**Rebimba:** É uma coisa boa pra cidade. Nota 10 porque isso tudo traz atrações para a cidade, diversões pra cidade. Traz movimento pra cidade, conhecimento, né. Isso é coisa boa. Tudo que tem numa cidade e traz atrações pro povo assistir, pro povo olhar, falar,

divulgação, né, é bom; é válido, né, tudo é válido. Qualquer coisa que traz pra uma cidade, se é uma coisa que vai divulgar a cidade, é coisa boa, né, é bem vindo.

**Equipe:** Mas assim.. o Sr. acha que está bom do jeito que está? Tem que melhorar alguma coisa?

**Rebimba:** Nunca que a pessoa chegou no ponto final. Sempre tem um buraco pra melhorar aquilo e tudo que começa que quiser ter um bom segmento você nunca faz uma coisa que aquilo é o ponto final. Geralmente ali cabe um retoque, cabe uma melhora, cabe uma coisa assim pra melhorar mais, né, sempre melhorando, sempre trazendo coisa que melhore.

**Equipe:** E nesses pontos turísticos que você apontou, qual que você acha mais interessante?

**Rebimba:** É a gruta. É o elo, né, o pólo central de Cordisburgo é a gruta. Ela que traz, que tem os outros eventos. Vem na gruta, aí vai visitar o Museu Guimarães Rosa, aí vai visitar o museu de pedra, vai passar lá onde faz esses artesanatos, né... lá no Receptivo. Tem o Receptivo também, né, que é uma coisa onde os artesãos de Cordisburgo colocam seus artesanatos que eles fazem, né, que é uma coisa muito útil também, né. Porque a divulgação dos artesãos de Cordisburgo, como diz, as mãos de ouro de Cordisburgo, né.

**Equipe:** Mas o Sr. contou que tem turistas que chegam a gruta, saem da gruta e nem sabem qual cidade que é, nem passam na cidade direito, né? Então assim.. o Sr. acha que eles conhecem esses outros pontos turísticos?

**Rebimba:** Conhece porque quando chega aqui os guias já explicam, né. Muitos perguntam pra gente: Qual é outra atração que tem pra gente ver aqui? Tem a Casa Guimarães Rosa. Muitos perguntam: Ah, Guimarães Rosa é daqui? Ou seja falta uma divulgaçãozinha, né? - Guimarães Rosa é daqui? Ah, é. A casa dele é essa aqui. Eu tenho ali a réplica da casa dele. Eu tenho um retrato da casa dele, eu mostro, falo tá no centro da cidade. Aí alguns passam lá pra visitar. Tem muita gente que vem do Rio. Muito carioca, e eles conhecem Guimarães Rosa, mas não conhecem a história de Guimarães Rosa. E muitas vezes passa por Cordisburgo sem saber que ali que é a cidade de Cordisburgo. – Ah, Guimarães Rosa é daqui, né? Eu já li um livro dele. Nós temos aqui uma livraria que tem todos os livros dele, né. A gente mostra pra lá, eles vão lá, e compra até livro dele aí... A divulgação, quando ela falta, a propaganda é a alma do negócio. Toda propaganda é a alma do negócio. Então quando falta esse tipo de propaganda mecânica, as vezes a gente fala a propaganda bocal é a mesma coisa, né. A gente mesmo explica pro turista aqui, quando o turista chega, né. – Ah, você já visitou a casa Guimarães Rosa? A gente dá essa divulgação pra eles, como que eles tem que fazer, né, ajudar a cidade. Então a gente fala com ele: Olha, essa casa aqui é de Guimarães Rosa, no centro da cidade, se você puder ter a oportunidade de conhecer, passa por ali. A gente mesmo explica pra ele.

**Equipe:** E você tem alguma sugestão pro turismo melhorar?

**Rebimba:** Ah, tenho. Quer dizer, não uma sugestão oficial. A gente não é assim, formado em turismo, né. Não tenho essa formação em turismo pra saber tudo sobre turismo. Eu acho que pro turismo melhorar, eu acho que está faltando um pouquinho de divulgação. Um pouquinho mais de umas placas, outdoor, tudo grande assim, nas estradas, passar as vezes até na televisão. Fazer umas propagandas em ônibus, isso é um estudo que ainda pode vir com essa nova direção aí agora. Muito interesse em divulgar a gruta, tá melhorando muito com essa nova direção que está aqui agora.

**Equipe:** Da gruta que você fala?

**Rebimba:** É. É da gestão da gruta que está aí. Essa menina que esta aí.

**Equipe:** De casaco azul?

**Rebimba:** É. Essa do lado de cá. Ela é que é a patroa, né.

**Equipe:** Como é que ela chama?

**Rebimba:** Rita. Mas com essa nova direção que está aí agra, está mostrando grandes interesses. Fazer muita coisa pra melhorar a gruta e se Deus quiser vão melhorar mais. O que fizer pra melhorar é bom.

**Equipe:** Bom Sr. Zé. Eu acho que é isso. Obrigada pela sua participação.

**Entrevistador(a):** Adriana

**Entrevistado(a):** Senhozório

**Ocupação do entrevistado(a):** Funcionário público.

**Idade:** 48.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** É natural de Cordisburgo?

**Senhozório:** Sou natural de Cordisburgo.

**Equipe:** Você participa de alguma atividade voluntária na cidade?

**Senhozório:** Não, no momento não.

**Equipe:** Como era Cordisburgo na sua infância e na juventude?

**Senhozório:** Era muito diferente de hoje, lembro que eu brincava na rua com os outros meninos, como todo mundo era conhecido a gente vivia na casa dos vizinhos, as condições financeiras das pessoas naquela época parecia que bem melhor, as pessoas hoje tem bem menos dinheiro, falta emprego, tem muita gente desempregada em Cordisburgo, você pode observar na cidade que tem muito jovem desempregado, que fica por aí batendo papo o dia todo. Cordisburgo ainda é uma cidade muito pacata que não acompanha este desenvolvimento todo, por um lado é bom porque nós não temos favelas, não temos pivetes, não temos mendigos, mas pelo outro lado na cidade são poucas pessoas que tem computador, por exemplo no comércio eu acho que é só o mini-shopping que tem computador, também já tem acontecido alguns assaltos na cidade, o banco foi assaltado, para amanhecer ontem o posto de gasolina foi assaltado, há um ano atrás o outro posto de gasolina lá de baixo também foi assaltado. Já está acontecendo alguns assaltos aqui, não é igual a capital, mas se for comparar a quantidade de pessoas que moram em Cordisburgo que são 8.000 moradores com a média de assalto, dá um número bom, antigamente as casas tinham cerca de arame, hoje não, tem é muros e mesmo assim acontece de ser roubado cabeças de gado, galinha, porco, eu acho que a televisão também atrapalhou muito porque antes a gente tinha mais contato com os vizinhos, tinha um bate papo mais tranqüilo, hoje a gente vai na casa deles e eles estão escutando novela para não atrapalhar acaba a gente nem conversando direito.

**Equipe:** Você lembra de algum acontecimento marcante aqui na cidade?

**Senhozório:** Um acontecimento marcante que tinha todos os anos que eu me lembro era a festa do Rosário, que era uma festa religiosa que trazia muita gente de outras cidades. Tinha a festa da abóbora, da moranga híbrida, que era uma festa dos produtores rurais. Era uma festa muito boa, a cidade ficava movimentada, mas hoje não tem mais estas festas. A festa da moranga híbrida agora só acontece no ano de eleição, já não é mais uma festa dos produtores é uma festa política, eles já quase não participam mais, e a festa já não é tão boa como era antes, mas tenho esperança que ela volte a ser uma festa típica dos produtores e que eles possam ter mais participação.

**Equipe:** Você pode me dizer quais são os atrativos de Cordisburgo?

**Senhozório:** Tem a Gruta de Maquiné, tem o Museu Casa de Guimarães Rosa, no meio rural tem algumas fazendas, cachoeiras, trilhas, várias coisas que o turista pode aproveitar, mas precisam de investimento, de divulgação, mandar fazer folder e colocar em vários

lugares, em escolas em outras cidades, convidando os turistas para virem conhecer Cordisburgo, melhorar a administração contratando pessoas que estão ligadas ao turismo, melhorar também os aspectos da cidade, até a população Cordisburguesa está disposta a ajudar, disseram até se for colocado meio fio nas ruas, os moradores se comprometeram a fazer os passeios, para que os turistas tenham uma imagem bonita da cidade, mas tudo isso precisa de dinheiro, e a prefeitura não tem verba para investir no momento.

**Equipe:** Você conhece os pontos turísticos da cidade?

**Senhozório:** Conheço. Todos eles.

**Equipe:** E como você avalia estes pontos turísticos?

**Senhozório:** São bons, mas como eu já disse precisam de mais investimentos e mais divulgação para atrair o turista, antigamente vinha muito mais pessoas para Cordisburgo, hoje a gente sabe que teve uma queda muito grande no número de turistas, tudo por falta de infraestrutura.

**Equipe:** Tem algum deles que você acha mais interessante?

**Senhozório:** Eu acho todos interessantes a Gruta de Maquiné é um lugar muito bonito para se visitar tem também um jardim e o entorno da gruta que são muito bonitos, o Museu Casa Guimarães Rosa já tem um outro tipo de beleza, porque é mais voltado para a leitura, para parte cultural, para um público mais selecionado, mas todos são bem interessantes.

**Equipe:** Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre Cordisburgo?

**Senhozório:** Não eu acho que é isso só, não sei se minha entrevista vai te ajudar na sua pesquisa. Eu agradeço por ter sido convidado para participar desta pesquisa.

**Equipe:** Eu é quem agradeço. Ok.

**Entrevistador(a):** Adriana

**Entrevistado(a):** Quirinéia

**Ocupação do entrevistado(a):** Agente de viagem.

**Idade:** Não quis dizer: aproximadamente 40.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** A senhora é natural de Cordisburgo?

**Quirinéia:** Sou natural de Cordisburgo.

**Equipe:** A senhora já viveu em outro local?

**Quirinéia:** Brasília, morava em Brasília, Belo Horizonte, Brasília, Belo Horizonte depois Brasília de novo e estou aqui.

**Equipe:** E a senhora voltou tem quanto tempo?

**Quirinéia:** Tem janeiro, fevereiro, março, abril, 4 meses.

**Equipe:** Voltou por algum motivo especial?

**Quirinéia:** Para gerenciar o grupo do Maquiné. Quer que eu fale quantos anos de turismo eu tenho.

**Equipe:** Se a senhora quiser.

**Quirinéia:** Eu trabalhava em uma agência, eu tinha uma agência em Belo Horizonte, aí meu marido foi para Brasília, e eu tive que ir por causa do problema de família e lá eu trabalhava em uma agência de turismo também e mais aí o Padre Maurício que ganhou para prefeito me chamou para eu vir gerenciar a Gruta do Maquiné, pela experiência de turismo que eu tenho, ele estava querendo um turismo mais firme, mais competente na cidade e aí me chamou.

**Equipe:** E tem quanto tempo que a senhora está na direção?

**Quirinéia:** 4 meses, eu assumi dia primeiro de janeiro.

**Equipe:** E você participa de algum movimento ou atividade voluntária na cidade?

**Quirinéia:** Em todas, porque eu acho que todo o movimento na cidade é eu acho que é o engrandecimento da própria cidade e isso para o turismo é muito bom, para o nosso turismo e para as próprias pessoas da comunidade.

**Equipe:** Tem algum assim que a senhora poderia citar.

**Quirinéia:** Aí deixe-me ver eu participo do clube da terceira idade quando sou chamada porque eu ainda não tenho 60 anos, estou quase, participo do clube da terceira idade quando sou chamada na parte do receptivo, aqueles meninos que estão lá trabalhando foi eu que formei, esses guias locais que tem no receptivo, porque eu sou guia nacional e regional formada no SENAC em Belo Horizonte, eu formei, quando eles me chamam e precisam de ajuda, eu participo da parte ali do artesanato, da associação dos artesãos de Cordisburgo, eu participo, Nossa Senhora é tanta coisa, da Semana Roseana eu fui chamada, eu estou participando para promover a festa, que mais, festas que tem na cidade que eu sou chamada para ajudar, eu participo, é muita coisa.

**Equipe:** Então está sempre sendo requisitada!

**Quirinéia:** Sempre requisitada e assim participo com muito empenho, gosto muito de ajudar a cidade.

**Equipe:** Que bom! Da sua infância a senhora lembra o que assim de Cordisburgo?

**Quirinéia:** O que eu lembro de Cordisburgo, é, eu lembro de Cordisburgo um pouco mais antigo, sem asfalto, da minha infância meu Deus do céu, menina do céu, já tem tanto tempo. Andava cavalo na cidade, ia pra fazenda do meu pai e a gente voltava para a cidade a cavalo e passeava a cavalo na cidade, não tinha asfalto, lembrava de como a cidade era bem menos desenvolvida do que agora, claro, lógico e evidente.

**Equipe:** Essa mudança que a senhora vê é mais neste sentido, da cidade que a senhora conheceu na sua infância?

**Quirinéia:** Sim, claro de hoje muito diferente, muito diferente, não tinha tanto carro igual tem agora, né, não tinha perigo de tráfego, você andava tranqüila na cidade, não tinha, agora tem tráfego de caminhão intenso na cidade, por causa dessa ligação dessa estrada de Cordisburgo a Curvelo, os caminhões de carvão. O tráfego é muito grande na cidade é assim é o que a gente paga pelo progresso, infelizmente, mas é o que a gente paga pelo progresso.

**Equipe:** Você lembra de algum evento ou acontecimento marcante na sua experiência aqui em Cordisburgo?

**Quirinéia:** Na minha experiência, o que é que eu lembro da minha experiência aqui em Cordisburgo. Um evento marcante na minha infância?

**Equipe:** Não, da sua vida em geral.

**Quirinéia:** Fui, em 70 eu participei do Concurso Miss Minas Gerais eu era Miss Cordisburgo, marcante assim na minha juventude?

**Equipe:** Da sua vida em geral.

**Quirinéia:** Até hoje o nascimento do meu primeiro filho, o meu casamento, o nascimento do meu filho que foi aqui em Cordisburgo, que eu vim de Brasília para ganhar ele aqui.

**Equipe:** Você queria que ele fosse daqui?

**Quirinéia:** Então tudo isso, coisas assim, dizem que eu fui o primeiro bebê, quando eu nasci em 1950 eu fui o primeiro bebê que fui atendido no nosso hospital aqui.

**Equipe:** Olha!

**Quirinéia:** Tem isso tudo, minha mãe que me falou, as pesquisas então, fui eu e uma outra, foram os primeiros bebês, fui eu e não me lembro, era uma outra menina também, fomos os primeiros bebês a sem, não que eu nascesse lá, mas eu nasci na fazenda que minha mãe tem 16 filhos, nasci na fazenda e eu tive algum problema e eles me trouxeram pra cá, para ser atendida no hospital, então eu acho que é chique, né!

**Equipe:** É com certeza. E o que você aponta de atrativo aqui em Cordisburgo?

**Quirinéia:** Gruta do Maquiné, Museu Guimarães Rosa, a própria escola Mestre Candinho que foi a primeira escola fundada em Cordisburgo, a Igreja São José do nosso patriarca São José que foi a primeira capela construída em Cordisburgo, a nossa Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, o próprio Sagrado Coração de Jesus que Cordisburgo tem este nome por causa do Sagrado Coração de Jesus que o padre João que fundou a cidade era devoto do Sagrado Coração de Jesus e queria fazer uma homenagem ao Sagrado Coração de Jesus então aconteceu isso, ele botou o nome Cordisburgo. O próprio nome de Cordisburgo já é um atrativo, porque o pessoal fica assim encabulado, o que é Cordisburgo, o que significa Cordisburgo, e eles querem saber, mais atrativo a Gruta de Maquiné, já falei, né. Gruta do Maquiné e outras grutas que nós temos aqui nos arredores que não são infra-estruturadas para receber os turistas, mas que vem pesquisadores para cá, pra fazer pesquisas nas outras grutas nossas.

**Equipe:** Você conhece todos estes pontos turísticos da cidade?

**Quirinéia:** Conheço. Não todas as grutas, as grutas eu não fui porque ainda assim não tive tempo, o artesanato daqui também é um atrativo, as nossas tapeceiras, bordadeiras, nossos artesãos que trabalham com madeira, tudo isso é um atrativo turístico.

**Equipe:** E como você avalia estes pontos turísticos?

**Quirinéia:** Em que sentido assim que você quer que eu avalie, que eu avalie que são bonitos e interessantes? São bonitos e muito interessantes.

**Equipe:** Entendo, mas no geral você acha que são bons atrativos?

**Quirinéia:** Ótimos atrativos, o turista ele gosta de ver as coisas bem simples e nós temos as coisas bem simples, Guimarães Rosa é um grande atrativo e foi um homem simples, um escritor simples e muito famoso por sinal, você vê que no livro agora no vestibular agora vão cair, um dos livros citados foi O grande Sertão Veredas, então ele era assim, o linguajar dele era sertanejo e o sertanejo ele é simples, como nós, né. Qual deles ou quais deles você acha o mais interessantes, dos pontos turísticos? A gruta do Maquiné porque além de ser muito bonita, por ser natureza, ela trás uma renda maior para a cidade, para a comunidade.

**Equipe:** E você tem alguma sugestão para melhorar o turismo no geral em Cordisburgo?

**Quirinéia:** Olha a gente tem várias, são imensas, Mas é complicado, né? Isso aí é uma coisa complicada da gente trabalhar porque você precisa de investimentos, então o nosso turismo, esta assim a gente viu que, eu senti a muitos anos, a muito tempo atrás que ele entrou na curva da decadência que o turismo tem a sua subida e a sua descida e nós estamos começando a descer, eu não sei, falta de propaganda porque é caro, folhetearia toda muito cara, para você fazer um folder é caro, para você fazer um banner é caro e como o movimento está menos, então você não tem arrecadação para você ter, porque aqui nosso quadro de funcionário ele é grande, o nosso parque aqui da gruta é muito grande então a gente tem vários empregados e a gente as vezes assim o que tira no mês dá para pagar a folha, que é grande a folha, por ser assim o parque muito grande os jardins muito grande tem que cuidar não pode deixar descuidado então não está sobrando muita verba pra gente poder investir na parte de divulgação.

**Equipe:** Eu ouvi de várias pessoas nas outras entrevistas que algumas não conhecem a gruta que moram na cidade de Cordisburgo?

**Quirinéia:** Mas é falta de interesse mesmo porque o ônibus que desce, a Kombi da Maquinetur vai lá embaixo 2 ou 3 vezes por dia se a pessoa quiser vir, ela vem, ela não paga, o povo de Cordisburgo não paga para fazer visitaçao, eles entram dado, como vários que não conhecem e como vários que conhecem e trazem os amigos para conhecerem. Às vezes é a falta, às vezes é comodismo mesmo, sabe, aquela preguiça de não sair de casa, sabe, aquele comodismo de gostar de ficar em casa, relaxado, tranquilo ali, não quero sair, não me interessa, sabe. Não é falta de trabalho, porque o povo de Cordisburgo, ele é bem

trabalhado, nós já tivemos várias empresas aqui fazendo este trabalho de conscientização da população, mas é porque são preguiçosos mesmos, são mesmos, as vezes chega o final de semana tem sítio, tem fazenda, quase todos tem sítio, tem fazenda, então eles preferem fazer, curtir este final de semana, do que vir aqui, mas muitos as vezes deixam de ir, vem aqui quando tem visitas, eles trazem aqui, a população é conscientizada do valor do atrativo que nós temos, as vezes é preguiça mesmo.

**Equipe:** A senhora acha que há um pertencimento assim em relação à gruta da comunidade?

**Quirinéia:** A comunidade tem consciência que a gente faz parte da cidade que é uma coisa integrada. Alguns que a gente já fez o trabalho de conscientização, mas tem muita gente que não liga assim, eu não talvez assim mesmo, porque são mesmo acomodados ou uma falta de interesse de saber. O pessoal às vezes reclama aqui que não tem fábrica... Nós temos uma grande fábrica aqui de ganhar dinheiro que é o turismo, nós não precisamos de fábrica com chaminés para poluir nosso ar. Ninguém tem o ar mais gostoso que o nosso, um céu mais azul que o nosso. Você vê o céu 24 horas por dia, à noite você vê o céu, nós não temos poeira, nós não temos fuligem de asfalto, fuligens de alto-fornos aqui dentro da nossa cidade, nós não temos, nosso clima é perfeito, nosso ar é perfeito, então as vezes eles reclamam disso, talvez seja assim falta de interesse até porque não ganham dinheiro com isso é um trabalho que a gente já vem fazendo há muito tempo para a própria população ganhar dinheiro com o turismo que nós temos sabe, é uma coisa que está vindo trabalhando, agora com esse novo prefeito, esse está muito enfronhado pra ver se a população começa a ficar mais interessada nos atrativos que nós temos e eles ganharem algum dinheiro com isso, porque o povo é bem carentezinho também, falta de um estudo, você fala a pessoa não liga, é assim, tem essas coisas, a gente que estuda, a gente dá valor no que a gente tem, de ver o de bonito que nós temos.

**Entrevistador(a):** Edésio e Bruna

**Entrevistado(a):** Jó Joaquim

**Ocupação do entrevistado(a):** Professor.

**Idade:** 41.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é natural de Cordisburgo?

**Jó Joaquim:** Natural de Cordisburgo.

**Equipe:** E desde quando você reside na cidade?

**Jó Joaquim:** Desde quando nasci, nunca me mudei de Cordisburgo não.

**Equipe:** É a sua terra natal, natal mesmo?

**Jó Joaquim:** É terra natal mesmo.

**Equipe:** Ótimo. E na sua terra,né, desde de o nascimento aí, você nos informou que você tem 41 anos sendo 22 de profissão, né, de professor é...durante esse período ou atualmente você participa de algum movimento ou alguma atividade voluntária em Cordisburgo?

**Jó Joaquim:** Voluntária não, mas, eu pertencço assim a algumas associações, não é, a gente tem lá, associação amigos do museu Casa Guimarães Rosa e que fazem um trabalho não só voltado para a obra do Guimarães e o museu mas também pra comunidade como um todo.

**Equipe:** Ronaldo, muito nos interessa é...é que você pudesse comentar um pouco mais sobre esse movimento como que ele se procede, como que é esse trabalho com a comunidade, a comunidade em relação ao museu.

**Jó Joaquim:** Olha, é...na verdade o seguinte, né, a gente tem o museu tá, a associação ela foi criada como objetivo de colaborar com o museu, enquanto instituição e fazer um trabalho para a divulgação da obra de Guimarães Rosa. Hoje a associação ela mantém, tem um grupo de contadores de história, que é o grupo Miguilim e tem o grupo da terceira idade, que é um trabalho voltado realmente para a terceira idade. Então, realmente a associação ela tanto desenvolve um trabalho voltado para o museu e voltado para a comunidade. Então por exemplo, a gente tá organizando a 17ª semana Roseana que vai ser agora do dia 04 a 10 de julho, certo? Então a associação juntamente com a academia cordisburguense de letras, que organiza essa semana. Então durante a semana, a gente estuda a obra do Guimarães Rosa e ela abrange realmente vários caminhos, não só da literatura, você pode trabalhar a parte da história, você trabalha a parte da Ciência, trabalha é... é...ecologia, você trabalha a arte. Então realmente é... é...a própria obra do Guimarães Rosa ela possibilita um leque muito grande para se trabalhar.

**Equipe:** E a comunidade, qual a percepção, ou melhor qual a percepção que você tem da comunidade e que a comunidade também tem desse trabalho que vocês realizam?

**Jó Joaquim:** Olha, hoje com certeza a comunidade tem uma participação muito interessante, tá porque a partir do momento que a associação foi criada e ela começou a desenvolver esse trabalho, e esse trabalho começou a ter uma visibilidade dentro da cidade então realmente as pessoas passaram a dar uma credibilidade muito grande para a associação. Ela é uma entidade muito, muito bem é representada e respeitada.

**Equipe:** E essas crianças, como elas são inseridas no projeto que faz parte também aí da associação?

**Jó Joaquim:** Olha é feito o seguinte, é...cada ano eles fazem uma seleção com crianças certo? e a partir do momento que é feita uma seleção as crianças vão sendo preparadas para depois assumir o posto de Miguilim, certo? então é feita toda uma preparação, tem duas pessoas, duas contadoras de histórias que vão toda semana para fazer um trabalho com essas crianças. É como se elas fizessem de fato um estágio, elas tem um período de preparação certo? a gente costuma falar que quando elas estão preparadas aí elas vão receber a camisa, né? Receber essa camisa significa que aquela criança está preparada para assumir o posto de Miguilim. Então a partir daí ela começa então a contar história, a ficar no museu, a viajar para vários lugares justamente divulgando a obra do Guimarães Rosa.

**Equipe:** Exato. Você menciona, né, o projeto Miguilim, né, que são crianças e adolescentes, e você falou também de uma participação da terceira idade. Aí nós queríamos resgatar um pouco da sua memória, como era Cordisburgo na sua infância?

**Jó Joaquim:** Olha, uma cidade realmente pequenininha, né, tranqüila, ainda até hoje a gente ainda tem essa tranqüilidade na cidade certo? Assim a gente tem a liberdade, como muitas crianças hoje em dia ainda tem de brincar na rua certo? Andar de bicicleta, jogar bolinha de gude, jogar futebol, isso realmente você ainda encontra, porque a cidade realmente é pequena e ela oferece essa possibilidade. Então assim, é... é...da minha fase de infância eu lembro muito, realmente dessas características, que eu ainda hoje, ainda vejo presente na cidade.

**Equipe:** Ainda tá preservado esta questão, né?

**Jó Joaquim:** Tá. A gente encontra ainda a meninada na rua soltando papagaio, isso ainda existe de fato.

**Equipe:** E, por exemplo, teria como você citar algum evento ou acontecimento marcante na sua experiência em Cordisburgo. Quer seja na infância, na adolescência, a juventude você está nela ainda, né? e aí?

**Jó Joaquim:** Olha, você fala assim uma coisa que me marcava, outro dia até a gente estava comentando, quando chegava um circo na cidade, é. Era daquela época que quando

chegava o circo ainda tinha aqueles palhaços que andavam de perna de pau, a andava na rua e a gente ia atrás entendeu? Eu no início, eu tinha medo, como muitas crianças realmente tinham medo, mas, depois a gente...porque era...era...era comum nas cidades do interior de vez em quando aparecia um circo, né, de palhaços e realmente tinha isso, entendeu? Então assim, eu lembro, sabe? Eu tenho essa visão, assim na rua, quando eu via aquele homem imenso, né? eu lembro de ter tido esse medo. E depois que minha mãe foi explicar o quê que era, que era o circo, que era o palhaço, aí vai e leva a gente. Então realmente isso é uma coisa que a gente tem, eu particularmente tenho uma lembrança dessa questão do palhaço de perna de pau e alto! não é baixo não, era alto mesmo!

**Equipe:** E do funcionamento da cidade, não sei se pode ser bem funcionamento, mas, há... do dia a dia da cidade, teve muita mudança da sua época de infância pra cá?

**Jó Joaquim:** Olha, não! Justamente por causa dessa tranquilidade, né, agora lógico, por exemplo, hoje meu ritmo claro, é totalmente diferente, certo? Mas, você observa a amenizada mesmo, criança que estuda no grupo de 1ª a 4ª série, a gente vê que realmente é...é...naquele horário de ir pra escola, aquela meninada está indo pra escola. O que não tinha na minha época, e que hoje tem é a questão por exemplo, das localidades próximas a Cordisburgo, hoje você tem transporte escolar que vai lá e busca não é? Aquele menino que mora no entorno ali, pra vim estudar nas escolas lá da cidade, certo? Porque ainda existe em Cordisburgo, nós temos quinze escolas rurais, tá. Nós ainda temos quinze escolas rurais. São escolas pequenas com dois, três, no máximo dezessete alunos tá, são multi-seriadas, tá certo? Estas escolas, elas estão longe da sede, né, de Cordisburgo, então por isso que nos lugarejos você tem ainda estas escolas funcionando. E aquelas próximas que com cinquenta, quarenta minutos você vai e busca o menino e traz pra Cordisburgo depois vai e torna a leva-lo, então, hoje o diferencial que a gente tem é esse tá?

**Equipe:** Professor, na questão de uma percepção turística o que Cordisburgo tem de atrativo?

**Jó Joaquim:** Olha, a gente tem na verdade dois atrativos fortes lá dentro de Cordisburgo, um que é a Gruta do Maquiné, né, que desde a época que ela foi aberta ao público, ela realmente recebe um grande contingente de turistas e o museu em função do João Guimarães Rosa, certo? Agora eu vejo também que Cordisburgo pode, a cidade tem como e isso está começando a ser discutido, que hoje muito fala da questão do patrimônio imaterial, realmente nós lá da associação e o próprio museu a gente tá começando agora a começar mesmo, a elaborar projetos visando é... o resgate desse patrimônio imaterial. Principalmente, por exemplo, as festas populares, né, que a gente tem o congado, tem a folia de reis, entendeu? E por exemplo, foi criado o circuito Guimarães Rosa, e dentro do circuito, dos objetivos, tem justamente essa valorização dessa cultura, né, imaterial, da gente estar resgatando realmente, porque isso na obra do Guimarães Rosa é presente, ele fala da culinária, ele fala da festa, né, das festas religiosas, então realmente é uma preocupação nossa de tá resgatando, até o próprio viver do homem do campo, tá? É uma das nossas preocupações agora, é justamente tentar registrar, resgatar, porque aí, quando você fala a questão da percepção, porque eu viajo muito pelo município visitando as escolas e tal, então hoje é muito comum você encontrar praticamente em quase todas as casas aonde chegou a energia elétrica você tem uma antena parabólica, certo? Então realmente a gente percebe que hoje o habitante lá do meio rural ele tá em contato com o mundo de fato. E a gente começa a perceber que ele já começa a ter uma influência realmente, a partir do momento que ele começa a ter acesso a televisão, essa coisa toda, isso realmente vai mudando o comportamento dessas pessoas sim.

**Equipe:** Exato e você mencionou, né, os dois pilares aí em termos de atrativos, né a Gruta do Maquiné e também o museu do Guimarães Rosa e como você mesmo já disse do seu conhecimento desses pontos turísticos qual que seria a avaliação que você faz, né, desses

pontos, como eles são vistos pela própria comunidade que, pelo jeito você esta muito próximo dela. Como a comunidade avalia a gruta, o museu?

**Jó Joaquim:** Olha essa é uma questão que realmente que preocupa tanto o poder público lá da cidade, tem se conversado muito sobre essa questão turística tá certo, eu particularmente acho que, em termos da Gruta de Maquiné, eu acho que tem que desenvolver uma outra política é...turística, porque eu vejo assim tá uma coisa muito parada, a forma que é feita certo? Assim é... até em relação por exemplo, aos próprios guias, não é que eles fazem um mal trabalho, só que eu acho que é uma coisa muito repetitiva, você entendeu? Eu acho que tinha que mudar essa forma de hoje de...de...você lidar com o publico, de você lidar com o turista, então eu acho que isso precisa ser trabalhado mais, entendeu? Eu acho que essa questão mesmo da...da... do próprio marketing da Gruta do Maquiné precisa fazer uma coisa mais interessante entendeu? Pra ver se vai indo novas pessoas, pra aumentar o fluxo. A cidade ele tem um potencial realmente tem. Mas eu acho que precisa trabalhar esse potencial, e acho o seguinte, porque muitas vezes, né, por exemplo,é... a gente percebe que as vezes muito habitante da cidade, ele...ele não sente esse assim, a importância que a gruta tem enquanto um atrativo e o museu enquanto um atrativo,certo? Para algumas pessoas parece que é uma coisa assim, que é meio distante, tá? Até que entre os jovens estudantes não, tá? Mas quando você pega uma faixa etária, né, de determinadas pessoas, a gente percebe que muitas pessoas as vezes até não sabem o valor e a importância que realmente tem.

**Equipe:** Exato. E quando você menciona sobre essa ser uma questão de preocupação do poder publico, creio que também da associação da qual você faz parte, tem algum projeto em andamento ou que vocês estejam é...elaborando pra essa percepção, esse marketing, esse conhecimento?

**Jó Joaquim:** tem. Tem. Aqui da própria universidade, aqui da Newton o pessoal tem o projeto Maquiné, que eles tem acompanhado, tem feito uma pesquisa muito interessante, né, em determinadas épocas do ano, é... final de ano, semana santa semana Roseana, eles fazem pesquisa, justamente pra ver qual é o perfil do turista tá? Depois me parece que vai ter uma parte que vai envolver realmente a comunidade, de pesquisa junto, já foi feito uma parte aliás com a comunidade, sobre essa percepção, do quê que é a Gruta, do quê que o museu representa, então tudo isso é fruto de quê, de uma preocupação em relação a esse potencial que a cidade tem e que as vezes muitas pessoas desconhecem de fato.

**Equipe:** Exato. Ou seja, de repente até os próprios moradores eles ainda não descobriram, né, todo esse potencial.

**Jó Joaquim:** E outra coisa, né, e fazer com que as pessoas, porque a partir do momento que a própria comunidade ela tem uma consciência da importância desse potencial turístico, ela mesmo vai valorizar, ela vai lutar pra preservar, e outra coisa, né, o turismo ele tem que ser auto se sustentar, então com certeza outras pessoas irão, né, ganhar um dinheirinho, lógico, tá. Hoje existe lá, tem o centro de artesanato, então tem uma associação dos artesãos, né, que começou pequenininho, hoje eles já têm uma sede, entendeu? Tem uma diretoria, então como se diz, eles estão caminhando, estão a procura tá? Tá crescendo realmente. Então se a gente for comparar essa questão hoje, né, com por exemplo, dez anos atrás não existia isso entendeu? Na verdade o quê, pegando a questão do centro de artesanato tem o quê, quatro anos! Talvez até menos que foi construído o centro de artesanato, então já foi um grande passo, um grande avanço realmente.

**Equipe:** Ou seja, são avanços, né, mas que na realidade tem procurado resgatar igual você disse o patrimônio imaterial

**Jó Joaquim:** É porque eu acredito o seguinte as coisas para acontecerem as pessoas, elas tem que sentir importantes e inseridas naquele processo, não adianta você chegar e apresentar o melhor projeto do mundo, né, você pode fazer um projeto excelente, mas, se

you não dá uma visibilidade para o habitante do local que ele é parte importante o projeto não vai pra frente. Pode ter certeza disso. Pode fazer a casa do artesão, pode fazer a melhor casa, a melhor infra-estrutura com o passar do tempo ela vai fechar. Porque isso? Porque se você não trabalhar a pessoa, se ela não sentir importante, né, que ela é uma peça fundamental para que a nossa associação caminhe, lá dos amigos do museu, que a associação dos artesãos caminhe, a pessoa tem que estar inserida neste processo.

**Equipe:** É nos estivemos, né, visitando estes pontos que você menciona, o museu, a gruta, logo na entrada da cidade também tem o centro de artesanato, né, nós estivemos lá e...no caso específico da gruta, nós percebemos que logo ali na entrada parece-me que era...era um restaurante que tinha ali e que, hoje está fechado, quando você vai subindo assim, tem um restaurante que em cima assim você pode estar ali em cima dele, como se fosse um mirante...

**Jó Joaquim:** Não. Ele funciona.

**Equipe:** Ah, ele tá funcionando?

**Jó Joaquim:** Tá, ele funciona, mas é igual eu te falei, eu acho que além dessa questão de trabalhar o turista a pessoa que lida diretamente, eu acho que precisa de um projeto paisagístico em torno, entendeu? Esse próprio restaurante que você está citando eu vejo que ele precisa de dá uma...né?

**Equipe:** É porque, veja bem, a nossa percepção foi de que ele não estava funcionando...

**Jó Joaquim:** É com certeza.

**Equipe:** Em termo de paisagismo muito fraco, talvez uma coisa que nos deixou assim, aquela sensação de que estava abandonado.

**Jó Joaquim:** Com certeza, mas passa essa ideia mesmo. Passa essa ideia, lógico! Entendeu? E é um fato. Não adianta falar que não, que a verdade realmente é essa. Então precisa certo? Lá precisa disso, a própria entrada da gruta, agora melhorou muito, mas há algum tempo atrás tinha assim um...um tanto de propaganda, cartaz, que no meu ponto de vista não tinha que ter nada daquilo ali dentro.

**Equipe:** é uma poluição visual, né?

**Jó Joaquim:** Visual. Eu particularmente todas as vezes que tem uma reunião que eles nos convidam, eu falo muito sobre isso, certo? Eu acho que não tem nada haver realmente aquela poluição visual que tinha, até tanto que deu uma melhorada! Mas eu acho que precisa melhorar mais ainda sim.

**Equipe:** E pegando o gancho, você faz parte da Associação Amigos do Museu, e você está mencionando esta questão de ser convidado para uma reunião, onde você deu a sugestão a respeito dessas melhorias na gruta. Qual que é esse relacionamento entre essa associação, ou mesmo você e essas pessoas que estão fazendo o gerenciamento ali da gruta?

**Jó Joaquim:** Ótimo! Muito legal mesmo, a associação tem assim...um intercambio com a prefeitura muito bom. Muito bom mesmo, certo? Então nós nunca tivemos problemas tá? A gente sempre tá junto, porque como é uma comunidade pequena n'eu trabalho na Secretaria Municipal de Educação, eu sou responsável pelas escolas do município. Então, eu dou aula no colégio de...de 2º grau. Os membros da associação, muitas pessoas, estão ligados as escolas, então acaba você tem pessoas dos vários segmentos. Então, se você não mantiver um bom relacionamento como é que você vai crescer? Tá? Mas é assim, é muito interessante igual eu comentei da semana Roseana, né? É por exemplo então reúne, forma as equipes, se discutem, né? tem as divergências, mas se chega a um consenso também, é tranquilo!

**Equipe:** E já é a 17ª edição, né, da semana Roseana esse ano. E nessa elaboração, por exemplo, entra a Associação amigos do Museu, entra também as outras, por exemplo, as questões, a rede hoteleira, o comércio?

**Jó Joaquim:** Entra, entra. Por exemplo, você falou da questão da rede hoteleira. A gente tem vários convidados para as mesas redondas que acontecem durante a semana então, a gente tem convidados que vêm de São Paulo, vêm de Belo Horizonte, e somos nós mesmos, né, da associação, ela que organiza. Então, por exemplo, vai chegar a turma de São Paulo, vão chegar quatro pessoas, vão ficar por uma semana, então a gente que organiza, procura lá o hotel, a própria associação faz a reserva entendeu? Ela que faz o intercâmbio. Então quando a pessoa chega, né, principalmente as pessoas que vão participar das mesas redondas, que vão dar alguma oficina, a própria associação que..é ...é...que cuida da comodidade de todos eles. Então, a um elo aí, um intercâmbio com a rede hoteleira também, lógico evidente que vai estar ajudando o pessoal que lida, que trabalha, né, com essa atividade.

**Equipe:** Exato. Ou seja, nós poderíamos dizer que são montados equipes, times, né e todos tem esse objetivo comum

**Jó Joaquim:** Tem, né...por exemplo, nós temos lá a equipe de divulgação da festa, a equipe de finanças, certo? E a equipe da coordenação geral. Então é...hoje teve uma reunião na parte da manhã, a gente tem reunido a cada 15 dias, certo? Desde o mês passado, a cada 15 dias nós temos nos reunido porque numa reunião decide, então vai providenciar isso, aí a cada quinze dias a gente apresenta. Então, por exemplo, hoje na reunião hoje na parte da manhã, eles já iam já dar uma olhada na programação da semana.certo?

**Equipe:** E gostaríamos até de deixar aqui registrado um pedido, assim que tiver, né, a parte de cartazes, da divulgação enviar pra gente por favor, que nós teremos um prazer muito grande – **Jó Joaquim:** Tá, com certeza. A gente manda sim! – E não apenas divulgar, mas estar lá também.

**Jó Joaquim:** Claro! E realmente é legal, sabe? É uma semana assim, que tem crescido muito, a semana Roseana porque ela tem atraído pessoas, a gente pode falar de fato que vêm pessoas de várias partes do Brasil. Entendeu? Às vezes vêm até de fora do Brasil já recebemos visitantes, certo? Ano que vem é o centenário do Grande sertão veredas. Em 2008 é o centenário do Guimarães Rosa, - **Equipe:** Nossa! Serão três anos assim... – Então...então na verdade, nós temos, ano que vem, né, 2006 e em 2008, dois grandes eventos, né? E 2008 que é o centenário, hoje mesmo eu tive uma reunião na superintendência de Museus e, realmente vai acontecer em Cordisburgo, né? porque vai ter em várias partes do Brasil , eles vão fazer comemorações ao Guimarães Rosa, mas, a principal ela vai acontecer em Cordisburgo.

**Equipe:** Nada mais do que justo, né?

**Jó Joaquim:** É porque afinal de contas ele nasceu lá, né? então a gente tem que comemorar realmente é lá mesmo.

**Equipe:** ótimo. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa Ronaldo?

**Jó Joaquim:** Não, caso vocês quiserem perguntar, né. Como você falou dessa questão ambiental, e como eu falei assim muito dessa questão do Guimarães Rosa, na própria literatura do Guimarães Rosa, quando ele fala do cerrado, né, fala do sertão , fala do homem. Então na verdade, a gente tem que realmente é...é...através, né, do que ele escreveu, a gente ter essa percepção, porque ele teve essa percepção, né?

**Equipe:** Exato.

**Jó Joaquim:** Porque ele soube é...é...traduzir toda essa percepção dele , numa linguagem totalmente diferente, né, muito criativa, e onde ele fala, né, que o sertão é o mundo. E realmente, se você for analisar e olhar, realmente é. Então, é..é.. na verdade, né, hoje eu posso falar com você o seguinte, eu particularmente tá, há uns anos atrás eu não tinha essa percepção do quê que era a obra do Guimarães Rosa. Hoje eu vejo com outros olhos tá?

**Equipe:** É e igual você está dizendo, esse próprio resgate essa interação, né, de Guimarães Rosa com a cidade é muito rico! É muito rico!

**Jó Joaquim:** É e aí quando você vê lá no ponto de ônibus, o pessoal que vem da roça, aí você vê aquele senhor, aquela senhora, mais de idade comprando aquelas mercadorias, aquela coisa toda entendeu? Então aí quando você pega o livro e lê, então aí você identifica. Você identifica.

**Equipe:** Te remete a

**Jó Joaquim:** Meu pai ele era comerciante, nós ainda temos uma lojinha de tecido pequena. Meu pai, a origem do meu pai é da zona rural. Ele veio da zona rural. E eu me lembro, né, criança tal, na loja é...é...interessante porque as vezes o pessoal mandava: “Aníbal, favor mandar tantos metros de tecido assim, assim.” Você entendeu? E às vezes a pessoa não ia lá, tá? E era no gosto do meu pai, mandava, você entendeu? Então quer dizer, você ainda tem, né, você ainda encontra pessoas, eu que trabalho lá na...na...no setor de educação municipal, as vezes eu recebo bilhetes dos professores, e até a forma que eles escrevem, você entendeu? Aí quando você pega, né, aí você comenta com alguém que estuda a obra do Guimarães Rosa, que você mostra, o pessoal acha assim, eles falam: tá vendo, é isso! . então quer dizer, você ainda tem certo? Esses elementos ainda estão vivos. Por isso, que é importante a gente ter assim, né, para resgatar e saber lidar, né, pra gente não perder, porque na verdade, é o quê que é? É a nossa identidade.

**Equipe:** Sem dúvida.

**Jó Joaquim:** É a nossa identidade. Então, realmente, hoje eu falo com você que, não só eu, mas acredito que muitas pessoas, inclusive os próprios Miguilins, eu tenho certeza absoluta que hoje a visão que eles têm - certo? - de mundo, né, de estudante, de ser humano, essa coisa toda, teve uma influência e tem uma influência muito grande a partir da obra de Guimarães Rosa.

**Equipe:** Qual a sua cadeira?

**Jó Joaquim:** Eu sou professor de História, sou formado em pedagogia e história.

**Equipe:** E também, né, faz parte da coordenação da secretaria, né? Você mencionou as visitas às escolas.

**Jó Joaquim:** É. Eu trabalho no órgão municipal de educação, certo? E tenho uma ligação muito forte com o Museu Casa Guimarães Rosa, desde muito tempo certo? Hoje eu até vim para uma reunião sobre o museu, então eu vou estar desempenhando um trabalho agora no museu, específico no museu, tá? A gente está com uns projetos para ser desenvolvido com os Miguilins, com a comunidade, tá, então a partir, vou começar um trabalho a partir de junho lá no museu também.

**Equipe:** Que ótimo, sucesso no seu trabalho lá!

**Jó Joaquim:** Muito Obrigado.

**Equipe:** Ok. Boa noite.

**Entrevistador(a):** Edésio e Bruna

**Entrevistado(a):** Maria Eva

**Ocupação do entrevistado(a):** Professora.

**Idade:** 58.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é natural de Cordisburgo?

**Maria Eva:** Sou de Cordisburgo.

**Equipe:** E bem, como você já disse a sua idade, reside aqui desde criança, né?

**Maria Eva:** hã-hã.

**Equipe:** E no início da nossa conversa ainda sem iniciarmos a entrevista, é você nos falou sobre uma atividade, um movimento que você participa aqui na cidade. Você poderia falar um pouco dele pra gente, como ele é? Como ele se processa?

**Maria Eva:** Perfeitamente. É o grupo Estrela do Sertão, que é a terceira idade trabalha e promove eventos assim que...eventos que a comunidade toda participa, eventos muito interessantes. A gente se reúne todas... três vezes na semana, na segunda, na quarta e na sexta-feira. E a gente faz trabalhos artesanais, faz bordados, e temos ainda aula de educação física, né? nós falamos educação física, ginástica mesmo, mas ginástica que é dada pelos meus sobrinhos, né? são dois rapazes que...gostam muito de esportes e querem ajudar também, né? então a gente se reúne todas essas três vezes na semana com fins de estarmos juntas, ouvirmos música e...recrearmos também. a gente faz encontros assim, bem interessantes de... a gente faz o café com conserto, faz os bailes, né? da terceira juventude. É... excursões! Nós estamos com excursão agora para o sul do Brasil, para Santa Catarina, uma outra para Caldas Novas, agora em agosto!

**Equipe:** Só lugar bom hein?

**Maria Eva:** Ah! Mais tem que ser! é só lugar assim...que a turma curte mesmo! A gente curte muito mesmo! Nós temos, a mais velha do nosso grupo tem 92 anos, se vocês virem a D. Lica fazer a nossa ginástica!

**Equipe:** Causa inveja na gente, né?

**Maria Eva:** É... é uma coisa pra se pensar! Porque realmente é muito interessante, elas gostam mesmo! Nós gostamos, né? elas não! Nós gostamos. Então nosso grupo é um grupo ativo! E esse trabalho que eu estou fazendo aqui é do meu grupo. Esta colcha aqui voltada para o grande sertão, né, quer dizer, foi uma coisa que a gente idealizou! Buscando nas imagens que o Poti fez da obra de Guimarães, buscando o nosso bordado.

**Equipe:** é inclusive só para deixar registrado vamos ler algumas frases que estão aqui nesta colcha! Por gentileza, leia pra nós queremos deixar registrado!

**Maria Eva:** Ah, tá jóia! “Amor é sede depois de se ter bem bebido” , “ Todo cantar de melodia já é o ensaio do indefinido”. Essa eu gosto muito! “O sertão é uma esfera enorme!” “Amar não é verbo, é luz lembrada!” “O boi é um rosto a menos entre os humanos” (risos) “ Buriti é a palmeira de Deus” “ O sertão é do tamanho do mundo” “ O sertão é confusão em grande e demasiado sossego” São falas bem bonitas, né? “O sertão está movimentante todo o tempo!” “Onde se há vida, há doçura de um pouco de úmido e relva de alma”

**Equipe:** E toda essa beleza poética, essas pérolas, né? estão aqui em uma colcha que está sendo feita, e.. são quantas pessoas que participam deste grupo?

**Maria Eva:** Esse grupo meu são 5 pessoas. São 5 pessoas que aí fazem o fuxico! As outras bordam as falas, né? Outras vêm para o bordado mesmo! Então é...é... é diversificado, a gente trabalha em equipe mas cada um tendo uma função para depois juntarmos tudo e fazermos a nossa colcha! A colcha de retalhos!

**Equipe:** E atualmente são quantos membros no total? E é homem e mulher, ou ....?

**Maria Eva:** Homens infelizmente, os homens ainda não caíram na realidade que estão na terceira fase da vida. Então nós temos somente três que participam! Mas assim, dos trabalhos manuais até não. Agora nós somos quarenta...não sei são quarenta e sete ou quarenta e nove mulheres! As mulheres predominam mesmo! (risos)

**Equipe:** Mas é fechado as mulheres, ou porque os homens ainda não descobriram essa preciosidade?

**Maria Eva:** Não, não! Não a gente procura convidá-los, mas há ainda uma...uma restrição, né? Eles num...acho que não se acostumaram ainda a esta ...sei lá...a este tipo de trabalho, social, né? Eles têm uma resistência maior! **Equipe:** E esse trabalho social, há quanto tempo que ele se desenvolve aqui em Cordisburgo?

**Maria Eva:** Ele já deve ter...parece que são quatro anos! Acho que são quatro anos!

**Equipe:** Que ótimo! Ou seja, tem uma História, né? já está sedimentado!

**Maria Eva:** É! Eu estou fazendo participando dele vai fazer dois anos! É já tem uma história, já tem uma história! A gente por exemplo, no ano passado, na semana Roseana nós tivemos uma noite muito agradável! Sabe? Com a terceira juventude. Ficou para a terceira juventude organizar uma noite bem alegre! Então nós fizemos quadrilha! Eu tenho um grupo de seresta, o grupo Seresta Grupo Flores do Sertão, a gente fez uma entrosamento com o grupo da terceira idade, e a gente criou uma peça homenageando a terceira idade, que foi muito divertida sabe? Muito assim, agradável! De se ver e de se ouvir. Então fizemos assim...a gente faz esse tipo de parceria com a juventude, com crianças, promovendo sempre um entrosamento da terceira idade junto a ... as outras pessoas da comunidade.

**Equipe:** Exato. E pra esse ano, pra semana Roseana já tem algo programado?

**Maria Eva:** Tem, e vocês nem acreditam o quê que nós vamos fazer!

**Equipe:** Conta, porque quem sabe, nós estamos pensando em vir pra cá!

**Maria Eva:** Nós vamos fazer um cabaré! É um cabaré! O nome é... eu não sei se é ....como é?... Ah! Eu esqueci o nome que vão dar ao cabaré, o nome de uma flor. A gente vai...é o Guimarães Rosa numa das obras ele fala sobre as casas que tinham de prostituição aqui. Em uma época mais remota. E o cabaré, na realidade não se chamava cabaré. Chamava a casa das meninas, né? E nós vamos tentar reproduzir esta casa e...Assim fidedignamente usando os mesmos objetos que tinham, aqueles lampiões, o quadro de São Jorge, que diz que em todas as casas tem. Eu não posso dizer não, mas estou falando, né? Então a gente vai tentar reproduzir. E nós da terceira idade é que vamos trabalhar nesta casa! Mas, (risos)

**Equipe:** (risos) Vai ser divertido!

**Maria Eva:** Vai! Vai ser! E vão ter os violeiros que vão lá cantar sabe? E nós vamos tentar, dentro deste contexto, vamos tentar vender caldos, coisas assim mais quentinhas para a época, quentão, uma cachacinha sabe? Então a gente vai fazer uma coisa assim bem diferente! (risos)

**Equipe:** Muito Legal! Bem criativo, né? E já que estamos falando de história, né? Vamos tentar puxar um pouco da sua memória. É...como era Cordisburgo na sua infância?

**Maria Eva:** No setor assim físico?

**Equipe:** Em todo o aspecto.

**Maria Eva:** Ó! Primeiro Cordisburgo, que eu me lembro era ruas sem asfalto ,era toda de ...de...pedra, né? de...cascalho! a gente andava de bicicleta pra baixo e pra cima, e.. tinha as brincadeiras que hoje infelizmente não tem mais. As brincadeiras de roda, de pula maré, de bente altas, aquelas coisas. Vocês nem conhecem isso, né?

**Equipe:** Eu conheço! Maré eu conheço!

**Maria Eva:** Maré, hoje é a amarelinha, né? Que era pula maré que nós falávamos. É...ah! e tinha uma coisa muito interessante! Na minha adolescência, já não é na infância! Nós quando vínhamos de férias, porque eu estudei na fazenda do Rosário durante cinco anos! Lá perto de Ibirité, né? Na época da D. Helena Antipoff!

**Equipe:** Sim, sim eu conheço lá!

**Maria Eva:** Vocês devem ter estudado alguma coisa sobre a D. Helena Antipoff ., uma grande pedagoga, grande psicóloga, né? Era uma russa que veio aqui pro Brasil na época da guerra, né? Então eu estudei lá! Quando a gente vinha pra cá, nas férias, nós nos reuníamos a rapaziada toda, a moçada toda nas portas das casas! Aqui em casa na calçada era toda noite! A gente se reunia para brincar de... casamento oculto, direito \*\*\*, do passa anel , quer dizer coisas que hoje se falar ...

**Equipe:** Aquele cai no poço, né? era este?

**Maria Eva:** Não. Era um que você numerava as pessoas, depois falava: “ É esse aqui que você quer se casar?” e se escondia, um se escondia!

**Equipe:** Então! Exato, aí falava: “Cai no poço, quem me tira? Meu bem! Aí é esse?”

**Maria Eva:** Ah! Sim! É isso mesmo só que a gente não usava esse termo, mas é isso mesmo! Então essas brincadeiras, nossa! Eram todas as noites! Ou então a gente ia pras casas, né? aqui na minha casa, na casa de outras meninas aqui, e ligava...eu tinha, eu não, minha mãe tinha uma radiola... era radiola! Não era som, né? e nós ligávamos a radiola com os discos de vinil, e nós íamos dançar!

**Equipe:** Super-saudável, né?

**Maria Eva:** Muito bom! Muito bom! E os pais da gente participavam, né? E não tinha essa bebedeira, não tinha essa...pelo menos aqui não tinha isso, né? Era só mesmo uma coisa assim...bem de conversar, de vez em quando um cafezinho circulava pela sala, um salgadinho, um biscoitinho, e pronto! Então era bem saudável! A nossa parte social aí da infância, adolescência foi bem interessante, voltada muito para as brincadeiras, para os estudos, né? Porque nós todos estudávamos! Aqui não tinha recursos, não tinha o curso ginásial na época, então a gente tinha que sair ou para Curvelo, Sete Lagoas e eu que fui lá pra Fazenda do Rosário. Então a gente fazia os cursos assim...com muita seriedade! E depois quando voltávamos, a gente já voltava assim...formada! Eu comecei a trabalhar aqui, no grupo, né? Era no grupo Mestre Candinho, como professora de crianças! Depois que fiz faculdade... e aí, a gente vai levando a vida, dentro da educação...da firmeza assim com o aluno, hoje é muito complicado! Difícil, modificou-se demais a estrutura do ensino! Então na minha época, eu digo assim na minha época, parece que é muito antigo né? Mas tem uns nove anos que eu me aposentei já. Então não era tão gritante, como é hoje a indisciplina nas escolas, né? a falta de respeito que existe hoje muito, antes não era tanto assim não é?

**Equipe:** É...e pegando ainda um gancho nesses eventos o quê que você poderia destacar de algum acontecimento marcante, ou na sua infância ou na juventude aqui em Cordisburgo?

**Maria Eva:** Ah de coisas que me marcaram? Iche!!! Tem muitas, né? Tinha os circos Touradas, nas praças aí, que eram verdadeiros espetáculos, né, tinha...ali na praça do São José eles armavam...no final da rua aqui, eles armavam é o circos, né? e começavam a anunciar: "Circo Touradas" Então a criançada toda ia! Os parques! Hoje não existe mais isso aqui! Os parques muito bons que tinham. As barcas, né? pra gente balançar! os carrosséis! Então isso na minha infância, era muito marcante sabe? E da adolescência, era os nossos bailezinhos nas casas! Os piqueniques que a gente fazia nas beiras dos córregos! E! Isso era muito bom! Hoje eu acho que não fazem...vocês não fazem mais isso, né? piquenique acho que na cidade grande ....é muito difícil de acontecer! Aqui em Cordisburgo que era normal isso, hoje já é mais complicado, não faz mais! Mas nós tínhamos, né? os nossos piqueniques nas tardes de domingo, levava aquela...mamãe fazia aquela sacolada de coisas...de quitutes! E nós íamos pra beira do córrego, sempre era na beira do córrego, né? para tomar banho e...comer aquelas coisas gostosas! Isso são fatos assim que marcam a gente, né? Essas são coisas boas, são coisas produtivas que enriqueceram a gente, né?

**Equipe:** Exato. E...Sandra dentro de Cordisburgo hoje, né? Qual a leitura que você faz em termos de atração turística? O quê que você considera de atração em Cordisburgo?

**Maria Eva:** Olha, primeiro a... todo mundo conhece a gruta de Maquiné como sendo um pólo de atração, né? do turismo. Depois vem o museu Guimarães Rosa. A cidade agora, está começando a querer trazer alguma novidade, né? Melhorar um pouquinho! Está muito devagar! A gente sempre está falando, sempre está tentando ver se ajuda em alguma coisa! É... o grupo dos Miguilins que foi uma coisa assim... maravilhosa aqui em Cordisburgo! Porque os Miguilins realmente eles divulgam Cordisburgo, dentro da obra de Guimarães. Não só aqui, né, mas no Brasil todo! Porque eles já passaram aí, por vários estados, né? Então este é um ponto forte do turismo nosso. É os contadores de história. A ... a cidade infelizmente não tem beleza nenhuma, né? Está muito deixada de lado. Nós temos a Igreja São José ali, que eu acho que é uma judiação deixar como está, porque cada vez que passa um caminhão de carvão ao lado, abala mais o sistema dela. Então é um marco da

nossa cidade! 1883 começou a ser feita, terminou em 84, né? E tá lá, aquela igreja bonitaiiiinha, bonitiiiinha, mas não tem assim, tanto amparo, nè?

**Equipe:** É uma preocupação de preservação, né?

**Maria Eva:** Pois é, teria que ter essa preocupação! de vez em quando a comunidade se reúne...mas já até descaracterizaram um pouco a igreja, porque botaram um forro de...de PVC lá, né? então...

**Equipe:** Já perde um pouco aquele glamour, né? de...

**Maria Eva:** É... é, mas tudo bem! Quiseram preservar! Então nós temos ainda... olha nós temos tanta cachoeira bonitas aqui!

**Equipe:** Aqui em Cordisburgo?

**Maria Eva:** É, aqui no município, né? que poderiam ser caminhos para o turismo!

**Equipe:** Ecoturismo! As grutas que nós temos aqui são lindas, lindas! Fora a de Maquiné,, né?

**Equipe:** Ah! Existem outras?

**Maria Eva:** Muitas outras! Eu conheço assim... eu conheço a Gruta da Morena é maravilhosa! Imensa! Muito grande mesmo! Linda! Maravilhosa! A gruta... a gruta da morena, conheço a Gruta do Tobogã, na entrada aqui na chegada, tem a gruta... uma grutinha pequenininha lá do "Tamura", que dizem que é muito bonitinha também!

**Equipe:** E todos esses pontos estão aqui no entorno aqui de Cordisburgo?

**Maria Eva:** Dentro do município! Tem ...nós devemos ter umas 20 grutas aqui mais ou menos. O acesso a elas é difícil. Mas, pra fazer o ecoturismo, seria um prato cheio!

**Equipe:** O que a turma quer é isso mesmo! O acesso difícil, não é?

**Maria Eva:** Ô gente! A Gruta da Morena é uma aventura! Eu fui três vezes nela! Eu costumava falar que aqueles filmes do Indiana Jones...é uma aventura assim. Sabe? Porque você tem que deitar, rastejar, na...na...para passar de uma galeria para outra. De repente você sobe em um pico assim, e desce cai dentro d'água sabe? Então é...são umas coisas assim, incríveis! Que poderiam ser exploradas!

**Equipe:** E são propriedades particulares?

**Maria Eva:** é são propriedades particulares, mas eu acho assim, havendo um interesse da municipalidade em fazer esse tipo de trabalho, né?de turismo, todo mundo seria beneficiado, né?

**Equipe:** É um turismo consciente, né? Que não viesse degradar o ambiente, né? e que fosse explorado para trazer recursos pra cidade, né? e... Sandra de todos esses pontos turísticos que você tem \*\*\* e que você já fez uma avaliação deles, qual deles que você acha mais interessante? Ou talvez não mais interessante, se tivesse que colocar uma ordem qual que você colocaria como o primeiro, em termos de interesse aqui pra cidade de Cordisburgo?

**Maria Eva:** Uai, Cultural eu acho assim... que primeiro o museu. O museu é uma fonte assim...inesgotável de conhecimento, né? e a literatura Guimarães, né? é uma preciosidade inquestionável, né? em segundo plano, a Gruta de Maquiné, que já é uma beleza natural, né? A beleza natural, parte física mesmo, que é muito bonita e não está sendo preservada como deveria mas, ainda é muito bonita. E... quer dizer, eu poderia até colocar em primeiro plano, se houvesse o ecoturismo. Porque eu sou vidrada na natureza, gosto demais! Mas, aí, nós não temos ainda não é? Mas quem sabe!

**Equipe:** Dentro deste quem sabe seu, nós queremos lhe fazer mais uma pergunta. Quis sugestões você teria para melhorar o turismo de Cordisburgo?

**Maria Eva:** Para melhorar? Conscientização primeiro das nossas autoridades nosso prefeito que diz que tá querendo é...trabalhar muito com o turismo, com a educação, etc, etc! então que realmente ele se empenhasse nisso e, aceitasse as parcerias com a população para desenvolver esse turismo, né? porque eu acho que havendo parceria a coisa flui melhor, né?

não só com a comunidade, mas parcerias de Newton Paiva, não é? Porque a dois anos vocês vêm trabalhando aqui na parte de turismo, né? Então eu acho que seria o elo pra tentar desenvolver o turismo com a tecnologia de vocês e nosso conhecimento e a nossa história! Né? então seria assim, de grande valia essas parcerias!

**Equipe:** E a senhora crê que a comunidade cordisburguense estaria aberta, receptível a isso?

**Maria Eva:** Ah! Sim, eu acredito que a maioria! É claro que em todo ponto, há aqueles entraves,, né? mas eu acho que estaria aberta sim! Perfeitamente,,pra vocês virem aqui e desenvolverem um trabalho muito bom, e ajudar no turismo!

**Equipe:** Exato. É o ...o projeto que nós estamos envolvidos nele, né? tem os objetivos também (ela interrompe – tem a ver, né?) Tem haver com essa questão sim. Nós estamos fazendo esta pesquisa neste semestre, né? e tem sido muito gratificante, que a gente tem explorado assim, realmente pontos muito interessantes aqui da cidade! E, para quem passa de fora, como é o nosso caso, fica muito tampado, né? então muito interessante a gente ver todo esse potencial que a cidade tem, e de repente não está sendo explorado, mas que possa vir a ser explorado, né?

**Maria Eva:** É. Eu acho que quem passa, só passa, não sente o que realmente a cidade é! Então vê só a parte física. Então a essência das pessoas, né? o ..o que tá, o que emana de dentro da gente, é só depois de um bate papo, de um relacionamento maior que você vai conseguindo tirar, né? muita coisa de interessante, de história nossa, de fatos aqui, que são...tem fatos pitorescos que muita gente conta! De coisas que a gente costumava falar assim que era só o ... uma novela! Uma novela daria perfeitamente para ser criada aqui, nos fatos que acontecem em Cordisburgo, né?

**Equipe:** Fatos da vida real!

**Maria Eva:** é daquelas novelas bem...estilo assim...é...como é que a gente falava do Lima Duarte,é... Aquela....

**Equipe:** Roque Santeiro!

**Maria Eva:** É... tipo assim! São fatos bem interessantes, né? mas Cordisburgo, a gente daqui, a gente não é assim...muito mau caráter não sabe? (risos) A gente até gosta de estar junto das pessoas que querem ajudar! É... é muito difícil a gente lidar com o publico, né? com o povo de uma maneira geral e, chegar a um consenso que satisfaça todo mundo. Mas, se a gente fizer um trabalho bom, nós estamos aqui voltadas agora! Ainda ontem eu tive conversando com um amigo meu, que a nossa rua, a minha porta e aporta dos meus vizinhos está horrível! Vocês viram aí, né? o matagal que está aqui e, então já tem três anos que eue estou tentando fazer um calçadão aqui e não consegui autorização na câmara. Depois parece que foi tombado aqui, e não sei o quê, não sei o quê! Agora nós vamos fazer no peito e na raça sabe? A é...eu conversei com os vizinhos, cada um vai...se propôs a dar uma...cimento, areia, brita e não sei o quê, não sei o quê! Fizemos um projetinho! E vamos começar a fazer! Eu espero que até a sema na Roseana a gente consiga fazer pelo menos uma parte! Eu ainda falei com eles se, eles não gostarem, eles entre aspas, né? Então eles vão desmanchar e fazer um melhor 1 mas eu acredito que o nosso vai ficar muito bonito que ninguém vai querer...vai querer é prosseguir! Porque é muito complicado é...cidade é tida como uma cidade de turismo e, você encontra uma rua...toda...cheia de mató! Os meios fios todo arrebitado. Então vamos tentar concertar! A gente tentou...eu tentei aqui com a gestão passada, mas não consegui não! Vou ver como padre Maurício. Eu já dei umas nele outro dia aqui na porta! “ó padre Maurício, nós já vamos começar isso aqui viu?” pra ver se a gente melhora pelo menos a ...a rua que é dita como principal daqui, que é próxima ao museu, né? A estação que é um ponto de turismo também, né? mas é isso mesmo! Interior é assim mesmo!

**Equipe:** É! A senhora teria mais alguma coisa a acrescentar?

**Maria Eva:** Eu acho que eu falei foi demais, né? (risos)

**Equipe:** Que ótimo! Muito obrigado e boa noite!

**Maria Eva:** Por nada!

**Entrevistador(a):** Patrícia

**Entrevistado(a):** Rosa

**Ocupação do entrevistado(a):** Professora aposentada.

**Idade:** 62.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** A senhora é da cidade de Cordisburgo?

**Rosa:** sou nascida e criada em Cordisburgo.

**Equipe:** E como era a cidade de Cordisburgo na época de sua infância?

**Rosa:** Não tinha calçamento, a gente brincava mais era nas ruas, porque não tinha muitos carros, era uma família ou duas que tinha carro, televisão. Então era uma vida bem tranquila.

**Equipe:** E quais eram os atrativos daquela época?

**Rosa:** Era brincadeira de roda, cabra-cega, passa anel, a gente brincava dessas coisas.

**Equipe:** E a população integrava muito, como era, a cidade era menor?

**Rosa:** Parece que havia mais amizade, mais respeito, sabe? Mais preocupação com o outro. Porque à medida que a cidade vai crescendo, vai desenvolvendo, também vai crescendo a ambição, um quer ser mais que o outro, ter mais que o outro. Então teve esse avanço aí para as coisas materiais, eu acho que traz um certo prejuízo para o ser humano. Antigamente parece que as famílias eram mais unidas.

**Equipe:** E o que a senhora acha que pode ter mudado para a cidade?

**Rosa:** Eu acho que é consequência mesmo da evolução, da época. Hoje todo mundo tem a televisão que é uma faca de dois gumes, ela informa e deforma. Aliás ela deforma mais que informa. Então agora parece que está havendo uma preocupação das autoridades em relação com a televisão, com os programas, pelo menos assim há uma preocupação na área literária, de uma transmissão mais consistente.

**Equipe:** o que mais marca a senhora aqui na cidade?

**Rosa:** Eu sou professora aposentada, então toda vida eu vivi aqui, estudei algum tempo em Curvelo, estudei na época era o colegial normal em Curvelo e fiz faculdade indo e voltando em Pedro Leopoldo que é extensão da Puc de Belo Horizonte, então na época também já era. E agora eu sou aposentada gosto de viver aqui, gosto dessa quietude de Cordisburgo, desse movimento dos Miguilins, eu gosto de viver aqui, não gosto de cidade grande não, aquele pega condução, vai para aqui, vai para ali.

**Equipe:** E a senhora já participou de algum movimento cultural, algum grupo?

**Rosa:** Toda vida eu participei, eu fui catequista, toda vida eu ajudei na comunidade, agora que eu estou mais quieta.

**Equipe:** E hoje fazendo um comparativo com antigamente, o que hoje tem em Cordisburgo de atrativo?

**Rosa:** Aqui nós temos a semana roseana que é uma festa cultural de grande revelo, de grande repercussão e a Gruta de Maquiné, que vocês devem já ter visitados, né? Já foram, né, Gruta do Maquiné. O potencial turístico é muito grande, mas ainda não é explorado, porque nós temos diversas grutas, parece que são interdadas pelo IBAMA, no mais são as festas, festas de escola, como quadrilha, apresentação de números artísticos, o artesanato é muito rico, muita gente vive do artesanato.

**Equipe:** E a senhora falou que alguns pontos turísticos não são muito explorados, a senhora acha que é por causa de que?

**Rosa:** Falta vontade política, falta vontade política, talvez não falte vontade, falta é decisão política. Porque nós temos por exemplo, diversas grutas que poderiam ficar a disposição dos visitantes, um turismo alternativo. Para segurar mais o turista na cidade, porque a cidade é pequena, mas se ela for bem cuidada, bonitinha, as arvores sempre bem podadas, sempre limpinha. É condição para o turista vim e querer ficar pelo menos uma semana, isso gera renda, o pessoal vai vender os seus doces caseiros.

**Equipe:** E a população ela participa desses pontos turísticos?

**Rosa:** Muito pouco, porque nós temos cachoeiras que são assim em terrenos de fazendeiros, privados, né, então às vezes eles não deixam o pessoal não tem acesso.

**Equipe:** Quais os pontos, a Gruta e quais outros pontos turísticos que tem aqui?

**Rosa:** É como eu falei as outras grutas que não são visitadas, que poderiam ser visitadas, poderia ser feito o circuito das grutas. Só que eu acho que elas são interditadas pelo IBAMA, o motivo assim eu não conheço, mas eu acho que o problema, um estudo neste sentido, uma preocupação dos políticos no caso aí, eu acho que a coisa pode melhorar.

**Equipe:** E do tempo que era até hoje, a senhora tem algum fato marcante, para contar pra gente?

**Rosa:** Igual eu falei, as ruas descalças, o pessoal mais simples, talvez mais humilde, de menor poder aquisitivo, mais havia mais amizade. Eu acho isso importante e marcante. Porque precisa ter. Uma cidade, por exemplo, igual aqui que são 8 mil habitantes, então se o seguimentos fluírem em torno da cidade, daquilo que pode gerar renda para os habitantes da cidade, eu acho que as coisas vão melhorar, porque falta emprego, a juventude você vê fica ociosa, pode olhar aí que você vê a ociosidade.

**Equipe:** Em termos de emprego, o que a senhora acha que poderia estar vindo para Cordisburgo?

**Rosa:** A gente está recebendo aí a siderúrgica, é um fato já comprovado, parece que já vai voltar a funcionar. Fala-se na abertura, na reabertura de uma fábrica de tecidos que já houve aqui e na reabertura da cerâmica, porque nós temos a matéria-prima, telhas, tijolo, gasta isso muito, o pessoal constrói hoje bastante, então eu acho que o potencial é grande.

**Equipe:** E a expectativa da população com relação da abertura dessa fábrica?

**Rosa:** O povo espera, sempre tem a esperança, ai do povo se não é a esperança, é a última que morre, você não viu os sem-terra que chegaram lá no Lula, chegaram, né.

**Equipe:** A senhora falou de uma quantidade de jovens que está procurando emprego, a senhora acha que essas fábricas poderiam ajudar?

**Rosa:** Poderiam ocupar, né, alguns jovens, pais de família.

**Equipe:** A senhora falou do turismo que outras atividades tem aqui em Cordisburgo?

**Rosa:** Artesanato, atividade agropecuária é boa, agricultura também.

**Equipe:** A senhora tem mais alguma coisa que queira ser colocada?

**Rosa:** Não. O povo está cheio de esperança, né, cheio de fé, cheio de esperança, que é uma característica do povo brasileiro, aproveitando a propaganda que passa Eu sou brasileiro e não desisto nunca. E está mostrando aí na novela América o que o pessoal passa nos Estados Unidos. Uma vez eu estava analisando com uma turma: "Olha lá. A Sol está lá trabalhando, ralando pra mandar dinheiro para comprar remédio, é uma mensagem, né. Será por quê? está faltando remédio para os brasileiros? Onde está a política da saúde, está atendendo está resolvendo?"

**Entrevistador(a):** Patrícia

**Entrevistado(a):** Dismundo

**Ocupação do entrevistado(a):** Funcionário público.

**Idade:** 47.

<b>Local:</b> Cordisburgo.
----------------------------

**Equipe:** O senhor é de Cordisburgo?

**Dismundo:** Eu sou nascido em Cordisburgo, já tem 47 anos. Eu nasci e já morei fora. Por um período fiquei 03 anos fora, depois regressei. Trabalho em Sete Lagoas, mas eu vou e volto todos os dias.

**Equipe:** A gente queria que o senhor contasse para nós um pouquinho como é que era Cordisburgo na sua infância, o ambiente, o que tinha em Cordisburgo?

**Dismundo:** Bom... Teve mudança, né. Porque, logicamente, o Brasil com a globalização aí, mudou o sistema das cidades, alguma coisa melhorou, e, na minha época, como se diz, era muito restrito, para fazer uma compra melhor tinha que sair daqui e ir para Belo Horizonte. Vou até contar um caso para vocês aqui: Quando a gente queria comer uma maçã, a gente comprava maçã em Belo Horizonte, quer dizer, era um dia de viagem, isso na época da minha infância. Hoje não! Hoje tem uma estrutura, mas ainda falta muita coisa, que a gente vê aí no nosso país e em outros países desenvolvidos, mas, melhorou muito, tem muita coisa que a gente já tem aqui, e hoje o ser humano, eu particularmente na minha época de infância, a gente passava muita necessidade, e, hoje, as pessoas, a maioria das pessoas, hoje, tem certo conforto. Então eu acho que melhorou muito a cidade nesse aspecto. Mas tem muita coisa para melhorar ainda.

**Equipe:** E assim, quais os atrativos que tinham nesta época em termos turísticos?

**Dismundo:** Toda vida eu convivi com a Gruta do Maquiné, o pessoal vinha aqui para visitar a Gruta do Maquiné. Ela como se diz é ponto de referencia de Cordisburgo, é a Gruta do Maquiné. Mas, hoje nós já temos a Associação Casa Guimarães Rosa, a Academia Cordisburguense de Letras, vem muito turista, inclusive agora em julho nós teremos a semana Roseana, que vem turista mesmo para conhecer as obras de Guimarães Rosa. Isso também quer dizer, melhorou também neste aspecto turístico, tem hoje, foi criado aí, o centro dos artesões, que hoje também vem turista para comprar os artesanatos. E, o que aconteceu de mudança assim, referente ao turismo, é estas coisas aí que te falei.

**Equipe:** E a relação da população com este turismo?

**Dismundo:** O pessoal de Cordisburgo é muito preparado, eu acho que Cordisburgo tem que melhor muito ainda, a respeito do turismo, porque o pessoal já é apto para isso, acho que nós somos, totalmente, uma cidade turística. O pessoal aqui é muito tranquilo, bom de convivência, muito educado, inclusive a média cultural de Cordisburgo, pelas regiões aqui, é a melhor média cultural que tem. Você conversa com uma pessoa lá da roça, até o jeito dele falar, são pessoas mais cultas, né. Tem um jeito assim, que pode ser meio grosseiro na conversa, mas, culturalmente eles participam muito. A nossa comunidade aqui, é uma comunidade que está preparada para receber o turista. Agora, a cidade é que não está.

**Equipe:** Quando o senhor fala que a cidade não está preparada...

**Dismundo:** É porque a nossa cidade precisa melhorar em muitos aspectos. Nós, por exemplo, para você investir no turismo, você tem que ter um hotel de primeira qualidade, inclusive, por exemplo, eu viajo muito, eu trabalho no ... também, e eu vou muito em seminários, então você chega em locais que tem um hotel, que você vai fazer um seminário, que está preparado porque vai vim um número de pessoas, vai vim um grupo de pessoas fazer este seminário aí, porque, hoje o quê que o turista faz? Ele só vem para conhecer a gruta, e volta no mesmo dia. Ele volta no mesmo dia. Nós queremos que este turista fique aqui, a cidade tem que investir mais, a cidade de Cordisburgo ela está, você pode ver, que ela está... têm praças aí que estão em um estado lastimável, asfalto. Você pode ver que a cidade está com um aspecto muito ruim. Eu sou daqui, mas tem quer ver isso. Tem que melhorar para receber bem o turista. E, investir mais. Nós temos capacidade para isso. E

aqui tem cachoeira, aqui tem represa, você pode investir para o turista chegar e ter como fazer este roteiro turístico, passeios ecológicos, ainda ter assunto ainda, nós temos vários assuntos, quer dizer, os menininhos Guimarães Rosa, a Academia Cordisburguense de Letras, então, tanto culturalmente como na parte ecológica, como na parte de direção, eu acho que Cordisburgo tem chance grande, de investir no turismo, está precisando é de apoio.

**Equipe:** E a população de Cordisburgo, ela participa destes pontos turísticos, ela frequênta?

**Dismundo:** A comunidade ela participa, só que hoje, como a vida hoje mudou, porque antigamente, tinha muito trabalho voluntário, hoje ninguém trabalha voluntário mais, a pessoa ela começa... Assim, vou até corrigir isso aí, não é que não trabalha voluntário mais, é porque, quando a pessoa começa a trabalhar, ela já quer ganhar alguma coisa. Então, de dez pessoas, uma faz um trabalho voluntário, a outra já tem segundas intenções. E tem um detalhe também, quando uma pessoa começa a investir em alguma coisa, ela já quer de imediato saber se aquilo vai dar retorno, se não dá um retorno, eles já se distanciam. A comunidade hoje é isso. Você tem que, mostrar para comunidade que aquilo vai ter continuidade, se não tiver, para. Você pode ver estas Associações que são criadas aí, são criadas para melhorar, para ajudar um certo numero de pessoas, e que começar com um presidente, um vice-presidente e um secretário, e, daqui a pouco eles largam tudo na mão do presidente. Por quê? Porque tem que correr atrás de dinheiro, tem que correr atrás de ajuda, então é aí, que a comunidade afasta. Então, a partir da hora que o pessoal começa a ver a cidade bonitinha, sendo bem cuidada. A prefeitura investindo naquilo que tem ser investido de verdade, o pessoal vai ajudar. Né, inclusive até em embelezamento de rua mesmo. O pessoal já se propôs, eu que participo da atividade publica também. O pessoal fala, "se fizer um meio fio, nós fazemos a calçada", mas enquanto o meio fio não aparecer o resto não faz a calçada, entendeu? Só aquele que tem uma situação financeira melhor. Mas, a pessoa que tem uma situação financeira pior, ela geralmente quer ver o início da obra, para ela dar aquela força que haja atividade.

**Equipe:** Além dessa interação da população, neste aspecto que o senhor está falando para gente do turismo, o que o senhor mais acha que poderia estar somando para Cordisburgo?

**Dismundo:** Nós temos outro potencial fortíssimo, que é o município nosso que tem 842Km<sup>2</sup>, e é grande um município assim. Porque tem município que têm, uma extensão muito grande, mas é um município montanhoso, é um município de terra ruim, e, aqui não! Aqui nós temos 842Km<sup>2</sup>, mas de terra fértil, o produtor, dá para se produzir muito, mas, o quê que precisa? Precisa de ajuda, precisa de subsidio, tanto do governo federal, como do estado, como do prefeito, principalmente, e hoje eu faço um crítica grande, que é a respeito do estado. O estado hoje, não investe nada nos municípios, ele não faz nada. Você procura qual o tipo de programa e de convênio é feito no estado com o município. Então o produtor, como é que fica? Ele produz a coisa e vai escoar para onde? Aonde que ele vai levar esta produção? Nós temos a terra, tem o fazendeiro ali, ele quer produzir, mas só que ele não quer correr risco. Ele vai plantar e vai vender para onde? Aonde que ele vai levar esta produção? Então, além do turismo nós temos um potencial muito grande que é agropecuária. Que pode se investir muito e Cordisburgo crescer muito neste aspecto.

**Equipe:** Algumas pessoas contam para gente que antigamente tinha uma fábrica de cerâmica, e parece que tem um projeto agora, novo, para criação de uma siderúrgica.

**Dismundo:** É... outra coisa também. Cordisburgo se você for pensar bem, eu não sei se é falta de apoio, ou mesmo de persistência de quem implanta uma indústria, porque nós tínhamos aqui uma cerâmica, nós tivemos aqui fábrica de manteiga, a fábrica de tecido, isso tudo, né, nós tínhamos a fábrica de laticínio, quer dizer, a cooperativa hoje ela funciona, bem sei, treinando gente para Itambé, me parece que para Sete Lagoas, quer dizer, e tem o armazém dela, o comércio dos cooperados aí, do rural. Mas, você ver que diminuiu também

a cooperativa. Ela tinha uma quantidade bem maior de funcionários, mas caiu de mais. Então a gente fica pensando, por que isso? Será que é falta de ajuda, de subsídio, ou mesmo falta de estímulo destas pessoas que chegam, começam e perdem o estímulo, não tem aquela força de vontade, de dar continuidade a indústria. Então o que a gente pensa, é que a gente tem que estruturar isso, a gente tem que criar projetos para que esta indústria comece e que continue. Então, hoje tem este projeto de que a fábrica de tecidos vai abrir. E se Deus quiser vai. Eu peço a Deus que vá abrir porque deve dar emprego para mais de 20 pessoas. E, a siderúrgica, ela já tem uma licença ambiental, e já tá feito, está começando o projeto de terraplanagem, então, tudo o que a gente ver aí, é que vai começar a funcionar, mas, com a queda do dólar, a gente fica meio pensativo, porque em Sete Lagoas já fecharam me parece que quatro ou cinco siderúrgicas. Esperando o quê? A alta do dólar. Está dando prejuízo. Então, tem essa perspectiva de abrir, mas ainda eu não conversei neste aspecto, com quem vai abrir esta siderúrgica, se vai dar uma parada, ou se está dando continuação ao projeto, que, pretende-se abrir até julho, me parece que, do ano que vem.

**Equipe:** E o senhor poderia falar para gente, voltando um pouco aos pontos turísticos. E a comunidade? Como ela se identifica com estes pontos turísticos da cidade? Igual a Gruta, a Casa Guimarães Rosa...

**Dismundo:** Inclusive ela... É o seguinte. Eu acho que isso é muito relativo, que, todo o cidadão de Cordisburgo, quando você conversa, todo mundo adora Cordisburgo, eu acho que todo mundo gosta de morar aqui, todo mundo se identifica com a Gruta, com o Museu, né, todos nós, a gente quando fala, fala com o maior orgulho. Que Cordisburgo tem a Gruta do Maquiné, tem o Museu Guimarães Rosa, mas, o que falta aqui não é, só a parte de identificar com esse tipo de turismo, do turismo aí que você está falando, é a pessoa também, ela se interar mais,, né, ajudar mais, e por quê que a pessoa não se ajuda? Porque ela não tem condição financeira. A população de Cordisburgo é uma população pobre. Então a pessoa se identifica, mas ela fica vivendo a vidinha dela. Você está entendendo? Por quê? Porque, tem-se a Associação da Academia, mas hoje você pode ver que é o presidente ou algumas pessoas mesmo que corre atrás, que procura recurso, e nós estamos querendo é melhorar isso. Nós estamos querendo é que tenha as Associações, que a população melhore o poder de vida dela, para ajudar estas Associações. E você cria as Associações, e inclusive o turismo tem criado algumas Associações e tem, inclusive, a Fundação Maquinetur, e hoje, o que acontece, a fundação só depende de turista. Eu não sei até onde ela vai chegar. Que ela está precisando de outro tipo, de conseguir outro tipo de recurso, que não dependa só do turista que vem na Gruta. Ela tem que ter outro tipo de ganhando, como se diz, para melhorar a Gruta, para melhorar este tipo de atendimento ao turista.

**Equipe:** E, estes outros tipos de recurso o senhor acredita que sejam quais?

**Dismundo:** Eu acho que tenha que partir é mais é da área, do executivo, propostas de projetos que tenham que ser elaboradas pelo executivo, e conseguir recurso alto, e, segundo, Deus abençoar, que venha aí um investidor que goste da terra, que tenha uma situação financeira boa, para investir aqui. Porque como eu estou falando, que já viajei para outros locais, eu fui para o Hotel Tauá, elogiou como, me parece que foi um deputado na época, que resolveu investir no hotel, e hoje o hotel é uma potência, emprega mais de duzentas pessoas, então o que precisa hoje aqui em Cordisburgo é isso. Uma pessoa de situação financeira boa que, queira investir aqui. Não é só depender do poder público e da própria população. Tem que se tirar dinheiro externo para trazer para cá. Investidor externo para trazer para aqui, para Cordisburgo. Eu falo até mais. Com a siderúrgica funcionando, vai resolver muitos problemas nossos. Financeiramente eu acho que, no aspecto do executivo, vai ter mais investimento, mas a gente tem que preparar a parte social. A gente tem um plano diretor aqui, um plano de postura, porque senão vai chegando pessoas de tudo quanto é lugar, vai construindo em qualquer local, aí a cidade descamba é para virar

uma cidade favelada, aí. A gente tem que preocupar muito é com esse lado. A siderúrgica é bom, mas a gente tem que olhar é este aspecto, o aspecto social.

**Equipe:** E neste aspecto social, qual o senhor ver. Quais são as expectativas das pessoas, vindo estas indústrias, neste caso para Cordisburgo?

**Dismundo:** Inclusive eu sempre falo o seguinte. No aspecto social, você para melhorar qualquer cidade, qualquer comunidade, não depende só de uma coisa só não, tem varias coisas, por exemplo, Cordisburgo hoje, nós temos uma cidade que é Sete Lagoas que é uma cidade pobre, mas você ver que, até no caso de doença, a maioria dos problemas nossos, nós temos que levar para Sete Lagoas. Até hoje, voltando ao aspecto turístico, neste aspecto da indústria, você tem que ter um hospital, preparado, para receber, pelo menos um atendimento ambulatorial, os pequenos atendimentos. Tem que estar preparado para isso. Casos mais graves nós vamos levar para fora, mas aquele atendimento ambulatorial básico, nós temos que estar preparados para isso. O turista vindo para cá, qualquer coisinha que tiver, nós temos um hospital. Os hotéis, você tendo uma siderúrgica aqui, podem vir muita gente para cá, que vai estar ligada à indústria. Onde que essa pessoa vai ficar? Então nós temos que investir nesta área. Neste aspecto que eu falo. Por exemplo, na questão de moradia, que a parte do social aqui também, nós temos que investir muito. Ainda tem cidade ainda, aliás, tem pessoas aqui, que ainda não tem lugar para morar. Quer dizer, quando se cria projetos de moradia, você tem que entregar já a moradia com asfalto urbanizado, tudo certinho. Nós temos que analisar muito este aspecto social. A respeito da educação, eu acho que pelo tamanho da cidade nossa, eu acho que nós estamos até preparados, né, escolas estas coisas, temos até o 2º grau, que você vai fazer ali, o básico, eu acho que Cordisburgo está preparada neste aspecto da educação.

**Equipe:** E o senhor agora poderia estar me citando, voltando a sua infância em Cordisburgo, um evento marcante daquela época e hoje, o que mais marca na cidade, fazendo um comparativo?

**Dismundo:** Eu, na minha época de infância, assim... eu vou pensar mais na minha época de jovem. Um evento marcante que a gente tinha era a Festa da Abóbora, um evento que paralisou, mas que agora, vai voltar a funcionar. Vai ser ótimo, porque é dinheiro que se trás para cidade. Então, na minha época de rapaz era a Festa da Abóbora. Agora, tinha outros eventos, que é o caso do carnaval. Os carnavais aqui, toda vida foram muito bons, é uma coisa que precisa investir também, porque as pessoas gostam de Cordisburgo, o pessoal aqui da região aqui perto, o pessoal gosta de vir para cá. Então é aí que está faltando, a gente precisa investir mais nas nossas festas. Nos temos aqui, oh... é, para te responder aqui: Festa do Rosário, uma festa que vem bastante gente, a Festa da Abóbora, a Festa do Cavalo, tinha aqui também, já teve este ano, e já veio bastante pessoas, a Festa do Cavalo (palavra), que é uma festividade que vem bastante gente, o nosso carnaval, a Festa Roseana, que é uma festa que já tem lucro, que é referente à cultura. Vem gente de São Paulo... De Guimarães hoje, quem não conhece Guimarães Rosa? Nós temos o grupo Miguilim que conta história para o Brasil inteiro. Então... mas o que marcou e o que marca mesmo, na minha época de rapaz era a Festa da Abóbora e o Carnaval.

**Equipe:** Bem... era isso o que a gente gostaria de estar sabendo mesmo, um pouco da história de Cordisburgo.

Adriana: Se o senhor quiser falar mais alguma coisa, acrescentar...

**Dismundo:** Eu queria até vocês que, você está num pólo industrial que é Contagem, quem sabe na hora de um bate papo aí, alguém queira abrir uma fabriqueta aí, uma pequena fabriqueta, vem para cá, trás para o nosso município aqui, né, inclusive, uma vontade que eu tenho, eu já vou falar aqui como um a gente público, é que Cordisburgo tenha um distrito industrial, para aqui criar um local, através de um projeto aí, para que venha estas pequenas fabriquetas aí, porque sempre empregam dez a outra emprega quinze, porque aqui, não tem

muita gente assim, desempregada não. Eu acho que, uma indústria que, empregar 150 pessoas, eu acho que resolve o nosso problema de emprego. Eu acho que vai até atrapalhar a zona rural, porque os fazendeiros hoje reclamam que ninguém quer mais trabalhar no campo, então a gente precisa de um investimento também no campo, para que o produtor tenha uma arma, para ele não precisar tanto desta mão-de-obra, que vai ficar em falta por um tempo. No mais, é eu quem agradeço...

**Equipe:** Eu quem agradeço o senhor pela participação, pela disponibilidade deste tempo, para gente.

**Entrevistador(a):** Edésio e Bruna

**Entrevistado(a):** Derval

**Ocupação do entrevistado(a):** Cirurgião dentista e proprietário rural.

**Idade:** 63.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** O Sr. é natural de Cordisburgo?

**Derval:** Sou de Belo Horizonte. Minha família que é natural de Cordisburgo.

**Equipe:** Ah, exato. E a quanto tempo o Sr. Reside ou tem essa convivência aqui com a comunidade de Cordisburgo?

**Derval:** A minha família é de Cordisburgo, né? quer dizer eu nasci, uma parte da minha família nasceu em Belo Horizonte, mas os laços, né? avós,tios, tudo aqui em Cordisburgo e nós sempre assim, participamos aqui em Cordisburgo, e depois nós adquirimos esse terreno aqui em Cordisburgo,uma pequena propriedade e estamos até hoje, já tem uns 20 anos.

**Equipe:** Ah, então já tem uns 20 anos que o Sr. Participa \*..... Exato. E a participação que o Sr. Tem aqui, o Sr. Acabou de mencionar que é cirurgião dentista, o Sr. Tem uma participação contínua aqui na cidade ou...ou final de semana o Sr. Retorna para Belo Horizonte?

**Derval:** Não. atualmente eu estou vindo nas quintas feiras, quinta feira pela manhã e retorno ao domingo, né? que eu mantenho minha atividade profissional em Belo Horizonte.

**Equipe:** Ah, exato. E aqui em Cordisburgo o Sr. Participa de algum movimento ou atividade voluntária na cidade, algum grupo de amigo, algum laço aqui em Cordisburgo?

**Derval:** Olha, minha participação aqui não é ativa não. Eu assim da... quando posso dou minha contribuição, minha parcela de contribuição, mas é pequena. Mas eles gostam, né?

**Equipe:** E essa parcela de contribuição o quê que o Sr. Refere a ela, o quê que seria essa parcela? Em qual sentido, alguma atividade social, algum grupo de amigos que se reúnem, qual que seria essa parcela que o Sr. Se refere?

**Derval:** A minha parcela, eu não quero falar sobre esta parte.

**Equipe:** Então estamos conversando com o Sr. Tarcísio, ele está mencionando pra gente sobre a sua participação, e é uma pessoa que traz uma bagagem de conhecimento muito grande e...e... na realidade tem essa preocupação ambiental da cidade, não é Sr. Tarcísio?

**Derval:** É isso me preocupa bastante. Então a gente está procurando assim, os meios de comunicação e ver assim o que eles podem fazer pela cidade.

**Equipe:** Exato. Ou seja, de repente reunir uma força, né, a cidade está como uma equipe para a melhoria dela, né?

**Derval:** é, justamente isso.

**Equipe:** Então vamos puxar um pouco de memória aí, o Sr. Falou já de 20 anos, né, a sua família é natural daqui e o Sr. que já tem esse contato aqui a 20 anos, o quê que o Sr. Poderia dizer pra gente de como era Cordisburgo a 20 anos atrás, como era a cidade aqui?

**Derval:** A cidade continua a mesma (risos). Continua a mesma, porque, é uma cidade assim, é... a tradição dela não mudou. Então, não tem indústria, quer dizer...continua....assim é uma cidade assim pacata, mas muito acolhedora, e...agora assim com outra visão \*.... do atual prefeito é...<sup>a</sup>.... tende a melhorar. Sabe? Tende a expandir principalmente a gruta de Maquiné, essa parte aí do turismo.

**Equipe:** Exato. E mesmo essa cidade pacata que o Sr. Tem se referido, ou seja, no...no...em termos de ter mudanças nesses 20 anos pra cá. O Sr. Seria capaz de citar algum evento ou acontecimento marcante na sua experiência aqui Alguma coisa que tenha marcado, ou alguma festa, algum evento?

**Derval:** bom, geralmente é todo ano tem a festa da abóbora.

**Equipe:** Festa da abóbora, e o quê que seria a festa da abóbora?

**Derval:** Porque a região aqui é muito próxima a produção de abóbora. Então tem esse costume, todo ano festejar a festa da abóbora.

**Equipe:** E o que, descreve assim por exemplo, como se estivesse falando para uma criança de quatro anos, porque eu não conheço a festa, Como que ela se processa?

**Derval:** É uma festa assim....muito alegre, muito festiva, com muita música e a população participa muito!

**Equipe:** E têm produtos da abóbora? Provavelmente, né?

**Derval:** É, abóbora tem, né!

**Equipe:** Doce de abóbora...

**Derval:** É... como se diz todo evento, né, a cidade assim mobiliza e faz uma festa bonita.

**Equipe:** Aí toda cidade é mobilizada nessa época!

**Derval:** É mobilizada nessa época, nessa semana! **Equipe:** É a festa da abóbora! – é a festa da abóbora, a mais importante daqui. Tem a festa de Sagrado Coração, que é uma festa assim, que inclui assim, as religiosas, com muita participação da população, e barraquinhas, né? muita música, muita barraquinha! Isso aí em prol da própria igreja.

**Equipe:** E essas festas que o Sr. Está mencionando, elas são feitas aonde lá em Cordisburgo? É ali próximo a matriz, ou é ali próximo da...da...ali perto do museu, enfrente ao museu, tem uma estação ferroviária, é ali naquela rua?

**Derval:** Não. É na parte assim... de cima. Muitas vezes fazem a festa é....no campo de exposição, porque é um lugar maior, mais organizado. Então, agora a festa da igreja é na própria...envolta da igreja mesmo, né? - **Equipe:** Ah, tá!!! – Então isso aí é muito importante pra cidade. Algumas vezes também participa a festa do cavalo, então tem cavaleiros das cidade vizinhas, participam dessa festa, com barraquinha, muita musica, show.

**Equipe:** É como se fosse um parque de exposição? Tem desfiles?

**Derval:** É ...tem desfiles dos cavaleiros, coisa e tal, né, e... quer dizer, é um passatempo também pra cidade.

**Equipe:** Exato, e para uma cidade assim, que igual o Sr. está mencionando de repente que não tenha tantos assim passatempos, né, uma festa assim deve movimentar bem a comunidade, né?

Silêncio.....

**Derval:** Agora também tem a festa da semana “roseense”, a do museu Guimarães Rosa, vai ser....eu não me recordo o dia...mas a partir de julho – **Equipe:** Julho, agora! – É. De julho. Vai ter uma semana de atividades. Aí tem conferências, tem palestras no museu, sobre a pessoa do Guimarães Rosa que é muito importante, para nós também.

**Equipe:** Exato. Nós os mineiros temos que ter orgulho dele, né?

**Derval:** É. E tá prometendo pra esse ano uma grande festa!

**Equipe:** Ahh, que bom, né! Julho, agora.

**Derval:** É julho, eu não sei precisar a data, porque eles estavam marcando ainda, fazendo as reuniões....(\*)

**Equipe:** E o Sr. Tarcísio, em termos de...Nós vamos avaliar agora uma percepção turística, no entendimento do Sr. O que Cordisburgo tem de atrativo?

**Derval:** É o museu Guimarães Rosa e a Gruta de Maquiné que é a mais importante do mundo! Não é por estar aqui, mas é muito bonita!

**Equipe:** É uma beleza, é fantástico mesmo!

**Derval:** Cordisburgo tem de atrativo é essas duas.

**Equipe:** E qual seria a avaliação que o Sr. Faria destes pontos turísticos? Tanto do museu quanto da Gruta?

**Derval:** olha, na minha opinião particular, eu acho que há uma carência de...de...assim como se diz é...o governo deve dar maior apoio a esses centros turísticos que nós temos.

**Equipe:** O sr. Fala em termo de divulgação?

**Derval:** Divulgação da gruta e mesmo assim....manutenção e apoio. Porque a cidade, né? é muito pobre, então se não tiver assim... um investidor, eu acredito assim, um investidor que contribua, né? para que seja mais divulgada. Recentemente é..é.. o “DER”\* em um dos projetos dele, mandou para Bélgica que vai haver um congresso sobre grutas, e a gruta de Maquiné tá incluída, graças a Deus!

**Equipe:** Ah! É! Que ótimo!!!

**Derval:** Então a divulgação, quer dizer, está começando a participar \*

**Equipe:** Exato. E dentro dessa percepção, quais sugestões o Sr. Teria para melhorar o turismo de Cordisburgo? O Sr. Mencionou aí que...sobre a gruta ser uma das mais belas do mundo, e agora esse evento na Bélgica, né, e fomos privilegiados em ter a gruta lá, quais sugestões o Sr. Traria assim, ah! Para melhorar o turismo de Cordisburgo?

**Derval:** Ahh! Para melhorar precisa de muita coisa, né? porque como se diz, ah...tá no início, como se fosse estar no início, mas a gruta é muito bel e precisava assim...eu não sei porque a gente não pode assim ....manifestar assim...talvez um investidor, talvez o próprio governo, para que...que... agora deve haver uma participação do DER\* muito importante nesse aspecto das grutas,\* tanto que já vieram aqui, já deram uma olhada na gruta, já ficaram encantados com ela e prometeram em breve fazer um melhoramento, em torno da gruta, em volta da gruta, tipo um parque ecológico. Agora está sendo estudado e eu creio que vai fazer um decreto para o governador assinar e...em seguida ele devem, né....agir, porque, né tem que ter as coisas todas no devido lugar, né? Eu creio que vai melhorar muito com essa ajuda do DER\*.

**Equipe:** Ou seja, é...é...poderia se dizer que está começando.

**Derval:** É está começando. Eu creio que está começando. porque que isso daí é de grande importância para o turismo, né? - **Equipe:** Sem dúvida! - tem uma parte assim...eu não estou falando que a gruta está jogada, eles tem um cuidado assim...muito especial pela gruta mas, precisa de muito mais. Algo mais que precisa para o turismo, tanto assim...parece....talvez assim...um hotel, um clube de convenções, que possa trazer o turista, e ele ficar aqui, não ir e voltar.

**Equipe:** Exato. Para ele poder ter hospedagem, conhecer a cidade.

**Derval:** Conhecer a cidade e ter, né, uma...apesar de quer dizer, o turista,é... o turismo.... O turista que vai a gruta tem dois excelentes restaurantes lá, mas precisa de...de...quer dizer muitas vezes tem um turista mais sofisticado, né? aquele que precisa de um hotel melhor! Cada um tem as suas prioridades, né? tem uns que não importam com uma coisa mais simples, mas tem outros que querem um pouco mais de conforto. É o meu pensamento!

**Equipe:** Ou seja, esta seria uma opinião pessoal do Sr. De que a cidade carece aí de um investimento hoteleiro.

**Derval:** hoteleiro e também turístico também. Porque por exemplo, você tendo um hotel, por exemplo, porque muitas vezes você vê, várias partes do Brasil eles vão, tem um hotel com convenções muitas vezes é...políticos ou mesmo é.., do setor administrativo, vão lá fazer

convenções, fazer reuniões, fazer uma data festiva de formatura, certo? Então vai comemorar tantos anos de formatura, então é...e é aqui Cordisburgo é próximo a Belo Horizonte, uma estrada muito boa, né muito boa, gasta-se geralmente uma hora e meia, então não é muito, não é cansativo, e é uma cidade tranqüila que você pode passar seu fim de semana.

**Equipe:** De fato ou seja, estas sugestões é igual ao que o Sr. Está dizendo, não é que não tenha, mas se pode melhorar, né?

**Derval:** É...carece, né? Porque o turista ele é muito exigente também. O turista é muito exigente sabe? São pessoas assim é...de classe média para alta. Hoje em dia infelizmente a gente ainda tem que falar isso porque... e também ele quer o melhor possível pra ele, né? Você está passeando...

**Equipe:** É juntar o útil ao agradável, né? O senhor é fazendeiro aqui em Cordisburgo e é cirurgião dentista também em Belo Horizonte, né?

**Derval:** Em Belo Horizonte. Eu sou aposentado também, né, - **Equipe:** Nossa! Que maravilha – (risos) mas o consultório ainda continua para não paralisar, né? então eu fico segunda, terça e quarta trabalhando e na quinta eu venho. Porque aqui também dá...requer assim assim...olhar, né? Dá um pouquinho de trabalho também então você tem que.....\*

**Equipe:** E é agradável estar em movimento não é Sr. Tarcísio. Porque aposentar e ficar numa rede o dia inteiro.

**Derval:** Não, não aí não!

**Equipe:** é ou seja dá aquela sensação de não tem mais nenhuma \*, né? E o Sr. Disse que tem sessenta e?

**Derval:** sessenta e três anos.

**Equipe:** Ah! Não tá muito jovem ainda, tem muito chão pela frente! \*\*\* o Sr. Está uma pessoa muita disposta, muito animada, né, e muito contente estar fazendo esta entrevista com o Sr. Tarcísio. O Sr. Gostara de agregar mais alguma coisa em termo da cidade , de projetos, como que o próprio....a comunidade Cordisburguense ela encara essa questão do turismo?

**Derval:** Vai depender muito da parte política, né? não da minha pessoa, vai depender da parte política! (risos). Mas conversando, dando sugestões, né, muitas vezes eles ouvem e... você sabe que é difícil hoje em dia, quer dizer, o Brasil é muito grande então é... é uma fatia pra cada um e não é toda hora que a gente...a gente possa assim é... os recursos vem assim de imediato, então é...a médio prazo mesmo.

**Equipe:** Isso. E...e...já finalizando, né, o Sr. Chegou a mencionar a gruta, o museu, estes pontos turísticos, o Sr. Já os conhecem de muito tempo, retorna a eles, ou qual que é a sua relação com esses pontos?

**Derval:** Bom, eu já conheço, né? então eu não tenho assim, muita participação, principalmente assim...no museu eu não tenho, e na gruta também não, eu tenho assim, eu estou dando uma participação assim indireta, junto com a parte política, somente isso! Então o que eu vejo, então eles pedem a minha opinião. E também assim o quê que a gente possa fazer, né? A gente tem que fazer, não pode ficar só dando opinião não! E graças a Deus o prefeito está muito entusiasmado, está correndo atrás também sabe? Pra fazer! Eu creio que dessa vez, pelo menos uma parte dos projetos que ele tá querendo fazer é sobre...principalmente sobre o meio ambiente eu acho que vai ser concretizado.

**Equipe:** Porque tem um rio aqui também, né? o Córrego do onça?

**Derval:** É tem um córrego pequeno, ele deságua no rio das velhas, né?

**Equipe:** Exato. Mas ótimo, né, estar falando com o Sr. Tarcísio, hoje dia 21 de maio e2005. Sr. Tarcísio muito obrigado, uma conversa muito agradável e sucesso pro Sr. Aí, muita felicidade!

**Derval:** Muito obrigado.

**Entrevistador(a):** Edésio e Bruna  
**Entrevistado(a):** Hetério  
**Ocupação do entrevistado(a):** Artista plástico.  
**Idade:** 46.  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é natural de Cordisburgo?

**Hetério:** Não. Mas eu me considero cordisburguense, porque quando eu vim pra cá eu tinha 14 anos de idade e hoje eu tenho 46 anos. Então, eu me considero cordisburguense.

**Equipe:** Perfeito. Já tá no sangue, né? legal! E como que você veio a morar em Cordisburgo?

**Hetério:** Que veio o quê?

**Equipe:** Como você veio morar aqui em Cordisburgo? O quê que trouxe você para se estabelecer aqui?

**Hetério:** Meu pai é... ex-policial, né, aposentado agora e, veio destacado de Matozinhos pra cá, eu sou natural de Matozinhos. Viemos pra cá e, daí fiquei aqui, casei e tal. Trabalhava com...na área de construção civil, e aí desenvolvi essa técnica minha aí de \*\*\*. E faço peças em todas as dimensões. \*\*\*

**Equipe:** Exato. E o quê que você utiliza, essa sua técnica o quê que você utiliza pra ela? Inclusive essa réplica de aleijadinho que você disse aí?

**Hetério:** Eu faço uma estrutura de ferro, depois vem uma tela e cimento entendeu?. Aí que é a .... Não tem forma, não existe forma! A minha forma é a própria estrutura de ferro, toda ponteadada com solda, é por aí.

**Equipe:** Há quanto tempo você está aqui em Cordisburgo?

**Hetério:** Há vinte e cinco anos.

**Equipe:** Você participa de algum movimento, alguma atividade voluntária aqui na cidade, algum movimento social?

**Hetério:** Não. De vez em quando é... igual agora mesmo eu tô restaurando uma pracinha ali em baixo, vou fazer um lustre pra esse Sr. aí.

**Equipe:** Só para nos situar, qual a pracinha que você está restaurando?

**Hetério:** É como é que é o nome daquela pracinha ali? É...

**Equipe:** Ou então próximo de... ela está próxima de?

**Hetério:** Próximo à rede ferroviária, ali.

**Equipe:** Ahh! Exato.

**Hetério:** Eu não sei o nome concreto dela não.

**Equipe:** Então você participa de movimentos (ele interrompe)

**Hetério:** Participo também, eu faço, faço um preço mais baixo, as vezes tem alguma coisa de fazer que eu não cobro também, as vezes.

**Equipe:** olha, há 25 anos atrás, como era Cordisburgo?

**Hetério:** Oh! Cara, vou te falar viu? Tinha pouca coisa aqui, muito pouca coisa, tinha esse museu Guimarães Rosa aí, que não era nem...era tudo muito ruim mesmo! Então, quer dizer, os prefeitos foram entrando, foram melhorando, mas mesmo assim tá precisando melhorar muita coisa ainda. Ainda podia melhorar muita coisa.

**Equipe:** E bem, como você disse, qual a sua idade?

**Hetério:** 46 anos

**Equipe:** 46, e se você já está aqui há 25 anos. Tem algum evento ou acontecimento marcante na sua experiência aqui em Cordisburgo? O quê que te marca quando te...ah!

Cordisburgo, você lembra aqui da sua juventude, alguma coisa que tenha passado por você (ele interrompe)

**Hetério:** Tem, uai, porque tem...tem amigos aí da época de infância, do colégio! E depois vem esse negócio aí também, que eu descobri fazer esculturas e aí foi uma coisa...

**Equipe:** Exato. E...quanto tempo tem o museu de pedra lá, que são esculturas suas?

**Hetério:** tem... tem a data ali ó....tem que olhar a data ali.

**Equipe:** Exato. O museu de pedra, na gazeta mercantil, numa sexta-feira, dia 18, 19 e 20 de setembro de 1998, foi nessa data que foi inaugurado o museu de pedra?

**Hetério:** Não, não. Um mês depois!

**Equipe:** Ahh! Um mês depois você...

**Hetério:** já começamos a fazer!

**Equipe:** E quanto tempo demorou para fazer toda aquela escultura lá?

**Hetério:** 45 dias.

**Equipe:** 45 dias, e esse acontecimento, este evento, na inauguração, isso marcou a sua vida?

**Hetério:** Com certeza, marcou a minha vida com certeza. Não só aqui, como outros lugares eu tive em Sete Lagoas, Felixlândia também, muitos outros lugares aí!

**Equipe:** Em termos de uma percepção assim turística, o que Cordisburgo tem de atrativo? O quê que você acha que chama a atenção do turista aqui em Cordisburgo?

**Hetério:** Ah! Em Cordisburgo aqui mesmo, o que tá sendo agora é esse Zoológico de pedra. Zoológico de Pedra Peter Lund. Então ali é um atrativo e o museu Casa do Guimarães Rosa e a gruta de Maquiné, né?

**Equipe:** Exato. Você está mencionando a gruta o museu e o zoológico de pedra. Como que ele chama mesmo?

**Hetério:** Zoológico de Pedra Peter Lund. Foi ele que descobriu a gruta de Maquiné!

**Equipe:** Ah! Ele foi o descobridor da gruta de Maquiné!

Res- O circuito das grutas foi ele que vem, veio vindo Matozinhos Pedro Leopoldo, Sete Lagoas, Cordisburgo e aí avante.

**Equipe:** E você conhece todos esses pontos turísticos da cidade?

**Hetério:** Conheço, uai!

**Equipe:** E como que você avalia esses pontos, qual que é a sua avaliação em termos assim ah! Esse é isso...aquele é outro!

**Hetério:** uma das grandes, uma das primeiras que eu acho é a gruta de Maquiné, né? da \*\*\*\*\*, então aquilo ali não tem nem como, né? e... Guimarães Rosa também, e depois vem aí as peças que eu fiz aí, né?

**Equipe:** É nós falamos aí que o Sr. É uma celebridade aqui na cidade, porque um dos pontos que a gente realmente visita aqui em Cordisburgo é o museu de Pedra.

**Hetério:** Não é...é uma coisa que você vê assim, né? São esculturas coisas feitas pelo homem, eu acho que é importante também., né?

**Equipe:** Exato. E quais as sugestões que você daria para melhorar o turismo aqui de Cordisburgo?

**Hetério:** é..em primeiro lugar eu acho que o Sr. Prefeito deveria melhorar mais a beleza da cidade, sabe? E melhorar mais também a atenção com os turistas.

**Equipe:** Tenta explicar melhor isso daí para nós?

**Hetério:** A cidade deveria ser mais embelezada no sentido de construída mesmo, porque tem ruas aqui que não tem nem meio fio, sabe? Tem lugares aqui que poderia ser bonito, tem pontos aqui que deveria ser hora de lazer para os Cordisburguenses, e não tem, sabe? Chega um final de semana aqui, o pessoal na tem nem pra onde ir direito, então eu acho que deveria fazer alguma coisa para Cordisburgo, para as pessoas se sentirem bem na cidade.

**Equipe:** E você acredita que isto estaria melhorando o turismo, ou seja, atraindo mais pessoas?

**Hetério:** É Lógico, eu como mestre de obras falando, seria assim, uai, fazer as coisas direito, não com gambiarra.

**Equipe:** Exato. Ou seja, esta beleza da cidade faria com que mais turistas tivessem interesse em estar aqui.

**Hetério:** é... a cidade ficaria mais bonitinha, igual essa avenida aqui que é a principal da cidade, a entrada da cidade por exemplo, a entrada da cidade lá...arborizar mais a cidade.

**Equipe:** Ok. E você tem mais alguma coisa a agregar nessa nossa conversa aí, de melhorias para Cordisburgo?

**Hetério:** Não, o que eu estou falando é que eu acredito muito no prefeito, hoje mesmo ele teve ali comigo, e eu até citei pra ele que as pessoas me cobram como escultor “e aí como é que vai fazer aquelas pedras ali em baixo, e tall!”. Aí eu falo, não vou falar com o prefeito pra gente pintar lá. Então ele chegou pra mim hoje, e eu falei com ele que as pessoas cobram de mim isso. Aí ele falou “ Então vamos fazer, vamos pintar e tal” . Bom, quer dizer, então eu acho que o prefeito está com umas ideias boas. Até falei com ele que eu sou mestre de obras, porque ele me conhece, mas nem tanto! Entendeu? \*\*\*\*

**Equipe:** Muito obrigado, sucesso para você e parabéns pela suas obras aí que são muito belas! Um abraço.

**Hetério:** Obrigado.

**Entrevistador(a):** Patrícia

**Entrevistado(a):** Izidra

**Ocupação do entrevistado(a):** Professora.

**Idade:** 40.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você é de Cordisburgo?

**Izidra:** Sou da zona rural, vim pra cá eu estava com 7 anos de idade, a escola naquela época a gente começava com 7 anos, fui criada na fazenda até os 7 anos depois passei a morar em Cordisburgo. Já tem 40 anos que moro aqui, já respondendo a idade.

**Equipe:** A cidade era cidade vizinha mesmo?

**Izidra:** É uma fazenda do mesmo município.

Roberta: Você veio com seus pais?

**Izidra:** Vim com meus pais, naquela época os fazendeiros da região quando filhos estavam na época entrarem na escola, eles compravam casa na cidade e vinha a com a família toda para estudar.

**Equipe:** E veio toda a família?

**Izidra:** Aí veio toda a família estudar. Meu pai e minha mãe nós somos seis filhos, aí veio todo mundo estudar.

**Equipe:** E hoje moram todos aqui em Cordisburgo?

**Izidra:** Não. Tem uma irmã que mora em Brasília, tem um irmão que mora em Sete Lagoas, e quatro que moram aqui.

**Equipe:** E a senhora é diretora hoje da escola?

**Izidra:** Estou na direção da escola desde o ano passado. Fiquei 27 anos na sala de aula, trabalhei com matemática os 27 anos, sempre trabalhando com o fundamental e ensino médio. Já trabalhei com 1ª a 4ª. A vida toda em escola.

**Equipe:** A formação da senhora foi toda aqui na cidade?

**Izidra:** Não. Estudei em Sete Lagoas e depois em Formiga eu fiz pós-graduação, porque na época não tinha o curso de matemática em Sete Lagoas era ciências e a gente poderia trabalhar até a 8ª série com ciências e matemática, as duas matérias. Depois eu especializei em matemática.

**Equipe:** E nesse tempo que a senhora está sendo diretora da escola como tem sido?

**Izidra:** Na verdade eu prefiro a sala de aula.

**Equipe:** É mesmo?

**Izidra:** Eu fui mesmo para a direção porque nós começamos, já tem 27 anos que eu trabalho na mesma escola, e eu entrei mascotinha mesmo, com 18-19 anos. Quando eu entrei na faculdade já comecei a trabalhar no colégio, faltava muito professor naquela época, então assim que a gente matriculava na faculdade, eles chamavam para trabalhar, e daquela turma que estava lá que foram meus professores, que eu entrei junto com eles, já se aposentou a maioria, então foi sobrando eu fiquei lá tem mais experiência, eu fui para a direção mais assim, praticamente por pressão dos colegas. Mas na verdade eu gosto mesmo é da sala de aula, eu sinto falta da sala de aula.

**Equipe:** Então sendo diretora as aulas não tem como?

**Izidra:** Não é dedicação exclusiva, mesmo tendo dois cargos, eu fico com dois cargos na direção.

**Equipe:** A escola é só até a 8ª?

**Izidra:** Não, é ensino médio também.

**Equipe:** Fora essa sua participação na escola, participa de algum outro movimento dentro da cidade, alguma outra atividade?

**Izidra:** Quem trabalha em escola, numa escola pequena igual Cordisburgo, está envolvido em praticamente em todos acontecimentos que tem na comunidade, para tudo a gente é convidado, se tem uma reunião, por exemplo, que a EMATER está promovendo a escola tem que ter um representante. A semana roseana, a escola está lá para ajudar a organizar. Qualquer evento cultural que tem na cidade, seja jogos, esporte, tudo a escola está como representação. Na igreja que fica do lado da escola, faz uma missa é uma missa pela paz, a escola está lá participando. Aí não sobra nem muito tempo para se dedicar a outras coisas, a escola já absorve o tempo todo. Minha escola funciona nos três turnos, eu tenho que dar assistência nos três turnos então não sobra muito tempo não. É só o sábado mesmo, e domingo dentro de casa e assim mesmo tem muita reunião nos finais de semana, então não sobra tempo não, fica o tempo todo envolvida com a escola.

**Equipe:** Esses eventos culturais que a senhora falou são o que? São festas?

**Izidra:** É, todas as festas religiosas praticamente, como é uma cidade muito pequena, suponhamos que tem uma festa do padroeiro da cidade que é Sagrado Coração de Jesus, então é uma semana que vai estar, uma semana não são nove dias, uma novena, então cada dia uma entidade vai estar participando, então naquele dia a entidade é responsável por estar organizando a missa, o ofertório, coroação. Então um dia é o Alfredo de Lima, o grupo da terceira idade, então todo mundo se envolve nesta festa. Nós promovemos todos os anos desde que eu estudava, tem as olimpíadas escolares, envolvendo toda a comunidade, aí eu que vou buscar lá fora parcerias para estar trabalhando com a gente, aí sou eu que vou buscar essas contribuições. De um modo geral a escola está todo envolvido, o entorno da escola é todo envolvido com a escola, nós temos uma loja de material de construção do lado, temos um xerox, então todo mundo ajuda. Se tem um problema na escola, houve uma porta lá corre na loja de construção o próprio dono vai lá ajuda a consertar. Porque a cidade não tem empresa, meios de sobrevivência, trabalho é muito pouco, então todo mundo se envolve muito com a escola, a comunidade de modo geral.

**Equipe:** A senhora pode falar como são as mudanças de Cordisburgo? Como era Cordisburgo?

**Izidra:** Eu sou mais da razão pouco observadora. Quando eu vim para cá não tinha asfalto, não tinha tratamento de água, a cidade era bem assim, o turismo não era tão valorizado na época. Depois que asfaltou a cidade que houve uma maior divulgação. Gruta de Maquiné ela era conhecida, mas não tinha assim, o turismo era pouco trabalhado, de uns tempos pra cá que deu uma melhorada. O museu não existia na época. Uma diversão que a gente tinha era a avenida Padre João, era local que as pessoas se encontravam, até hoje ainda é, mas não tanto quanto na época. Então todo mundo se encontrava lá para por o papo em dia. E a rede ferroviária era muito ativa naquela época, e tinha os horários certos dos expressos passarem, tinha o curral de ferro que embarcava a boiada, tudo isso era diversão, era o que a gente tinha na época, hoje não tem nada disso. Os jovens saem para a rua final de semana, mas os adultos ficam em casa vendo televisão, ninguém sai. Naquela época não todo mundo saía para poder ver aquele horário que chegavam gente na cidade, saíam pessoas. Tudo era naquela avenida principal. Hoje não, o pessoal está praticamente igual cidade maior, computador, televisão, fica mais dentro de casa, chega final de semana são os jovens mesmo que vão para a rua fazer as farrinhas deles. Naquela época as famílias se reunião nas portas, ficavam nas calçadas, cada dia era na casa de um, os meninos ficavam brincando de rouba bandeira, queimada, porque não tinha movimento. A integração era muito maior do que tem hoje, eu por exemplo saio de casa 7 horas da manhã e volto 10 da noite então não tenho contato nenhum com meus vizinhos. Só tem o sábado e o domingo para ficar com a família, então não dá muito tempo para nada. Naquela época as mães eram mais donas de casa mesmo, não trabalhavam fora de casa e hoje não, a maioria trabalha fora.

**Equipe:** Os atrativos que tem hoje comparando com o da época da sua mãe, quais são os de hoje para você?

Filha: Continua a mesma coisa, continua sendo no centro.

**Izidra:** A diferença é o som, que hoje eles colocam o som na maior altura. Antes era aquele bate papo, as moças andando, os rapazes mandando recado. Hoje os carros ligam o som, ficam dançando, conversando e tem mais hoje aqueles tipos de hora dançante no São Vicente, uma casa fechada, onde eles ficam trançando lá dentro e lá fora.

**Equipe:** O movimento aqui no final de semana? O pessoal sai?

Filha: Antes era mais, porque muita gente foi estudar fora, quando vem que aproveitar mais a família, igual meu caso.

**Izidra:** Apesar que ela não dá para comparar muito com ela não que ela é muito caseira.

Márcia: Mas você vê que o pessoal hoje está mais desanimado, na minha época o pessoal fazia festinha na casa de um na casa de outro.

**Izidra:** E o jovem não saía tanto para estudar, estudavam mais em se te Lagoas, todo mundo ficava muito restrito porque trabalho aqui é mais na escola, hospital e prefeitura. Ficava muito restrito, hoje os jovens estão saindo mais de Cordisburgo. Só mesmo nas férias, feriado prolongado que a cidade enche um pouco. E a maioria dos jovens que estudam aqui estudam à noite, então diminui o movimento na rua.

**Equipe:** É uma cidade muito visitada?

**Izidra:** Eu acho que poderia ser mais, as vezes eu converso com meu filho que trabalha como coordenado do esporte municipal, meu marido trabalhava como secretário eu acho o turismo mal explorado, eu acho assim a gruta, por exemplo, visitar a gruta um ingresso para entrar 8 reais, eu acho caro, para uma família com 4-5 pessoas, um estudante paga meia. Dependendo se for uma escola pública é caro, então a gente luta muito para poder melhorar isso, nós fazemos muito intercambio com outras escolas públicas, mesmo em Belo Horizonte. Eles vêm e a gente está sempre atrás do pessoal da Maquinetur para fazer uma diferença para chamar mais. Se isso fosse divulgado mais na escola, seria muito mais visitado. Porque quem conhece a gruta uma vez ele não volta, só volta se fizer amizade na

cidade, e mesmo assim não volta na gruta só se for para trazer uma pessoa. Então tem que ser um preço mais acessível para ter um fluxo maior de pessoas que não tem uma condição financeira boa. Nesse sentido eu acho que o turismo está bem atrasado. E eu converso com meu filho que ele sempre tem contato com o pessoal que trabalha na Maquinetur e é uma briga porque ele quer mostrar que se fizer um preço mais barato principalmente para escola é muito mais fácil. Mas eles alegam a energia, tudo bem, mas se entrar uma família de 4 pessoas são 32 reais, vai estar gastando energia, se entrar 40 estudantes a 2 reais são 80 reais e é a mesma energia que está gastando. Parece que precisa abrir a cabeça para isso, para essa visão, pode ser muito mais visitada, se fizer uma divulgação na escola esse trabalho. E como estamos sempre recebendo outras escolas temos sempre que batalhar para esses jovens visitarem

**Equipe:** Eles não são maleáveis com a quantidade maior?

**Izidra:** É muito difícil mas eu consigo porque vou atrás, as vezes eu luto uma semana para conseguir fazer um desconto. Agora nessa gestão eu não posso nem falar, porque foram só duas escolas que visitaram, e a que precisava mais de um desconto eu consegui, mas consegui através do prefeito e não da Maquinetur, o que consegui foi trabalhando com o prefeito que entendia a situação. Uma coisa que esqueci de comentar é sobre o grupo Miguilim, com ele a gente tem oportunidade de visitar outras cidades. Nesse grupo a pessoa aprende a contar história, mas o objetivo é fazer a criança abrir a mente, tem crianças que ficam aqui a vida inteira, não conhecem outros lugares, hoje muitos estão estudando em outras cidades graças ao projeto Miguilim. A que fundou o grupo, no fundo queria isso: fazer ter uma visão melhor. Hoje deve ter uns 40 contadores de história, e o grupo vai aumentando. É uma porta aberta para os jovens de Cordisburgo. Antes ela ia nas escolas chamar para participar, hoje os próprios alunos querem entrar. Pra fazer parte do grupo é feito uma seleção para saber se tem jeito para contar história e aqueles que realmente não tem elas acabam dando um jeitinho de fazê-los ficar. Só crianças da cidade podem entrar, e não tem idade para sair, pode ficar até quando quiser.

**Entrevistador(a):** Rachel

**Entrevistado(a):** Jerevo e Jelásio

**Ocupação do entrevistado(a):** Estudantes.

**Idade:** 20 e 20.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Você estuda em Sete Lagoas mas você é nascido aqui?

**Jerevo:** Nascido aqui.

**Equipe:** Você estuda o que em Sete Lagoas?

**Jerevo:** Faço escola técnica de química.

**Equipe:** Escola técnica de química?

**Jerevo:** É.

**Equipe:** Nascido aqui em Cordisburgo... Mas você vai a Sete Lagoas todos os dias?

**Jerevo:** Todos os dias, de ônibus. Vou e volto.

**Equipe:** E sua mãe é de Cordisburgo? Todo mundo nascido aqui?

**Jerevo:** Todo mundo.

**Equipe:** Conhece todo mundo, a família é toda daqui...

**Jerevo:** É...

**Equipe:** Você participa de algum movimento, alguma atividade voluntária, alguma coisa aqui na cidade?

**Jerevo:** Não, não.

**Equipe:** Você hoje, olhando Cordisburgo, você passou a infância toda aqui, brincando na rua, infância de interior mesmo, né?

**Jerevo:** É.

**Equipe:** O que você mais dessa época em que você era menino aqui em Cordisburgo?

**Jerevo:** Ah... liberdade, né. Você podia ir para tudo quanto é lugar... sem medo de nada.

**Equipe:** É diferente, né?

**Jerevo:** É.

**Equipe:** Mas você acha que hoje ainda é assim?

**Jerevo:** Continua a mesma coisa. Aqui parou no tempo, sô.

**Equipe:** Mas isso é bom, né?

**Jerevo:** É, de certo modo...

**Equipe:** Muita festa, né?

**Jerevo:** É... já teve mais festa. Já teve mais.

**Equipe:** De hoje, o quê que você acha dos eventos que tem na cidade, o quê que é mais importante?

**Jerevo:** Nó cara... Acho que é a festa que tem lá em cima, chama festa do Rosário. Da Igreja do Rosário.

**Equipe:** Parece que teve uma história que derrubaram a igreja, fizeram de novo, né?

**Jerevo:** É. É.

**Equipe:** E vem muita gente pra cá nessa festa?

**Jerevo:** Vem, vem. Tinha uma festa aqui muito boa, que chamava festa da abóbora. Lotava, lotava. Eu acho que até ano vai voltar.

**Equipe:** Vai voltar. Pelo o que o pessoal está falando, vai voltar. Não é que ela acabou, ela deixou de ser em Cordisburgo, né? E passou para outro lugar...

**Jerevo:** Não. Não fiquei sabendo se passou para outro local não. Eu sei que aqui acabou.

**Equipe:** E era a melhor festa que tinha aqui?

**Jerevo:** Era a melhor. Lotava, mas lotava mesmo.

**Equipe:** E aqui é festa da abóbora porque a principal atividade aqui é a abóbora?

**Jerevo:** É.

**Equipe:** E a festa era em um dia ou vários dias?

**Jerevo:** Era um fim de semana, só. Começava quinta, sexta, ia até domingo...

**Equipe:** E o que você diria que Cordisburgo tem de atrativo? Você que conhece tudo em Cordisburgo?

**Jerevo:** Nossa... Pergunta difícil viu?

**Equipe:** Mas o quê que você acha interessante?

**Jerevo:** Atrativo assim, como que você fala? De diversão ou de ....

**Equipe:** Se você fosse vir como turista, se você fosse trazer alguém para conhecer Cordisburgo. "Vamos sair agora, me mostra o que tem de legal na cidade?"

**Jerevo:** Ah não, beleza. Turismo é até legal... o museu, a gruta, aqui o zoológico de pedra, tem lugar para divertir bastante... se for turista, né? Mas para quem é aqui de Cordisburgo é meio chato.

**Equipe:** Você fala porque não tem vida noturna?

**Jerevo:** Vocês vão ficar aqui hoje, né?

**Equipe:** Você acha meio tédio?

**Jerevo:** Nó. Muito parado cara. Vocês vão ficar aqui hoje?

**Equipe:** Dormir não. Nós vamos ficar até de noitinha.

**Jerevo:** Ah... se vocês ficassem aqui de noite aí no centro vocês iam ver. É muito chato.

**Equipe:** Aí vocês fazem o que? Vão para Sete Lagoas às vezes? Vão para Belo Horizonte?

**Jerevo:** Poucas vezes, sabe. Muito, muito pouco mesmo. Aí se tiver uma festinha assim, mais legalzinha eu vou. Se não tiver, eu fico em casa.

**Equipe:** Mas você conhece o que tem, da parte que você chamou de turística? Museu você conhece?

**Jerevo:** Conheço.

**Equipe:** Conhece alguma coisa da obra de Guimarães Rosa?

**Jerevo:** Cara... aí eu vou falar com você, ow. Esse tipo de leitura assim... eu mesmo não sou fã de Guimarães Rosa não.

**Equipe:** Difícil de ler, né?

**Jerevo:** Complicado. Eu vou falar com você, leitura assim também eu sou muito fraco.

**Equipe:** Você conhece mais foi de...

**Jerevo:** É.

**Equipe:** Mas ouvi muita história. Aqui você não precisa nem ler, né? A história corre na rua.

**Jerevo:** É.

**Equipe:** E a gruta você conhece?

**Jerevo:** Conheço.

**Equipe:** Você vai lá direto ou foi só uma vez?

**Jerevo:** Não. Muito difícil. A última vez que eu fui foi no começo do ano.

**Equipe:** Mas você foi por sua conta? Se depender de escola, essas coisas, não leva o pessoal daqui não?

**Jerevo:** Ah... acho que até leva cara. Assim, mas não é... acho que leva sim.

**Equipe:** Você paga para entrar na gruta?

**Jerevo:** Não. O pessoal aqui de Cordisburgo não.

**Equipe:** É só chegar lá... já conhece todo mundo.

**Jerevo:** Se você quiser dar uma contribuição você dá, mas obrigatória não.

**Equipe:** Como é que é para você ir para a gruta? Transporte acho que é difícil, né?

**Jerevo:** Tem transporte acho que de hora em hora. Cobra acho que R\$ 1,00. Ônibus, daqui na gruta.

**Equipe:** Porque me falaram que era difícil demais...

**Jerevo:** Não.

**Equipe:** Que era um de manhã e um de noite. Não é não, né?

**Jerevo:** Não. Quer dizer, pode ser que mudou. Eu não sei, mas eu acho que era de uma em uma hora. Porque eu tenho um colega que mora lá perto eu vejo o ônibus direto indo para lá.

**Equipe:** E esses pontos turísticos então? Vamos pegar esses três: o museu, a gruta e o zoológico de pedras. Como é que você avalia isso? Como é que você acha que é o esquema do museu, da gruta...

**Jerevo:** Ow, assim sô, eu acho que tipo assim, igual esse negócio aqui (aponta para o zoológico de pedras), eu acho a maior furada, veio.

**Equipe:** O museu de pedras?

**Jerevo:** É, porque assim, você tem que pagar para entrar, mas o negócio é cercado de tela, veio.

**Equipe:** Você vê do lado de fora...

**Jerevo:** É. Eu acho que é meio furada, né?

**Equipe:** Paga para entrar? A gente quando veio a gente entrou, estava até aberto.

**Jerevo:** É? Então é porque não tinha ninguém lá. Porque antigamente pagava.

**Equipe:** Se você quisesse por a mão, né? Porque vê, você vê de fora.

**Jerevo:** Foi muito mal pensado, tinha que ser fechado.

**Equipe:** É muito antigo isso?

**Jerevo:** Museu?

**Equipe:** É.

**Jerevo:** Museu não, o negócio? Acho que deve ter uns 4, 5 anos. Mais recente.

**Equipe:** E o museu?

**Jerevo:** Cara o museu, eu não sei nem assim... Eu acho que... que eu não estou muito por dentro do museu não, porque eu custo para ir lá, veio. Acho assim, dá muito movimento. Acho que cobra também para entrar.

**Equipe:** E você achou legal quando você foi?

**Jerevo:** Ué... tem bastante tempo que eu não vou lá, mas e legal.

**Equipe:** Você conhece os Miguilins, os meninos?

**Jerevo:** É. Igual esse negocio dos Miguilins, que dá chance para os meninos aí...

**Equipe:** E a gruta? O quê que você achou da gruta.

**Jerevo:** A gruta é legal.

(Nesse momento chega um amigo de Vinicius, e também participa da entrevista (R2)).

**Jerevo:** Aí eu achei legal para caramba. Lá é doido mesmo.

**Equipe:** Parece que aqui em Cordisburgo tem varias outras grutas, né?

**Jerevo:** É tem... mas com acesso para o publico é só aquela. Porque as outras eu acho que tem algum risco... sei lá como é que é.

**Equipe:** Parece que tem mergulho, né?

**Jerevo:** É. Aí só quem estuda mesmo, né. Que pode ir lá.

**Equipe:** Mas seria uma opção muito legal, né, se abrisse.

**Jerevo:** Seria.

**Equipe:** E desses três pontos qual você acha que é o mais importante para a cidade?

**Jerevo:** A gruta com certeza.

**Equipe:** Você acha que contribui muito para a ...

**Jerevo:** É o que dá mais turismo, não é? A gruta?

**Equipe:** Mas você acha que a cidade ganha alguma coisa com a questão da gruta?

**Jerevo:** Ah... aí eu não sei cara. A cidade mesmo eu acho que não. Porque tem uma empresa, que é a Maquinetur lá. Que é assim: geralmente a pessoa vai e volta num instantinho. Vai visita e tchau. Para a cidade assim, para investimento eu acho que não...

**Equipe:** Você acha que o museu daria mais resultado do que a gruta?

**Jerevo:** O museu dá mais, porque acho que tem uma participação...

**Jelásio:** Até porque também, o caso que não traz muito assim, em termos de cidade a gruta, é porque é a divulgação. O pessoal conhece mas, como diz a gruta tá território em Cordisburgo e ninguém sabe. "Ah... eu fui na gruta", aí pergunta "Então você foi em Cordisburgo?" "Não".

**Jerevo:** É, as vezes eles vão na gruta e não sabem.

**Equipe:** Acha que a cidade chama Maquiné...

**Jelásio:** A divulgação em si é que deixa a desejar.

**Equipe:** Divulga mais a gruta e não divulga a cidade.

**Jerevo:** É

**Jelásio:** Então a pessoa fica assim, aquela pessoa perdida. "ah... eu fui na gruta". Então você conheceu Cordisburgo, a gruta é em Cordisburgo.". "Que isso gente, nunca ouvi falar nisso não".

**Equipe:** Para você vir de Belo Horizonte para a gruta, a pessoal necessariamente tem que passar dentro de Cordisburgo?

**Jerevo:** Tem.

**Jelásio:** Como diz, para eles é cidadezinha assim a toa ate chegar lá.

**Jerevo:** É o caminho da gruta.

**Equipe:** E qual sugestão vocês podiam dar para a gente para... o que vocês acham que poderia ser feito para melhorar o turismo em Cordisburgo?

**Jelásio:** Divulgação.

**Jerevo:** É. Acho que o principal é divulgação.

**Jelásio:** Com certeza divulgação.

**Equipe:** Potencial tem, né?

**Jelásio:** Tem.

**Jerevo:** Acho que também um maior cuidado da cidade. A cidade é muito mal cuidada.

**Equipe:** Parece que estava muito mal cuidada na administração anterior, né?

**Jerevo:** Eu ainda acho que está.

**Jelásio:** Está começando a mudar... está começando a mudar mas a divulgação, principalmente, deixa a desejar muito porque o pessoal quer ter retorno mas não quer investir.

**Equipe:** Entendi. Quer de mão beijada, né?

**Jerevo:** Até festa, tipo a semana Roseana, que é tradicional aí. Se não divulgar lá fora não vai trazer turismo para cá não. Se ficar só aqui, vai ficar só o povinho aqui de Cordisburgo mesmo. Não dá, não tem como dá.

**Equipe:** E qual a expectativa da cidade para essa nova prefeitura?

**Jerevo:** Uai... a melhor possível. Sempre é, né.

**Equipe:** Porque todo mundo já conhece o padre, né? Parece que o padre já tinha um envolvimento aí, anterior, né?

**Jelásio:** O problema é que o pessoal tem uma cabeça muito assim mudada sobre a prefeitura. "A verba vem mas o prefeito não quer fazer.". E é o contrário. A verba é muito pouco sabe.

**Equipe:** Tem que fazer milagre, né?

**Jelásio:** Tem que fazer milagre. Realmente. O pessoal então acha assim, verba vem mas é o prefeito que não quer, ou tá embolsando, ou alguma coisa assim. Então, depois que ele está lá dentro, pensa "ah não. Eu vou mudar a cidade". E não da conta de fazer nem a metade da metade do que ele falou.

**Equipe:** E ainda tem que investir em educação, saúde, isso tudo que é prioritário. Muito desemprego, né? Vai vir uma indústria aí para a porta aqui, né?

**Jerevo:** Estão comentando, mas acho que não tenho certeza se vem não.

**Jelásio:** Eu tava vendo ontem, falando sobre a queda do dólar, né? Caiu e muito. Aí eles estão começando a falar já que tem siderúrgicas na BR, vindo para aqui, que estão começando a fechar. Se realmente estiverem fechando, essa aqui não vai abrir mais não. Com certeza não vai não.

**Entrevistador(a):** Ricardo

**Entrevistado(a):** Fifino

**Ocupação do entrevistado(a):** Ajudante.

**Idade:** 40.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** O Sr. é daqui de Cordisburgo?

**Fifino:** Sou daqui de Cordisburgo.

**Equipe:** Mora aqui tem quanto tempo?

**Fifino:** Eu vim pra aqui foi no ano de 1963 como estamos em 2005, né... Vai dar... 40 anos mesmo, né.

**Equipe:** Tem bem tempo, né!? O Sr. participa de algum evento, algum encontro aqui da cidade?

**Fifino:** Eu participo da igreja evangélica.

**Equipe:** Qual a igreja?

**Fifino:** Congregação.

**Equipe:** E tem alguma atividade dentro da igreja que o Sr. exerce?

**Fifino:** Tem não

**Equipe:** Alguma atividade voluntária?

**Fifino:** Não...

**Equipe:** O Sr. mora aqui já tem uns 40 anos, né?

**Fifino:** 40 anos...

**Equipe:** Desde a infância do Sr., né?

**Fifino:** Desde a infância...

**Equipe:** Como era Cordisburgo na infância do Sr.? Acha que mudou muito?

**Fifino:** Não... medrou muito.

**Equipe:** Tinha dificuldade?

**Fifino:** Tinha...muita dificuldade.

**Equipe:** Qual era a maior dificuldade?

**Fifino:** Dificuldade era no fato de emprego...cidade não tinha evolução, as pessoas passavam muita necessidade. Igual eu mesmo na minha infância passei muita necessidade, morava em casa dos outro e num dava conta de paga aluguel, hoje graças a Deus a gente já tem um pedacinho pra morar, então a gente já enfrentou muita dificuldade na terra.

**Equipe:** E hoje melhorou?

**Fifino:** Melhorou...

**Equipe:** Tem algum evento, ou acontecimento que marcou sua vida aqui em Cordisburgo?

**Fifino:** Não...

**Equipe:** Algum evento que o Sr. se lembre bem, alguma estória pro Sr. contar?

**Fifino:** Não...

**Equipe:** O Sr. conhece os atrativos de Cordisburgo? Os pontos turísticos, as festas?

**Fifino:** Os atrativos como assim?

**Equipe:** Os pontos turísticos, né...

**Fifino:** Como o museu de Guimarães Rosa, essas coisa? A gruta do Maquiné?

**Equipe:** Isso...

**Fifino:** Conheço.

**Equipe:** Além do museu e da gruta , tem algum outro que o Sr. conhece?

**Fifino:** Não... só conheço mesmo é a gruta, o museu de Guimarães Rosa.

**Equipe:** O Sr. costuma ir lá?

**Fifino:** Eu vou...

**Equipe:** Com que frequencia?

**Fifino:** Eu vou mais é no museu Guimarães Rosa, na gruta.

**Equipe:** E festas? Tem alguma festa que o Sr. gosta?

**Fifino:** Não hoje eu não participo mais , primeiro eu ia muito, hoje eu não participo mais.

**Equipe:** Tem algum motivo especial que o Sr. não participa mais?

**Fifino:** E que hoje eu sou da igreja evangélica e eles proíbe de participar das festas.

**Equipe:** Agora, desses pontos que o Sr. falou da gruta, do museu tem algum que o Sr. mais gosta?

**Fifino:** Quando eu ia lá eu gostava muito de vê os estatura das pedras, as coisas que tinha lá, né, na gruta eu já entrei lá dentro. Igual la tinha umas imagem de pedra na `igreja`, na gruta.

**Equipe:** E o pessoal que vem aqui na cidade fazer turismo para visitar a gruta vem muita gente?

**Fifino:** Vem bastante, na gruta mesmo igual quando tem feriado mesmo, vai muita gente na gruta, no museu aí fica cheio de ônibus, muita gente.

**Equipe:** Tem algum período que vem mais gente? Fim do ano, inicio...

**Fifino:** É, no fim do ano vem muita gente

**Equipe:** O Sr. tem alguma sugestão pra melhorar aqui em Cordisburgo?

**Fifino:** Vai melhorar por que eles tá montando uma industria aí, né, então vai melhorar. Vai montar uma siderúrgica, aí melhora.

**Equipe:** Vai melhorar em que sentido?

**Fifino:** Vai melhorar, né, igual antigamente tinha a siderúrgica. Igual na infância minha, na minha infância foi meu avô que me criou e ela trabalhava na siderúrgica e tratava de nós, né... nós num tinha aquela vida assim, mais custosa, mais dificuldade mas era melhor um pouco `mucadinho`. Agoira eles `rancaro` a siderúrgica agora invem voltando com ela outra vez.

**Equipe:** Aí pode melhorar, né?

**Fifino:** Melhora... e abrir essa siderúrgica igual eles tá com projeto, igual a cerâmica o `quarticida` aí melhora.

**Entrevistador(a):** Ricardo

**Entrevistado(a):** Eugeniana

**Ocupação do entrevistado(a):** Doméstica.

**Idade:** 64.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** A Sra. é natural de Cordisburgo?

**Eugeniana:** Sou...

**Equipe:** E desde quando a Sra. mora aqui?

**Eugeniana:** Desde... Eu nasci em fazenda, né, e vim pra cá, então eu mora aqui a uns 60 anos, devo Ter vindo pra cá com uns 4 anos. E aqui na redondeza mesmo.

**Equipe:** Mas a fazenda é na redondeza mesmo, né?

**Eugeniana:** É, município de Cordisburgo, aqui dentro mesmo, justamente.

**Equipe:** Como era Cordisburgo na infância da Sra.? Era muito diferente de hoje?

**Eugeniana:** É... Um pouquinho diferente, mas não mudou muito, não. Porque... Aqui é uma cidade pequena, você sabe, não tem muitas indústrias,, então não tem como crescer. Aqui já teve siderúrgicas, acabou. Teve fábrica de tecidos, acabou. Tinha de produzir, fazer telha... Como chama? Faz telha, cerâmica, né... hoje não tem mais. Quer dizer que, como se diz o outro, hoje mudou assim, hoje tem colégio, tem segundo grau, o que na minha infância não tinha, era só mesmo os grupos, né... O primário. E outra coisa aqui é assim, como se diz não tem muita coisa onde crescer, por que não tem assim, justamente industrias. Por que eu acho que a cidade cresce onde tem muitas industrias, aí vai crescendo, agoira aqui tem uma coisa muito bonita que é a gruta, né... Por que aqui é uma cidade turística, né, isso aqui, melhorou, por que antigamente lá, a gruta mesmo era com ... Hoje é com luz elétrica, tem tudo, já tem os rapazes.... ce já foi lá? Os rapazes recebem a gente, eles recebem pra entrar com a gente pra dentro. Algumas coisas melhoraram... Tem hospital, que antigamente não tinha hospital. Tem SS, tem médicos no meu tempo não tinha coisa que tinha de ir pra fora... Mas assim mudar, mudar não mudou muito não. Por que é exatamente como eu tô te falando, quando a cidade é pequena ela não tem como crescer, por que não tem uma industria, aqui vive aqui o que: os professores, os comerciantes e os fazendeiros. Esses fazendeiros aí que mandam leite. Tem a cooperativa, uma coisa que não tinha antes agoira tem a cooperativa. Então assim, mudou essas coisinhas... Quer dizer, mudou alguma coisa mas no momento fracassou por que. Acabou a siderúrgica, acabou a fabrica de tecidos. Quer dizer que os jovens têm que ir pra fora pra estudar. Por que aqui num tem como trabalhar. Então eu acho assim que mudou mas não mudou muito não... Mudou assim, por

que hoje em dia esta mais moderno, igual aqui tinha cinema acabou, clube acabou, muitas coisas foi acabando, tem os presidente... Hoje em dia tem o clube, que antigamente não tinha... Tem o clube muito bom, tem piscina, tem sauna, quer dizer uma coisa que já valorizou, né...mas assim, hospital também tá melhor, do que antes. Por que eu num morei aqui assim... Eu morei aqui dos 25 anos pra cá, eu cresci estudei, formei fui pra fazenda. Depois duns 20 anos que eu mudei pra cá... Quer dizer que nesse período de 20 anos pra cá, é que... Agora eu pra mim, eu adoro Cordisburgo, gosto demais de Cordisburgo num vou embora daqui pra nada, vou morrer aqui, por que aqui é um lugar bom demais de viver principalmente pra mim da minha idade, o que não é bom é justamente pros jovens, por que os jovens tem que... Faz o segundo grau tem que estudar fora. Como vai fazer? Num tem emprego, meu menino mesmo num tem emprego coitadinho, foi pra belo horizonte, foi pra sete lagoas, tem que trabalhar pra se sustentar e estudar. Nem estudando num tá ainda por que, fazer o que... A gente num tem dinheiro, como se diz, quando a pessoa ganha um pouco melhor, os pais os pais mesmo... Igual eu, eu sou separada, meu marido toda vida trabalhou, não se dispôs... Tem meu filho que agoira já tá com 22 anos, agoira foi embora, quer dizer que ele vai querer estudar mas do próprio esforço... Agoira eu acho que Cordisburgo, tem que melhorar, agora nos estamos com um novo prefeito... Eu particularmente não tenho nada contra. Todos os prefeitos que tiveram aqui pra mim foi `coisa`, principalmente como pessoa, que desde que eu me entendo por gente eu sou assim, sempre fui muito amiga dos prefeito. Ce sabe, eu morei aqui, eu sou amiga de todo mundo. Fui muito querida aqui, uma vez nos fomos embora para Belo Horizonte e eles foram lá me buscar... "Ficou suas terras lá em Cordisburgo, vocês vão pra lá". É como se diz, terminamos os estudos ficamos aqui, casei, estudei... Num tenho esses cursos, coisa não, por que no meu tempo não tinha, né, só depois que eu tava mais velha que já tinha mas eu não quis estudar não. Mas então eu acho assim, que melhorou, por que hoje em dia tem o colégio, tem o `coisa`, tem... A prefeitura também melhorou, então eu acho assim, as coisas que melhoraram foi essas daí. Mas no maior... E tem também esse negocio das festas do Guimarães Rosa, que é uma coisa que é... Ce já veio nas festas aqui alguma vez?

**Equipe:** Ouvi falar que é muito bonita, né!?

**Eugeniana:** É... E vai ter agora... Ce sabe que ele é daqui, né? Ele nasceu aqui. E tem as festas que são coisas bonitas, tem o negócio da abóbora... Só que eles agora tão fazendo no campo de exposição e é muito longe. Devia de ser cá em baixo, cá no centro. Porque no centro... lá no campo de exposição tem que pagar, então, não é todo mundo que pode pagar pra entrar, uma família de sete pessoas... Então num tem condição. Quando é cá na rua, não... Tinha o desfile com os carros alegóricos, então todo mundo participava. Agora ninguém participa. Além de ser longe, num é todo mundo que tem o dinheiro pra pagar pra entrar, né. Então eu acho que devia fazer igual era antigamente, uns anos atrás.

**Equipe:** A Sra. Sabe mais ou menos o motivo que a festa foi pra lá?

**Eugeniana:** Não! Por que, ela era perto do grupo, ali onde tem o clube, era naquele pedacinho ali. E ali parece que o dono daquele pedacinho ali entre a praça e o mescandinho, o dono dali fechou, então a festa da abóbora eles faziam as barraquinhas ali pra baixo, sabe por causa de banheiro esses trem. Etão quando fechou aquela parte ali, ficou só cá em cima, então o espaço não tava grande suficiente pra fazer a festa. E com certeza eles fizeram lá por que, também essa festa era municipal, às vezes a prefeitura não tá com condições de arcar com a verba pra fazer aquilo ali e fizeram lá por que com certeza tem alguma coisa igual... Ano passado mesmo foi lá na roça; lá no palmito; por que lá é que sai a abóbora, lá é que sai os carregamentos de abóbora, então eles fizeram lá nesse lugar lá. Mas o prefeito já falou comigo que ele ia somente lá pra fazer a abertura da festa, mas quem tava arcando com tudo era a EMATE. Por que a prefeitura não tinha condições de arcar com isso. Eu acho que foi uma festa até mais simples, eu não fui... Então... Agoira aqui tem uma coisa muito

bonita que é a gruta, né, é uma coisa que vai morrer com Cordisburgo, tem muito turista, tem muita coisa, lá é muito bonito, vem muita gente de fora em época de `coisa`... Também tem muita coisa que piorou uai, por exemplo as pousada. A minha irmã mesmo tem ali o “Chico Luzia”, ce já foi lá?

**Equipe:** Onde é?

**Eugeniana:** Ali na Padre João. A pousada Chico Luzia. Num tem o bar do René?

**Equipe:** Acho que o pessoal fez uma entrevista com ela também...

**Eugeniana:** Pois é ela é minha irmã...mas ce num fez com ela por que ela tá na casa dela... Tá lá só a mocinha, ela tá com a perna,.. Ela quebrou o pé, e ontem... Hoje é que ela ia lá na loja. Por que tem muita gente indo pra um casamento de uma sobrinha que tá aí de fora, então tem essa pousada que antigamente não tinha, antigamente tinha era um hotel aqui. Esse hotel servia comida e as coisa, hoje em dia não, tem essa pousada lá do Chico luzia que é enorme e tem uma lá em cima que é na Rua Padre João, que é a pousada das flores, que é ótima. Então quer dizer que isso também já melhorou, né. Por exemplo, a pessoa vem de fora...igual outro dia mesmo eu vi la nessa das flores, tinha um casal de japonês lá, uma gracinha... Pra ir pra gruta. Aí quer dizer, eles gostaram demais, disse que adorou , adorou a cidade, adorou o lugar por que é calmo, né! Pra quem mora em lugar grande, vem pra ca, chega aqui como se diz, vê as estrelas. Fora é tanta coisa que ce nem ve as estrelas, né... aí agoira, quer dizer que já melhorou, né, mais pra frente também tem mais, hotel fazenda. Quer dizer que essa parte já melhorou bastante. Por que ce vem de fora, ce quer uma comida boa, lá no `coisa` tem dois restaurantes bons. Cá embaixo num tem... Por que eu acho que aqui, falta justamente industrias, justamente pra poder dar emprego, para as pessoas que não podem tá saí, por que nem todo mundo pode sair pra fora. Eu acho que mudou mas num mudou tanto assim não... entendeu? Por eu morar aqui,.. por que, depende muito do prefeito, mas também depende muito da comunidade. E se a comunidade não reunir, num ajudar. Nada vai pra frente.

**Equipe:** É verdade...

**Eugeniana:** Então é uma coisa que, aqui num tem muita coisa proce falar não. Por que aqui ce da uma voltinha ce conhece a cidade inteira...

**Equipe:** A Sra. Participa de algum movimento?

**Eugeniana:** Não...

**Equipe:** Alguma atividade voluntária?

**Eugeniana:** Num participo por que eu tenho um problema no pé, então eu quase num ando. Mas eu vou em alguns lugares, eu vou pra praça. Eu saio, eu passeio, pego um taxi vou pra sete lagoas. Mas participar eu num sou muito... Eu num sei por que eu fui assim, dos mais antigos, eu acho que eu trabalhei muito e casei sabe como é que é? Então eu agoira tô querendo mais é... Já participei de muita coisa, mas agoira eu não participo de mais nada, agora é mais descanso.

**Equipe:** Nessa participação da Sra. Tem alguma história legal que a Sra. Quer contar? Alguma coisa que marcou a Sra.? Algum acontecimento marcante?

**Eugeniana:** Uai, aqui tem duas coisas que eu sempre lembro... Não, tem o primeiro, no tempo da minha mãe, quando eu devia Ter dez anos... Meu pai abandonou a gente lá na roça, nos viemo pra cá. Aí minha mãe sofreu muito. E tinha um padre aqui que era o `coisa` daqui e nos ajudou muito. Eu lembro muito bem, Frei Sofonias. Ele nos ajudou muito. Mas a minha mãe infelizmente morreu eu tinha doze anos, aí eu tive que ir pra roça. Lá pra casa onde eu tô te falando, a fazenda do meu irmão. Fiquei lá, depois que eu vim embora, aí eu já tinha meus vinte e poucos anos. Aí depois que eu casei, que eu tive meu filho, tem uma coisa que aconteceu na minha vida que me marcou muito. Ele teve doente, ele teve um problema de rins, e ele já tinha assim seus quatro anos, seus cinco anos. Aí ele era toda vida muito ativo, muito bonitinho. Aí ele falou comigo: “mãe, vem cá pra Sra., ver meu xixi...” aí eu

fui lá, falei: “olha ce tá com algum problema”, colhi e levei no hospital, a medica era casada com o médico... Aí eles me atenderam muito bem e falaram: “seu menino tá urinando sangue, ce tem que levar ele urgente pra fazer exame...” como Sete lagoas era mais longe... “ce vai em Paraopeba”. E meu marido trabalhava, nos tinha uns carro aqui na garagem, e o rapaz aqui pegou o carro pra levar a gente no hospital. Chegando ali em frente o grupo, o carro num foi nem pra frente nem pra trás. Aí o rapaz virou e falou assim: “eu vou descer do carro por que eu num andar nesse carro mais não. Vou deixar esse carro aqui, vou te entregar a chave, quando seu marido chegar ce manda ele buscar o carro. Ele num vai nem pra frente nem pra trás, num sei o que é que tem...” aí eu entrei na prefeitura, foi ali perto da prefeitura. Quem era o prefeito nessa época era o `Gilso Figoreiro`. Aí eu fui entrando perguntei por ele, o rapaz falou: “tá aí mas tá ocupado, tá na reunião”. Eu falei: “mas eu quero falar com ele”, ele disse : “mas num pode...”. Aí eu fui entrando, pedi licença bati na porta e falei com ele: “o Gilso eu tô querendo um carro, e um motorista... tô querendo um carro pra me levar me Paraopeba que eu tô precisando urgente fazer um exame no meu filho ali que deu problema no hospital”, ele falou: “não a Sra. Vai Ter o carro e o motorista”. Na mesma hora o rapazinho que tava lá pegou o carro dele, me levou em Paraopeba, meu filho fez os exames na hora, já veio com o resultado, com a receita médica. Depois no outro dia... aí nós saímos daqui devia ser o que, umas oito horas da manhã, cheguei aqui as duas horas da tarde. O rapaz me trouxe aqui tudo, beleza, fizemos os exames em Paraopeba, aí acusou que ele tava urinando sangue, aí eu fiquei assim preocupada, levei na médica, ela me receitou uns remédio mas eu num fiquei assim ‘coisa`, por que eu falei que isso aqui é o caso de Ter um especialista, aí fiquei procurando, fui la em sete lagoas pra ver se tinha um. No outro dia lá estava com as pálpebras assim inchadas, que deu ‘Nefrite’ que é uma doença que dá no rim da pessoa. Já tava começando a inchar, aí o médico falou nossa esse cara foi vivo demais de Ter trago seu filho, vai Ter que cortar gordura e tudo que contem gordura durante quinze dias e tomar... ele tomou bezetacil demais da conta, aí ficou seis meses fazendo... quer dizer, que tem um a coisa que gravou, foi a coisa da boa vontade do... num foi do prefeito, foi da pessoa dele, que o carro num foi da prefeitura, eu fui no carro dele. E o motorista também era dele. Era motorista particular dele... quer dizer que ele falou assim “pode pegar o carro”, como se diz é uma coisa assim que sempre eu falo, ele até candidatou nessa ‘coisa’... teve um dia que ele veio aqui eu disse: “pois é Gilso eu vou votar nocê, por que toda vida ce foi uma pessoa boa, que eu conheço desde pequeno também sofreu pra estudar, formou...” mas num ganhou, né, quem ganhou foi o outro que também, tá muito bom... como se diz, sempre tem uma estória, né, sempre lembra...por que se não fosse ele, eu num tinha ido, o medico mesmo falou, o especialista, se a Sra. Não tivesse trago ele hoje amanhã talvez seria tarde demais. Nos já teria que fazer o que... teria que tirar o rim, que já tava inchando, que a doença... ce já viu falar nessa doença? Nessa doença tem que ficar de repouso não pode fazer nada, so mesmo tomar um banho, e tudo , tirar a gordura... depois e que eu levei e voltei lá, fez novos exames, já começou a comer pouca gordura... é tanto que até hoje, não pode Ter carie de dente, nem broto nem dor de garganta. Que a infecção dessas três coisas vão tudo pro rim dele. é tanto que quando da dor de garganta , tem que ir no hospital tomar benzetacil, é o único remédio. E quando ele tá fora ele liga pra mime fala: ô mãe eu tô com dor de garganta... eu falo ce tem que ir no médico e falar que tem que tomar benzetacil. Por que só ela combate o `coisa` justamente pra num agravar o problema do rim, né... mas é um trem assim, que a gente sempre fica devendo, né!? Teve um outro prefeito aqui também que foi muito meu amigo, o `Geraldo José Martins`. Eu tive problema de reumatismo, nossa! Os médicos já tavam `entalados` de me atender, aí liguei pra ele e falei: “o Lavi!” eu chamo ele de Lavi, até meu menino tava morando no quitinete dele lá em Belo Horizonte. Aí eu falei: “ O Lavi arranja um médico pra mim, um reumatologista. Lá em sete lagoas não tem, aqui não tem e eu tô precisando de um reumatologista”. Ele disse: “ espera

aí! Desliga o telefone que depois eu ligo procê” daí um pouquinho ele ligou: “olha eu arrumei um médico, ele até estudou comigo, eu optei pela odontologia” que ele era dentista, agora tá até aposentado, “e o outro optou pela medicina então era colega de faculdade, né, então ele me deu uma carta eu fui lá, fiz consulta com ele, fiz os exames direitinho ele me deu os remédios, quer dizer que é umas coisas que a gente fica assim, grata. Uma coisa assim de meia hora eu já tava com medico marcado em Belo Horizonte, por causa de que... da bondade da pessoa que foi o prefeito. Justamente é uns trem assim... agora eu sou assim. Tudo que eu peço eu alcanço, por exemplo quando eu morava na roça, que eu fui pra lá com doze anos, com vinte. E sempre tive vontade de morar aqui, mas assim com minhas irmãs, nos somos dezoito irmãos, um morreu, só que meu pai casou quatro vezes. Eu sou do terceiro casamento, mas eu tinha vontade de morar aqui em Cordisburgo com minhas duas irmãs, que é essa lá do hotel e uma outra que nem tá aqui, ela tá no Rio de Janeiro que a filha dela mora lá. Queria Ter uma casinha nossa, nem nossa, uma casinha alugada mas com a gente, nos três na casa. Pois passou o tempo mais ou menos um anos nos viemos pra cá, fomos embora pra Belo Horizonte igual eu tô te contando que eles foram buscar a gente pra ficar aqui, que foi o gerente do Banco mercantil que era muito nosso amigo e u outro lá que era dono de loja e minha irmã trabalhava pra ele, aí eu pedi que se Deus me desse três coisas eu queria morar com minhas irmãs, que a gente tava morando em belo horizonte, na hora que nos chegamos aqui já tava com uma casa alugada pra nos. nos moramos nos três igual eu pensei, igual eu planejei. Só que depois ce sabe aí a mais nova casou, aí eles pediram a casa nos tivemos que sair e fomos pra uma casa lá perto do santuário, aí fomos morar só eu e minha irmã. mas como se diz, eu casei mas tudo que eu... esse filho meu é filho adotivo, meu marido toda vida foi muito farrista, gostava muito de boteco, mas eu nunca fui assim de beber, nunca gostei muito de comer, sair pra esses lugar, eu nunca fui criada assim com esses trem de barzinho igual hoje, as moças vão pros barzinho senta, é um trem daqui, um trem dali... então eu nunca tive aquele, eu nunca entrei num bar com namorado, eu vim entrar quando já era casada... mas aí, eu fui foi numa festa aí numa fazenda e ele sumiu lá e eu fiquei lá sozinha. Andava, andava, andava... aí eu vim embora já tava assim, nervosa já querendo vim embora, isso foi num Domingo, aí cheguei aqui ele me deixou aqui na porta e voltou lá que ele era muito farrista. Aí eu abri a porta do meu quarto ali... (nesta parte a fita acabou, o conto prossegue com uma noticia de uma moça que teve filho e não queria criar)... Teve neném e não quis, aí eu fiquei sabendo pela vizinha, liguei pro hospital, a enfermeira que fez o parto falou que o médico disse: “de fato ela não quer”. Na mesma hora eu fui, já levei o advogado, fui com minha irmã, assinei os papeis tudo, conversei com a mãe do menino, que inclusive teve ele aos quatorze anos e aos dezoito ela morreu, então eu já trouxe, já mandei pro fórum em Paraopeba, já registrou tudo, quer dizer, não foi uma benção!? Isso foi num Domingo a noite, na Terça feira eu tava com ele aqui.

**Equipe:** Foi uma benção pra senhora e pra ele, né...

**Eugeniana:** Foi uai! Aí eu nunca mais tive... agora eu já estou, por que agora assim, a gente fica muito sozinha sabe como é que é, cidade pequena num tem muita coisa pra gente ir, então aquela coisa que eu tinha, aí isso foi na festa da abóbora, isso foi em julho, ele é do dia 11 de julho. Agosto, setembro foi a festa da abóbora, eu fui com ele pequenininho uma gracinha, já gordinho, oh! Já não sentia mais, meu marido podia sair, podia ir pra onde quisesse eu não sentia aquela angustia que eu tava sentido, aquele vazio, porque meu filho preencheu aquele vazio que eu tinha, que eu estava com ele, como se diz, isso aí eu considero uma benção de Deus.

**Equipe:** Ah! Sim pra senhora e pra ele, né...

**Eugeniana:** E também pra ele, por que... ele ficou sabendo antes de eu contar. Aí ficou sabendo, ele não gosta muito que toca no assunto. Diz ele: “a mãe é a senhora mesmo” eu

falei ah! A mãe não é aquele que gera não é aquela que cria. E eu criei bem dizer sozinha, por que meu marido saiu de casa, ele tinha treze anos, eu fui mãe e pai, mas hoje ele é um ótimo rapaz ce precisa de ver, que gracinha.

**Equipe:** Quantos anos hoje...

**Eugeniana:** Vai fazer 22... mas é um amor de pessoa, ce precisa de ver que pessoa... trabalha lá em Belo Horizonte, ce é de Belo Horizonte?

**Equipe:** Eu sou...

**Eugeniana:** Ce num conhece uma loja lá que chama Blue Banana?

**Equipe:** Bule banana?

**Eugeniana:** Blue Banana, lá não é propriamente uma loja, diz ele que é uma casa. Lá eles confeccionam as roupas, vendem para as lojas... grandes lojas, lá eles não vendem uma peça pra uma pessoa só, não...

**Equipe:** O que eles falam atacado, né!?

**Eugeniana:** É... mas só vende assim pra grandes lojas, lá de São Paulo, coisa `chic`, ce precisa de ver. Ele trabalha lá eu nem conheço.

**Equipe:** Eu vou procurar saber...

**Eugeniana:** Não conheço, não sei aonde ... por esforço dele, e coincidência, ele trabalhava lá no hotel fazenda, lá ele recebe muito turista... la é lindo maravilhoso o lugar... e lá ele era o recepcionista, mas não quis ficar por que tinha onde ele estudar. Aí as pessoas que iam la no hotel, ficavam muito amigo dele e dava o cartãozinho, falava: "olha se precisar de alguma coisa..." e ele precisou, ligou pra lá o gerente atendeu conversou com a dona e agora tá lá empregado. Através do hotel, que foi a filha da dona da loja...

**Equipe:** Beleza, né...

**Eugeniana:** Não é tudo determinado, é tudo assim determinado porque... como se diz é tudo obra de Deus mesmo.

E eu vou falar com ce, eu só tenho que agradecer. Por que muita coisa assim, igual eu separei, meu marido me deixou sem nada, ate meu telefone ele tirou, mas hoje eu tenho tudo graças a Deus, com meu esforço, fazendo tapete pra vender que eu aposentei já tem quatro anos, e fazendo meus trem tudo comprei esses trem tudo aqui, e eu graças a Deus tô muito feliz, gosto de ficar em casa vendo meus filme, lendo jornal... eu passeei muito bobo! Passeei muito, fui na praia muitas vezes, fui no Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia... Brasília. Então eu passeei muito agora já tá na época de eu ficar em casa descansando. Não é dizer que eu vou ficar também `coisa`, né... mas eu digo mais pra descansar por que, ontem mesmo eu fui la pra casa da minha irmã, fui tingir cabelo fui fazer farra `coisa`... ela mora nessa rua aqui também, aí quer dizer, eu sou mais caseira não sou muito de sair não. Mas é igual eu tô te falando, Cordisburgo é isso aí. Agora todo mundo que vem pra aqui adora viu. Esse povo mesmo que vem trabalhar da EMATE... vem tudo solteiro e sai casado...

**Equipe:** É mesmo? Então aqui é bom de casar!?

**Eugeniana:** É não, eu falo assim porque...vem, gosta daqui do lugar... muita gente aposenta fora, vem aqui passear... aposenta fora vem cá compra uma casa, igual tem várias pessoas aqui que aposenta fora e vem cá passear... por que aqui é um lugar calmo que não tem, esses dias mesmo que teve um assalto no banco aí , pela primeira vez na vida... lá na padre João, esse banco ele é até particular. Vieram aí, rendeu o guarda , entrou lá dentro e roubou tudo, mas pegaram eles... pegaram eles. Pela primeira vez, eu nem nunca ouvi falar, por que tem um banco do Brasil lá que a gente recebe, é tudo eletrônico, né, caixa eletrônico...mas nunca teve esses trem assim não. A gente recebe, conta o dinheiro na rua... a gente já sabe, conhece o povo todo da cidade, a gente acha que num tem ninguém ali observando; e as vezes pode até Ter alguém de fora observando tudo, né. É eles foram mesmo lá na praça,

na padre João ali no centro. Entraram lá e tudo, sem mascara nem nada, mas aí a moça reconheceu um deles e pegaram...

**Equipe:** E eles são daqui?

**Eugeniana:** Não... é de fora. Por que aqui não tem... aqui tem aqueles ladrãozinho de butijão de gás, sabe esses ladrãozinho que não sabem nem roubar. Graças a Deus aqui não tem... eu saio aqui oh!, casa fica aberta, portão aberto. Ontem mesmo eu sai quando minha irmã ligou, “vem cá correndo!”. Só bati o portão, sai daqui era cinco horas da tarde, tinha saído daqui era nove horas da manhã... cheguei aqui, tudo beleza, num tem coisa graças a Deus...

**Equipe:** Então tá bom demais, né...

**Eugeniana:** Mas é como eu tô te falando... aqui é uma cidade pra gente mais velha. Os jovens tem que ir pra fora pra estudar ou então pra trabalhar. Por que aqui não tem industria. Aqui é o que... professores; dentistas; médicos, tem quatro; as pessoas que trabalham na prefeitura, né que são municipais e tem essas pessoas aposentadas. Por que aqui não tem outra coisa pra trabalhar. Então quer dizer aqui é uma cidade boa, mas é uma cidade pequena, uma cidade que não tem muita coisa assim de... mas tem muita coisa pra fazer, muita coisa! O prefeito vai Ter que dar um jeitinho por que todos que entram é de um jeito só. Aqui não tem por onde crescer muito não, não tem por onde crescer muito não cê entendeu? Por que justamente igual eu tô te falando, a comunidade tem que ajudar, por que um prefeito só não dá conta. As pessoas tem que pagar IPTU, tem que pagar outro trem, pra ajudar a prefeitura, pra poder ajudar... Por que eu tenho a impressão que dever vir uma verba pra prefeitura, deve vim, né... e as outras coisas também tem que ser vistas aí oh! É que tem que pagar a conta de luz, a taxa iluminária, tem o IPTU. Tem que Ter um jeito de pagar a prefeitura pra poder ajudar a comunidade. Tem os municípios, né... aqui tem muitos municípios, tem demais da conta ce precisa ver... gente que vem no banco aqui fica assim, ó! Tem aposentado demais...

**Equipe:** Agora... a Sra. falou que tem a gruta, né? Como ponto turístico, tem as festas... vem o pessoal de fora?

**Eugeniana:** Vem... principalmente na festa da semana roseana. Na festa roseana durante assim, né, ela começa no Domingo e termina no outro Domingo. Então durante a semana toda tem palestras, tudo sobre a gruta, tem aqueles contadores de estórias que são daqui... sabe? Inclusive a gente vê eles muito na televisão...eles fazem muita coisa aí fora. Eu nem sei por que, um eu sei que é filho do comerciante aqui, mas eu não sei assim... por que eu não vou muito nesses lugares. Ano passado mesmo eu não fui na festa Roseana nem um dia. É época de frio a gente fica com aquela preguiça, “ah! Vou sair não” fica com aquela preguiça por que, não sei o que... então a gente não vai, começa a novela daqui um filme dali e a gente não vai. Mas deve ser uma coisa... vem muito turista de fora, na gruta aqui vem gente do Brasil inteiro. Inclusive os guias de lá tem que Ter o ‘coisa’... tem que Ter condição de atender os turistas, né. As vezes não é nem Brasileiro, então tem até que Ter ali uma... falar outra língua, pra poder... né! Agora assim, mais é lá... eles passam mais por lá, eles desce ali passa por volta da prefeitura e vira lá no são Vicente. Quer dizer que a gente que mora mais pra cá, a gente nem vê... cê vê mais assim quando a gente vai fazer uma caminhada...que eu faço caminhada muito é pra lá, depois que passa aquela ponte alí, roda lá na fazenda e volta. Que a gente encontra muito ônibus de fora, e vem muita gente de São Paulo... inclusive, veio um rapaz muito amigo nosso, que ficou muito amigo do meu filho, lá de Belo Horizonte. Ele veio quatro anos, mas depois ele sumiu, não sei se casou... mas ele vinha todo ano, não ficava na no hotel e ficava aqui em casa com meu filho, uma gracinha o rapaz. Fazendo justamente isso, que ele era professor lá, e vinha justamente fazendo esses trem, palestra... por que a festa roseana aqui é uma beleza, são mais assim, coisas turísticas mesmo, Guimarães Rosa, coisas mesmo desses trem assim, contadores de histórias, tem as coisas que moram fora, esses manifestações...essas coisas.

**Equipe:** E da a oportunidade do pessoal fazer um trabalho a mais?

**Eugeniana:** É tem mais artesanato, né...por exemplo assim, na semana roseana, tem as barraquinhas, tem pessoas que fazem um doce e levam, faz uma coisa e leva, então tem as barraquinhas. Como se diz, dá um jeito... Ano passado, tinha uns japonês vendendo uns negocio lá, numa cumбуquinha assim, uns macarrão. Meu filho até comprou, eu não como essas coisa, mas tava vendendo demais, eles ganharam foi dinheiro aí viu...

**Equipe:** Eles são daqui mesmo?

**Eugeniana:** Não...de fora, deve ser de Belo Horizonte assim, todos japoneses.

**Equipe:** As vezes já sabem da festa e aproveita...

**Eugeniana:** É uai, por que essa festa é coisa, ele é pra Minas Gerais inteira, então vem muita gente de fora... então eles vieram aí pra vender essa comida, venderam foi muito. Tem outros também, outras trabalhos outras barraquinhas. Só que parece que tá diminuindo, num tá igual coisa mais não, parece que não sei, mas tá diminuindo sabe, não tá assim... é a falta de dinheiro também tá um pouco... né

**Equipe:** **Agora, que a senhora acha desses festa, desses pontos turísticos, qual que é a opinião da senhora sobre, se pode melhorar, se já tá bom?**

**Eugeniana:** Melhorar podia até melhorar, mas é igual eu tô te falando, tudo depende é justamente da prefeitura por que igual eu tô te falando. Lá na gruta, lá é da embratur, né...todos os funcionários lá recebem da prefeitura. Se a prefeitura tem uma verba grande que dá pra `coisar`, melhora... mas se a prefeitura... Vão supor, esse prefeito que entrou aí agora, esse prefeito entrou aí com várias despesas, varias coisas pra pagar... então primeiramente ele tem que pagar aqui, que eu não sei... eu não sou muito de política não viu, coisa que eu não discuto é política, num gosto, em dia de eleição eu sou a primeira a votar. Esse ano passado, esse rapaz aqui o senhor que trabalhou e a mulher dele, eu subi com eles de carro e fui a primeira a votar. Assim que abriu a sessão lá eu entrei, votei passei por lá, cheguei aqui era umas oito e pouca. Eu num gosto muito de política, não discuto política nem nada. Quando aparece os candidato, eu já tenho aqui meus candidato, eu voto é naquele, aquele é meu vereador e pronto e acabou. E quando vem outro agora igual vem aí de presidente, é uns trem que a gente tá de fora nem sabe qual que é um melhor. Chega na televisão fala que não sei o que , que não sei o que e a gente fica sem saber quem é melhor. Por que quando é prefeito oce conhece. Igual esse padre, né, o prefeito aqui é padre, né... ele entrou a gente ve que é uma pessoa muito boa e tudo mais, ce vê que ele é um simples padre que entrou e ganhou com dois mil e tanto de diferença do outro. Todo mundo tá gostando demais e ele tá tirando muitas coisinhas que não precisava, pra entrar na prefeitura, quer dizer... isso tudo aí é igual eu tô te falando se o turista vem, se ele tem um a boa coisa ele volta, se ele não achou aqui coisa ele não volta. Não é so a gruta, ele entrou ali na gruta e tal mas tem outras coisas... a cidade tem que tá bem limpinha, no local onde eles tão passando, tem que pegar o lixo direitinho, por que se ele passar num lugar que tá cheio de lixo, ele vai falar: "nossa senhora! Cordisburgo tá cheio de lixo." Ele já fica assim, pensando naquilo... é como diz o outro, justamente depende da prefeitura, se a prefeitura tem uma verba boa, melhora, se não tá em condições, nunca que faz... eu num falei que a festa da abóbora ano passado o prefeito falou que ia só lá pra fazer a abertura, que ele num ia fazer que a prefeitura num tá em condições. Por que a festa da abóbora é a prefeitura, a EMATE, a cooperativa... por que eu sou amiga de todo mundo, todo prefeito que foi meu amigo. Ele passou aqui outro dia eu falei: "ce vai na festa da abóbora?" ele disse "nada Neuza! So vou fazer a abertura"... quer dizer, a prefeitura esse ano nem participou, por que a crise tá demais, então como diz o outro, não ficou uma festa `coisa` por que justamente não tinha verba, por que bem que os prefeito coitado, eles pelem viu... a cidade não tem onde tirar.

**Equipe:** **É complicado, né... mas boa vontade não falta, né...**

**Eugeniana:** É uai... na cidade não tem onde tirar, igual carnaval... carnaval aqui é assim, antigamente tinha carnaval de rua e carnaval no clube, agora não tem clube mais. Por que o clube que tem é pequenininho e não tem a saída de emergência e disse que agora todo recinto fechado tem que Ter por causa de incêndio, né... esse ano o clube nem abriu, então tem o de rua é som, aí o povo vem mas não tem nada, quem tem um dinheirinho gasta ali, toma uma cerveja, da um pulo lá qualquer coisa e tal... que não tem vai lá só pra olhar por que o lugar é pequeno não tem por onde crescer... por que desde que eu conheço aqui, é desse jeito mesmo. Quer dizer que... melhorou, claro que melhorou, mas igual, quando eu estudei, só tinha um grupo. Hoje em dia são três grupos demais, tem o colégio, né, que quem faz o segundo grau, já é uma melhoria, né, mas tá precisando de mais.

**Entrevistador(a):** Fabiana

**Entrevistado(a):** Lelena

**Ocupação do entrevistado(a):** Estudante.

**Idade:** 20.

**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** Nasceu em Cordisburgo?

**Lelena:** Nasci, praticamente. Lá na época não tinha como nascer; então minha mãe veio para Belo Horizonte pra me ter e voltou pra lá. Maternidade mesmo lá não tinha.

**Equipe:** sempre morou em Cordisburgo?

**Lelena:** Eu vim pra Belo Horizonte em 2000. não 2000 não, 2001.

**Equipe:** foi a primeira vez que você saiu de lá?

**Lelena:** Foi. Terminei o terceiro ano, tentei vestibular, passei aqui (na Newton Paiva).

**Equipe:** agora você está morando aqui?

**Lelena:** Fico a semana toda aqui, e geralmente não passo de 15 dias eu vou pra lá. Então final de semana e vou pra lá pra ficar com meus pais que moram lá.

**Equipe:** você tem quantos irmãos?

**Lelena:** Tenho 4 irmãos, comigo são 5.

**Equipe:** você participa de algum movimento voluntário na cidade, social ou do turismo mesmo ou da igreja?

**Lelena:** Bom... eu, semana Roseana tem sempre é, tem oficinas lá esse negócio, sempre que quando tipo eles resgatam até nas escolas mesmo, eles trabalham muito isso na semana Roseana com Guimarães Rosa. Então sempre tem alguma coisa assim pra ajudar, então aí, assim pra eu ajudar, assim quando as pessoas chamam aí eu entro sim, mas...por outro lado não tem muita coisa assim.

**Equipe:** essa festa ainda tem todo ano?

**Lelena:** Sim, todo ano. Eles resgatam muito isso, isso eu acho uma coisa boa lá em Cordisburgo porque o pessoal, Guimarães Rosa eles trabalham muito bem, e essa semana Roseana eles tem sempre trabalho em escola, com os aluno, os aluno fazem, inserido mesmo, então o pessoal, é legal! Tem muita oficina, trabalho...

**Equipe:** o que você lembra da sua infância, como era em Cordisburgo?

**Lelena:** Bom... a minha infância eu sempre converso com meus amigos aqui novos de BH, que tem muita gente que não tem aquela coisa que a gente tinha, a minha infância lá, nó!... era muito boa. Eu quando criança a gente ficava, era brincar na rua mesmo, chamava todo mundo, ficava até de noite aí quando era pai chamando, ah pode entrar porque tava na hora, mas era muito bom mesmo, que hoje em dia não tem tanta coisa assim. Você pode tá vendo as crianças de hoje não fazem mais isto.

**Equipe:** você acha que em Cordisburgo ainda tem essa tranquilidade?

**Lelena:** Eu acho que na verdade ainda tem... mas não é como antes. Por ser cidade do interior assim eu acho que ainda tem, mas não é tanto como antes. Eu não sou da geração tão antiga mas... quando eu, na minha época era mais tranqüilo do que hoje.

**Equipe:** qual a relação que você faz daquela época pra hoje, o quê que mudou?

**Lelena:** Eu acho que hoje... você fala assim...?

**Equipe:** aumentou o número de casas, diminuiu o número de árvores?

**Lelena:** Ah! Acho que não mudou muito não. Acho que mudou mais a consciência das pessoas, acho que vem mudando isso e... agora hoje em dia mesmo a gente tava falando em Cordisburgo que não tinha essa coisa de assalto, essas coisa, e hoje em dia tá chegando isso. Tem pouco tempo mesmo, lá todo mundo anda, andava tranqüilo mesmo, não tinha nada disso. E hoje em dia, eu tô aqui em BH e volto pra aquela tranqüilidade, lá, minha irmã trabalha no banco, foi assaltado o banco lá, ela ficou em pânico lá. Então assim, tá mudando. Não é aquela mesma coisa. Tranqüilidade totalmente assim, uma tranqüilidade. Tem, lógico que tem, ainda é muito diferente de muitos lugares, mas tá mudando esta ideia. Não é a mesma coisa.

**Equipe:** política?

**Lelena:** Política, Cordisburgo vive de política. Lá, a coisa assim, é politicagem mesmo, lá. Quando tem eleição é uma brigaiada danada!...do povo, e a maioria do pessoa que trabalha tá dentro da prefeitura...é coisa da prefeitura mesmo. Todo mundo se envolve lá. Quando é política, é época de eleição todo mundo se envolve. A maioria do pessoal tá envolvido na política. Todo quer... na última eleição que teve todo mundo se mobilizou.

**Equipe:** o pessoal da área rural, eles também participam?

**Lelena:** Participam.

**Equipe:** eles têm voz ativa?

**Lelena:** Tem assim, eles são meio... eles são todos interligados na verdade, só que como o pessoal sabe que é metade da população que vota é lá então o pessoal vai e faz muita... muita politicagem mesmo. Na verdade eles participam e vão pela cabeça dos outros na verdade..., não são bem aquilo que eles...eles não tem muita ideia daquilo o quê que é... pelo menos eu acho isso, né?

**Equipe:** e as perspectivas com a nova política, o novo prefeito de Cordisburgo?

**Lelena:** Olha, na verdade eu acho que o pessoal é... eu que adoro... meu primeiro voto acho que foi nesta eleição e que era obrigatório, e... o pessoal mobilizou muito nesta última campanha que teve. E o último prefeito que teve, foi uma confusão danada, foi muita... fez muita sacanagem com o pessoal, então o pessoal se mobilizou muito. E eu acho que o pessoal estava com muita expectativa de coisas boas, não sei se... entendeu que o pessoal fala muito mesmo...não sei se ... eu acho que agora no início o pessoal tá levando, tá no começo ainda... mas eu acho que o pessoal está com muita expectativa ainda, né? Pode ser que não venha concretizar mesmo, mas...

**Equipe:** o pessoal está com esperança?

**Lelena:** O pessoal está com esperança, justamente.

**Equipe:** você já falou da festa Roseana. Quais os outros eventos que são realizados na cidade ou que já formam realizados na cidade?

**Lelena:** Até, o pessoal falou que sempre teve a “festa da abóbora”, sempre não, tem uns quatro ou cinco anos ou mais do que isso que não tá tendo; e nessa nova gestão tá falando que vai ter, vai ser até agora em agosto, antes era feita em setembro. Na verdade eu não sei se vai acontecer, porque sempre fala, fala, fala mas não... tem até o novo site de Cordisburgo que já está escrito lá quais eventos que tem. No mais tem festa do cavalo também fixa... quê mais que tem? Ah! Tem muita festa de igreja que tem lá, até aquela Sagrado Coração de Jesus, que é a padroeiro da cidade, festa do Rosário também na igreja, é São Vicente também. Mais festas assim que tem.

**Equipe:** você considera que Cordisburgo tem algum atrativo turístico?

**Lelena:** Considero.

**Equipe:** você conhece todos eles?

**Lelena:** Sim, né? A gruta, o museu, Cordisburgo também tem cachoeiras em volta...

**Equipe:** você conhece as cachoeiras?

**Lelena:** Conheço algumas, não todas. Tem outras grutas também que não são exploradas.

**Equipe:** aquele zoológico...

**Lelena:** O zoológico de pedras considero um atrativo da cidade.

**Equipe:** como você avalia esses pontos?

**Lelena:** Avalio como um ponto ótimo pra cidade; que deve ser explorado... explorado assim de uma forma boa, né? Que o pessoal precisa conhecer mais. Que a cidade bem desenvolvida pra aquilo ela pode transformar em uma cidade turística muito boa. Mas que... precisa, o pessoal precisa enxergar com outros olhos mesmo os grandes atrativos que possui.

**Equipe:** onde você vê os problemas que impedem que esses atrativos sejam desenvolvidos?

**Lelena:** Olha, eu acho que tem muita gente em Cordisburgo que acha que a cidade não vai pra frente por causa disso, dos atrativos que tem... a política também envolve muito, cortar o que outra pessoa começou, a prefeitura corta algumas coisas e... eu acho que se a população conscientizar de quê aquilo ali é bom pra eles e pro turismo pra cidade crescer, eu acho que vai pra frente. Já tá, eu acho que esta ideia não tá muito longe não. Que você pode ver que o pessoal tem, tem se interessado pelo turismo...

**Equipe:** você acha que estes atrativos estão fixados no imaginário da população de lá?

**Lelena:** Tem, eu acho que tem. O interesse lá, igual, antigamente eu nem gostava, o pessoal perguntava de Cordisburgo, cidade pequena e tal, e o pessoal perguntando "Vc é de onde? de Cordisburgo" com orgulho. Agora tem muita gente, é assim, é diferente, você vê a moça que trabalhava na minha casa nunca tinha ido na gruta de Maquiné, não sabe o que é a gruta. Ela a vida inteira morou em Cordisburgo, a família dela não deve saber, então assim é um pedaço da população, não é toda a população, é uma parte pequena. Eu acho que tá começando... assim... né?... o pessoal vai ter muito trabalho pra mostrar pra este pessoal agora que não conhece, não sabe, já deve ter ouvido falar de Guimarães Rosa mas não sabe o que significa.

**Equipe:** e qual desses atrativos você acha o mais interessante?

**Lelena:** Fica difícil porque eu acho que a gruta chama muito a atenção porque vem gente de todo o lugar. Por ser considerada "A GRUTA" assim eu acho que é um atrativo muito grande. E que Guimarães Rosa também serve como um atrativo, museu na verdade; mas eu acho que fica meio que balanceado, é verdade, mas por ser um atrativo natural eu acho que a gruta chama mais atenção.

**Equipe:** e como futura turismóloga, quais as medidas você acha que seria fundamental para o desenvolvimentos do turismo de Cordisburgo?

**Lelena:** Olha, lá a gente pensa pra caramba assim, né? É eu acho que a cidade precisava ser reestruturada. Pensa bem tem o problema de o pessoal ir só pra ver a gruta sem conhecer a cidade. E que a cidade pode ser essas cidades bem pequenininhas que você entra e não tem vontade nem de sair, turística mesmo, que tem é barzinhos... Cordisburgo na verdade está desleixada, tá feia a cidade, você olha assim as ruas estão maltratadas, calçadas, esses negocio tudo, é feio na verdade pra quem entra lá. Então acho que justamente isso não leva a pessoa a ficar em Cordisburgo. Vc passa ali vai pra gruta e volta, aí não conhece nenhum museu, nenhum zoológico de pedras... não conhece nada. Ainda acho que tem que olhar pra cidade primeiro; primeiro colocar ela bem bonitinha assim, pros turistas ficarem na verdade, que você vê mais é excursão mesmo, é ir e voltar. Você não vê

aquela pessoa que fica na cidade. É não tem, não tem que dizer não tem hotel para o pessoal ficar, restaurante dentro da cidade é difícil. O pessoal come mais na gruta, justamente por isso eu acho que vai e volta, não fica na cidade. Se tivesse assim um roteiro... então eu acho que falta muita coisa mesmo pra cidade...

**Entrevistador(a):** Fabiana  
**Entrevistado(a):** Lourinha  
**Ocupação do entrevistado(a):** Auxiliar de serviços gerais.  
**Idade:** 56.  
**Local:** Cordisburgo.

**Equipe:** A Senhora é natural de Cordisburgo?

**Lourinha:** Sim, nasci aqui.

**Equipe:** Já morou em outra cidade alguma vez?

**Lourinha:** Não. Nunca saí de Cordisburgo.

**Equipe:** A senhora participa ou já participou de algum movimento ou atividade voluntária na cidade, ou algum trabalho voluntário?

**Lourinha:** Participo de quase todos. Que tipo assim de trabalho?

**Equipe:** Esses trabalhos são realizados pela igreja, ou mesmo na área social em creches, escolas...

**Lourinha:** É da igreja. Mexo com a igreja, participo de cultos, encontros de jovens.

**Equipe:** A senhora realiza algum outro trabalho que não seja pela igreja?

**Lourinha:** Não. Tem mais os encontros da terceira idade, estes encontros assim mesmo... assim em clubes, faço ginásticas, essas coisas...

**Equipe:** Esses encontros são mais para discussões sociais comunitárias ou estão mais voltados para o lazer?

**Lourinha:** Tem assim, a gente encontra pra poder fazer ginástica, noutra hora senta pra poder... assim... é... enfeitada a igreja... conversa... nada assim social.

**Equipe:** como era Cordisburgo na infância da senhora?

**Lourinha:** Ah! Antes era tudo de estrada de terra, assim com muitas árvores, poucas casas, não tinha asfalto, não tinha luz, só aquela luz "cemiguinha, né?" que falam, né? Pois é, uma cemiguinha, uma luz aqui, outra ali... foi depois que foi pra ficar assim do jeito que está agora.

**Equipe:** a senhora pode citar algum evento que marcou a vida da senhora aqui em Cordisburgo?

**Lourinha:** A "festa da abóbora" que eu gosto mais. A festa da abóbora.

**Equipe:** como é esta festa?

**Lourinha:** Essa festa... tem a rainha, né? ... cada, como que fala? Cada loja tem uma rainha, a sua candidata, então essas candidatas passam pelo júri, então é escolhida a rainha.

**Equipe:** a senhora já participou? Já foi rainha alguma vez?

**Lourinha:** Não.

**Equipe:** a senhora gosta de morar aqui?

**Lourinha:** Eu gosto. Eu só morei aqui mesmo... Só em Sete Lagoas, minha irmã mora lá, e tudo, mas eu gosta mais daqui pq é mais sossegado, não tem esse negócio de... de... ladrão mesmo quase não aparece aqui, sabe? Carnaval mesmo aqui, nó! Todo mundo gosta de carnaval aqui, pq é muito sossegado, não tem briga, não tem nada... a cidade é muito tranquila.

**Equipe:** a senhora acha que em Cordisburgo tem algum atrativo?

**Lourinha:** Tem a gruta de Maquiné. O museu de Guimarães Rosa, tem ali o museu de pedras, construído só de bicho de pedras, né? Vem muito turista.

**Equipe:** como a senhora acha que é a relação da população com os turistas que vêm pra cá?

**Lourinha:** A população não é muito coisa não, porque eles passam direto, vai direto, a entrada é direto, se eles passassem assim por dentro da cidade. Vai só no museu, né. Não passam assim pela cidade. Só vai nos parque turísticos e vai embora. Então aqui não tem muito, assim, muito convívio com os turistas não. Só lá na gruta mesmo.

**Equipe:** a senhora acha que eles trazem algum benefício ou algum malefício mesmo pra cidade?

**Lourinha:** Ah! Pra cidade benefício não trazem nenhum não. Eles vão direto pra gruta. Chega lá, o que eles tem de comprar eles compram é lá naquelas... nas lojinhas que tem lá na gruta mesmo, que é três quilômetros daqui de Cordisburgo mesmo. Eles compram lá as coisas e... de lá mesmo eles vão embora. Quer dizer, aqui poderia ter um restaurante aqui na cidade, né?, uma loja aqui pra poder... né?... trazer benefícios pra ajudar.

**Equipe:** como a senhora avalia esses pontos turísticos?  
Como Assim?

**Lourinha:** Eu acho que eles poderiam melhorar assim, né, trazendo uma, fazendo um hotel aqui perto, né? Aqui dentro da cidade... assim que os turista procurassem as lojas daqui pra comprarem. O turista não procura nada. Tanto é que aqui tem poucas coisas, não tem nada aqui de Cordisburgo (em sua pequena lojinha comercial), nada de lembrança nem nada, pq eles não passam pra comprar. Não adianta. Sá lá em cima mesmo (na gruta).

**Equipe:** tem alguma coisa artesanal que é produzido aqui em Cordisburgo, típico da própria cidade?

**Lourinha:** Tem, tem, tem muitas coisas. Eles fazem aqueles panos de prato de Cordisburgo, eles fazem assim, pinta na , na pedra, né? Pinta a gruta, pinta a igreja... a estação, o museu... eles pintam. Fazem muitas pinturas.

**Equipe:** A senhora acha que a gruta e o museu atraem muitos turistas?

**Lourinha:** Atrai. Muito mesmo. Eu tenho um irmão que trabalha lá, meu marido mesmo trabalhou lá e é aposentado. Trabalhou lá 35 anos.

**Equipe:** Quais a senhora acha mais interessante?

**Lourinha:** A gruta. É muito mais visitada. Pq tem turista que ainda passa pelo museu. Outros vão direto pra gruta. Vai muita gente lá.

**Equipe:** Qual a sugestão que a senhora daria pra melhorar o turismo aqui na cidade?

**Lourinha:** O turismo aqui pra melhorar teria que ser assim eles visitar mais a cidade, né? Ter um hotel aqui pra trazer mais gente pra cidade. Pq a cidade aqui não é.. . o turismo aqui não tem vantagem nenhuma, só lá pra cima, né? Eles vem passa no museu e vai embora. Eles almoçam lá em cima, toma lanche lá em cima. Compram as lembrancinhas tudo lá em cima. Aqui não tem nada assim... com o turismo assim não... não tem vantagem nenhuma não...

**Equipe:** pela lembrança que a senhora tem da infância da senhora, a senhora brincava muito, tinha muitas fazendas por aqui.

**Lourinha:** Não, não tinha fazenda não.

**Equipe:** a senhora acha que mudou muito?

**Lourinha:** Ah! Cresceu, mas num cresceu muuuuuuito não.

**Equipe:** mudou muito?

**Lourinha:** Mudou só assim, né? Asfalto, pôs luz, fez casas assim melhores, mas mudar assim... a cidade aqui é jeito. Mudou quase nada.

**Entrevistador(a):** Fabiana  
**Entrevistado(a):** Lúcia  
**Ocupação do entrevistado(a):** Estudante.  
**Idade:** 20.  
**Local:** Belo Horizonte.

**Equipe:** Já participou de algum movimento ou atividade voluntários na cidade?

**Lúcia:** Eu participo sempre na Sociedade São Vicente de Paula.

**Equipe:** Que atividade é essa?

**Lúcia:** Nos ajudamos os carentes com doação de sexta básica, esse tipo de coisa mesmo.

**Equipe:** Você gosta de Cordisburgo?

**Lúcia:** Sim. Muito.

**Equipe:** Você moraria em outra cidade?

**Lúcia:** Eu moro aqui hoje (em Belo Horizonte) porque eu estudo, mas tenho vontade de voltar.

**Equipe:** Quando formar, você pretende voltar?

**Lúcia:** Eu acho que não pra ficar assim... o resto da vida, vamos dizer assim. Mas um tempo eu quero ficar lá sim.

**Equipe:** na sua memória, o que vem à sua cabeça, como era Cordisburgo?

**Lúcia:** Uma cidade muito tranqüila... em que... as pessoas assim... confiavam plenamente umas nas outras... de deixar a casa aberta e tudo, e que hoje isso tá mudando muito.

**Equipe:** a violência já está chegando lá?

**Lúcia:** Já. Brincava na rua... qualquer horário... qualquer lugar da cidade a gente brincava. Ia pra casa de amigos a qualquer hora... essas coisas.

**Equipe:** quais os eventos que você lembra que tinha ou ainda tem na cidade?

**Lúcia:** Os eventos que não mudaram são os da igreja mesmo, as tradicionais. Acho que a mais tradicional é a Festa do Rosário, que tem em Setembro, você já deve ter ouvido falar... Mas antes tinha a Festa da Abóbora, todo ano, que é uma festa muito tradicional mesmo, muito bom, e hoje não tem mais. Estão falando que este ano vai voltar a ter mas não sei se é certo. Acho que são estas as mais tradicionais.

**Equipe:** Você considera que lá em Cordisburgo tem atrativos turísticos?

**Lúcia:** Considero. Só que eu acho que tem que ser uma coisa mais assim, estruturada, pra poder receber, pra ter uma imagem boa de lá, quem foi e tudo...

**Equipe:** você conhece todos esses pontos turísticos?

**Lúcia:** Eu acho que só não conheço as cachoeiras que tem, eu não conheço todas.

**Equipe:** Na Gruta você já entrou?

**Lúcia:** Na gruta, Claro! No museu.

**Equipe:** E como você avalia esses pontos? Qual deles você considera o mais interessante?

**Lúcia:** A gruta, claro.

**Equipe:** qual sugestão você daria para melhorar o turismo lá em Cordisburgo?

**Lúcia:** Eu acho que é essa estrutura mesmo de tá recebendo essas pessoas, os guias lá na gruta.

**Equipe:** você acha que o turismo traz pontos favoráveis para a cidade?

**Lúcia:** Acho. Acho, porque assim, muita gente já tá envolvido nisso. Tipo com artesanato lá, que já é ligado ao turismo; muita gente que interessa. E assim... acho que a cidade está precisando mesmo de algum atrativo maior pra mexer mesmo com tudo isso.

**Equipe:** quando o pessoal do CEMA nos procurou para realizar este trabalho eles relataram sobre as dificuldades que a cidade enfrenta e das questões políticas. E que isto parava o trabalho.

**Lúcia:** É, porque assim, é tipo que tem um lado que está na prefeitura e oposição, né? Então aquelas pessoas que estão do lado do prefeito que são aquelas que estão dispostas a ajudar; e a oposição não, faz tudo para atrapalhar, não ajuda e quer atrapalhar. E é assim que é. Eu acho que seria maior problema lá mesmo.

**Equipe:** para ir até a gruta não precisa necessariamente passar pela cidade, então os turistas, vão...

**Lúcia:** E nem sabem que passou lá em Cordisburgo.

**Equipe:** algumas pessoas reclamam ou criticam, ou não fazem nenhuma referência à gruta. Você acha que isto acontece?

**Lúcia:** Existe. As pessoas que a gente conhece e fala que a gente é de Cordisburgo, nem sabem pra que lado que é. E quando a gente pergunta se conhece a Gruta de Maquiné, responde que conhece e que já foi lá. É assim, como que vai na gruta e não conhece Cordisburgo?

**Equipe:** causa ressentimento na população de Cordisburgo?

**Lúcia:** Eu acho que sim. Porque eu acho que fica uma coisa tipo assim... fora da cidade. Acho que tem muitas pessoas que sentem isso. É como se não pertencesse ao lugar.

**Equipe:** Como se ela não pertencesse?

**Lúcia:** É, como se ela não pertencesse, isso. Ou até aquela vontade de querer tá divulgando mais a cidade em ocorrência da gruta também.